



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Ciências Sociais

Fábio Daniel da Silva Rios

**Os torcedores e o Novo Maracanã: emoção e espaço nas arenas
esportivas contemporâneas**

Rio de Janeiro

2018

Fábio Daniel da Silva Rios

Os torcedores e o Novo Maracanã: emoção e espaço nas arenas esportivas contemporâneas.

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Maria Claudia Pereira Coelho

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

R586	<p>Rios, Fábio Daniel da Silva Os torcedores e o Novo Maracanã: emoção e espaço nas arenas esportivas contemporâneas / Fábio Daniel da Silva Rios – 2017. 276f.</p> <p>Orientador: Maria Claudia Pereira Coelho Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Sociais Bibliografia.</p> <p>1. Antropologia social – Teses. 2 Comportamento humano – Teses. 3. Emoções – Teses. I. Coelho, Maria Claudia Pereira. II. Universidade do Estado do .Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Sociais. III. Título.</p> <p>CDU 301</p>
------	---

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Fábio Daniel da Silva Rios

Os torcedores e o Novo Maracanã: emoção e espaço nas arenas esportivas contemporâneas.

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 17 de outubro de 2018.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Maria Claudia Coelho (Orientadora)
Instituto de Ciências Sociais – UERJ

Prof^a. Dr^a. Claudia Barcellos Rezende
Instituto de Ciências Sociais – UERJ

Prof. Dr. Valter Sinder
Instituto de Ciências Sociais – UERJ

Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia – UFF

Prof^a. Dr^a. Rosana da Câmara Teixeira
Faculdade de Educação – UFF

Rio de Janeiro

2018

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço à minha querida orientadora, não só pelos valiosíssimos apontamentos teóricos e metodológicos que fazem parte de nossa relação acadêmica, mas também por todo o carinho e paciência dedicados a mim ao longo desta jornada.

Agradeço a meus pais e avós, pelo amor e carinho de toda uma vida, pela transmissão de valores fundamentais à minha formação como pessoa, e também por investirem em minha educação, incentivando-me sempre a me dedicar aos estudos.

Agradeço à minha esposa, pelo amor e carinho de todos os dias, mas também pelo apoio constante e por sempre acreditar em meu potencial, revigorando minhas forças nos momentos de desânimo.

Agradeço à minha sogra, por todo o carinho e apoio, e também por me inspirar, através de seu exemplo pessoal, a sonhar e lutar por meus objetivos.

Agradeço aos meus amigos, por todo o carinho, pelas trocas intelectuais, mas também pelos momentos de diversão, pelos risos e amenidades que tornaram possível suportar as dificuldades enfrentadas ao longo desse trajeto.

Por fim, agradeço enormemente aos meus entrevistados, que se dispuseram a dedicar uma parte valiosa de seu tempo para responder, de modo voluntário e atencioso, às minhas perguntas.

RESUMO

RIOS, Fábio Daniel da Silva. *Os torcedores e o Novo Maracanã: emoção e espaço nas arenas esportivas contemporâneas*. 2018. 276f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Nesta tese, investigo a relação dos torcedores do Clube de Regatas do Flamengo com o Novo Maracanã, arena construída a partir da reforma de adaptação do Estádio Jornalista Mário Filho aos padrões de conforto e segurança exigidos pela FIFA e pelo COI para a realização da Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2014, no Brasil, e dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Verão, no Rio de Janeiro, em 2016. Inaugurado em 1950, o Maracanã foi concebido como um espaço popular e democrático, destinado ao conagraçamento das diferentes camadas da sociedade brasileira. No entanto, com a profunda reforma realizada para a Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016, o antigo estádio de massas foi convertido numa moderna arena *all-seater* multiuso, projetada como um espaço elitizado de controle e consumo. Em minha pesquisa, procurei compreender como os próprios torcedores vêm vivenciando e reagindo a esse processo de civilização ou domesticação, abordando suas representações e discursos a respeito do Novo Maracanã. Para tanto, realizei 12 entrevistas qualitativas com torcedores do Flamengo que frequentam o Maracanã regularmente, desde o período anterior à reforma, além de 20 observações de campo em jogos do clube disputados na nova arena.

Palavras-chave: Antropologia das Emoções. Emoção. Futebol. Maracanã. Arenização. Torcedor.

ABSTRACT

RIOS, Fábio Daniel da Silva. *The supporters and the New Maracanã: emotion and space in contemporary sports arenas*. 2018. 276f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

This thesis aims to investigate the relationship of the C.R. do Flamengo's supporters to the New Maracanã, which consists in the football arena built after the adaptation of the Jornalista Mario Filho Stadium to the comfort and safety standards required by FIFA and the IOC for the realization of the 2014 Men's Soccer World Cup in Brazil and the 2016 Olympic and Paralympic Summer Games in Rio de Janeiro. Inaugurated in 1950, Maracanã was first conceived as a popular and democratic space, destined to the congregation of the different strata of the Brazilian society. However, after the reform for the 2014 World Cup and the 2016 Olympics, the former mass stadium was converted into a modern multi-purpose all-seater arena, designed as an elitist space for social control and consumption. In my research, I sought to understand how the supporters themselves have been experiencing and reacting to this civilization or domestication process, by the analysis of their representations and discourses regarding the New Maracanã. To that end, I conducted 12 qualitative interviews with Flamengo's supporters who regularly attend Maracanã, since before the reform, and 20 field observations in the club's games in the new arena.

Keywords: Anthropology of Emotions. Emotion. Football. Maracanã. Arena. Supporters.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Observações de campo realizadas no Novo Maracanã	145
Tabela 2 - Roteiro utilizado nas entrevistas.....	149

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	O PROCESSO DE COMODITIZAÇÃO DO FUTEBOL	17
1.1	Dos jogos de bola ao futebol profissional	17
1.2	Internacionalização e comoditização	32
2	A COMODITIZAÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL	43
3	O PROCESSO DE “ARENIZAÇÃO” DOS ESTÁDIOS E O CASO ESPECÍFICO DO MARACANÃ	69
3.1	A evolução das “paisagens esportivas” e dos estádios de futebol	69
3.2	Maracanã: de estádio de massa à arena all-seater multiuso	80
4	ANTROPOLOGIA DAS EMOÇÕES	111
4.1	O lugar das emoções nas ciências sociais	111
4.2	A constituição da antropologia das emoções	117
4.3	Emoção e esporte	124
4.4	Emoção e futebol	128
4.4.1	Pertencimento clubístico e engajamento emocional	129
4.4.2	Emoção e masculinidade nos estádios de futebol	130
4.4.3	Masculinidade e emoção nas memórias de torcedores	131
5	METODOLOGIA	138
6	UM SENTIMENTO INEXPLICÁVEL	152
7	O PROGRAMA DE SÓCIOS-TORCEDORES DO FLAMENGO	180
8	A EXPERIÊNCIA DE ESTÁDIO E A PREFERÊNCIA PELO SETOR NORTE NO NOVO MARACANÃ	208
9	O COMPORTAMENTO DO PÚBLICO NO NOVO MARACANÃ	231
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	259
	REFERÊNCIAS	272

INTRODUÇÃO

Nesta tese, investigo a relação dos torcedores do Clube de Regatas do Flamengo com o Novo Maracanã, ou seja, sua relação com o novo espaço produzido a partir da profunda reforma realizada no Estádio Jornalista Mário Filho a fim de torná-lo uma arena all-seater, adaptando-o assim aos parâmetros exigidos pela FIFA e pelo COI para sua participação como sede principal da Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2014 e dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Verão de 2016. Meu objetivo é analisar o impacto dessa reforma sobre o comportamento e as emoções dos torcedores, buscando compreender o que eles próprios pensam e sentem a respeito da nova arena, como avaliam as modificações promovidas pelo processo de arenização do estádio e de que modo vêm efetivamente reagindo a elas.

Inaugurado em 1950 para ser o principal estádio do Campeonato Mundial de Futebol, realizado no Brasil naquele ano, o Estádio Jornalista Mário Filho foi concebido originalmente como um espaço popular e democrático, destinado a promover a união entre os diferentes segmentos da sociedade brasileira em torno do esporte que vinha então se consolidando como uma “paixão nacional”. Apresentando uma capacidade de público estimada em 200 mil torcedores, o estádio tinha ainda por finalidade servir como um símbolo da engenhosidade e da capacidade de realização do povo brasileiro, num contexto político marcado pelo populismo e pelo nacionalismo, bem como pelo projeto de construção do Brasil como uma Nação moderna no cenário internacional.

Com o passar do tempo, o estádio do Maracanã se consolidou como um espaço profundamente associado à cultura popular. Em grande medida, essa representação foi construída a partir do perfil e do comportamento do público que costumava frequentar o estádio, principalmente nos setores da geral e das arquibancadas. Na geral, que consistia no setor mais “popular” do estádio, o baixo valor dos ingressos permitia a participação de torcedores oriundos das camadas sociais mais baixas, fornecendo-lhes no entanto péssimas condições de conforto e visão do campo. Nas arquibancadas, o preço dos ingressos era um pouco mais elevado, mas ainda assim acessível o bastante para possibilitar a convivência de

torcedores oriundos de diferentes camadas sociais, servindo então como base para a representação do Maracanã como um espaço democrático e heterogêneo.

Na década de 1990, contudo, a identificação de sérios problemas estruturais e de conservação do estádio e o recrudescimento da violência entre torcedores deram início a uma série de projetos que visavam à reforma e mesmo à privatização do Complexo Esportivo do Maracanã. Esses projetos tinham ainda como motivação o objetivo de realizar megaeventos esportivos no Brasil – e no Rio de Janeiro, especificamente – como uma forma de reestruturação urbana. Sendo assim, entre 1999 e 2000 o Maracanã passou por sua primeira grande reforma, que visava adaptar o estádio para a realização do Mundial de Clubes da FIFA, tendo como principais consequências a instalação de assentos na arquibancada do Maracanã e a redução da capacidade de público do estádio, que deixava então de ser o maior do mundo.

Em 2005, o Maracanã foi submetido a mais uma grande reforma, visando agora adequá-lo às condições exigidas para a realização dos Jogos Pan-Americanos de 2007, no Rio de Janeiro. Dessa vez, a principal consequência foi a eliminação da antiga geral, removida com vistas à ampliação do setor das cadeiras comuns. Com isso, a capacidade de público foi mais uma vez reduzida, e o Maracanã passou a ter uma configuração mais próxima àquela exigida pelos organismos internacionais para a realização de megaeventos esportivos, especialmente por oferecer assentos a todos os torcedores.

Entre 2010 e 2013, o Maracanã foi submetido, finalmente, à terceira e maior reforma de sua história, cujas consequências foram tão profundas que levaram muitos torcedores e “especialistas” – ou seja, jornalistas e acadêmicos – a considerarem que o Maracanã teria sido, na verdade, demolido para a construção de algo totalmente novo em seu lugar. A partir de então, tornou-se comum inclusive o uso dos termos “Antigo Maracanã”, para nomear o estádio de massas existente no período anterior à referida reforma, e “Novo Maracanã”, para designar a arena multiuso inaugurada em 2013.

Essa última reforma teve como principal objetivo a adequação do Maracanã aos rígidos padrões de conforto e segurança exigidos pela FIFA e pelo COI para a realização da Copa de 2014, no Brasil, e das Olimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, representou a atualização de uma tendência já

consolidada no futebol europeu, e que havia se iniciado no Reino Unido, entre as décadas de 1980 e 1990: a conversão dos antigos estádios de massa em modernas arenas all-seater multiuso. Para além das mudanças físicas e arquitetônicas intrínsecas a esse processo de arenização, como me refiro a ele neste trabalho, deve-se destacar também o encarecimento dos ingressos, a imposição de novas regras de conduta aos torcedores, e a ampliação dos mecanismos de vigilância e repressão, levando assim a uma mudança de perfil e comportamento do público – agora mais “familiar”, contido e ordeiro, composto majoritariamente por indivíduos de classe média – e, por fim, à transformação dos espaços populares e carnavalizados dos antigos estádios de massa nos espaços elitizados de controle e consumo das novas arenas.

Com isso, os estádios teriam se tornado mais “frios” ou menos “emocionantes”, contrariando assim a importância historicamente desempenhada pelas emoções no mundo do futebol, e colocando sob ameaça o tipo de “atmosfera” ou “experiência” que se apresenta como uma das principais motivações para que os torcedores prefiram assistir aos jogos *in loco*.

Em minha pesquisa, investigo, portanto, a reforma de arenização do Maracanã, dedicando especial atenção ao impacto desse processo sobre o comportamento e as emoções dos torcedores, na busca por compreender de que modo eles vêm vivenciando as consequências dessa transformação. Por um lado, trata-se de um objeto de estudo relevante em si mesmo, tendo em vista a importância do Maracanã como patrimônio histórico e cultural, para além de sua associação ao universo dos esportes e do futebol, mais precisamente. Por outro, trata-se do estudo de um caso específico, que nos permite a compreensão de fenômenos mais amplos, tais como o processo de arenização dos estádios de futebol em geral – especialmente no Brasil –, o processo de comoditização do futebol, bem como dos esportes em geral e outros bens culturais, ou mesmo, de modo ainda mais abrangente, do projeto civilizatório ou de domesticação do público, que espelharia tendências intrínsecas à própria modernidade.

A tese se encontra dividida em duas partes: a primeira, dedicada ao delineamento do objeto de análise e à fundamentação teórica e metodológica da pesquisa, e a segunda, à análise do material reunido ao longo de minha investigação.

Sendo assim, no primeiro capítulo abordo o processo de comoditização do futebol, descrevendo o contexto mais amplo no qual se encontra inserido o processo de arenização dos estádios. A literatura especializada aponta recorrentemente os populares e violentos “jogos de bola” do Medieval Europeu como os antecedentes históricos mais imediatos do futebol. Este teria surgido como um esporte moderno, elitista, amador e civilizado, nas *public schools* inglesas, no fim do século XIX, passando por um rápido processo de proletarização ainda no início do século XX, e em seguida, por uma nova onda de elitização a partir da década de 1990. Destaco, então, como o processo de comoditização, que havia contribuído para a profissionalização e popularização do futebol, num primeiro momento, ampliando a participação de membros das camadas populares como torcedores e jogadores, teria passado a contribuir para a elitização desse esporte a partir de sua intensificação em meados da década de 1970, quando o futebol começou a ser tratado explicitamente como uma mercadoria, e os torcedores como consumidores, observando-se então o avanço da lógica empresarial e mercadológica no âmbito jurídico-administrativo. Um das principais consequências desse processo foi justamente o movimento de conversão dos estádios em arenas, no início da década de 1990.

No segundo capítulo, faço um breve resumo da história do futebol no Brasil, abordando as estruturas jurídico-administrativas e a organização econômica do esporte no país. Como veremos, o futebol chegou ao Brasil no fim do século XIX, como uma prática elitista e amadora, passando por um processo de popularização nas primeiras décadas do século XX, o que se consolidou com a profissionalização dos jogadores na década de 1930. Apesar disso, o amadorismo foi preservado no plano jurídico-administrativo, perpetuando-se até os dias de hoje. A partir da década de 1990, porém, iniciou-se um processo de modernização visando à autonomização e sustentabilidade do futebol enquanto atividade econômica. Nesse sentido, destaco a elaboração das Leis Zico e Pelé, que levaram ao fim da “lei do passe” e promoveram a abertura econômica do futebol brasileiro, preservando, no entanto, o estatuto dos clubes como associações amadoras, sem fins lucrativos. Destaco também a elaboração do Estatuto do Torcedor, documento que define os direitos e deveres dos torcedores e das autoridades responsáveis pela organização dos jogos e competições no Brasil. Essa legislação concebe o torcedor explicitamente como

um consumidor, e os jogos de futebol como uma mercadoria, estabelecendo diretrizes e regras de conduta que servem de base para o projeto de domesticação do público que se encontra na base do processo de arenização dos estádios de futebol no Brasil.

No terceiro capítulo, abordo primeiramente o processo de arenização dos estádios de futebol, que teve seu início na transição para a década de 1990, no Reino Unido, como resposta a uma série de desastres ocorridos nos estádios ingleses, com destaque para as tragédias de Heysel (1985) e Hillsborough (1989) – incidentes que teriam resultado de uma combinação nefasta entre a péssima estrutura dos estádios, o comportamento desordeiro do público e a negligência das autoridades, levando à morte de centenas de torcedores. Para prevenir a ocorrência de novos desastres, foi elaborado o Relatório Taylor (1990), que determinou uma profunda reformulação dos estádios ingleses, estabelecendo que eles deveriam oferecer assentos numerados a todos os torcedores, e que estes passariam a ser obrigados a assistir aos jogos sentados. O objetivo oficial era fazer com que os torcedores fossem tratados com mais respeito, oferecendo-lhes melhores condições de conforto e segurança. Porém, o encarecimento dos ingressos, resultante dessa reformulação, bem como o estabelecimento de regras de conduta mais rígidas e cerceadoras, e medidas de vigilância e repressão mais severas, acabaram fazendo com que os estádios fossem convertidos em espaços elitizados de controle e consumo – o que se deu ainda pelo fato de este processo ter sido cooptado pelo movimento de comoditização que já vinha se desenvolvendo desde a década de 1970.

Na segunda parte do capítulo, abordo mais detidamente o caso específico do Maracanã, cujo processo de arenização representa uma parte fundamental do tema de minha pesquisa. Descrevendo a história do estádio desde o contexto de sua construção até os dias atuais, destaco como o estádio de massas construído para ser o principal equipamento esportivo da Copa da FIFA de 1950, realizada no Brasil, sendo originalmente concebido como um espaço popular e democrático, teria se transformado num espaço elitizado de controle ao ser convertido numa arena all-seater multiuso, adaptando-se ao movimento de arenização que já havia se consolidado na Europa, e às exigências da FIFA e do COI, com vistas a sediar a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016.

O capítulo 4 é dedicado à Antropologia das Emoções, campo de estudos no qual venho atuando desde 2010 e que serviu como referência para o delineamento do objeto abordado em minha tese, bem como para a análise dos dados obtidos ao longo de minha pesquisa. Surgido na década de 1980, nos Estados Unidos, esse recente campo de estudos tem como principal objetivo mostrar como as emoções são construídas social e culturalmente, a despeito de sua concepção como fenômenos eminentemente individuais e naturais na modernidade ocidental. Também merece destaque a noção de que as emoções seriam discursivamente constituídas, variando não só no tempo e no espaço, mas também segundo os diferentes contextos de ação e interação.

A “etnopsicologia” da modernidade ocidental seria marcada por uma oposição fundamental entre razão e emoção, com a valorização da primeira, em detrimento da segunda, pejorativamente entendida como uma forma de excesso e descontrole. Articulando-se a outros dualismos sociais e culturais, essa oposição fundamental é acionada para promover a distinção e hierarquização entre indivíduos e grupos, determinando, por exemplo, que as classes médias e altas seriam mais racionais e contidas, enquanto os mais pobres seriam emotivos, irracionais e descontrolados – esquema que serve inclusive como fundamento para que a elitização do público nos estádios seja tomada praticamente como uma medida de segurança. No contexto do futebol, no entanto, esse esquema cultural é subvertido, observando-se a valorização das emoções, bem como das noções de excesso e descontrole que a acompanham, como enfatizarei nos capítulos de análise.

No quinto capítulo, discuto algumas questões metodológicas suscitadas pela elaboração desta tese. Para os fins de minha investigação, foram realizadas observações de campo em jogos do Flamengo disputados no Novo Maracanã, além de entrevistas qualitativas, semiestruturadas, com torcedores do clube, selecionados com a condição de que fossem frequentadores assíduos do estádio desde o período anterior à reforma de arenização, possibilitando a comparação de suas experiências formadas antes e depois da reforma. A decisão de fazer minhas observações de campo em jogos do Flamengo e entrevistas com torcedores rubro-negros se deveu, em parte, ao fato de eu ser torcedor do clube e membro do Programa de Sócio-Torcedor, o que tornava viável financeiramente a frequência regular ao estádio. Além dessa dimensão prática, a escolha se justifica principalmente pelo fato de o

clube utilizar historicamente o Maracanã como sua “casa”, ou seja, como o estádio onde realiza seus jogos quando possui o mando de campo, apresentando grandes médias de público. Finalmente, entre as razões para essa escolha, há ainda o fato de ser um clube amplamente representado como “popular”, associado às classes sociais mais baixas – o que me pareceu relevante tendo em vista a centralidade do tema da “elitização” presente nos discursos sobre a arenização do Maracanã.

A análise está dividida em quatro capítulos. No capítulo 6, procuro traçar um perfil dos entrevistados a partir do tema de seu “engajamento emocional” com o Flamengo, tendo em vista os diferentes tipos de envolvimento designados pelo termo “torcedor”. Analiso, então, de que modo eles definem seu sentimento pelo clube e a importância dessa relação afetiva em suas vidas. Como veremos, além de mencionar sentimentos de amor e paixão, em conformidade com o ideário romântico que serve de base para a construção do tipo ideal do torcedor “apaixonado”, os entrevistados qualificam seu afeto pelo clube como “inexplicável”, representando-o como algo singular e especial, que não poderia ser apreendido pelas categorias culturais disponíveis. Diante disso, elencam uma série de práticas, que servem como índices de seu engajamento emocional pelo clube, esboçando uma espécie de escala ou gradiente a partir desse critério. Além disso, o fanatismo é apontado como uma forma de descontrole ou exagero condenável, devido à sua associação à violência e à irresponsabilidade no campo das finanças pessoais.

No sétimo capítulo, abordo as principais razões mencionadas pelos entrevistados para sua adesão ao programa de sócios-torcedores do Flamengo. Como veremos, eles destacam, de um lado, as vantagens e benefícios oferecidos pelo programa, e de outro, o desejo de ajudar o clube. Num primeiro momento, o fato de pagarem uma quantia em dinheiro ao clube para obterem vantagens e benefícios sugere que eles estariam se comportando como “meros consumidores”, observando-se ainda uma aparente redução da importância do “sacrifício” para a constituição de seu engajamento emocional. Contudo, ao destacarem o desejo de ajudar o clube como motivação principal para tornarem-se sócios-torcedores, os entrevistados recuperam discursivamente a dimensão do sacrifício e recolocam sua relação com o clube no terreno da dívida. Tendo em vista seu objetivo de interferir pessoalmente na administração e nas finanças do Flamengo, o que observamos é um processo de racionalização dos meios pelos quais se procura ajudar o clube,

porém com suas motivações continuando pertencentes, primordialmente, ao terreno das emoções.

No capítulo 8, abordo a importância da “experiência de estádio” para os entrevistados. Analiso as principais razões apontadas para sua preferência em assistir aos jogos do Flamengo no estádio, especialmente no Maracanã, e não em suas casas, pela televisão, em condições presumidamente melhores de conforto e segurança. Como veremos, sua preferência pelo estádio se justifica, em parte, pela melhor visão de jogo, mas principalmente pela experiência mais “emocionante” proporcionada por essa alternativa, em virtude de elementos como o “calor do jogo” e a “vibração da torcida”, possibilitando ainda que participem de modo mais ativo, interferindo efetivamente no desempenho dos jogadores e no resultado das partidas – o que consistiria numa das principais vantagens proporcionadas pelo mando de campo, fazendo com que a ida ao estádio para apoiar o time se constitua como uma verdadeira “obrigação moral” para os torcedores.

Ainda nesse capítulo, abordo as razões apontadas pelos entrevistados para a escolha de um setor ou lugar específico para assistir aos jogos do Flamengo no Novo Maracanã. Como veremos, a grande maioria prefere acompanhar as partidas no setor norte superior, onde se encontram reunidos os elementos que os levam a preferir assistir aos jogos no estádio. Além da melhor visão do campo, eles destacam a presença das torcidas organizadas, a possibilidade de torcer em pé, e o comportamento mais “vibrante” da torcida. No setor norte, se encontrariam os torcedores “de verdade”, que vão ao estádio com regularidade e torcem do modo “antigo” ou “tradicional”, comportando-se de modo mais efusivo e cantando o tempo todo para apoiar o time; nos setores laterais, se encontrariam os “novos” torcedores, que vão ao estádio apenas esporadicamente e, por isso, não saberiam torcer, comportando-se de modo mais passivo, contido, e mesmo indiferente ao que se passa no campo de jogo. Essa representação é semelhante à que fazem sobre o perfil e comportamento do público no Novo Maracanã de modo geral - tema tratado no capítulo 9.

Por fim, em minhas considerações finais, além de resumir os principais resultados, analiso mais detidamente a importância conferida pelos entrevistados à prática de torcer em pé, que aparece em seus discursos como uma forma de expressão emocional e corporal valorizada como um indício de engajamento

emocional, servindo à hierarquização entre diferentes formas de torcer e diferentes tipos de torcedores. Em suma, torcer em pé seria uma característica dos “verdadeiros” torcedores do Antigo Maracanã e do setor norte da nova arena, enquanto no Novo Maracanã, especialmente nos setores laterais, o público preferiria assistir aos jogos sentado, não se envolvendo emocionalmente com as partidas. A prática de torcer em pé também é associada a um sentimento de liberdade que se contrapõe à sensação de aprisionamento produzida pelas regras de conduta do Novo Maracanã, apresentando-se assim como uma forma de resistência ao projeto de domesticação que se encontra na base do processo de arenização, e por conseguinte, à tentativa de conversão do Maracanã num espaço elitizado de controle.

1 O PROCESSO DE COMODITIZAÇÃO DO FUTEBOL

1.1 Dos jogos de bola ao futebol profissional

De acordo com a versão histórica mais disseminada na literatura acadêmica, o futebol surgiu como um esporte moderno no Reino Unido, no século XIX, a partir da regulamentação e domesticação de jogos populares medievais, praticados com bolas. Segundo Elias e Dunning (1992), esse processo se deu no âmbito de um movimento mais amplo de “esportivização”, que se desenvolveu a partir do século XVIII, na Europa, e teve como resultado a formação de diferentes modalidades esportivas – muitas das quais se constituíram segundo um impulso comum de docilização dos violentos divertimentos plebeus da idade medieval, a exemplo do críquete, do boxe, do futebol e do rúgbi.

No período medieval, o termo “futebol” já existia entre os ingleses, mas era empregado para designar modelos de jogos muito variados e bastante diferentes do esporte que viria a ser codificado nas escolas e universidades britânicas na era vitoriana. Elias e Dunning (1992) afirmam que esses jogos – os quais podemos denominar genericamente “jogos de bola” – apresentavam formatos e dinâmicas muito variáveis, pois não obedeciam a um regulamento fixo e unificado, sendo praticados conforme regras particulares nas diferentes vilas e cidades. Dentre esses jogos, podemos destacar, além do prototípico futebol inglês, o *calcio* italiano e o *soule* francês, os quais são praticados ainda nos dias de hoje.

Para além dos jogos populares do medievo europeu, encontram-se também registros que indicam a existência de diversos “jogos de bola” desde a antiguidade, em diferentes regiões do planeta. Desse conjunto, destacam-se o *episkyros*, na Grécia, o *harpastum*, em Roma, o *kemari*, no Japão, o *tsu chu*, na China, bem como diversos outros jogos desenvolvidos por povos indígenas, no continente americano, desde o período pré-colombiano (Murad, 1996; Giulianotti, 2010). Embora esses jogos sejam por vezes apontados como ancestrais milenares do futebol moderno, devemos refutar qualquer tipo de abordagem evolucionista ou difusionista sobre as origens do esporte, questionando assim a existência de uma verdadeira ligação

entre as diferentes modalidades, praticadas em tempos e espaços muito específicos, e com regras, significados e funções igualmente específicos. Desse modo, reforçamos a tese eliasiana de que o futebol, tal como praticado atualmente, nasceu da domesticação dos populares “jogos de bola” praticados na Europa Medieval – mais precisamente, daqueles praticados no Reino Unido.

Segundo Elias e Dunning (1992), os jogos tradicionais que deram origem ao futebol se caracterizavam por elevados níveis de violência e desorganização – aspectos que podem ser estendidos à própria sociedade medieval, em seu conjunto, quando avaliados sob o prisma do *ethos* racionalista da modernidade ocidental. Os autores afirmam que, na fase pré-industrial do futebol, não havia regras fixas e universais que orientassem e limitassem as ações dos jogadores. Nesse sentido, não existiam padrões bem definidos acerca do tempo e do espaço de jogo, nem um número preciso de competidores. Também não era comum o registro de placares e recordes, nem tampouco se observava a existência de autoridades oficiais responsáveis pela elaboração e aplicação das regras, e pelo ordenamento e mediação das disputas. Até mesmo as bolas utilizadas nos jogos podiam apresentar formatos e dimensões muito variáveis, sendo confeccionadas a partir de diferentes materiais – geralmente, elas tinham um formato oval ou esférico, e eram produzidas a partir de bexigas de animais. Na maioria dos jogos, permitia-se o uso das mãos e dos pés na condução da bola, e em alguns casos também eram empregados bastões de madeira e outros apetrechos.

Apesar da relativa desorganização dos jogos, não podemos qualificá-los como atividades inteiramente anárquicas ou desregradadas. James Walvin (2014) defende que os jogos de bola medievais obedeciam a regras que, muitas vezes, chegavam a ser tão ou mais complexas do que aquelas que viriam a ser elaboradas pelos estudantes e professores ingleses no século XIX. O que lhes faltava, portanto, na comparação com o futebol moderno, não eram exatamente regras, de modo absoluto, mas sim, um conjunto mais estável e padronizado de normas, que pudessem ser aplicadas, como um código comum, em diferentes regiões. Em vez disso, como vimos, os jogos apresentavam formatos variados, sendo disputados segundo regras específicas, nas diferentes vilas e cidades. Nesse sentido, constituíam-se como verdadeiros signos identitários, integrando um conjunto mais abrangente de tradições locais (Elias e Dunning, 1992; Walvin, 1994).

Os jogos do período pré-moderno eram praticados tanto no meio rural, como no meio urbano e, em ambos os casos, costumavam ser realizados aos domingos e nos feriados santos, no âmbito de festividades populares mais amplas – com destaque para a terça-feira de carnaval (Elias e Dunning, 1992; Walvin, 1994). Em geral, eram disputados apenas por homens, de diferentes faixas etárias, mas também podiam incluir mulheres entre seus praticantes em algumas ocasiões. As contendidas costumavam ser travadas entre os habitantes de diferentes povoados, ou entre os homens casados e solteiros de um mesmo lugarejo, mobilizando, por conseguinte, grandes multidões, que chegavam a contar centenas de participantes. Como não havia padrões bem definidos de tempo e espaço, os jogos podiam se prolongar por horas ou dias, sendo disputados principalmente em espaços públicos, como as ruas, vielas e praças das cidades, ou nos amplos espaços verdes disponíveis no meio rural. Segundo Bale (2000), nesses jogos, não se observava uma separação muito nítida entre jogadores e espectadores, os quais se misturavam e alternavam seus papéis em alguns momentos.

Embora fossem praticados segundo regras e modelos muito variáveis, os jogos de futebol da era medieval geralmente tinham como objetivo básico a condução de uma bola até um local determinado, que correspondia à meta do adversário. Quando isso ocorria, marcava-se um ponto, ou um gol. Nesse percurso, era necessário transpor uma série de obstáculos físicos e, sobretudo, a violenta resistência oferecida pelos oponentes. Os locais que correspondiam às metas poderiam ser a porta de uma igreja, por exemplo, ou os portões de entrada das cidades envolvidas no certame. Em virtude de seu caráter coletivo e agonístico (quase sempre diádico), os jogos de bola assumiam uma importante função ritualística, contribuindo para a construção de rivalidades e identidades comunitárias entre os plebeus (Elias e Dunning, 1992; Walvin, 1994).

Além de desorganizados, os jogos de bola medievais eram também extremamente violentos, sendo comum a ocorrência de fraturas e outros ferimentos graves, e até mesmo a morte de alguns competidores durante as partidas ((Elias e Dunning, 1992; Walvin, 1994). Além disso, eles provocavam grande confusão e desordem pública nos locais onde eram realizados, principalmente nos espaços mais reduzidos e densamente povoados das cidades. Com freqüência, as disputas causavam a destruição de patrimônios públicos e propriedades privadas, dificultando

ainda o desenvolvimento normal de atividades importantes, como o comércio (Elias e Dunning, 1992; Walvin, 1994).

Em virtude de seu caráter violento e desordeiro, os jogos de bola foram duramente perseguidos pela Igreja, pela Coroa e pelos setores mais abastados da burguesia, sendo vistos como fatores disruptivos da ordem social (Elias e Dunning, 1992; Walvin, 1994). A Igreja lançava sobre os jogos uma severa condenação moral, em virtude dos desvios e excessos associados à sua prática, numa postura semelhante àquela adotada diante de inúmeras outras formas de expressão da cultura popular. Para participarem dos jogos de bola, os competidores deixavam de cumprir com algumas de suas obrigações religiosas, ausentando-se das missas e desrespeitando o descanso sagrado (período sabático) que deveria ser observado nos domingos e feriados santos, situação que causava a indignação dos sacerdotes (Elias e Dunning, 1992; Walvin, 1994).

Ao participarem dos jogos, os competidores também deixavam de se dedicar ao arco-e-flecha, bem como a outras atividades que poderiam auxiliar em sua formação como soldados, preparando-os para defender os interesses da Coroa, quando fossem convocados para atuar nos campos de batalha (Elias e Dunning, 1992; Walvin, 1994). Os ferimentos e mortes causados pelos jogos contribuíam ainda para desfalcar os exércitos reais, além de reduzirem o contingente de mão-de-obra disponível nas oficinas e lavouras (Elias e Dunning, 1992; Walvin, 1994). Junto a isso, as grandes multidões mobilizadas quando da realização dos embates contribuíam para transformar esses eventos numa oportunidade para a eclosão de insurreições dos plebeus contra a exploração e os abusos a que eram submetidos sob o jugo dos estamentos superiores (Walvin, 1994).

Tendo em vista todos os inconvenientes associados aos jogos de bola, a partir da baixa idade média, inúmeros éditos reais foram expedidos na tentativa de eliminá-los, tornando-os oficialmente proibidos e estabelecendo multas e prisões como forma de punição àqueles que insistissem em praticá-los (Elias e Dunning, 1992; Walvin, 1994). Embora censurados, no entanto, os jogos de bola continuaram gozando de grande popularidade entre os plebeus, sendo amplamente praticados até meados do século XIX, quando a consolidação de uma nova ordem social, eminentemente urbana e industrial, fez com que eles começassem a entrar em

declínio, cedendo espaço para a emergência de sua versão esportivizada (Elias e Dunning, 1992; Walvin, 1994).

Embora consistissem num divertimento típico das camadas populares, os jogos de bola também eram praticados pelos jovens alunos das *public schools* inglesas, desde o século XVI, pelo menos, como indicam alguns registros históricos (Walvin, 1994). Entre os estudantes das escolas secundárias, oriundos da nobreza e da alta burguesia, os jogos eram praticados como uma forma de rebeldia, e chegavam a ser tão violentos quanto as partidas disputadas pelos plebeus em suas festividades, sendo, portanto, igualmente reprimidos, pelos pais e professores. Com o passar do tempo, no entanto, começaram a surgir algumas iniciativas que indicavam a emergência de uma nova postura, mais complacente e flexível, por parte de alguns professores em relação aos jogos de bola. Diante da forte atração exercida pelos jogos, e da consequente dificuldade em combatê-los, alguns educadores resolveram incorporá-los às atividades regulares dos colégios onde atuavam, de modo a controlá-los mais de perto e adaptá-los a seus objetivos pedagógicos e moralizantes (Elias e Dunning, 1992; Walvin, 1994).

Esse processo se desenvolveu, de modo pioneiro, em alguns colégios jesuítas, ainda no século XVI, num momento em que a nascente filosofia humanista, inspirada nos ideais do *mens sana in corpore sano* da Antiguidade Clássica, propunha a revalorização dos exercícios físicos, concebendo-os como uma fonte de bem-estar para o corpo e o espírito humanos (Walvin, 1994; Proni, 1998). No entanto, essa nova abordagem só começaria a ganhar força em meados do século XIX, quando uma verdadeira revolução pedagógica iniciada por Thomas Arnold, na escola secundária de Rugby, levou à introdução da educação física como disciplina obrigatória nos currículos de diversas *public schools*, notadamente a partir da década de 1830 (Walvin, 1994; Proni, 1998).

Nesse contexto, os jogos de bola medievais, antes condenados por sua natureza violenta e antissocial, foram ressignificados e convertidos em valiosas ferramentas pedagógicas, entendendo-se doravante que eles poderiam contribuir para o fortalecimento físico e para a formação de caráter dos alunos, através do estímulo de qualidades como a disciplina, a virilidade, a coragem, a liderança, a perseverança, a abnegação, a camaradagem e o trabalho em equipe (Walvin, 1994). Além de todo esse aporte físico e moral, os jogos de bola também poderiam ser

úteis ao permitirem o extravasamento, seguro e controlado, das energias em excesso dos jovens alunos, afastando-os dos vícios que emanariam do ócio, ao ocuparem seu tempo livre de modo considerado saudável e edificante. Para atender a esses nobres objetivos, contudo, os jogos de bola tiveram de ser transformados, ganhando um conjunto mais elaborado de regras, que os tornaram mais organizados e menos violentos, de modo a adaptá-los aos padrões e exigências de uma nova realidade social. Desse processo de racionalização e docilização dos jogos medievais, nasceram os esportes modernos e, dentre eles, o futebol (Elias e Dunning, 1992; Walvin, 1994).

Segundo Elias e Dunning (1992), esse processo de “esportivização”, que consistiu na transformação dos jogos medievais em diferentes modalidades esportivas, esteve relacionado a mudanças mais amplas nos padrões coletivos de subjetividade, ou na sensibilidade coletiva, das sociedades ocidentais. Na transição da idade média para a modernidade, podemos identificar uma tendência geral de pacificação dos costumes, que se expressa na redução dos “limiares da violência”, ou seja, dos níveis de violência socialmente aceitável no âmbito das relações humanas. A este movimento histórico, gestado coletivamente no decurso de muitos anos – e que apesar de não ter sido planejado por nenhum indivíduo ou grupo, assume uma direção bem definida quando apreciado retrospectivamente –, Elias (1994) denomina “processo civilizador”, apontando como sua principal característica a configuração do superego e a emergência do autocontrole como padrão de conduta social.

Uma das principais características da modernidade ocidental foi o processo de centralização política consubstanciado na formação dos Estados Nacionais, os quais passaram a dispor do monopólio do uso legítimo da força. Com a monopolização estatal da violência, os indivíduos se viram obrigados a conter seus impulsos naturais de agressividade, o que tornou a vida social relativamente mais segura, mas também, menos excitante. No campo da política, por exemplo, temos a emergência do parlamentarismo como regime de governo – especialmente na Inglaterra –, o que se fez acompanhar por novas formas de resolução dos conflitos, substituindo-se progressivamente a belicosidade pelo debate e pela argumentação. Com a gradativa pacificação das relações sociais, no entanto, as oportunidades para a manifestação de impulsos agressivos tornaram-se cada vez mais escassas, o que,

segundo Elias, levou a uma busca coletiva por novas formas de extravasamento dessa energia.

Justamente por atenderem a este imperativo catártico, os esportes se mostram fundamentais para a manutenção da vida social na modernidade. Assim, o movimento de “parlamentarização” das contendas políticas foi acompanhado por um processo de “eportivização” no campo do lazer. Segundo Elias e Dunning (1992), os esportes podem ser entendidos como atividades miméticas, que permitem a expressão ritualizada – logo, controlada e segura – das pulsões humanas, funcionando como uma espécie de válvula de escape. Isso impede que certas emoções venham irromper, de modo inconveniente e explosivo, no âmbito do cotidiano. Por serem atividades regradas, desenvolvidas num tempo-espço simbolicamente apartado do mundo real, os esportes permitem a vivência simulada de certas emoções, destituindo-as, no entanto, de qualquer traço de seriedade. No lugar da agressividade, são criadas regras que tornam mais difícil o alcance dos objetivos perseguidos pelos competidores, proporcionando-lhes assim uma forma mais sutil de tensão-excitação agradável. Trata-se, em suma, de uma espécie de “descontrole controlado”, que pode ser entendido como uma forma de catarse e sublimação.

Os jogos de bola começaram a ser incorporados pelas *public schools* na década de 1830, sendo levados às universidades a partir do decênio seguinte, por intermédio de professores e alunos entusiasmados com os prazeres e benefícios proporcionados pelo novo passatempo (Walvin, 1994; Proni, 1998). Com a chegada do futebol ao meio acadêmico, foram fundados os primeiros clubes dedicados ao esporte, os quais geralmente reuniam ex-alunos de uma mesma *public school*, a exemplo de agremiações como o Old Etonians e o Old Harrovians, que agregavam antigos estudantes das escolas de Eton e Harrow, respectivamente. Nas *public schools*, os jogos de bola foram convertidos em esportes, tornando-se mais organizados e civilizados: continuaram, porém, sendo praticados segundo regras particulares nas diferentes instituições, o que resultou numa diversidade de regulamentos e maneiras de jogar semelhante àquela observada no período pré-moderno. Somente a partir do momento em que se foram organizando confrontos mais sistemáticos entre os clubes no interior das universidades, envolvendo alunos

oriundos de diferentes colégios, tornou-se necessária a padronização das regras e a elaboração de regulamentos unificados (Walvin, 1994; Proni, 1998).

Apesar da multiplicidade de regulamentos numa fase inicial, entre as décadas de 1840 e 1860, três códigos já podiam ser identificados como os mais utilizados pelos praticantes do futebol, os quais haviam sido elaborados nas universidades de Cambridge, Sheffield e Rugby (Walvin, 1994; Proni, 1998). Visando superar essa divisão, no entanto, em 26 de outubro de 1863, representantes de doze clubes decidiram se reunir num *pub* londrino, chamado *Freemason's Tavern*, a fim de elaborarem um novo regulamento, que conciliasse os aspectos mais importantes dos principais códigos existentes, de modo a poder ser utilizado em todas as partidas de futebol dali em diante. Logo no primeiro encontro realizado, foi fundada a *Football Association*, entidade que se consagraria posteriormente como a principal autoridade do futebol inglês, sustentando essa condição até os dias de hoje. Em seguida, foram realizados mais cinco encontros, ao longo dos quais foi produzido o primeiro regulamento oficial da *Football Association* (Walvin, 1994; Proni, 1998).

Com a instauração das novas regras, os jogadores foram proibidos de correr agarrados à bola, após dominá-la com seus membros superiores, devendo chutá-la ou passá-la com os pés a um companheiro de equipe, quando isso ocorresse. Além disso, também foi censurado o emprego de agarrões, empurrões e pontapés para desarmar o adversário, eliminando-se, desse modo, elementos importantes do estilo de jogo característico do colégio de Rugby. Nesse sentido, embora os fundadores da FA tenham defendido inicialmente a produção de uma síntese a partir dos três códigos mais utilizados à época, o regulamento elaborado em 1863 teve como base principalmente os códigos de Cambridge e Sheffield, priorizando-se assim um estilo de jogo mais técnico, conhecido como *dribbling game*, em detrimento do estilo mais viril do *handling game* praticado em Rugby (Walvin, 1994; Proni, 1998). Inconformados com as mudanças, os seguidores desse código não aderiram ao novo regulamento proposto pela FA, continuando a praticar o jogo à sua maneira. A partir dessa cisão, teríamos, portanto, uma diferenciação definitiva entre os esportes que hoje conhecemos como futebol – praticado segundo as regras da *Football Association* –, e o rúgbi – praticado segundo as regras da *Rugby Union*, a partir de 1871 (Walvin, 1994; Proni, 1998).

Por ter sido criado nas *public schools* e universidades inglesas, instituições frequentadas exclusivamente pelos membros da nobreza e da alta burguesia, o futebol nasceu como um esporte elitista, constituindo-se como um valioso instrumento de distinção social, num momento histórico em que as antigas formas hereditárias de diferenciação, características da sociedade estamental, vinham perdendo sua legitimidade (Damo, 2002; Proni, 1998). Nesse contexto, o futebol era praticado como uma atividade amadora, em clubes elitistas da metrópole londrina e de outras cidades do sul da Inglaterra, condenando-se qualquer tipo de ganho pecuniário por parte dos atletas e dirigentes (Walvin, 1994; Proni, 1998).

Ainda na década de 1860, no entanto, a prática do futebol, bem como de outras modalidades esportivas, começaria a ser incentivada entre as camadas populares, por iniciativa da Igreja e de membros da própria elite econômica, que o faziam imbuídos por um espírito de filantropia e responsabilidade social (Walvin, 1994; Proni, 1998). Eles acreditavam que os esportes poderiam estender às camadas mais pobres da população alguns dos benefícios físicos e morais que lhes haviam sido oferecidos em sua formação nas escolas públicas, com ênfase para a disciplina e para o fortalecimento do corpo, contribuindo assim para a melhoria das condições de saúde das classes trabalhadoras, e para o combate à delinquência e à criminalidade, especialmente entre os jovens. Além da filantropia, portanto, os esportes também eram empregados como um instrumento de controle social, visando à formação de trabalhadores saudáveis e bem comportados (Walvin, 1994; Proni, 1998).

Dentre as modalidades esportivas em formação, o futebol se apresentava como a mais apropriada a ser difundida entre as camadas populares, tendo em vista a menor complexidade de suas regras, a possibilidade de ser praticado em diferentes tipos de terrenos, a admissibilidade de jogadores de diferentes compleições físicas, o fato de não precisar de outros apetrechos além da bola para ser praticado (Walvin, 1994) – em suma, todas aquelas vantagens que costumam ser listadas para justificar a grande popularidade alcançada pelo futebol no mundo todo, e especialmente entre as populações mais pobres. Deve-se destacar, além disso, a longa tradição dos jogos de bola entre as camadas populares, o que fazia com que o futebol despertasse um interesse quase espontâneo por parte dos trabalhadores (Walvin, 1994).

Em decorrência dessa missão civilizadora, o futebol se deslocou de sua área inicial de concentração em direção às províncias, chegando às áreas industriais do centro e do norte da Inglaterra. Nesse percurso, foram fundados diversos clubes ligados às igrejas, escolas e também às fábricas, contribuindo para o processo de proletarização do futebol, especialmente a partir da década de 1870 (Walvin, 1994; Proni, 1998). Desde a década de 1850, os trabalhadores vinham conquistando importantes direitos em sua luta organizada, com destaque para o aumento real dos salários e para a redução da jornada de trabalho. Nesse contexto, instituiu-se aquilo que ficou conhecido como a “semana inglesa”, regime laboral que concedia folga aos trabalhadores industriais nas tardes de sábado, garantindo-lhes assim um tempo maior de lazer e descanso – tempo este que passou a ser ocupado cada vez mais pelos jogos de futebol, fazendo com que as tardes de sábado se consagassem como o período tradicionalmente dedicado a esse esporte na Inglaterra, e não as tardes de domingo, como ocorre no Brasil.

Nas fábricas, a prática do futebol foi estimulada como um mecanismo de controle e alienação, instilando noções de disciplina e trabalho em equipe entre os operários, e reduzindo o tempo dedicado por eles às atividades organizadas pelos sindicatos (Walvin, 1994; Proni, 1998). Para tanto, os diretores das fábricas permitiam e até mesmo incentivavam a fundação de clubes esportivos, nos quais geralmente atuavam também como dirigentes, e que dependiam de seu patrocínio para funcionarem. Nesse sentido, os diretores destinavam verbas para a compra de materiais esportivos, para a construção de estádios e para o financiamento de viagens, por exemplo, fornecendo, em suma, toda a infraestrutura necessária para a participação dos clubes em jogos e competições (Walvin, 1994; Proni, 1998).

Além disso, os trabalhadores que atuavam como jogadores nos clubes, contribuindo para a divulgação do nome da empresa, recebiam premiações em dinheiro e outras formas de recompensas materiais, sendo agraciados ainda com uma alimentação especial e com a redução de sua carga de trabalho – através de folgas ou de seu deslocamento para funções menos exaustivas –, de modo a poderem treinar e se preparar devidamente para as partidas. Tudo isso contribuía para elevar o prestígio dos diretores junto aos funcionários e à comunidade local, criando ainda um sentimento de identificação dos trabalhadores com as empresas, e

levando assim à redução das tensões típicas da relação entre patrões e empregados (Walvin, 1994; Proni, 1998).

Com a fundação da Football Association, em 1863, o futebol ganhou seu primeiro regulamento oficial, mas a efetiva padronização do jogo não ocorreu de modo imediato. Com o tempo, foram surgindo organizações locais, nos moldes da FA, que promoviam partidas e competições entre os clubes de uma mesma cidade, ou de municípios próximos, aplicando as regras oficiais da entidade metropolitana (Walvin, 1994). Tendo em vista a grande popularidade alcançada pelo futebol, num curto intervalo de tempo, logo surgiu o desejo de se organizar uma competição de alcance nacional, que reunisse equipes oriundas de diferentes partes da Inglaterra, e contribuísse para tornar o jogo ainda mais organizado e padronizado. Em 1871, foi criada, então, a FA Cup, competição que ainda é disputada nos dias de hoje, podendo ser apontada como o torneio de clubes mais antigo da história do futebol. Sua realização foi viabilizada pelo significativo incremento dos meios de transporte a partir da segunda metade do século XIX, notadamente em virtude da expansão das linhas de bonde e de trem, que tornaram os deslocamentos muito mais rápidos e mais baratos (Walvin, 1994; Proni, 1998).

Podemos considerar que a realização da FA Cup atendeu aos principais objetivos de seus idealizadores, contribuindo para a divulgação do esporte e para a propagação do estilo de jogo baseado nas regras oficiais da entidade. Em sua primeira década, o torneio foi completamente dominado pelos clubes elitistas e amadores de Londres e do Sul da Inglaterra, que correspondiam à maioria dos competidores e foram seus únicos vencedores até o início da década de 1880 (Walvin, 1994). Contudo, o sucesso alcançado pela competição logo atraiu a participação de um número cada vez maior de clubes das áreas industriais do centro e do norte do país, que contavam com jogadores oriundos das classes trabalhadoras. Para esses clubes, a participação no torneio se apresentava como uma valiosa oportunidade de afirmação. Nesse sentido, como vimos, seus diretores ofereciam recompensas materiais, folgas, e uma série de outros benefícios aos jogadores, no intuito de aumentarem suas chances de vitória (Walvin, 1994; Proni, 1998).

Com a participação dos clubes do norte, o futebol ganhou em competitividade e emoção, atraindo multidões cada vez maiores de espectadores. Inicialmente, as

partidas de futebol eram realizadas em áreas públicas, como parques e praças, podendo ser acompanhadas livremente pelo público. Com o tempo, foram surgindo equipamentos específicos para a prática esportiva – ou seja, os estádios de futebol –, mas o público ainda pode continuar frequentando esses espaços sem pagar nada durante um período. Na década de 1870, no entanto, a estrutura dos estádios foi se tornando insuficiente para atender à crescente demanda criada pelas multidões de trabalhadores que começaram a afluir aos jogos, o que foi percebido pelos diretores dos clubes como uma grande oportunidade de negócios. Eles passaram então a cobrar ingressos dos torcedores, gerando uma nova fonte de renda para suas agremiações. Essa renda era reinvestida na ampliação e melhoria dos próprios estádios, sendo usada também para o pagamento de premiações e para a “contratação” de novos jogadores (Walvin, 1994; Proni, 1998).

Na década de 1870, o futebol passou, portanto, por um processo de popularização – ou proletarização –, abrindo-se à participação de clubes, jogadores e torcedores oriundos das classes trabalhadoras. Com a ascensão dos clubes do centro e do norte do país, o esporte se converteu numa atividade semiprofissional e num verdadeiro espetáculo de massas, observando-se, nesse sentido, o desenvolvimento de uma tendência incipiente de comoditização (Walvin, 1994; Proni, 1998). Essas mudanças não foram bem recebidas pelos dirigentes mais conservadores das elites metropolitanas e meridionais, que defendiam o modelo do amadorismo e viam com desconfiança o estreitamento da relação entre futebol e mercado. Para esses segmentos mais aristocráticos, os esportes deveriam ser praticados como uma forma desinteressada de passatempo, valorizando-se a sociabilidade, a camaradagem e os benefícios físicos e morais proporcionados por essas atividades – aspectos que se veriam ameaçados com a introdução do dinheiro e o avanço das relações mercantis. Nos clubes do norte, todavia, dirigentes e jogadores defendiam a definitiva legitimação do futebol como uma atividade profissional: para os primeiros, tratava-se de uma fonte de prestígio e de uma boa oportunidade de negócios; para os últimos, representava, sobretudo, a possibilidade de se conseguir maiores rendimentos (Walvin, 1994; Proni, 1998).

Como a legislação oficial do futebol havia sido elaborada segundo os princípios do amadorismo, vários clubes e jogadores dos times do centro e do norte foram punidos em virtude da realização de pagamentos irregulares (Walvin, 1994;

Proni, 1998). Essas medidas não foram suficientes, todavia, para eliminar de vez as práticas que procuravam combater, nem tampouco para impedir o sucesso dos times provincianos. Na temporada de 1881-1882, pela primeira vez, um time do norte chegou à final da competição: foi a equipe do Blackburn Rovers, que, no entanto, perdeu o título para o tradicional Old Etonians. Na temporada seguinte, outra equipe da mesma cidade chegaria à grande decisão, sagrando-se campeã dessa vez: o Blackburn Olympic derrotou o Old Etonians e conquistou o troféu (Walvin, 1994).

O bom desempenho das equipes do norte foi fundamental para fortalecer a luta pela implementação do profissionalismo. Inconformados com as constantes ameaças de punição, vários clubes provincianos ameaçaram desfiliar-se da *Football Association* para fundar uma nova organização independente. Temendo a perda completa do poder que ainda tinham sobre os rumos do futebol, os dirigentes da FA resolveram então ceder, acatando o profissionalismo como regime oficial em 1885 (Walvin, 1994; Proni, 1998). Estabelecido o novo modelo, tornava-se agora necessária a criação de um calendário esportivo que garantisse aos clubes a realização de partidas e, conseqüentemente, a geração de receitas, durante todo o ano. Assim, em 1888, foi criada a *Football League*, que organizou um campeonato de “pontos corridos”, no qual todos os clubes se enfrentariam em dois turnos, vencendo aquele que acumulasse o maior número de pontos ao fim da última rodada (Walvin, 1994; Proni, 1998).

Com a vitória do Blackburn Olympic, em 1883, a adoção do profissionalismo, em 1885, e a criação da *Football League*, em 1888, a década de 1880 ficou marcada como um divisor de águas na história do futebol inglês, sinalizando a consumação de uma série de mudanças que vinham sendo fermentadas desde o decênio anterior. Nesse contexto, o esporte elitista e civilizado, originado da domesticação dos jogos de bola violentos e desordeiros que animavam os plebeus em seus folguedos medievais, foi re-apropriado e ressignificado pelas classes trabalhadoras, consagrando-se como um elemento da cultura popular e como um novo produto da indústria do entretenimento (Walvin, 1994; Proni, 1998). A partir do momento em que passaram a ser cobrados ingressos do público, o futebol foi convertido numa mercadoria, e os torcedores, por conseguinte, foram transformados em consumidores; com a adoção do regime profissional, os próprios jogadores foram submetidos a um processo de reificação, sendo convertidos também numa espécie

de mercadoria. Ademais, além de constituir-se num produto, em si mesmo, o futebol-espetáculo contribuiu, paralelamente, para o desenvolvimento de outras atividades comerciais, envolvendo, por exemplo, a venda e o consumo de materiais esportivos, jornais, revistas, programas de jogos, comidas, bebidas alcoólicas, etc. (Walvin, 1994; Proni, 1998).

Com a adoção do profissionalismo e a conversão do futebol num espetáculo de massas, podemos considerar, portanto, que esse esporte já vinha passando por um processo incipiente de comoditização desde o século XIX. Contudo, algumas ressalvas se fazem necessárias para que possamos diferenciar qualitativamente esse quadro daquele que encontramos na atual economia do futebol.

Primeiramente, deve-se destacar que os valores movimentados pelos clubes, no passado, eram infinitamente inferiores às cifras astronômicas registradas nos dias de hoje. Isso porque, com a adoção do profissionalismo, em 1885, o que tivemos, na verdade, foi a emergência de um regime misto, que preservava o amadorismo dos dirigentes, impondo sérios limites à circulação do dinheiro no mundo do futebol. Essa foi a condição exigida pelos dirigentes da FA para que a proposta de profissionalização dos jogadores fosse definitivamente acatada pela entidade (Proni, 1998). Nesse sentido, os diretores continuaram não podendo receber salários, ou quaisquer outros tipos de recompensas materiais, como forma de pagamento pelo exercício de suas funções administrativas. Junto a isso, os clubes tiveram seu estatuto jurídico preservado, mantendo-se como associações comerciais sem fins lucrativos. Desse modo, em caso de superávit, os dividendos deveriam ser reinvestidos no próprio clube, impedindo-se o enriquecimento pessoal dos diretores ou a aplicação em outras atividades mais rentáveis (Proni, 1998; King, 1995).

Para impedir o avanço de relações mercantis, também foram estabelecidos rígidos limites aos valores correspondentes aos salários e aos “passes” dos jogadores (Proni, 1998; King, 1995). No início do século XX, os clubes ingleses foram convertidos em companhias limitadas, transformando-se, portanto, em empresas. Porém, a adoção do novo estatuto jurídico visava apenas facilitar a tomada de empréstimos pelas agremiações, pois tornava os dirigentes suscetíveis a punições legais nos casos de endividamento excessivo e inadimplência, elevando assim o nível de confiança dos credores. Além disso, a compra de ações dos clubes

foi limitada em apenas 5%, medida que visava impedir a geração de grandes lucros pessoais, e o controle dos clubes por um número muito reduzido de investidores (Proni, 1998; King, 1995).

Tendo em vista todas as limitações expostas acima, podemos considerar que não eram exatamente razões econômicas – pelo menos, não exclusivamente, ou primordialmente – que levavam os dirigentes a se imiscuírem nos negócios dos clubes. Em geral, esses diretores eram empresários locais, relativamente bem-sucedidos, que buscavam nos clubes não uma fonte de lucros, mas sim, uma fonte de prestígio social e político (Proni, 1998; King, 1995). Embora fosse possível conseguir vantagens econômicas indiretas através de seus cargos como diretores, o que eles buscavam era, sobretudo, um meio que permitisse sua aproximação junto às classes trabalhadoras, tendo em vista a grande relevância do futebol como elemento da cultura popular, e dos clubes, como centros de sociabilidade e símbolos identitários das comunidades locais. Em suma, podemos afirmar que não era possível enriquecer, ou fazer fortuna, através do futebol, aplicando-se o mesmo ao caso dos jogadores (Proni, 1998; King, 1995).

Embora tenham dado início a um processo incipiente de comoditização, o profissionalismo e a conversão do futebol em espetáculo tiveram também um caráter relativamente democrático, pois possibilitaram a participação de indivíduos das classes trabalhadoras, tanto na condição de jogadores, como na de torcedores, levando à consolidação desse esporte como um elemento da cultura popular (Proni, 1998; King, 1995). Para os homens das classes trabalhadoras, tratava-se de uma forma de passatempo extremamente acessível, em virtude dos baixíssimos preços cobrados pelos ingressos. E para aqueles que se aventuravam como jogadores, o futebol representava, como dissemos, a possibilidade de maiores rendimentos e de reconhecimento local. Contudo, esses rendimentos não eram muito superiores aos salários pagos aos trabalhadores mais qualificados, além de serem temporários e muito incertos, na medida em que a carreira de jogador era muito curta e arriscada, em virtude do constante risco de lesões inerente à atividade. Sendo assim, mesmo para os atletas mais talentosos e mais bem pagos, não era possível enriquecer ou tornar-se uma grande celebridade midiática, sendo difícil até mesmo conseguir guardar uma boa soma de dinheiro para a posteridade (Proni, 1998; King, 1995).

1.2 Internacionalização e comoditização

Ainda no fim do século XIX, o futebol chegou a outros países da Europa Continental e da América do Sul, levado por estudantes, professores, marinheiros, funcionários de empresas inglesas, etc. (Proni, 1998; Walvin, 1994). Embora na Inglaterra já vigorasse o regime profissional, o futebol chegou a esses novos países ainda como um esporte elitista e amador, sendo praticado em clubes fechados, como um signo de distinção social. A transição do amadorismo para o profissionalismo teve algumas particularidades em cada região, mas, em linhas gerais, seguiu estágios semelhantes àqueles observados na história do futebol inglês. Consolidado na Inglaterra desde 1885, o profissionalismo só começaria a se firmar no plano internacional a partir da década de 1930 (Proni, 1998).

Com a chegada do futebol a outros países e continentes, começam a ser organizadas partidas internacionais entre clubes e seleções. E com a intensificação desses confrontos, foram criadas entidades e federações internacionais responsáveis pela organização das disputas, pela criação de regulamentos comuns e pela fiscalização do cumprimento das regras acordadas. A primeira entidade criada com esta finalidade foi o *International Football Association Board* (IFAB), que foi fundado em 1883 pelas associações nacionais de futebol dos países que compõem o Reino Unido – Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda (Proni, 1998; Walvin, 1994).

Em 1904, quando o futebol já havia extrapolado os limites da Grã-Bretanha, foi fundada a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), que se consagraria futuramente como a entidade máxima do futebol. Criada por iniciativa de dirigentes franceses, a FIFA incluía ainda as federações da Bélgica, Dinamarca, Espanha, Holanda, Suécia e Suíça, não contando, portanto, com a participação ou o apoio das federações britânicas, que não viam a necessidade da criação de uma nova federação e temiam a perda de seu monopólio sobre as regras do futebol. Dois anos depois, no entanto, as federações britânicas decidiram aderir à FIFA, tendo como contrapartida a garantia de que as regras do futebol continuariam a ser definidas pelo IFAB (Proni, 1998).

Em 1916, foi fundada a Confederação Sulamericana de futebol (CONMEBOL), entidade responsável pela organização do esporte na América do Sul. Trata-se da primeira confederação continental ligada à FIFA. Ela surgiu em virtude da distância e da dificuldade de comunicação com a sede da federação internacional, o que impedia o envolvimento direto de seus dirigentes com a organização das disputas neste continente, onde o futebol já havia se tornado tão ou mais popular do que na Europa (Proni, 1998).

Como dissemos, embora o profissionalismo já fosse uma realidade na Inglaterra desde a década de 1880, somente na década de 1930 esse regime se consolidou no cenário internacional, acompanhando o movimento de apropriação do esporte pelas camadas populares. Os primeiros a adotarem o novo sistema, depois dos britânicos, foram os países da Europa Continental (Proni, 1998). Em linhas gerais, a expansão do profissionalismo se deu de acordo com a seguinte dinâmica: quando um país adotava o regime profissional, tornava-se um pólo de atração para os melhores jogadores de países vizinhos, que migravam em busca de melhores salários; para evitar a fuga de craques, esses países se viam, então, obrigados a abandonar o amadorismo, aderindo também ao regime profissional (Proni, 1998).

Essa dinâmica se exerceu, inclusive, numa escala intercontinental: uma vez sob o regime profissional, clubes italianos e espanhóis começaram a buscar reforços na América do Sul, recrutando jogadores argentinos e uruguaios de ascendência européia. Isso fez com que Argentina e Uruguai adotassem o profissionalismo em 1931, forçando o Brasil a fazer o mesmo em 1933 (Proni, 1998; Damo, 2002). Em todos esses casos, o que tivemos foi a emergência de um regime misto, tal qual aquele adotado pelos ingleses, que legitimava o futebol como atividade profissional para os jogadores, mas preservava o amadorismo dos dirigentes, transformando os clubes em associações sem fins lucrativos (Proni, 1998).

Com a popularização do futebol em diversos países, a FIFA decidiu organizar, a partir de 1930, um campeonato mundial de seleções, que se realizaria a cada quatro anos, para definir quem seriam seus melhores praticantes (Proni, 1998). Embora já existisse um torneio de seleções disputado no âmbito dos Jogos Olímpicos, essa competição ainda tinha um caráter amador e impedia a participação de atletas profissionais, fazendo com que os melhores jogadores ficassem fora da disputa. Era necessária então a criação de uma nova competição, que reconhecesse

a legitimidade do profissionalismo. A primeira copa foi sediada e vencida pelo Uruguai em 1930; a segunda foi organizada pelos italianos, em 1934, que também se sagraram campeões jogando em casa; a terceira edição foi disputada na França, em 1938, com nova vitória dos italianos. Na década de 1940, não houve nenhuma copa, em virtude da segunda guerra mundial. Em 1950, a competição voltaria a ser disputada após um longo intervalo de doze anos, dessa vez no Brasil. Falaremos melhor sobre isso em outra seção deste trabalho.

Na década de 1950, com a ampliação do número de países membros da FIFA, além do número de clubes, jogadores e competições sob sua responsabilidade, a administração do futebol tornou-se mais exigente, mais onerosa e mais complexa. A FIFA decidiu então criar novas confederações continentais, que mediarão sua relação com os clubes e federações nacionais, assumindo uma parte considerável de seus encargos administrativos. Seguindo os passos da pioneira CONMEBOL, em 1954, foram fundadas a *Union Européenne de Football Association* (UEFA) e a Confederação Asiática de Futebol (AFC); em 1957, surgiu a Confederação Africana de Futebol (CAF). Na década seguinte, formaram-se mais duas confederações: em 1961, a Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe (CONCACAF), e em 1966, a Confederação de Futebol da Oceania (OFC). Assim, de 1938 a 1966, o número de federações nacionais filiadas à FIFA saltou de 50 para 130, incluindo países de todos os continentes (Proni, 1998).

Até a década de 1960, no entanto, poucas mudanças ocorreram na estrutura administrativa do futebol, pelo menos desde a consolidação do profissionalismo como paradigma na Europa e na América do Sul, na década de 1930. O surgimento de novas federações e confederações aponta, certamente, para um processo de maior complexificação institucional, mas os princípios de organização permaneceram basicamente os mesmos. Até a década de 1980, na verdade, o que prevaleceu foi o regime misto resultante do embate, e posterior conciliação, entre os ditames do amadorismo e do profissionalismo. A preservação do caráter amador dos quadros administrativos dos clubes e federações fez com que o futebol continuasse sendo concebido como uma atividade refratária aos princípios mercadológicos que caracterizam o sistema capitalista (Proni, 1998).

Assim, os montantes envolvidos nas transações comerciais entre os clubes eram muito menores do que aqueles observados atualmente, assim como os

salários pagos aos jogadores. As formas de captação de recursos também eram muito limitadas e pouco diversificadas, consistindo basicamente na venda de ingressos aos torcedores, e de jogadores para outras equipes, principalmente entre os clubes de menor envergadura. Aliás, a compra de jogadores representava também uma das principais fontes de gastos dos clubes, ao lado dos custos envolvidos nas obras de construção, manutenção e ampliação dos estádios. Em virtude dos limites impostos por seu estatuto jurídico, os clubes tinham grande dificuldade para manter suas contas em equilíbrio, dependendo muitas vezes de doações oferecidas por alguns sócios ricos, que atuavam praticamente num regime de mecenato (Proni, 1998; King, 1995). Por não poderem atuar como empresas, os clubes tinham, portanto, dificuldades para angariar recursos; no entanto, pelo mesmo motivo, também não podiam ir à falência, embora tivessem muitas dívidas, por não conseguirem pagar em dia os salários dos jogadores e demais funcionários, empréstimos contraídos de empresas privadas, e impostos devidos ao governo (Proni, 1998).

Ainda na década de 1960, no entanto, esse quadro começou a mudar. Os problemas financeiros dos clubes vinham se tornando cada vez mais graves e a situação começou a ser vista como algo insustentável. Com o aumento da importância social e cultural do futebol, enquanto entretenimento de massa, acirrou-se também a competitividade entre os clubes, que passaram a gastar ainda mais com a contratação de jogadores, o pagamento de salários cada vez mais altos aos atletas e a ampliação de seus estádios para receber um número maior de torcedores. Esse aumento da competitividade resultou também num incremento da violência dentro e fora de campo. Dentro das quatro linhas, a busca por vitórias e pela condição de titular tornou o jogo mais violento e desleal entre os jogadores. Fora de campo, a década de 1960 foi marcada ainda pelo recrudescimento da violência entre os torcedores, delineando-se de modo mais nítido nesse momento o fenômeno do *hooliganismo* (Giulianotti, 2010; King, 1995; Proni, 1998).

A busca por soluções para esses problemas – especialmente para aqueles de ordem financeira, num primeiro momento – culminou em grandes transformações econômicas e institucionais a partir da década de 1980, quando efetivamente se iniciou o processo de comoditização do futebol (King, 1995; Proni, 1998). Contudo, essas transformações só se tornaram possíveis em virtude de mudanças anteriores

ocorridas no comando da FIFA, cujos dirigentes se encontravam, até então, comprometidos com a preservação do amadorismo e, por conseguinte, de uma separação mais rígida entre futebol e mercado. Esse quadro começou a mudar na década de 1970; mais precisamente, em 1974, quando o brasileiro João Havelange foi eleito presidente da FIFA, tornando-se o primeiro (e único, até hoje) não-europeu a assumir o comando da entidade máxima do futebol, cargo que ocupou por mais de vinte anos. Havelange pode ser apontado como um dos principais responsáveis pela abertura do futebol à lógica do mercado, criando espaço para sua transformação numa atividade comercial de grandes proporções (Damo, 2014; Proni, 1998).

Podemos dizer que essa aproximação entre futebol e mercado já se encontrava em seu projeto desde o período eleitoral, quando contou com o apoio de grandes empresas multinacionais para eleger-se, e depois, para pôr em prática suas promessas de campanha. A estratégia política adotada por Havelange foi muito semelhante àquela empregada por ele no período em que foi presidente da CBD. Ciente de que não conseguiria o apoio dos dirigentes europeus, Havelange procurou então garantir o voto dos sul-americanos e de outras federações menos tradicionais, porém mais numerosas, prometendo a elas principalmente a ampliação do número de participantes na copa do mundo, com a oferta de um número maior de vagas para os países da África, da Ásia, da Oceania e da CONCACAF. Ele também prometeu a destinação de verbas para a organização de campeonatos e outros eventos, que teriam por finalidade estimular a prática do futebol nessas regiões onde o esporte ainda não havia se constituído como uma atividade tradicional (Proni, 1998).

Tendo em vista o caráter ambicioso de sua plataforma eleitoral, e as sérias restrições orçamentárias da FIFA, Havelange precisava encontrar parceiros no setor privado que pudessem financiar a execução de seu projeto. Assim, as primeiras grandes empresas a se tornarem parceiras comerciais da FIFA foram a Adidas e a Coca-Cola. Por ser uma empresa voltada para a produção e venda de material esportivo, a Adidas já se encontrava inserida nesse universo, e vinha procurando ampliar sua participação como principal fornecedora das competições, interessando-se prontamente pela parceria oferecida por Havelange. Já a Coca-Cola foi seduzida pela possibilidade de colocar em prática uma estratégia de publicidade de alcance global, tendo em vista a grande popularidade do futebol na Europa e no Terceiro

Mundo. O primeiro campeonato mundial organizado com o apoio dessas empresas ocorreu em 1978, na Argentina, e foi marcado, dentre outras coisas, pela ampliação do número de participantes de 16, para 24 seleções, tal como havia sido prometido (Proni, 1998).

O sucesso das parcerias firmadas pela FIFA com a Adidas e com a Coca-Cola inspirou outras grandes empresas multinacionais a trilharem o mesmo caminho, buscando no futebol uma plataforma para a divulgação de sua marca e de seus produtos. Com o avanço da globalização econômica e do neoliberalismo, a competição entre as grandes empresas passou a ocorrer cada vez mais numa escala mundial, exigindo novas estratégias de publicidade que tivessem o mesmo alcance. É nesse período que surge o marketing esportivo, que possibilitava não só a divulgação de marcas e produtos para um grande público, mas também a associação da imagem das empresas a um universo positivamente construído a partir de ideias como saúde, felicidade, juventude, superação, criatividade, etc. (King, 1995; Proni, 1998).

As mudanças promovidas por Havelange no interior da própria FIFA sinalizam o início de uma nova era na história do futebol. Desde a década de 1960, uma nova perspectiva vinha se formando, principalmente entre dirigentes, jornalistas, e mesmo entre representantes do Estado, que defendiam mudanças significativas no modelo de gestão vigente, caracterizado como amador e eminentemente deficitário. Como vimos, em consequência dos limites impostos por seu estatuto jurídico, os clubes encontravam-se sempre às voltas com sérios problemas financeiros, tendo dificuldades para arcar com suas despesas, quitar suas dívidas e contratar novos jogadores.

Na nova perspectiva em formação, o que se defendia era basicamente a racionalização da administração do futebol, o que significava, de modo mais direto, a adoção de um modelo de gestão empresarial (King, 1995; Proni, 1998). Uma vez tornados empresas, ou geridos como tais, os clubes poderiam lançar mão de novas formas de captação de recursos, podendo assim sanear suas contas e reforçar suas equipes. Além disso, na condição de empresas, os clubes se achariam obrigados a manter suas contas em dia para não irem à falência, em situações mais drásticas, mas também, simplesmente para manterem-se competitivos. Por fim, como grande

parte das dívidas dos clubes era de natureza fiscal, a racionalização administrativa também era de interesse do Estado (Proni, 1998).

De todo modo, a implantação de um novo modelo de gestão dependia da realização de profundas alterações jurídicas e institucionais, que só poderiam ser promovidas com a anuência da entidade máxima do futebol. Com a ascensão de João Havelange à presidência da FIFA, isso finalmente se tornou possível. O dirigente brasileiro não apenas criou condições para que essas mudanças ocorressem; antes, promoveu, ele mesmo, a introdução da lógica de mercado na economia do futebol. Com a adoção de tal postura pelo próprio presidente da FIFA, o caminho estava aberto para que outras federações e clubes fizessem o mesmo.

O processo de “abertura econômica” iniciado por Havelange alcançaria o circuito clubístico ainda na década de 1970, consolidando-se como um paradigma na década seguinte. O primeiro país a adotar medidas afinadas com a nova tendência foi a Itália, o que ocorreu na segunda metade da década de 1970. Tendo em vista as imensas dívidas mantidas pelos clubes junto à previdência, e a utilização que deles era feita pela Máfia, como instrumentos para a “lavagem de dinheiro”, o Estado italiano procurou fiscalizar a atividade econômica dos clubes de modo mais rigoroso, exigindo-lhes o comprometimento com uma gestão mais responsável. Nessa mesma época, a televisão estatal passou a transmitir algumas partidas, pagando aos clubes uma pequena quantia como contrapartida (Proni, 1998).

Contudo, escândalos referentes à manipulação de resultados pela loteria italiana levaram o Estado a intervir novamente, promovendo, dessa vez, mudanças mais significativas no plano jurídico-institucional. Elaborou-se, então, uma nova legislação, que se fez aprovar em março de 1981. O novo conjunto de regras tinha um caráter mais liberal, conferindo grande autonomia aos clubes: permitia-se, por exemplo, sua conversão em empresas comerciais, sua apropriação por grupos econômicos privados, a exposição de logomarcas de patrocinadores nas camisas dos times, e a criação de uma liga independente da federação nacional. Em compensação, para fiscalizar suas atividades, foi criada uma comissão de vigilância para auditar os balanços dos times (Proni, 1998).

Além de pioneira, a experiência do futebol italiano foi também muito bem-sucedida, refletindo-se no grande sucesso alcançado por seus clubes e por seu campeonato nacional, sobretudo até a década de 2000. Com a racionalização

administrativa e a liberalização econômica promovidas pela nova legislação, os clubes italianos conseguiram atrair novos investidores e tornaram-se mais ricos, o que lhes possibilitou a contratação de grandes estrelas do futebol mundial – Zico, Maradona, Sócrates, Júnior, Careca, Falcão, Platini, etc. – a partir da década de 1980. Com a contratação desses grandes jogadores, os times italianos tornaram-se mais competitivos e conquistaram importantes títulos internacionais, como a Copa dos Campeões da UEFA e o Torneio Mundial de Clubes. Além disso, o campeonato italiano tornou-se também mais competitivo e interessante, atraindo a audiência de torcedores de outros países e continentes, inclusive o Brasil. Com isso, elevaram-se os ganhos dos clubes referentes ao pagamento de direitos de transmissão pelas emissoras de TV, principalmente com a entrada de empresas privadas nesse mercado e, ainda mais, com a criação da TV a cabo e do sistema PPV, ainda na década de 1980 (Proni, 1998).

A experiência italiana foi inovadora e serviu de modelo para outros países, que passaram a promover mudanças semelhantes em suas legislações, a partir da década de 1980, para legitimar a introdução da lógica de mercado à economia do futebol. De modo resumido, o sucesso do novo modelo de gestão se baseava numa espécie de círculo virtuoso, que funcionava mais ou menos da seguinte maneira: com a racionalização administrativa e a adoção de um modelo de gestão empresarial, o futebol tornava-se mais organizado e mais atraente para novos investidores, que passavam a enxergá-lo como uma boa oportunidade de negócios; com novos patrocinadores e novas formas de captação de recursos, os clubes tornavam-se mais ricos, podendo sanear suas contas e contratar novos jogadores, tornando-se assim mais competitivos e, por isso, ainda mais atraentes para os novos grupos de investidores; com as melhorias nos times e nos campeonatos, redes privadas de televisão passaram a interessar-se pela transmissão dos jogos, oferecendo uma quantia bem maior do que aquela que era paga pelas redes públicas; além dos direitos de transmissão pagos aos clubes, a transmissão pela TV tornava o futebol ainda mais valioso como veículo de propaganda, pois divulgava as marcas e produtos dos anunciantes para um público cada vez maior; com isso, aumentou, portanto, a competição entre os anunciantes, que passaram a investir cada vez mais, fazendo com que o futebol se tornasse um mercado de cifras astronômicas (Proni, 1998).

Como dissemos, o novo modelo de gestão foi adotado em diversos países – primeiro na Europa, e depois em outras partes do mundo – e se consolidou como um paradigma na década de 1980. Contudo, devemos destacar que esse processo não se deu de modo totalmente homogêneo, assumindo particularidades importantes em cada caso. Assim, em alguns países, por exemplo, os clubes foram compulsoriamente transformados em empresas, enquanto em outros, essa opção foi apenas facultada pela nova legislação; alguns clubes, além de converterem-se em empresas, foram comprados por grupos privados e chegaram a lançar ações no mercado financeiro, enquanto outros preservaram diversos aspectos de seu antigo estatuto jurídico, efetuando apenas algumas adaptações que possibilitaram sua abertura à lógica do mercado. Na Espanha, por exemplo, times como o Real Madrid e o Barcelona não chegaram a se converter oficialmente em empresas, mas se tornaram dois dos clubes mais ricos e vitoriosos do futebol mundial (Proni, 1998).

Como contraponto, devemos citar o caso emblemático do futebol inglês, onde o processo de comoditização avançou de modo mais intenso. À semelhança do que ocorreu em outros países, o futebol também passou por sérios problemas financeiros e disciplinares na Inglaterra, entre as décadas de 1960 e 1980. Contudo, foi nesse país que a crise se fez sentir com mais intensidade e, por isso, as soluções adotadas foram também mais drásticas. Em virtude de problemas associados ao *hooliganismo*, os clubes ingleses chegaram a ser banidos de competições internacionais por um período de cinco anos, após um episódio ocorrido em 1985, que ficou conhecido como a tragédia de Heysel. Em 1989, um novo desastre de grandes proporções – a tragédia de Hillsborough – deu início a um período de grandes transformações no futebol inglês. Na apuração das causas desse acidente, foi elaborado o Relatório Taylor, que determinou alterações expressivas nos padrões de conforto e segurança dos estádios, impulsionando uma onda de mudanças igualmente substanciais na organização do futebol inglês como um todo (Giulianotti, 2010; King, 1995; Proni, 1998).

Para arcar com as despesas relativas à construção e reforma de seus estádios, os clubes contaram inicialmente com a ajuda da *Football Trust*, empresa fundada especialmente para auxiliá-los nesse processo. Ainda assim, eles precisaram se modernizar e buscar novas formas de arrecadação. Nesse movimento, alguns clubes foram comprados, ou passaram a ser administrados por

empresas privadas; muitos se converteram em sociedades anônimas, lançando ações no mercado financeiro. Em todo caso, a necessidade de adaptação dos estádios aos novos parâmetros, aliada à mentalidade empresarial da nova geração de dirigentes, fez com que o processo de comoditização avançasse na Inglaterra (Giulianotti, 2010; King, 1995; Proni, 1998).

Como um marco desse novo período, podemos mencionar a criação da *Premier League*, no início dos anos noventa, quando o campeonato inglês passou a ser organizado pelos próprios clubes, e não mais pela *Football Association*, como acontecia desde o século XIX. Com um campeonato mais organizado, e clubes mais competitivos, o futebol inglês atraiu novos investidores e patrocinadores e passou a ser transmitido em outros países e continentes, tornando-se a liga mais rica do futebol mundial. Contribuiu para tanto a parceria firmada entre os clubes e a SkySports, empresa de TV por assinatura que investiu uma fortuna na compra dos direitos de transmissão do campeonato inglês (Giulianotti, 2010; King, 1995; Proni, 1998).

As mudanças ocorridas no mundo do futebol, a partir da década de 1970, responderam a questões internas deste campo, mas também estiveram relacionadas a mudanças mais amplas que vinham ocorrendo na política e na economia das sociedades capitalistas. Nesse período, observamos a emergência do neoliberalismo, corrente que teve Margareth Thatcher e Ronald Reagan como seus principais representantes, e defendia a implantação do livre mercado, o que significava a concessão de maior autonomia aos agentes econômicos privados, e a redução do papel social do Estado e de sua intervenção na economia. Vislumbrava-se o fim das barreiras à livre circulação de pessoas e mercadorias entre os países, o que envolvia um processo de desregulamentação do mercado (Giulianotti, 2010; King, 1995; Proni, 1998).

Como caso emblemático da influência do neoliberalismo sobre o futebol, podemos mencionar a mudança da legislação que regulava os contratos entre clubes e jogadores. Até a década de 1990, um jogador só podia se transferir para uma nova equipe se recebesse uma liberação formal de seu time anterior, mesmo que o prazo do contrato entre eles já tivesse acabado. Em 1990, o jogador Jean-Marc Bosman, que atuava pela equipe do RC Liège, tentou se transferir para uma nova equipe, após ter seu salário reduzido, mas não foi liberado. Inconformado, ele

entrou com uma ação na Justiça Comum, recebendo uma resposta positiva da Corte Europeia em 1995. A decisão inédita criou nova jurisprudência e acabou com as bases da legislação que vigorava até então. Neste novo cenário, as transferências de jogadores de uma equipe para outra tornaram-se mais fáceis e mais frequentes, o que contribuiu para a elevação dos salários dos atletas, do valor dos contratos e das multas rescisórias. A nova legislação também ampliou o número permitido de atletas estrangeiros por equipe, contribuindo para a globalização do mercado futebolístico (Giulianotti, 2010; King, 1995; Proni, 1998).

Todas as mudanças relatadas neste capítulo deram origem ao que podemos chamar de “nova economia do futebol”, que se caracteriza basicamente pela abertura desse esporte à lógica do mercado e pela adoção de um modelo de gestão empresarial como paradigma. Nesse novo contexto, o futebol foi transformado em mercadoria, e os torcedores foram convertidos em consumidores, processo que denominamos aqui de comoditização. Pode-se afirmar ainda que, nesta nova ordem, o futebol foi transformado num “grande negócio”, ou seja, numa atividade econômica globalizada, que movimenta grandes volumes de capital. Esta nova economia, e o processo de comoditização que a acompanha, podem ser interpretados como uma nova etapa da controversa relação entre futebol e mercado. Essa relação se tornou legítima com a adoção do profissionalismo, contribuindo inicialmente para a popularização do esporte. Contudo, atualmente, a comoditização do futebol vem sendo acompanhada por um processo de elitização, caracterizado principalmente pela transformação dos antigos estádios de massa em modernas arenas multiuso (Giulianotti, 2010; King, 1995; Proni, 1998). Falaremos sobre este processo em outro capítulo. Na sequência, abordarei um pouco da história do futebol no Brasil.

2 A COMODITIZAÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL

O futebol chegou ao Brasil no fim do século XIX, trazido pelos filhos da elite sócio-econômica do país. Nessa época, era comum que os jovens oriundos das camadas mais abastadas fossem enviados por suas famílias para estudarem na Europa, onde se encontravam as melhores e mais tradicionais instituições de ensino, e um estilo de vida considerado mais moderno e civilizado. Quando retornavam à terra natal, recém-diplomados e prontos para trabalhar e ocupar posições de comando, esses jovens traziam consigo os novos hábitos e valores com os quais haviam mantido contato em sua passagem pelo Velho Continente, procurando replicá-los por aqui, numa espécie de missão civilizadora. Dentre os novos costumes assimilados, destacam-se os esportes e, em especial, o futebol, que a essa altura já vinha alcançando grande popularidade em diversos países do continente europeu (Damo, 2002; Fernandez, 2016; Helal, 1997; Mascarenhas, 2014; Murad, 1996; Pereira, 2000; Toledo, 2000).

Segundo a narrativa mais difundida sobre a chegada do futebol ao Brasil, o “esporte bretão” teria sido introduzido no país por Charles Miller, mais precisamente na cidade de São Paulo, no ano de 1894. (Damo, 2002; Fernandez, 2016; Helal, 1997; Mascarenhas, 2014; Murad, 1996; Pereira, 2000; Toledo, 2000). Nascido do casamento de um escocês com uma brasileira de ascendência inglesa, Miller foi enviado por seus pais para estudar na Inglaterra em 1884, quando completou dez anos de idade, seguindo assim o mesmo caminho trilhado por muitos outros jovens oriundos das famílias mais ricas. Em terras britânicas, ele acabou entrando em contato com o futebol e diversas outras modalidades que vinham se constituindo naquele momento, tornando-se rapidamente um grande entusiasta da prática esportiva (Fernandez, 2016; Pereira, 2000; Proni, 1998). De acordo com esse conhecido mito de origem do futebol brasileiro, ao retornar ao Brasil, para trabalhar na *São Paulo Railway Company*, Miller teria trazido em suas bagagens os apetrechos minimamente necessários para dar início à prática e, mais que isso, ao processo de difusão do esporte por aqui: duas bolas de futebol usadas, uma bomba de ar para enchê-las, um par de chuteiras, dois conjuntos de uniformes usados e um livro contendo as regras oficiais da *Football Association* (Damo, 2002; Fernandez, 2016; Helal, 1997; Mascarenhas, 2014; Murad, 1996; Pereira, 2000; Toledo, 2000).

Assim, em 1895, teria ocorrido a primeira partida de futebol oficialmente disputada no Brasil, num confronto organizado por iniciativa de Miller. Realizado na Várzea Paulista, localizada na região do Brás, o embate inaugural foi travado entre duas equipes formadas, de um lado, pelos funcionários da *São Paulo Railway Company* e, de outro, pelos empregados da *The Gas Company of São Paulo*, terminando com uma vitória dos primeiros por 4 a 2. Neste mesmo ano, Miller também esteve à frente da fundação do primeiro time de futebol do Brasil, que se constitui no interior de um clube esportivo pré-existente, o *São Paulo Athletic Club* (Fernandez, 2016; Pereira, 2000; Proni, 1998).

Em 1901, quando outros times de futebol já haviam se formado, ele liderou a fundação da Liga Paulista de Futebol e, no ano seguinte, contribuiu para a organização da primeira edição do campeonato paulista, que pode ser considerada a primeira competição futebolística realizada no Brasil. Ao longo de sua carreira esportiva, Miller foi considerado um bom atacante, atuando também como técnico, dirigente e árbitro. Ele se dedicou ainda ao desenvolvimento de outros esportes no Brasil, como o rúgbi, o críquete, o tênis e o pólo aquático, embora sem o mesmo sucesso de sua empreitada em prol da difusão do futebol (Fernandez, 2016; Pereira, 2000; Proni, 1998).

Além da tese que aponta Charles Miller como o “pai do futebol brasileiro”, também é bastante conhecida a narrativa que atribui a Oscar Cox a responsabilidade pela introdução do futebol no Rio de Janeiro (Damo, 2002; Fernandez, 2016; Mascarenhas, 2014; Pereira, 2000). Nascido igualmente do casamento de um britânico com uma brasileira, Cox completou seus estudos na cidade de Lausanne, na Suíça, tornando-se um grande aficionado pelos esportes em sua passagem pela Europa. Ao retornar ao Brasil, em 1896, ele procurou difundir o gosto pelo futebol no interior de clubes como o *Payssandu Athletic Club* e o *Rio Cricket and Athletic Association*, os quais eram frequentados exclusivamente por britânicos e seus descendentes, e onde o principal esporte praticado era o críquete (Fernandez, 2016; Pereira, 2000).

Em 1901, Cox conseguiu montar uma equipe de futebol – *The Rio Team* – para enfrentar um combinado paulista em duas partidas amistosas, que foram realizadas em São Paulo e terminaram, ambas, empatadas. Sentindo-se preteridos por não terem sido convidados, alguns membros do *Rio Cricket* resolveram desfiliar-

se da entidade para fundar seu próprio clube de futebol, batizado como *Rio Football Club*. Em resposta a essa iniciativa, Cox liderou, no ano seguinte, a fundação do Fluminense Football Club, sendo aclamado como o primeiro presidente da agremiação. Em 1905, ele esteve à frente ainda da formação da *Liga Metropolitana de Sports Athleticos*, que organizou, em 1906, o primeiro campeonato carioca de futebol (Fernandez, 2016; Pereira, 2000).

Charles Miller e Oscar Cox contribuíram, certamente, de modo significativo para o desenvolvimento do futebol nas duas maiores cidades do país. Todavia, algumas ressalvas a esse “discurso oficial” sobre as origens do futebol brasileiro se fazem necessárias. Primeiramente, devemos destacar a existência de algumas versões alternativas, nas quais se argumenta que o futebol já havia sido praticado em território brasileiro, embora de modo isolado e fortuito, por marinheiros e outros funcionários ingleses, como uma simples forma de divertimento, durante o tempo livre de que dispunham em suas viagens de trabalho ao Brasil (Damo, 2002; Fernandez; Mascarenhas, 2014; Pereira, 2000; Poni, 1998).

Além disso, antes mesmo do retorno de Charles Miller a São Paulo, o futebol já teria sido praticado no interior de clubes esportivos fundados por britânicos, tendo sido ainda incorporado como uma atividade regular por alguns colégios jesuítas – com destaque para o Colégio São Luís, localizado em Itu, no interior de São Paulo –, os quais, como vimos, foram historicamente os pioneiros no processo de adaptação dos esportes a finalidades pedagógicas e moralistas (Damo, 2002; Fernandez; Mascarenhas, 2014; Pereira, 2000; Poni, 1998). Há ainda uma versão recente segundo a qual a primeira partida de futebol disputada no Brasil teria ocorrido no bairro proletário de Bangu, localizado no subúrbio carioca, em setembro de 1894, por iniciativa do escocês Thomas Donohoe¹. Em todo caso, devemos reconhecer o pioneirismo de Miller e Cox na aplicação das regras oficiais da *Football Association*, e seu empenho no sentido de tornar o futebol uma prática difundida e organizada, através da fundação de clubes, ligas e competições (Damo, 2002; Fernandez, 2016; Helal, 1997; Mascarenhas, 2014; Murad, 1996; Pereira, 2000; Toledo, 2000).

Outra ressalva importante diz respeito ao caráter descentralizado, ou multipolar, do processo de introdução e difusão do futebol pelo Brasil, conforme tese defendida pelo geógrafo Gilmar Mascarenhas (2014). Segundo ele, o futebol não

¹ Disponível em: <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-05-26/bangu-o-verdadeiro-berco-do-futebol-no-brasil.html>

teria aportado no país a partir de um único ponto apenas – São Paulo, no caso da narrativa mais difundida –, espraiando-se em seguida em direção às demais regiões do território nacional. Em virtude da vasta extensão territorial do Brasil, e da precariedade de seus sistemas de transporte e de comunicação, o nível de integração entre as diferentes áreas era muito baixo, o que fazia com que cada uma delas interagisse diretamente com a metrópole portuguesa, nos tempos coloniais, e com os políticos e comerciantes estrangeiros, sobretudo os ingleses, no século XIX. Por conseguinte, o futebol teria sido introduzido nas diferentes regiões brasileiras em momentos diferentes e pela iniciativa de diferentes agentes, dando origem assim a múltiplas narrativas fundacionais concorrentes. De todo modo, a maioria das versões documentadas indica que o futebol foi introduzido e disseminado pelo Brasil por iniciativa de indivíduos ligados a uma elite branca e burguesa, de origem anglo-brasileira, num período compreendido entre o fim do século XIX e o início do século XX (Damo, 2002; Fernandez, 2016; Helal, 1997; Mascarenhas, 2014; Murad, 1996; Pereira, 2000; Toledo, 2000).

Nesse sentido, embora já tivesse se convertido num esporte popular e profissional na Inglaterra, o futebol chegou ao Brasil ainda como uma atividade elitista e amadora, sendo praticado em clubes fechados, como um signo de distinção social (Damo, 2002; Fernandez, 2016; Helal, 1997; Mascarenhas, 2014; Murad, 1996; Pereira, 2000; Toledo, 2000). Sob o regime do amadorismo, como vimos, os esportes deveriam ser praticados de modo desinteressado, como um fim em si mesmo, condenando-se qualquer tipo de ganho material por parte dos atletas e dirigentes. Tendo em vista seu caráter exclusivista, os clubes erigiam diversas barreiras visando impedir a adesão de indivíduos “indesejáveis” em seus quadros sociais (Damo, 2002; Fernandez, 2016; Helal, 1997; Mascarenhas, 2014; Murad, 1996; Pereira, 2000; Toledo, 2000).

Para tornar-se membro de um clube tradicional como o Fluminense ou o Paulistano, por exemplo, era necessário ser indicado por outros sócios da agremiação, ser aprovado em assembleia pelos demais afiliados, efetuar o pagamento de uma jóia (algo como uma taxa de inscrição) no valor de aproximadamente quinze mil reis, e mensalidades que custavam em torno de dez mil. Como não bastassem essas rígidas barreiras econômicas, que impediam de modo objetivo a participação de membros das camadas populares, alguns clubes e

ligas proibiam expressamente, em seus estatutos, a participação de negros e trabalhadores “subalternos”, tornando explícito, assim, seu caráter preconceituoso e segregacionista (Fernandez, 2016; Pereira, 2000).

Ainda assim, em pouco tempo o futebol passou a ser assistido e praticado por indivíduos oriundos das classes trabalhadoras, observando-se um nítido processo de popularização a partir da década de 1910, especialmente, quando o futebol já havia se tornado o esporte favorito do público brasileiro, superando outras modalidades, com destaque para o remo, na capital federal (Damo, 2002; Fernandez, 2016; Helal, 1997; Mascarenhas, 2014; Murad, 1996; Pereira, 2000; Toledo, 2000).

Desde a primeira década do século XX, os trabalhadores podiam assistir às partidas dos grandes clubes de pé, na geral – setor mais desconfortável, porém, acessível –, ou ainda, em cima de muros, morros, telhados, e quaisquer outras elevações próximas aos estádios, que permitissem algum tipo de visão, mesmo que precária e parcial, do campo de jogo (Fernandez, 2016; Mascarenhas, 2014; Pereira, 2000). Nos subúrbios, o futebol era praticado de modo improvisado, com laranjas, bolas usadas, bolas de meia ou papel, por exemplo, nas ruas, várzeas e terrenos baldios, tornando-se uma das principais formas de divertimento popular (Murad, 1996; Pereira, 2000).

Nessa mesma década, começaram a surgir também os primeiros clubes operários e suburbanos do futebol brasileiro, a exemplo do *The Bangu Athletic Club* (Antunes, 1994; Pereira, 2000). Fundado em 1904, o Bangu foi o primeiro e o mais emblemático dos chamados “clubes de fábrica” do Brasil, sendo ainda o segundo clube de futebol há mais tempo em atividade no Rio de Janeiro. Ele foi fundado por funcionários britânicos da Companhia Progresso Industrial, uma fábrica de tecidos portuguesa localizada em Bangu, bairro do subúrbio carioca. Enquanto “clube de fábrica”, o Bangu seguia um modelo paternalista semelhante àquele observado nos clubes do norte industrial da Inglaterra, onde a prática do futebol era estimulada entre os trabalhadores como um instrumento de desarticulação política, e como uma forma de amenizar as tensões típicas da relação entre patrões e empregados (Antunes, 1994; Pereira, 2000).

Nesse sentido, os diretores da Fábrica Bangu participavam diretamente da administração do clube, além de financiarem suas atividades. Para tornar-se um

jogador da equipe banguense era preciso ser funcionário da fábrica de tecidos e apresentar um histórico de bom comportamento, exigência que atesta a tentativa de utilização do futebol como um mecanismo de controle (Antunes, 1994; Pereira, 2000). Os trabalhadores que atuavam como jogadores do clube recebiam recompensas materiais e diversos outros benefícios, como a redução da carga de trabalho e o deslocamento para funções menos exaustivas, observando-se, desse modo, o tratamento do futebol como uma atividade semiprofissional (Antunes, 1994; Pereira, 2000). Por fim, deve-se destacar que, devido ao número reduzido de funcionários ingleses da fábrica, e em virtude da distância de seu bairro-sede em relação à zona sul – onde se concentravam os clubes de elite –, o Bangu foi o primeiro clube a incluir jogadores negros e mulatos em seus quadros, o que rendeu ao time a alcunha de “mulatos rosados” (Antunes, 1994; Pereira, 2000).

Assim como o Bangu, diversos outros clubes começaram a ser fundados nos arrabaldes da cidade durante esse período, tais como o Carioca (1907), o Andaraí (1909) e o São Cristóvão (1909). Embora uma parte dessas agremiações tivesse também um caráter elitista e exclusivista, a maioria apresentava uma vocação mais popular, estabelecendo critérios mais flexíveis de adesão e cobrando taxas bem menores de seus sócios – aproximadamente dois mil reis de jôia, e mil de mensalidade –, além de serem mais complacentes nos casos de inadimplência, especialmente em relação aos sócios que se destacavam como jogadores (Pereira, 2000).

Nesse sentido, os clubes suburbanos contribuíram para a popularização do futebol no Brasil, notadamente por abrirem-se à participação de trabalhadores subalternos e de jogadores negros e mulatos em suas equipes. Nesses clubes, era comum também o tratamento do futebol como uma atividade semiprofissional, o que ia de encontro aos valores amadores oficialmente defendidos pelos dirigentes que comandavam os grandes clubes e as ligas de futebol (Damo, 2002; Fernandez, 2016; Helal, 1997; Mascarenhas, 2014; Murad, 1996; Pereira, 2000; Toledo, 2000).

Na década de 1920, a disputa entre os defensores do amadorismo e do profissionalismo se tornaria mais intensa, na medida em que os clubes operários começaram a conquistar vitórias expressivas contra os clubes da elite (Damo, 2002; Fernandez, 2016; Helal, 1997; Mascarenhas, 2014; Murad, 1996; Pereira, 2000; Toledo, 2000). Um capítulo importante desta disputa ocorreu em 1923, quando o

C.R. Vasco da Gama venceu o campeonato organizado pela liga metropolitana, levando a campo um time composto majoritariamente por jogadores negros e pardos, para enfrentar os poderosos clubes da zona sul.

A equipe cruzmaltina contava com o patrocínio dos ricos comerciantes portugueses da Zona Norte da cidade, os quais ofereciam aos atletas empregos de fachada, com remuneração e demais condições para que pudessem treinar e se dedicar exclusivamente à função de jogadores. Após o título, em virtude do caráter semiprofissional de seus atletas, o Vasco foi expulso da liga, retornando à primeira divisão somente em 1926, após cumprir a exigência de construir um estádio próprio (Damo, 2002; Fernandez, 2016; Helal, 1997; Mascarenhas, 2014; Murad, 1996; Pereira, 2000; Toledo, 2000). Nesse mesmo ano, o campeonato seria vencido por outro time do subúrbio, o São Cristóvão e, em 1929, o Vasco voltaria a ser campeão, mostrando que o domínio absoluto dos clubes da elite tinha chegado ao fim (Pereira, 2000).

A década de 1920 foi marcada, portanto, pelo acirramento das tensões entre os defensores do amadorismo e do profissionalismo. Essa querela só seria resolvida na década seguinte, mais precisamente no ano de 1933, quando o regime profissional foi oficialmente instituído no Rio de Janeiro e em São Paulo, os dois principais centros do futebol nacional (Damo, 2002; Fernandez, 2016; Helal, 1997; Mascarenhas, 2014; Murad, 1996; Pereira, 2000; Toledo, 2000). Como vimos, na seção anterior, a implantação do novo sistema se deu, em grande medida, pela consolidação do profissionalismo no cenário internacional – especialmente quando de sua adoção por uruguaios e argentinos –, o que ocasionou uma espécie de “fuga de craques”, que passaram a migrar para outros países, onde o futebol já havia se profissionalizado, em busca de melhores salários e de melhores condições de trabalho. A perda de jogadores para equipes estrangeiras, somada ao sucesso dos clubes suburbanos e à consagração do futebol como um espetáculo de massas, contribuiu para atrair novos adeptos à causa do profissionalismo dentre os próprios clubes da elite (Fernandez, 2016; Pereira, 2000; Proni, 1998). Deve-se destacar ainda a atuação do governo Vargas em prol da implantação do regime profissional. Em 1931, ele já havia incluído, em sua Legislação Social e Trabalhista, a função de jogador de futebol dentre as profissões a serem devidamente regulamentadas (Proni, 1998).

A adoção do profissionalismo como regime oficial representou a consolidação do processo de popularização do futebol, que já havia se iniciado na década de 1910. A partir de então, o futebol se consagraria definitivamente como um elemento da cultura popular e, por conseguinte, como um símbolo da identidade nacional (Damo, 2002; Fernandez, 2016; Helal, 1997; Mascarenhas, 2014; Murad, 1996; Pereira, 2000; Toledo, 2000). Costuma-se afirmar ainda que a profissionalização teria contribuído também para a democratização do futebol brasileiro, na medida em que possibilitou e, mais que isso, legitimou a atuação de times e jogadores, majoritariamente negros e pardos, oriundos das camadas populares (DaMatta, 1982; Murad, 1996). Contudo, deve-se destacar que o comando político do futebol permaneceu concentrado nas mãos da antiga elite branca, que já comandava o esporte nos tempos do regime amador. Tal como observado em outros países, a profissionalização dos jogadores não se estendeu aos dirigentes, que continuaram pautando suas ações na lógica do amadorismo. Desse modo, com a ascensão do regime profissional, uma parte da elite, mais descontente, migrou para outros esportes, enquanto outra parte permaneceu ligada ao futebol, afastando-se do campo de jogo para ocupar os quadros administrativos dos clubes e federações (Damo, 2002; Fernandez, 2016; Helal, 1997; Mascarenhas, 2014; Murad, 1996; Pereira, 2000; Toledo, 2000).

A instituição do regime profissional pode ser entendida, portanto, como uma consequência do processo de popularização do futebol, contribuindo para que esse movimento continuasse avançando de modo ainda mais irresistível. Ao se consolidar como um elemento da cultura popular, o futebol também se tornou alvo de apropriação política por parte dos governantes, que passaram a tentar se relacionar com o esporte e a incentivar sua prática, de diversas maneiras, como uma estratégia para angariar a simpatia e os votos da população (Damo, 2002; Fernandez, 2016; Helal, 1997; Mascarenhas, 2014; Murad, 1996; Pereira, 2000; Toledo, 2000).

Destaca-se, nesse sentido, a atuação do presidente Getúlio Vargas, que, como vimos, apoiou a profissionalização do futebol, estendendo ao campo esportivo os princípios do trabalhismo, do nacionalismo e do populismo, que norteavam as ações de seu governo. Inspirado no fascismo italiano, Vargas procurou incentivar e organizar a prática dos esportes no Brasil, transformando-os em instrumentos de propaganda política. Isso se aplica especialmente ao futebol, que foi alçado à

condição de símbolo da identidade nacional no período do Estado Novo, ao lado de outras práticas populares, como o samba, a capoeira e o carnaval (Damo, 2002; Helal, 1997; Mascarenhas, 2014; Murad, 1996; Pereira, 2000; Toledo, 2000).

A relação de Vargas com o futebol pode ser ilustrada pelo incentivo dado pelo presidente à seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938, realizada na França. Nas duas primeiras edições da competição, a seleção não havia alcançado bons resultados, o que se deu, em grande medida, como uma consequência das desavenças entre os dirigentes cariocas e paulistas, e entre os defensores do amadorismo e do profissionalismo (Mascarenhas, 2014; Moura, 1998; Pereira, 2000; Proni, 1998). Em 1938, Vargas procurou assegurar que a seleção contasse com seus melhores jogadores na disputa pelo título mundial, dispondo-se a financiar os custos da viagem e da estada da delegação brasileira na França (Moura, 1998; Proni, 1998).

Contando com o apoio do governo, a seleção teve finalmente uma excelente participação no campeonato mundial e conquistou o terceiro lugar no torneio, levando a campo uma equipe composta, majoritariamente, por jogadores negros e pardos, oriundos das camadas populares. O sucesso da seleção foi propagandeado como uma conquista de toda a nação, e como um resultado de nossa miscigenação, contribuindo para a construção de um sentimento de unidade nacional entre os brasileiros (Damo, 2002; Helal, 1997; Mascarenhas, 2014; Murad, 1996; Pereira, 2000; Toledo, 2000).

Durante seu governo, Vargas também fez uso político dos estádios de futebol como espaços para a realização de discursos e eventos cívicos, com destaque para as festividades organizadas em comemoração ao Dia do Trabalhador, que geralmente aconteciam no estádio de São Januário (Damo, 2002; Fernandez, 2016; Helal, 1997; Mascarenhas, 2014; Murad, 1996; Pereira, 2000; Toledo, 2000). Além de ser a maior praça esportiva do Brasil, o estádio se localizava no subúrbio da capital federal e pertencia ao Vasco da Gama, time de maior identificação com as camadas populares à época.

Contudo, a apropriação política do futebol não era uma estratégia exclusiva do governo Vargas, sendo adotada também por outros governantes, que ofereciam terrenos, subsídios e isenções fiscais aos clubes, envolvendo-se diretamente, inclusive, na construção de estádios e outros equipamentos esportivos. Nesse

sentido, em 1940, a prefeitura de São Paulo inaugurou o complexo esportivo do Pacaembu, construído para ser o maior e mais moderno estádio da América Latina. Com capacidade para cerca de 70 mil torcedores, o Pacaembu contava com instalações para diferentes modalidades esportivas, sendo o primeiro estádio público construído no Brasil. Assim como São Januário, a nova praça se tornaria palco para a realização de discursos e eventos cívicos, com a intenção de contribuir para a aproximação dos políticos com a população (Holzmeister, 2005; Mascarenhas, 2014; Moura, 1998; Proni, 1998).

Em 1941, Vargas criou o Conselho Nacional de Desportos (CND), órgão ligado ao Ministério de Educação e Saúde. A nova entidade tinha como missão organizar, regulamentar, fiscalizar e fomentar as atividades esportivas no Brasil, estendendo sua autoridade não apenas sobre os esportes profissionais, mas também sobre as modalidades amadoras, tidas como fundamentais para a constituição de uma juventude forte, saudável e disciplinada (Moura, 1998; Proni, 1998). A criação do CND pode ser apontada como a principal medida adotada por Vargas no sentido da apropriação política dos esportes, acompanhando a tendência centralista e autoritária de seu governo, que procurava estender seu controle a todos os setores da vida social. O novo conselho dispunha de amplos poderes, sobrepondo-se inclusive à Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que já existia desde 1916 (Proni, 1998).

O apoio à profissionalização do futebol e a criação do CND indicam que Getúlio Vargas esteve comprometido com a modernização da legislação e das estruturas de administração das atividades esportivas no Brasil, inaugurando assim uma tendência que viria a se repetir em diferentes momentos da história dos esportes no país. Trata-se de um modelo de modernização que pode ser caracterizado como dirigido e conservador, pois se realiza de modo vertical, por iniciativa ou interferência do próprio Estado sobre a sociedade civil, e o faz de modo a preservar as relações de poder estabelecidas entre os grupos dirigentes (Proni, 1998).

Esse modelo de reforma baseado na intervenção estatal também seria observado em outros momentos da história do esporte brasileiro, manifestando-se de modo mais claro nos períodos em que o país esteve sob o comando de regimes autocráticos, como o Estado Novo idealizado por Vargas, e a ditadura liderada pelos

militares entre 1964 e 1985. Contudo, a ingerência do Estado sobre a administração esportiva também se faria presente em períodos democráticos, como aquele situado no intervalo entre as ditaduras citadas acima, portanto, entre os anos de 1945 e 1964 (Mascarenhas, 2014; Proni, 1998). Nessa época, tivemos, por exemplo, a realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil e a construção do Maracanã como palco principal da competição, ambas tomadas como símbolos do poder de realização da nação brasileira, durante o governo do presidente Eurico Gaspar Dutra, como veremos em outro capítulo.

No período da ditadura militar, a relação entre futebol e política se tornaria ainda mais intensa. Os militares procuraram fazer uso do futebol como uma ferramenta de legitimação de seu governo, tentando assim criar uma boa imagem de sua administração junto à população, apesar de todos os problemas enfrentados e, especialmente, das freqüentes acusações que recebiam de violação dos direitos humanos (Mascarenhas, 2014; Proni, 1998). O uso político do futebol pelos militares se tornou ainda mais forte a partir da década de 1970, especialmente durante o governo do General Emílio Garrastazu Médici. Nesse período, o Brasil vivenciou uma fase caracterizada pelo “milagre econômico” e pelos “anos de chumbo”, expressões que designam respectivamente o vertiginoso crescimento da economia e o brutal recrudescimento da repressão política no país. Nesse contexto, o futebol foi acionado pelo general-presidente para contrabalançar a imagem autoritária do regime de exceção comandado por ele.

Segundo relatos, Médici era um apaixonado por futebol e, enquanto presidente, procurou interferir diretamente nos rumos do esporte e, especialmente, no comando da seleção brasileira, valendo-se para tanto de sua influência pessoal sobre os dirigentes da CBD e do CND. Nesse sentido, ele teria determinado inclusive a demissão do jornalista João Saldanha do cargo de técnico da seleção brasileira em 1970 (Proni, 1998). Saldanha era uma figura bastante controversa e um conhecido crítico do governo. Além de ser filiado ao Partido Comunista, ele teria se recusado a convocar o atacante Dadá Maravilha para a seleção, desobedecendo assim a uma sugestão feita por Médici através de João Havelange, que então era presidente da CBD. Embora essa história tenha algo de anedótico e nunca tenha sido confirmada, a verdade é que Saldanha foi efetivamente substituído por Zagallo,

que comandou a seleção na Copa de 1970, levando o contestado Dadá Maravilha entre seus convocados (Proni, 1998).

A Copa de 1970 pode ser apontada como o ponto alto da relação entre futebol e política durante a ditadura militar. Além do clima de nacionalismo e patriotismo normalmente ensejado pela competição, a conquista do tricampeonato mundial pela seleção na Copa do México foi propagandeada pelo governo como mais um indício da eficiência do regime de exceção, somando-se nesse sentido ao bom momento econômico vivido pelo país (Mascarenhas, 2014; Proni, 1998). Mas a relação dos militares com o futebol não se restringiu ao aparelhamento da seleção como um instrumento de propaganda. Em 1969, foi criada a Loteria Esportiva, cuja renda seria administrada pelo CND, servindo como uma nova fonte de recursos para o financiamento das atividades esportivas no Brasil (Proni, 1998). Para tornar o mercado de apostas mais atraente para os torcedores, o governo – sempre através do CND – decidiu também criar um novo campeonato de escopo nacional, reunindo as principais equipes do futebol brasileiro. Assim, em 1971, foi criado o campeonato brasileiro de futebol, que, num primeiro momento, diferia muito pouco dos campeonatos nacionais existentes desde 1959, e era disputado de acordo com uma fórmula muito diferente da que temos hoje em dia (Mascarenhas, 2014; Proni, 1998).

Até então, em virtude da grande extensão do território nacional e da precariedade de nosso sistema de transportes, as principais rivalidades e competições do futebol brasileiro haviam se desenvolvido numa escala regional, com destaque para os campeonatos estaduais (Mascarenhas, 2014; Proni, 1998). É importante mencionar que, desde 1922, já existia uma competição denominada “campeonato brasileiro”, que foi realizada até 1987 e consistia numa disputa entre seleções formadas pelos melhores jogadores de cada estado. A primeira competição interestadual disputada entre clubes no Brasil foi o Torneio Rio-São Paulo, que teve sua primeira edição em 1933, mas reunia apenas times cariocas e paulistas e só se tornaria uma competição regular a partir de 1950, sendo disputada até 1966. Em 1959, foi criada a Taça Brasil, que pode ser considerada a primeira competição de escopo nacional do futebol brasileiro. Contudo, tratava-se de um torneio de curta duração, disputado entre os vencedores dos principais campeonatos estaduais do país. Em 1967, surgiu o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, que no ano seguinte

passaria a se chamar Taça de Prata, tornando-se a principal competição do futebol nacional até a criação do campeonato brasileiro (Mascarenhas, 2014; Proni, 1998).

Ao longo de sua história, o campeonato brasileiro obedeceu a diferentes fórmulas de disputa, o que possibilitou e facilitou sua apropriação política por parte do governo, principalmente a partir de 1973. A ausência de divisões inferiores, de um número definido de competidores e de critérios claros de classificação das equipes para a disputa do campeonato foram alguns dos fatores que permitiram a seleção dos times segundo critérios puramente políticos (Mascarenhas, 2014; Proni, 1998). Entre 1973 e 1979, o campeonato brasileiro foi disputado por um número muito grande de equipes, incluindo times de todos os estados do país. Além de servir como um instrumento de integração nacional, a hipertrofia do campeonato brasileiro também foi utilizada para conquistar o apoio dos dirigentes de times e federações de menor expressão, que não conseguiriam participar do certame caso fossem aplicados critérios puramente técnicos. Essa situação deu origem à máxima: “Onde a ARENA vai mal, mais um no nacional”. Para garantir a participação de tantas equipes, o CND se comprometeu a financiar as viagens de todos os clubes com verbas oriundas da Loteria Esportiva, além de contribuir para a construção ou ampliação de estádios de massa em todo o território nacional (Mascarenhas, 2014; Proni, 1998).

Com o tempo, no entanto, o campeonato foi se tornando cada vez mais deficitário, devido ao grande número de jogos de baixa qualidade técnica e, por conseguinte, à drástica redução da média de público. O ponto de inflexão desse modelo se deu em 1979, quando o campeonato contou com 90 participantes, apresentando a pior média de público e de arrecadação de sua história, até aquele momento (Mascarenhas, 2014; Proni, 1998). No ano seguinte, foi criada a segunda divisão, e o número de participantes foi reduzido para 44, mantendo-se nesse patamar ao longo de quase todas as edições disputadas na década de 1980 (Proni, 1998).

A década de 1970 também foi marcada pela “militarização” do futebol brasileiro, especialmente durante o governo do General Ernesto Geisel, iniciado em 1974. Em virtude da desorganização do futebol brasileiro e das freqüentes denúncias de corrupção contra os dirigentes da CBD, já naquela época, Geisel decidiu ampliar os poderes do CND, intervindo diretamente na condução da

entidade. Nesse período, a CBD chegou a ser presidida pelo Almirante Heleno Nunes, que acumulava ainda o cargo de presidente da ARENA (partido oficial do governo) (Proni, 1998).

Em 1976, houve a regulamentação da profissão de jogador de futebol e das transações envolvendo a compra e venda de jogadores, criando-se a chamada “Lei do Passe”. O novo regulamento determinava, dentre outras coisas, que o “passe” de um atleta deveria permanecer ligado ao clube pelo qual ele atuava, mesmo após o término de seu contrato, sendo necessária, portanto, uma carta de liberação de seu antigo clube para que ele pudesse se transferir para uma nova equipe. Em contrapartida, a negociação só poderia ser concretizada havendo a concordância do atleta, a quem foi assegurado ainda o direito de receber 15% do valor despendido na compra de seu passe. Essa legislação vigorou por mais de vinte anos, sendo duramente criticada por reduzir os jogadores à condição de mercadorias e submetê-los a uma relação de quase servidão com os dirigentes dos clubes. Esse quadro só mudaria em 1998, como veremos, com a promulgação da chamada Lei Pelé (Proni, 1998).

Em 1979, ainda durante o governo de Ernesto Geisel, questões políticas, econômicas e administrativas levaram à diluição da CBD, num processo que deu origem a cerca de trinta novas federações, que se tornaram responsáveis pela organização das diferentes modalidades esportivas. Nesse contexto, foi criada a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que se mantém até os dias de hoje como a entidade responsável pela organização do futebol brasileiro (Proni).

Apesar das reformas “moralizantes” implementadas durante o governo de Ernesto Geisel, a década de 1980 foi marcada pela chamada “crise do futebol brasileiro”, segundo o diagnóstico elaborado pela imprensa esportiva da época (Helal, 1997; Proni, 1998). Essa crise envolvia problemas econômicos, institucionais e de infraestrutura, refletindo-se também no desempenho técnico dos clubes e, até mesmo, da seleção.

Dos aspectos que compunham esse quadro, podemos mencionar, primeiramente, a péssima condição financeira dos clubes, os quais se achavam altamente endividados e tinham grandes dificuldades para honrar seus compromissos e reforçar suas equipes. Diante das limitações impostas pela própria legislação esportiva, que reduzia as fontes de recursos disponíveis, uma das

principais medidas adotadas pelos clubes para amenizar o desequilíbrio de suas contas foi a venda de jogadores para o futebol europeu, o que resultou na transferência de ídolos como Zico, Júnior, Roberto Dinamite, Sócrates, Falcão, Cerezo, Careca, etc. Essa medida, no entanto, representava em si mesma mais um dos aspectos que configuravam o quadro de crise, contribuindo ainda para a redução da qualidade dos jogos e, conseqüentemente, do interesse do público (Helal, 1997; Proni, 1998).

Com a retração das médias de público e arrecadação, a crise financeira dos clubes se tornava ainda mais grave. O desinteresse dos torcedores também se justificava pelo quadro geral de desorganização do futebol brasileiro, que se refletia na ausência de um calendário definido de competições, e na desorganização dos campeonatos, cujas regras e fórmulas de disputa eram constantemente alteradas, sendo comuns também as mudanças de datas e horários das partidas, e manipulações para beneficiar os clubes tradicionais, sobretudo para impedir seu rebaixamento para divisões inferiores (Helal, 1997; Proni, 1998).

A situação financeira dos clubes também foi afetada pelo péssimo momento da economia brasileira, que enfrentava um quadro de profunda recessão e hiperinflação – além de juros altos, aumento da dívida externa, desvalorização cambial, desemprego e arrocho salarial –, situação que fez com que os anos oitenta ficassem conhecidos como “a década perdida”. Com a drástica redução do poder de compra dos salários, os ingressos haviam se tornado relativamente mais caros, enquanto a qualidade dos jogos vinha diminuindo, e os estádios continuavam a oferecer péssimas condições de conforto e segurança aos torcedores. Além disso, com a desvalorização do cruzeiro frente ao dólar, os clubes brasileiros não tinham como competir no mercado com os clubes europeus, que dispunham de mais dinheiro para investir na contratação de jogadores, oferecendo-lhes salários muito melhores (Helal, 1997; Proni, 1998).

As desvantagens do futebol brasileiro em relação ao europeu também se estendiam a outros aspectos, refletindo-se inclusive no desempenho técnico da seleção, segundo a avaliação de alguns jornalistas (Helal, 1997). Após a conquista do tricampeonato mundial em 1970, a seleção brasileira ficou quase vinte anos sem conquistar um título importante, voltando a vencer a Copa América somente em 1989, e a Copa do Mundo somente em 1994.

Apesar do bom desempenho da seleção na maioria das competições, a incômoda falta de títulos foi atribuída a deficiências inerentes ao próprio estilo de jogo do futebol brasileiro, que se baseava no talento e no poder de ataque dos jogadores, sem levar em conta a preparação física e tática da equipe. Além disso, as instalações e equipamentos utilizados pelos atletas eram precários, e os métodos de preparação empregados pelas comissões técnicas no Brasil estavam defasados em comparação com as metodologias empregadas pelos europeus. A falta de organização, de planejamento e de infraestrutura comprometiam, portanto, o desempenho da própria seleção, colocando o futebol brasileiro numa condição de desvantagem em relação ao futebol europeu (Helal, 1997; Proni, 1998).

A crise da década de 1980 também se abateu sobre as federações, que enfrentavam problemas semelhantes àqueles vivenciados pelos clubes. O ápice dessa crise se deu em 1987, quando a CBF declarou que não dispunha de recursos suficientes para realizar o campeonato brasileiro daquele ano. Diante dessa situação, os principais clubes do país se reuniram em torno do Clube dos Treze (Atlético-MG, Bahia, Botafogo, Corinthians, Cruzeiro, Flamengo, Fluminense, Grêmio, Internacional, Palmeiras, Santos, São Paulo e Vasco), assumindo a responsabilidade pela organização do campeonato. Numa iniciativa pioneira, os clubes buscaram patrocínio junto a empresas privadas e, assim, conseguiram viabilizar a realização da competição, que ficou conhecida como Copa União, e contou com o apoio de três grandes empresas: a Rede Globo (que garantiu o direito de transmitir todos os jogos da competição, em tempo real), da Coca-Cola (que estampou sua logomarca nas placas de publicidade e nos uniformes da maioria dos clubes) e da Varig (que ficou encarregada do deslocamento das equipes) (Helal, 1997; Proni, 1998).

Temendo as consequências políticas dessa iniciativa, a CBF decidiu participar da organização do campeonato, valendo-se do fato jurídico de que sua chancela era necessária para que a competição fosse reconhecida pela FIFA. Inicialmente, a Copa União seria disputada entre dezesseis equipes (somando-se três convidados aos integrantes do clube dos treze) distribuídas em dois grupos, definindo-se o campeão através do confronto entre os primeiros colocados de cada grupo. Contudo, com a intromissão da CBF, o campeonato passou a contar com 32 equipes, que se dividiram em dois módulos (verde e amarelo), e em dois grupos no

interior de cada módulo. O campeão seria então decidido a partir de um quadrangular final disputado entre os primeiros colocados de cada grupo. Como o Clube dos Treze não acatou a fórmula sugerida pela CBF, Flamengo e Internacional, que eram os primeiros colocados do módulo verde, recusaram-se a disputar o quadrangular com Sport e Guarani, vencedores do módulo amarelo. No confronto com o Internacional, o Flamengo saiu-se vitorioso e foi declarado campeão brasileiro pelo Clube dos Treze. A CBF, por sua vez, decretou a derrota de Flamengo e Internacional por W.O., declarando o Sport campeão, após vitória do clube sobre o Guarani (Helal, 1997; Proni, 1998).

Até hoje, Flamengo e Sport declaram-se os verdadeiros campeões de 1987, enfrentando-se numa longa disputa judicial, que teve seu desfecho com o reconhecimento do título do Sport pelo STF em 2014². Nesse sentido, o campeonato que havia começado como algo inovador, sendo organizado de modo independente e coletivo pelos próprios clubes, tornou-se mais um símbolo da desorganização do futebol brasileiro a partir da interferência da CBF (Helal, 1997; Proni, 1998).

A crise que se deflagrou na década de 1980 pode ser interpretada como o resultado do acúmulo e do agravamento de uma série de problemas estruturais enfrentados historicamente pelo futebol brasileiro, os quais, em último caso, podem ser imputados ao modelo amador de gestão que ainda vigorava por aqui (Helal, 1997; Proni, 1998). Até a década de 1970, havia poucas diferenças entre o futebol brasileiro (ou sulamericano) e o europeu em termos jurídico-institucionais. Em ambos os casos, vigorava o regime misto que combinava o profissionalismo dos jogadores com o amadorismo dos dirigentes, inibindo a relação entre futebol e mercado. Na Europa, a situação econômica e a infraestrutura dos clubes eram um pouco melhores, mas nada que fosse suficiente para produzir uma grande disparidade técnica entre as equipes de cada continente, as quais competiam em pé de igualdade nos torneios internacionais. Além disso, também eram muito semelhantes os problemas que afetavam o futebol no Brasil e na Europa, que, em ambos os casos, estavam ligados aos vícios inerentes ao modelo amador de gestão (Proni, 1998).

² Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2016/03/04/fla-sofre-derrota-na-justica-e-sport-e-declarado-unico-campeao-de-1987.htm>

Além de limitar as alternativas de capitalização dos clubes e federações, esse modelo fazia com que as entidades esportivas fossem administradas por dirigentes despreparados, irresponsáveis e, muitas vezes, corruptos, que se valiam de seus cargos para perseguirem interesses escusos e particulares, sobretudo de natureza política e econômica – ironicamente, justo aquilo que a conservação do amadorismo no plano administrativo visava coibir (Helal, 1997; Proni, 1998). Essa situação era ainda mais flagrante no caso do Brasil, tendo em vista a promíscua relação historicamente mantida entre futebol e política no país, e o patrimonialismo que se encontra na base de nossa formação cultural. De todo modo, em decorrência de seu estatuto jurídico, os clubes não podiam lucrar, mas também não podiam ir à falência, não se observando ainda qualquer tipo de punição aos dirigentes por improbidade administrativa. Assim, os mandatários gastavam o quanto conseguiam para manterem seus times competitivos, sem se preocuparem com o equilíbrio das contas dos clubes (Proni, 1998).

Essa situação começaria a mudar na década de 1980, com a implantação de reformas econômicas e institucionais que levaram à liberalização do futebol na Europa. Com a adoção do futebol-empresa, os clubes europeus se enriqueceram e passaram a ter vantagens cada vez maiores sobre os clubes sulamericanos, dentro e fora de campo. Foi nessa época que começou a se intensificar, por exemplo, o êxodo de craques brasileiros para a Europa, como destacamos em outras passagens do texto (Helal, 1997; Proni, 1998). A ascensão do futebol-empresa na Europa concorreu, portanto, como um dos fatores que contribuíram para a eclosão da crise do futebol brasileiro; ao mesmo tempo, porém, se ofereceu como um novo modelo a ser adotado, com vistas à suplantação dos vícios do amadorismo (Helal, 1997; Proni, 1998).

Em virtude da crise a que temos nos referido, a década de 1980 também ficou marcada pelo surgimento de críticas mais incisivas às próprias estruturas de organização do futebol brasileiro, num movimento propiciado pelo processo de redemocratização da política nacional (Helal, 1997; Proni, 1998). Embora sempre tenha havido críticas ao modo de organização do futebol no Brasil, de modo geral, esses questionamentos não chegavam a colocar em xeque o modelo amador de nossas instituições. Antes, o que se propunha era uma espécie de reforma por dentro do sistema, de modo a garantir a efetivação dos ideais amadores no plano da

prática. Nesse sentido, a separação entre futebol e mercado ainda era valorizada, salvaguardando-se os esportes como um terreno refratário à lógica do capitalismo. A crise deflagrada nos anos oitenta criou, no entanto, a percepção de que este modelo havia encontrado seu esgotamento, especialmente com o surgimento de um modelo alternativo e bem-sucedido no âmbito do futebol europeu (Helal, 1997; Proni, 1998).

Ainda na década de 1980, começariam a ser adotadas algumas estratégias de marketing afinadas com o novo modelo do futebol-empresa, tais como a impressão da logomarca de patrocinadores nas camisas dos clubes, permitida a partir de 1984, e a assinatura de contratos de exclusividade com fornecedores de material esportivo, a começar pela parceria firmada entre a CBF e a Topper, em 1982 (Proni, 1998). Contudo, essas iniciativas eram muito pontuais e superficiais, limitando-se basicamente à ampliação dos espaços destinados à divulgação das marcas e produtos dos patrocinadores. Não se observava ainda a adoção de medidas que fizessem do próprio futebol uma mercadoria, tornando-o mais interessante como plataforma de publicidade, nem de reformas que diversificassem a relação dos clubes com seus patrocinadores, tornando-os parceiros de negócios mais confiáveis. Reformas nessa direção só começariam a ganhar corpo na década de 1990, impulsionadas pelo avanço do neoliberalismo no Brasil, especialmente com a eleição de Fernando Collor de Melo para a presidência da república (Proni, 1998).

A ditadura militar acabou em 1985, quando o poder foi retomado pela sociedade civil e Tancredo Neves foi eleito de modo indireto para a presidência da república. Em 1988, foi promulgada uma nova constituição, que restabelecia o estado democrático de direito no país, e incluía uma seção especial destinada à regulamentação das atividades esportivas. A nova carta magna trouxe, portanto, mudanças muito significativas para o modo de organização dos esportes no Brasil, a começar pela revogação de todas as deliberações anteriores do CND (Proni, 1998). Desse modo, ela conferiu maior autonomia de organização e funcionamento às entidades dirigentes e associações esportivas, limitando o intervencionismo estatal que vigorava desde a criação da entidade, em 1941. Ao promover uma redefinição completa do sistema desportivo nacional, a nova constituição tornou necessária a elaboração de um novo conjunto de normas para a regulação das atividades esportivas. A renovação da legislação esportiva também se fazia necessária pelo

avanço de uma nova mentalidade, mais comercial ou empresarial, no âmbito dos esportes de alto rendimento (Proni, 1998).

Essa demanda por reformas jurídico-institucionais foi contemplada pela elaboração de duas novas legislações esportivas na década de 1990: a Lei Zico (1993) e a Lei Pelé (1998), como ficaram conhecidas. A primeira recebeu esse nome por ter sido elaborada no período em que Arthur Antunes Coimbra, o Zico, ocupou o cargo de Secretário Geral dos Esportes, durante o governo do presidente Fernando Collor de Melo. A segunda legislação foi elaborada quando Édson Arantes do Nascimento, o Pelé, ocupou o cargo de Ministro Extraordinário dos Esportes, durante o primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso como presidente da república. Embora elas tenham suas especificidades, podemos considerá-las como etapas de um mesmo projeto de modernização e liberalização, que visava implantar o modelo do futebol-empresa no Brasil, levando os clubes a adotarem um modelo de gestão mais transparente e eficiente. Nesse sentido, suas principais metas consistiam na extinção da chamada “lei do passe”, considerada ultrapassada e degradante, e a compulsória conversão dos clubes em empresas, visando acabar de vez com os vícios do amadorismo (Proni, 1998).

Nenhum desses objetivos foi alcançado pela Lei Zico, que manteve intacta a “lei do passe” e tornou apenas possível a transformação dos clubes em empresas, e não obrigatória, como era almejado inicialmente. A Lei Pelé, por sua vez, conseguiu avançar nesses dois pontos, em seu texto original, acabando definitivamente com a Lei do Passe e obrigando os clubes a transformarem-se em empresas. Contudo, uma série de inconsistências fez com que este último ponto fosse revisto, posteriormente, por ser considerado inconstitucional, na medida em que representava uma ingerência do Estado sobre o estatuto dos clubes. Restituiu-se, assim, o caráter permissivo e facultativo da conversão dos clubes em empresas (Proni, 1998).

Com o fim da “lei do passe”, instituiu-se aquilo que ficou conhecido como “passe livre”. Na verdade, a própria figura jurídica do passe foi extinta, dando lugar aos direitos federativos e econômicos³. O fim do passe, em si mesmo, pode ser considerado um grande avanço, pois acabou com um regime anacrônico de quase servidão, que reduzia os jogadores à condição de mercadorias, mantendo-os presos

³ Disponível em: <http://ibdd.com.br/entenda-os-direitos-federativos-e-economicos-dos-jogadores-de-futebol/>

aos clubes mesmo após o término de seus contratos (Proni, 1998). Com a nova legislação, o jogador tornou-se livre para atuar onde bem entendesse, desde que arcasse com as multas relativas à quebra unilateral de contrato, quando a transferência se desse em desacordo com os interesses do detentor de seus direitos federativos.

Apesar dos benefícios trazidos, a nova lei foi muito criticada por ter criado condições favoráveis à livre atuação de agentes e empresários na intermediação das transferências de jogadores, especialmente nas divisões de base. Isso representou um grande prejuízo desportivo e econômico para os clubes, levou à redução dos investimentos na formação de novos atletas, intensificou o êxodo de jovens talentos para o exterior e acabou submetendo novamente os jogadores a uma condição de vulnerabilidade na relação com seus empresários, o que representou uma subversão de seu caráter libertário inicial (Proni, 1998). Em 2011, no entanto, a “lei Pelé” passou por uma reformulação que alterou mais de 50% de seu texto original e praticamente proibiu a atuação de empresários nas divisões de base, o que também vem sendo combatido em resoluções mais recentes da própria FIFA⁴.

Como vimos, a lei Pelé não conseguiu tornar obrigatória a conversão dos clubes em empresas, mas na visão de Proni (1998), isso pode ser visto como algo positivo, pois possibilitou a adaptação do modelo europeu a algumas particularidades do futebol brasileiro. Ele questiona se a simples conversão dos clubes em empresas seria suficiente para a “moralização” do futebol brasileiro e, segundo, se essa transformação seria mesmo necessária, na medida em que Real Madrid e Barcelona se nos oferecem como exemplos bem-sucedidos de clubes que se tornaram grandes potências, desportiva e economicamente, sem terem passado por uma alteração tão profunda em seus estatutos (Proni, 1998).

Para o autor, caso o texto original da lei entrasse em vigor, poderia haver uma grande desestruturação do futebol brasileiro, levando muitas equipes, grandes e pequenas, à falência e ao desaparecimento (Proni, 1998). Com a preservação do caráter permissivo da lei, não apenas isso foi evitado, como foram criadas condições legais para que os próprios clubes procurassem se transformar em empresas, ou buscassem se comportar como tais, profissionalizando seus quadros administrativos

⁴ Disponível em: <http://odia.ig.com.br/esporte/2016-03-20/lei-pele-completa-18-anos-e-deve-ser-substituida-por-nova-legislacao.html>

e modernizando suas técnicas e estratégias de gestão e marketing para tornarem-se mais competitivos, dentro e fora de campo. Em contrapartida, o governo esperava que os clubes se comprometessem com um modelo de gestão mais responsável e transparente. Para tanto, tornou obrigatória a prestação de contas, exigindo a publicação de balanços auditados por firmas independentes (Proni, 1998).

Embora facultado pela nova legislação, nenhum clube da elite do futebol brasileiro se mostrou interessado em modificar seu estatuto para converter-se efetivamente numa empresa. Em parte, isso se justifica pelo interesse dos dirigentes na preservação de seu poder, mas também envolve a conservação de algumas vantagens ou conveniências atreladas ao estatuto jurídico dos clubes como associações sem fins lucrativos. De outro modo, podemos dizer que a conversão dos clubes em empresas implicaria em maiores exigências, encargos mais elevados e punições mais severas nos casos de improbidade. Em último caso, poderia haver até mesmo a falência e o fechamento de clubes, bem como a responsabilização individual dos dirigentes (Proni, 1998).

Sendo assim, o que tivemos, mais uma vez, foi a emergência de um modelo híbrido, que promoveu, dessa vez, a liberalização econômica dos clubes, mas preservou o amadorismo dos dirigentes, bem como os vícios que acompanham esse modelo (Proni, 1998). Nesse novo contexto, os clubes procuraram se modernizar, em alguma medida, adotando novas técnicas e estratégias de gestão e marketing, e promovendo a profissionalização de parte de seus quadros administrativos. Contudo, o poder de comando permaneceu concentrado nas mãos de sócios-dirigentes amadores. Do ponto de vista econômico, os clubes usufruíram de algumas possibilidades inauguradas pela nova legislação, estabelecendo parcerias e contratos de patrocínio com grandes empresas. Podemos afirmar, todavia, que esse movimento de modernização e liberalização avançou muito pouco no Brasil e, como não houve também o comprometimento com um modelo de gestão mais responsável e transparente, os clubes continuaram endividados e enfrentando sérias dificuldades financeiras, ampliando-se a defasagem que já se observava em relação aos clubes europeus (Proni, 1998).

Tendo vista a ineficiência da legislação existente, o governo federal vem adotando novas medidas para tentar estimular e induzir a modernização dos clubes, sem interferir diretamente em seus estatutos, como manda a constituição. Assim, em

2015, foi sancionado, pela ex-presidente Dilma Roussef, o Programa de Modernização do Futebol Brasileiro, mais conhecido como PROFUT ou MP do futebol⁵. Esse programa pretende incentivar a modernização dos clubes, oferecendo-lhes a oportunidade de refinanciar suas dívidas com a União. Os clubes que aderirem ao programa poderão quitar seus débitos dentro de um prazo de até vinte anos, contando ainda com uma drástica redução dos juros e multas que incidiriam normalmente sobre o valor original. Em contrapartida, eles devem se comprometer com a adoção de um modelo de gestão afinado com os princípios da boa governança, estando sujeitos a uma série de punições – não só os clubes, mas os próprios dirigentes – caso voltem a acumular dívidas ou a atrasar o pagamento dos salários de atletas e demais funcionários. No espírito daquilo que se costuma chamar de “fairplay financeiro”, são previstas inclusive punições desportivas – uma novidade no Brasil –, incluindo a impossibilidade de participar de determinados campeonatos, a perda de pontos e o rebaixamento para divisões inferiores.

Por fim, destaco a importância do Estatuto de Defesa do Torcedor⁶, que foi criado durante o Governo Lula (sancionado em 2003 e modificado em 2010), e consiste num documento elaborado com a finalidade de estabelecer os direitos e deveres do torcedor brasileiro, aplicando-se aos espectadores de todas as modalidades esportivas, mas tendo o futebol como principal referência. Oficialmente, o estatuto visa à “proteção e defesa do torcedor”, sendo este último amplamente concebido como “toda pessoa que aprecie, apoie ou se associe a qualquer entidade de prática desportiva do país e acompanhe a prática de determinada modalidade esportiva”. Em grande medida, trata-se da aplicação dos princípios gerais do Código de Defesa do Consumidor ao âmbito esportivo, resultando numa equiparação textual explícita do torcedor à figura do “consumidor”, e dos clubes e federações responsáveis pela organização e realização dos jogos e competições, à figura do “fornecedor”. Em suma, a nova lei almeja proteger especificamente os direitos do consumidor de espetáculos esportivos – especialmente daqueles que comparecem aos estádios ou arenas, ginásios e afins –, que passam então a ser explicitamente concebidos como um produto ou mercadoria.

⁵ Disponível em: http://espn.uol.com.br/post/617790_cbf-vai-passar-a-cumprir-lei-do-profut-a-partir-desta-segunda

⁶ http://www.esporte.gov.br/arquivos/ESTATUTO_DO_TORCEDOR.pdf

O Estatuto do Torcedor foi elaborado como um instrumento de modernização do desporto nacional, visando adequá-lo aos padrões exigidos pelas autoridades internacionais para a realização de megaeventos esportivos no país, com destaque para a Copa da FIFA e os Jogos Olímpicos. Nesse sentido, a nova lei procurou conferir maior organização e transparência ao desporto nacional, estabelecendo direitos, deveres, competências e responsabilidades de modo mais claro, bem como punições mais severas e específicas às irregularidades e infrações cometidas por dirigentes e torcedores. Podemos destacar, por exemplo, algumas obrigações imputadas aos organizadores dos jogos e competições (dirigentes de clubes e federações), tais como a definição e divulgação antecipada do regulamento dos campeonatos (e a impossibilidade de sua alteração num período de dois anos), dos locais e horários das partidas, da equipe de árbitros (escolhidos mediante sorteio), dos pontos de venda e troca dos ingressos, bem como de seus valores, etc. O Estatuto estabeleceu ainda a exigência de que os principais campeonatos nacionais de cada modalidade fossem disputados segundo o modelo dos “pontos corridos”, determinando que os participantes fossem selecionados e classificados exclusivamente segundo critérios técnicos claros e pré-definidos (aplicando-se o mesmo à ascensão ou o descenso para outras divisões), impedido assim a participação de equipes mediante convite.

A nova legislação procurou também garantir a oferta de melhores condições de conforto, segurança e organização aos torcedores nas arenas esportivas, exigindo por exemplo a expedição de laudos técnicos de higiene e segurança junto às autoridades públicas (polícia, bombeiros, vigilância sanitária, etc.) como condição fundamental para a utilização das instalações esportivas, coibindo ainda a atuação de cambistas, a prática de preços abusivos e a superlotação dos estádios. Para tanto, os torcedores passam a ter o direito (ou a obrigação, dependendo do ponto de vista) de ocupar um lugar específico e numerado dentro do estádio, conforme designado em seu bilhete.

A segurança foi um dos principais temas abordados pelo Estatuto do Torcedor, que se preocupou principalmente em coibir a ocorrência de episódios de violência entre torcedores. Nesse sentido, o documento reforça a proibição do ingresso de torcedores nos estádios portando substâncias ilícitas, vedando ainda a utilização de fogos de artifício e “engenhos pirotécnicos” em geral, bem como de

quaisquer substâncias e objetos que possam gerar ou possibilitar a prática de atos de violência; proibiu-se também a utilização de faixas, bandeiras, cartazes e a entonação de cânticos que apresentem conteúdo considerado ofensivo ou discriminatório.

Na medida em que as torcidas organizadas costumam ser amplamente responsabilizadas pela opinião pública, em geral, e pelas autoridades do governo, em particular, como as principais responsáveis pela ocorrência de episódios de violência nos estádios, algumas medidas estabelecidas pelo Estatuto do Torcedor são destinadas a regular e punir especificamente a atuação dessas organizações. Nesse sentido, após a atualização da legislação em 2010, as torcidas organizadas de todo o país se viram obrigadas a assinar um Termo de Ajuste de Conduta (TAC), sob pena de passarem a ser consideradas ilegais. No caso específico do Rio de Janeiro, o termo proposto pelo Ministério Público foi assinado em 2011, num acordo que incluiu também Ministério do Esporte, Polícia Militar, Superintendência de Desportos do Estado do Rio (Suderj) e Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ)⁷.

Ao assinarem o TAC, as torcidas organizadas se comprometeram a adequarem sua conduta às normas estabelecidas pelo Estatuto do Torcedor, e a colaborarem com a prevenção e o combate à violência nos estádios, atuando em parceria com as autoridades do governo e forças de segurança, com destaque para o GEPE – Grupamento Especial de Policiamento em Estádios. Nesse sentido, foram obrigadas a se converter em pessoas jurídicas de direito privado, na modalidade associação, elaborar e registrar seus estatutos em cartório, e fazer um cadastramento de todos os seus membros, emitindo carteirinhas de identificação. Em caso de descumprimento das normas gerais estabelecidas pelo Estatuto do Torcedor, ou de pontos específicos acordados na adesão ao TAC, são previstas punições que incluem desde a proibição de ingressar no estádio portando uniformes, bandeiras e instrumentos musicais, até o pagamento de multas, a suspensão pelo período máximo de três meses, ou banimento pelo período máximo de três anos.

O Estatuto do Torcedor consiste, portanto, na principal legislação destinada ao controle do comportamento dos torcedores nos estádios, podendo ser apontado como o dispositivo jurídico que serve de base ao projeto de domesticação do público

⁷ <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2011/06/torcidas-organizadas-do-rio-firmam-acordo-e-terao-de-cadastrar-integrantes.html>

inerente ao processo de arenização dos estádios brasileiros, desencadeado pela realização da Copa de 2014, no Brasil, e dos Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro. No próximo capítulo, abordo mais detidamente o processo de arenização dos estádios, com ênfase para o caso específico do Maracanã.

3 O PROCESSO DE “ARENIZAÇÃO” DOS ESTÁDIOS E O CASO ESPECÍFICO DO MARACANÃ

Neste capítulo, realizo uma breve abordagem sobre os estádios de futebol, destacando alguns aspectos sócio-espaciais que caracterizam essa estrutura arquitetônica. Junto a isso, faço também um resumo da evolução deste equipamento esportivo ao longo do tempo, abarcando um processo histórico que culminou com a transformação dos antigos estádios de massa da modernidade em arenas *all-seater* multiuso, elitizadas e disciplinarizadas, a partir da década de 1990. Nesta primeira etapa, adoto como principal referência teórica o trabalho de John Bale, autor ligado à área da geografia cultural que se notabilizou por sua dedicação ao movimento de formação e consolidação da geografia dos esportes como um campo específico de investigação. Num segundo momento, avanço em direção a uma abordagem mais detida sobre o Estádio Jornalista Mario Filho – o Maracanã –, realçando sua importância como patrimônio cultural e como espaço historicamente associado à cultura popular, bem como as profundas transformações às quais foi submetido em tempos recentes, com vistas à adequação de suas estruturas à condição de sede da Copa da FIFA de 2014 e dos Jogos Olímpicos (de Verão) de 2016.

3.1 A evolução das “paisagens esportivas” e dos estádios de futebol

O geógrafo inglês John Bale pode ser considerado o grande pioneiro e, ainda hoje, o nome mais importante da Geografia dos Esportes, tendo se dedicado ao processo de constituição desse campo de estudos desde o início da década de 1980. Dono de uma vasta produção sobre o tema, ele procurou destacar, em várias de suas obras – dentre elas, *The Landscapes of Modern Sports* (1994) e *Sports Geography* (2003), que utilizamos aqui como referência – a importância do esporte como fenômeno sócio-espacial e, por conseguinte, enquanto objeto de estudos da geografia, ressaltando também, de modo inverso, as contribuições que o desenvolvimento de uma perspectiva tipicamente geográfica poderia oferecer ao

esforço multi ou transdisciplinar de compreensão do fenômeno esportivo – o qual, a despeito de seu alcance global e de sua marcante presença no cotidiano das sociedades modernas, continuava a ser amplamente ignorado e menosprezado no âmbito acadêmico, sendo tratado como um tema de menor ou nenhuma relevância e, por isso, indigno de maior atenção por parte dos intelectuais.

Num gesto típico do momento de formação de uma nova área de pesquisa, Bale denuncia, então, a escassez de trabalhos existentes sobre o tema na geografia, e procede a um levantamento das poucas produções que versaram de algum modo sobre o esporte, direta ou indiretamente, nesta e em outras disciplinas, mobilizando também algumas referências teóricas bem estabelecidas, que poderiam contribuir para a constituição do novo objeto por ele proposto. Após elencar e cotejar esses antecedentes bibliográficos, ele apresenta finalmente sua proposta original, que tem como principal formulação a noção de “paisagem esportiva” – um tipo de paisagem cultural típico da modernidade.

Segundo Bale, um dos fatores que fazem do esporte um objeto fundamental da geografia é o seu impacto sobre a conformação da paisagem cultural moderna. A construção de estruturas físicas especificamente para a prática esportiva produz um tipo de paisagem muito peculiar em termos sócio-históricos, marcado pela acentuada tendência de racionalização presente nas sociedades modernas como um todo. Para melhor caracterizar esse espécime paisagístico, Bale remonta aos antecedentes históricos dos esportes modernos, enfatizando a dinâmica sócio-espacial dos jogos – ou melhor, das “culturas corporais” – desenvolvidos em outras formações culturais, e em outros períodos da história.

O termo realçado na sentença anterior foi tomado de empréstimo por Bale junto a Henning Eichberg, sociólogo e historiador alemão por ele arrolado como um dos precursores da abordagem científica dos esportes. Em síntese, o conceito de “cultura corporal” – ou ainda, “cultura de movimento” – designa os diferentes padrões (coletivos) de uso do corpo, encontrados em diferentes formações sociais – tanto no plano sincrônico, como no plano diacrônico – ou mesmo, em diferentes grupos, segmentos e contextos, no âmbito de uma mesma sociedade. Bale recorre a este conceito para evitar uma dicotomização simplista entre atividades “esportivas” e “não-esportivas”, e para não incorrer em algum tipo de imposição ou sobreposição de significados, efeito indesejável que seria esperado no caso da utilização

indiscriminada do termo “esporte”, tendo em vista a especificidade cultural e histórica deste fenômeno.

Adaptando uma assertiva de Henning, para quem diferentes “culturas corporais” produziram diferentes tipos de corpos, Bale afirma que elas corresponderiam também a diferentes tipos de paisagens. Na Antiguidade Clássica, por exemplo, as culturas corporais de gregos e romanos eram marcadas pela valorização dos exercícios físicos e pela existência de uma série de competições atléticas, que se davam sob a forma de rituais religiosos e podiam ser entendidas como uma expressão da belicosidade característica do *ethos* desses povos. Em termos sócio-espaciais, podemos destacar que essas competições eram realizadas em espaços mais ou menos específicos, mas com um nível ainda muito baixo de padronização, em comparação com a paisagem esportiva da modernidade. Isso significa que as competições atléticas não eram disputadas num espaço qualquer, observando-se inclusive a construção de equipamentos próprios para a sua realização: os estádios. Esse termo origina-se do grego *stadion*, que designava os postes de madeira instalados para sinalizar o início e o fim das corridas a pé helênicas. Com o passar do tempo, o vocábulo foi estendido para abarcar toda a estrutura física onde eram realizadas as competições, incluindo nesse conjunto o espaço destinado aos espectadores. Esses estádios, no entanto, não eram construídos segundo um modelo bem definido, podendo apresentar dimensões muito variáveis, nem eram utilizados exclusivamente para a realização dos jogos.

Se a Antiguidade Clássica pode ser considerada o momento de nascimento do estádio na cultura ocidental, a Idade Média, por sua vez, pode ser entendida como um período de declínio dessa estrutura, algo que se deu em consonância com o ocaso de todo o *modus vivendi*, das “culturas corporais” e das competições que lhe serviam de fundamento. Na era medieval, muitos estádios continuaram existindo enquanto estruturas físicas – e muitos perduram até os dias de hoje, eternizando-se como vestígios arqueológicos –, mas tiveram sua natureza funcional drasticamente alterada. Em vez de servirem como sítios para a realização de competições atléticas, eles passaram a ser utilizados como abrigos por pequenos povoados, tornando-se uma espécie de mini-feudo ou fortaleza. Mesmo sem estádios, no entanto, uma grande multiplicidade de jogos continuou a existir durante a Idade Média, com destaque para os “jogos de bola” que deram origem ao futebol.

Como vimos no primeiro capítulo, os jogos medievais se caracterizavam por elevados níveis de violência e desorganização, principalmente quando avaliados sob o prisma dos valores modernos. Em linhas gerais, esses jogos não tinham regras fixas e universais, sendo disputados segundo normas que variavam muito de lugar para lugar, de jogo a jogo, ou mesmo ao longo de uma mesma partida, não se observando também a existência de qualquer tipo de autoridade ou organismo constituído que fosse responsável pela elaboração e aplicação de regras oficiais. Em meio a esse estado geral de desregulamentação, não se observava, tampouco, a imposição de padrões temporais e espaciais bem definidos, que servissem como parâmetros gerais para a organização das disputas.

Segundo Bale, os jogos medievais eram disputados em paisagens pré-existentes, que geralmente consistiam em espaços abertos, muito extensos e de uso comum. Nesse sentido, não havia qualquer tipo de especialização em termos espaciais, ou seja, os espaços utilizados para a realização dos jogos não eram construídos especialmente para isso, nem eram utilizados exclusivamente para tanto. Tratava-se, na verdade, de espaços multifuncionais, utilizados simultaneamente para diferentes fins e por diferentes atividades. Os jogos de bola, por exemplo, eram disputados em grandes extensões de terra, no meio rural, ou nas ruas, calçadas e praças das cidades, dividindo o espaço com o comércio, a agricultura, a criação de gados, etc.

Além da ausência de especialização, não se observava também qualquer tipo de especificação ou padronização do “campo de jogo”, que podia apresentar dimensões e formatos muito variáveis. Também não existia uma definição muito clara dos limites do local de disputa, de modo a estabelecer com clareza onde ele começava e onde terminava, onde a ação era permitida, ou proibida, etc. Num jogo de bola disputado entre dois vilarejos, por exemplo, o local da partida podia estender-se por muitos quilômetros, abarcando rios, lagos e toda sorte de acidentes geográficos que se colocassem no meio do caminho dos competidores. Sem uma determinação precisa dos limites do campo, não se observava também uma separação nítida entre jogadores e espectadores, que podiam alternar seus papéis ao longo dos certames. Em suma, o impacto dos jogos medievais sobre a paisagem cultural de seu tempo foi relativamente pequeno, tendo em vista a inexistência de estruturas físicas construídas especialmente para a realização das disputas.

Entre os séculos XVIII e XIX, no entanto, diversos jogos da tradição popular europeia – sobretudo no Reino Unido – foram submetidos a um processo de esportivização, sendo dotados de regras fixas e universais, que os tornaram muito mais organizados e menos violentos. Como vimos, a conversão dos jogos tradicionais em esportes pode ser apontada como uma das maiores expressões das tendências de racionalização e civilização que marcam o advento da modernidade. Com a ascensão de uma nova “cultura de movimento”, as competições físicas passaram a ocorrer dentro de parâmetros temporais e espaciais muito bem definidos, e cada vez mais precisos, o que se deu no âmbito de um movimento progressivo de especialização, especificação e padronização dos espaços destinados aos esportes. Nesse contexto, testemunhamos o ressurgimento dos estádios, que, ao lado de outras estruturas físicas especializadas, compõem aquilo que Bale denomina de “paisagens esportivas”.

Desde a Idade Média, os jogos tradicionais foram constantemente perseguidos pelas autoridades e pelas camadas sociais mais abastadas, em virtude da desordem a eles associada. Além das inúmeras tentativas frustradas de proibição, outra forma de lidar com esse problema era a designação de determinados espaços onde sua realização era permitida, os quais geralmente se localizavam em áreas ermas e periféricas, a uma distância longa e segura o bastante das propriedades e atividades que se queria proteger. Posteriormente, quando os jogos já vinham sendo convertidos em esportes, no interior dos colégios e das universidades britânicas, uma estratégia semelhante de especialização e controle foi adotada pelas autoridades.

Na Inglaterra, durante a Era Vitoriana, inúmeros parques e praças foram concebidos e construídos como espaços próprios para as atividades de lazer e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da prática esportiva. Essa era uma forma de garantir não só que essas atividades lúdicas e revigorantes tivessem um local apropriado para a sua realização, mas também de evitar que elas viessem perturbar os domínios consagrados a outras atividades. Em ambos os casos, deparamo-nos com um mecanismo de “territorialização”, acionado em consonância com um modelo funcional de espacialização, típico da modernidade. O conceito de “territorialização”, empregado por Bale, resulta de um desdobramento da noção de “territorialidade”, elaborada originalmente pelo geógrafo Robert Sack, para referir-se

ao espaço como um objeto do exercício e das disputas de poder entre indivíduos e grupos.

À medida que os esportes foram se desenvolvendo e se individualizando, ganhando em competitividade e tornando-se formas espetacularizadas de divertimentos, o processo de racionalização espacial avançou. Assim, surgiram equipamentos especializados, destinados à prática e à assistência de modalidades esportivas específicas, tais como os hipódromos, velódromos, quadras de tênis, campos de golfe e de críquete, estádios de futebol, de rúgbi, etc. Com a constituição desses espaços fixos, relativamente fechados e auto-segregados, os terrenos abertos, amplos e multifuncionais, onde eram disputados os jogos tradicionais no período pré-moderno, deram lugar à monocultura e ao cercamento, aspectos que caracterizam as paisagens esportivas da modernidade – ou de modo mais abrangente, as paisagens modernas, como um todo.

Inicialmente, porém, as instalações esportivas eram muito simples, não se observando nem mesmo, durante algum tempo, uma separação muito nítida entre jogadores e espectadores. Para Bale, o delineamento dessa fronteira, que se deu mediante a demarcação precisa e explícita dos limites do “campo de jogo”, pode ser apontado como um dos grandes marcos que sinalizam a transição dos jogos tradicionais para os esportes modernos.

No caso do futebol, por exemplo, o local da partida era delimitado, num estágio inicial, por meio da colocação de uma bandeira em cada vértice do retângulo imaginário formado pelo campo de jogo. Num segundo momento, os quatro lados desse retângulo foram desenhados à base de cal e tinta branca, tornando visíveis e inequívocas as linhas que margeiam o gramado. À delimitação das bordas do campo seguiu-se o delineamento de algumas subdivisões internas, tais como a grande área, a linha do meio-campo e o círculo central. Posteriormente, a separação entre jogadores e espectadores tornou-se mais rígida e ostensiva, sendo reforçada pela interposição de barreiras físicas entre eles – cordas, arames, cercas, fossos, grades, muretas, etc. –, além da utilização de agentes especializados de segurança.

É importante ressaltar que esse processo de delimitação e segmentação dos locais de disputa se deu a partir da especificação de parâmetros espaciais muito precisos, impostos por regulamentos oficiais e unificados. A adoção de regras universais visava tornar possível a organização de disputas entre equipes oriundas

de regiões diferentes, abarcando uma área cada vez maior ao longo do tempo, até atingir uma escala efetivamente global. A ampliação dessa base geográfica de “jurisdição” foi acompanhada pelo estabelecimento de especificações cada vez mais minuciosas, versando sobre aspectos variados, tais como as dimensões e o formato do campo, e até mesmo os tipos de materiais ou terrenos que poderiam ser utilizados em sua construção.

Segundo Bale, esse processo de padronização, que levou à homogeneização das paisagens esportivas, tinha também por finalidade tornar as disputas mais justas – em conformidade com o espírito do *fair play* –, facilitando, ao mesmo tempo, a comparação das performances dos atletas e o registro de recordes. Nesse sentido, os estádios foram concebidos como não-lugares, mas vivenciados como lugares pelos torcedores, que desenvolveram uma relação de topofilia com essas estruturas arquitetônicas.

Com a transformação dos esportes em espetáculos de massa, o processo de racionalização espacial avançou também em direção aos espaços destinados aos espectadores. Num primeiro momento, como já mencionamos, as instalações esportivas eram muito simples e pouco demarcadas em relação à paisagem ao seu redor. Os primeiros terrenos utilizados para a prática do futebol, por exemplo, eram dotados apenas de uma área, muito mal delimitada, correspondente ao campo de jogo, algumas instalações destinadas a uma platéia bastante reduzida e, eventualmente, um casebre utilizado como vestiário pelos jogadores.

Com o gradativo aumento do interesse pelo esporte, e o incremento numérico do público, que se aglomerava desordenadamente em volta do gramado, tornou-se necessária uma separação mais rígida entre jogadores e espectadores, o que levou ao delineamento explícito do campo de jogo e à instalação de barreiras físicas para reforçar essa segmentação. A grande popularidade alcançada pelo futebol a partir da década de 1870, na Inglaterra, permitiu que o esporte fosse convertido numa mercadoria, ou seja, que começassem a ser vendidos ingressos aos torcedores que se interessassem em assistir às partidas. Para tanto, foi necessária a construção de muros para cercar completamente os locais das partidas, de modo a fazer dos jogos um evento efetivamente exclusivo para aqueles que comprassem ingressos. De certo modo, foi somente a partir desse momento, quando se deu o total cercamento

ou muramento do campo de jogo, que os estádios modernos de futebol surgiram como uma estrutura arquitetônica diferenciada.

No interior desses primeiros estádios, geralmente construídos à base de madeira e concreto, e localizados em áreas centrais, o público foi distribuído em diferentes setores, segundo um critério sócio-econômico básico: quanto mais caros os ingressos adquiridos, melhores as condições de conforto, segurança e visibilidade do setor a cujo acesso se tinha direito. Segundo Richard Giulianotti (2010), o modelo clássico dos estádios ingleses, que teve como grande projetista o arquiteto Archibald Leitch, era composto por

(...) três arquibancadas abertas sobrepostas por uma grande arquibancada coberta, com duas fileiras. Os primeiros campos tinham frequentemente forma elíptica e uma arquibancada aberta inclinada que era vista como uma variação barroca dos majestosos anfiteatros romanos. Mais tarde, como as finanças e o espaço central das cidades levaram a limitações, os campos passaram a ser retangulares, acompanhando os parâmetros do gramado e colocando os espectadores mais perto do jogo. As classes foram o centro da etnologia social dos campos de futebol tradicionais. Os diretores e o público de classe média apropriavam-se dos assentos mais caros da arquibancada coberta; o grande público da classe operária ficava em pé nas arquibancadas abertas. No norte da Inglaterra, muitos campos retangulares possuíam elevadas arquibancadas atrás dos gols. (p.94)

Essas arquibancadas, mencionadas por Giulianotti no fim da passagem supracitada, eram os *terraces* – ou *kops*, como também eram chamadas pelos torcedores do norte da Inglaterra –, que consistiam em estruturas muito íngremes, compostas por vários lances de degraus, e localizadas atrás das balizas. Como nos diz o autor, esse era o setor mais barato e desconfortável dos estádios, pois nele os torcedores dispunham de um péssimo ângulo de visão do campo, tinham de assistir às partidas de pé, ao relento – ou seja, expostos ao sol, à chuva e, até mesmo, à neve – e, muitas vezes, espremidos uns contra os outros, nos jogos para os quais ocorriam grandes multidões. Por serem os setores mais baratos dos estádios, atraíam um grande contingente de torcedores oriundos, principalmente, das classes trabalhadoras, que costumavam se comportar de um modo mais vibrante e participativo – e, por serem os setores mais desconfortáveis, ofereciam uma parte dos obstáculos que esses torcedores se vangloriavam de superar, como uma forma de sacrifício que faziam em nome da paixão por seus clubes.

Podemos afirmar que esse modelo de estádio vigorou, mais ou menos, até o fim da década de 1980. Nesse intervalo, porém, foram surgindo novas formas de segmentação do público, algumas baseadas em critérios sócio-econômicos – como a criação de camarotes e boxes executivos –, e outras, motivadas por questões de segurança (King, 1995; Giulianotti, 2010). Embora alguns setores fossem melhores que outros, de modo geral, os estádios apresentavam estruturas físicas muito precárias e ofereciam péssimas condições de conforto e segurança aos espectadores de todos os segmentos. Além disso, observava-se um estado geral de desorganização, principalmente no que diz respeito à logística da compra e venda de ingressos, e do movimento de entrada e saída do público nos estádios. Nesse sentido, eram comuns os problemas ligados ao cambismo e à hiperlotação, por exemplo, que contribuíam para a eclosão de tumultos, confusões e brigas entre os torcedores (King, 1995; Giulianotti, 2010).

Entre as décadas de 1960 e 1980, como vimos, o futebol inglês passou por uma grave crise, que envolveu, dentre outros fatores, o recrudescimento da violência entre os torcedores e a queda das médias de público nos estádios. Essa situação foi agravada pela ocorrência de diversas tragédias nos estádios ingleses, as quais resultaram num grande número de mortos e feridos. Uma das formas pelas quais as autoridades procuraram lidar com esse grave problema foi a criação de novas medidas de segmentação e controle do público. Assim, primeiramente, os torcedores de cada clube passaram a ser segregados em diferentes setores dos estádios. Depois, os setores mais populares foram subdivididos em seções menores, chamadas *pens*, que eram semelhantes a pequenos “currais” ou “cercadinhos”, e visavam reduzir a liberdade de movimento da multidão durante as partidas. Essas medidas foram acompanhadas ainda pela instalação de câmeras de segurança, dentro e fora dos estádios, e de barreiras físicas mais ostensivas entre os próprios espectadores, bem como entre o público e os jogadores – fazendo com que os estádios se tornassem ambientes ainda mais hostis e cada vez mais parecidos com as prisões (King, 1995; Giulianotti, 2010).

As novas medidas adotadas não foram suficientes, no entanto, para impedir que novas tragédias acontecessem. Dentre os graves incidentes registrados, merece destaque o famoso desastre de Hillsborough, que ocorreu num jogo entre Liverpool e Nottingham Forest, válido pela semifinal da Copa da Inglaterra de 1989,

e terminou com a morte de 96 torcedores, em decorrência da hiperlotação de um dos setores do estádio (King, 1995; Giulianotti, 2010). Num primeiro momento, as autoridades policiais procuraram atribuir a culpa pelo desastre aos próprios torcedores do Liverpool, mobilizando para tanto o fantasma do *hooliganismo*. Contudo, um relatório encomendado pelo governo apontaria, pouco tempo depois, que o desastre teria sido causado, em grande medida, pela negligência das autoridades – primeiro, por terem permitido a hiperlotação de um dos setores do estádio e, depois, por terem demorado a atender aos apelos dos torcedores, que clamavam pela abertura dos portões, para não morrerem esmagados ou sufocados (King, 1995; Giulianotti, 2010).

O Relatório Taylor – como ficou conhecido o documento elaborado pelo Lorde Taylor de Gosforth, Chefe de Justiça do Governo Thatcher – tornou-se um divisor de águas na história do futebol inglês, produzindo efeitos que teriam repercussão numa escala mundial (King, 1995; Giulianotti, 2010). Além de ter inovado na busca pelas causas de uma tragédia como a de Hillsborough – atribuindo maior responsabilidade às autoridades, e não aos próprios torcedores – o relatório determinou uma série de recomendações, visando tornar mais dignas e seguras as condições oferecidas aos torcedores nas instalações esportivas. Dentre as medidas sugeridas, destaca-se a recomendação de que os estádios fossem adaptados de modo a permitir que todos os espectadores pudessem assistir aos jogos acomodados em assentos numerados. Além disso, todas as grades de contenção – tanto em volta do gramado, como nas divisões entre os diferentes setores das arquibancadas – deveriam ser abolidas, e as vias de entrada e saída do público, ampliadas (King, 1995; Giulianotti, 2010).

Exibindo uma perspectiva democrática do esporte, Taylor defendeu ainda a criação de canais de comunicação com os torcedores, e que os custos gerados pelas reformas de adaptação dos estádios não resultassem na elevação dos preços dos ingressos (King, 1995; Giulianotti, 2010). Para tanto, seria criado um fundo especial para auxiliar os clubes. Depois de analisadas e debatidas, as recomendações feitas pelo Chefe de Justiça foram reunidas num relatório final, em 1990, servindo de base para a criação de novas diretrizes legais, aplicadas aos estádios dos clubes da primeira e segunda divisões do futebol inglês e do País de Gales (King, 1995; Giulianotti, 2010).

Embora tenha tratado de um problema real e muito grave do futebol inglês, demonstrando ainda grande sensibilidade a respeito da importância do futebol enquanto elemento da cultura popular, o Relatório Taylor acabou servindo de base para o início de um processo que levaria à transformação dos antigos “estádios de massa” em arenas *all-seater* multiuso, elitizadas e disciplinarizadas (King, 1995; Giulianotti, 2010). Isso porque, no contexto de elaboração do documento, o futebol inglês vinha passando por profundas reformas de liberalização econômica. Como resposta à crise vivenciada desde os anos de 1960, os clubes adotaram, a partir da década de 1980, um modelo de gestão empresarial, passando a tratar o futebol mais abertamente como uma mercadoria, e os torcedores como consumidores. Os problemas apontados pelo Relatório Taylor e, sobretudo, as recomendações gerais nele contidas, abriram caminho para que este processo mais amplo de comoditização chegasse aos estádios (King, 1995; Giulianotti, 2010).

Os custos gerados pela reforma dos estádios ingleses, ou pela construção de novos equipamentos, resultaram numa dramática elevação do preço dos ingressos, a despeito das ressalvas originalmente feitas por Lorde Taylor (King, 1995; Giulianotti, 2010). Para arcar com os gastos das obras, e para tornar os estádios rentáveis, mesmo quando não recebessem jogos de futebol, os clubes os conceberam como equipamentos multiuso, transformando-os em complexos de entretenimento, incluindo lojas, restaurantes, cinemas, teatros, casas de show, amplos estacionamentos, etc. Segundo Bale (1994; 2003), na pós-modernidade, os *stadiums* foram transformados em *tradiums*, sendo construídos como espaços de consumo, à semelhança de *shopping centers*.

Oferecendo excelentes condições de conforto e segurança – as quais, diga-se de passagem, excedem em muito aquilo que é oficialmente exigido pela lei –, os clubes ampliaram os setores de luxo dos estádios e passaram a cobrar muito mais caro pelos ingressos, visando, com isso, atrair um novo tipo de audiência. Assim, no lugar do público mais tradicional dos antigos estádios de massa, formado majoritariamente por homens das classes trabalhadoras, as arenas recebem, atualmente, uma assistência composta, em sua maioria, por famílias de classe média e alta – mudança de perfil que pode ser interpretada, em si mesma, como mais uma medida de segurança, baseada em preconceitos de classe, na medida em

que o novo público seria presumidamente muito mais ordeiro, além de mais consumista (King, 1995; Holzmeister, 2005; Giulianotti, 2010; Mascarenhas, 2014).

Esse novo modelo de estádio, originalmente forjado no âmbito do futebol inglês, logo foi incorporado pela UEFA e pela FIFA, tornado-se um paradigma para o futebol mundial (King, 1995; Holzmeister, 2005; Giulianotti, 2010; Mascarenhas, 2014). Nesta nova ordem, os estádios teriam se tornado espaços muito mais seguros e confortáveis, porém menos emocionantes, seja pela rigidez das normas disciplinares impostas aos espectadores, seja pelo próprio perfil sócio-econômico do novo público. Na sequência, abordo como se deu o processo de “arenização” no caso particular do Maracanã.

3.2 Maracanã: de estádio de massa à arena all-seater multiuso

O Estádio Jornalista Mário Filho – o Maracanã⁸, ou simplesmente, “Maraca” – foi inaugurado em 1950, para ser o principal estádio do campeonato mundial de futebol, realizado no Brasil naquele ano (Moura, 1998; Sérgio, 2000). Esta seria a quarta edição da competição, e a primeira realizada após um longo intervalo de doze anos, em virtude da segunda guerra mundial. Com capacidade para cerca de 200 mil torcedores, o “gigante de concreto” sustentou por muito tempo a condição de “maior estádio de mundo”. Ele foi concebido como um espaço popular e democrático, destinado a receber grandes multidões, oriundas de todos os segmentos sociais, mas principalmente das classes trabalhadoras (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

A primeira copa do mundo aconteceu em 1930, no Uruguai, sendo vencida pelos anfitriões. Quatro anos depois, realizou-se a segunda edição, na Itália, e a vitória ficou novamente com os donos da casa. Em 1938, a competição foi realizada na França, e dessa vez os italianos conquistaram seu segundo título. Nas copas de 1930 e 1934, a equipe brasileira teve péssimas participações, sendo precocemente eliminada. Em 1938, porém, o Brasil conquistou o terceiro lugar e teve a qualidade

⁸ Nome do bairro onde foi construído o estádio, localizado na região da Grande Tijuca, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

de seu futebol reconhecida internacionalmente (Mascarenhas, 2014, Moura, 1998; Pereira, 2000; Proni, 1998).

O Brasil foi escolhido como sede da copa em 1946, mas o governo brasileiro já tinha planos para sediar a competição desde 1938, quando se deu a melhor participação da seleção nacional num campeonato do mundo, até então (Moura, 1998). Embora não tenha conquistado o título, a seleção recebeu muitos elogios da imprensa internacional, principalmente dos jornalistas franceses. Eles se mostraram encantados com as qualidades do futebol apresentado pelos brasileiros. Além de muito técnicos, nossos jogadores atuavam de um modo diferente, em comparação com os europeus, num estilo mais ofensivo e plástico, caracterizado pela beleza e profusão de dribles. Dentre eles, destacava-se o craque Leônidas da Silva, apelidado de “homem-borracha”, pela elasticidade demonstrada em suas performances na copa (Mascarenhas, 2014, Moura, 1998; Pereira, 2000; Proni, 1998).

A excelente participação da seleção, neste campeonato, motivou também os primeiros escritos de Gilberto Freyre sobre as peculiaridades do futebol brasileiro: em oposição ao futebol-científico, ou futebol-força, praticado pelos europeus, baseado no preparo físico, na disciplina, em esquemas táticos, no jogo coletivo, na priorização da defesa e na busca por resultados, o futebol-arte brasileiro teria um aspecto mais lúdico, assemelhando-se a uma dança dionisíaca, e suas principais características seriam o improviso, a criatividade individual e a malandragem (Damo, 2002; Toledo, 2000). A singularidade do estilo brasileiro seria um produto da miscigenação racial que se encontra na base da formação de nossa cultura. Na tese freyriana sobre o mulatismo brasileiro, destaca-se a influência recebida dos povos negros africanos, aproximando o futebol de outras formações culturais híbridas, tipicamente brasileiras, como o samba e a capoeira (Damo, 2002; Toledo, 2000).

As representações elaboradas por Freyre se encontram na base da construção de uma relação consagrada entre futebol, cultura popular – ou cultura negra – e identidade nacional, a partir da década de 1930. O futebol chegou ao Brasil no fim do século XIX, como uma prática elitista e amadora. Aos poucos, ele foi sendo apropriado pelas camadas populares, tornando-se uma atividade profissional, oficialmente, em 1933. Essa transformação contribuiu para a popularização e democratização do futebol, permitindo a contratação, pelos clubes, de jogadores

negros e mulatos, oriundos das camadas mais pobres da população, e estimulando, por conseguinte, o crescimento do número de torcedores provenientes desse mesmo estrato social (Murad, 1996; Pereira, 2000).

Nesse período, o Brasil era governado por Getúlio Vargas, que promoveu uma política de valorização da cultura popular, tomando-a como base para a construção da identidade nacional. Algo semelhante vinha sendo proposto, desde a década de 1920, pelo movimento modernista, liderado por artistas como Oswald de Andrade e Mario de Andrade. Nesse contexto, práticas marginalizadas como o samba, a capoeira e o futebol, que até então eram perseguidas pelas autoridades, como sinônimo de vadiagem, passaram a ser interpretadas e valorizadas como produções culturais tipicamente brasileiras (Toledo, 2000).

O sucesso do escrete brasileiro na copa da França contribuiu para a intensificação da exploração política que já se vinha fazendo da relação entre futebol e identidade nacional. Associar-se ao futebol passou a ser visto como uma poderosa fonte de popularidade, um mecanismo acionado para conquistar confiança, simpatia, apoio e, principalmente, votos junto ao povo. Desse modo, tornou-se comum, por exemplo, a realização de discursos políticos e eventos cívicos nos estádios de futebol, com destaque para aqueles promovidos em São Januário e no Pacaembu, que eram as duas maiores praças esportivas do Brasil no período anterior à construção do Maracanã. Localizado em São Paulo, o Pacaembu foi o primeiro estádio público construído no Brasil. Ele foi inaugurado em 1940 e tinha capacidade para cerca de 70 mil torcedores (Mascarenhas, 2014; Moura, 1998; Proni, 1998; Toledo, 2000).

No ano seguinte, Vargas criou o Conselho Nacional de Desportos (CND), órgão ligado ao Ministério de Educação e Saúde, que seria responsável especificamente pela organização dos esportes no. A construção do Pacaembu e a fundação do CND dão mostras da importância política que os esportes haviam alcançado no país, com destaque para o futebol Brasil (Moura, 1998; Proni, 1998). Em 1941, foram feitas também as primeiras tentativas de construção de um grande estádio público na capital federal, iniciativa que se mostrava pertinente em virtude da intenção do governo de sediar o campeonato mundial de futebol. A presença de um grande estádio era entendida como um símbolo de modernidade, constituindo-se como um equipamento fundamental para uma metrópole como o Rio de Janeiro.

Havia, ainda, a percepção de que os estádios existentes na capital já não eram suficientes para atender à grande demanda criada pelos torcedores cariocas. Por fim, a rivalidade entre as duas maiores cidades do Brasil também deve ser apontada como um fator importante, na medida em que o maior estádio do país se localizava em São Paulo, naquele momento. Enquanto capital, entendia-se que o Rio deveria ter sempre uma posição de vanguarda e liderança, mantendo-se à frente das demais cidades brasileiras (Moura, 1998).

Nesse sentido, Gustavo Capanema, ministro de educação e saúde, chegou a abrir concurso público para a escolha de um projeto arquitetônico para aquele que seria chamado, futuramente, de Estádio Nacional. Contudo, o projeto vencedor não agradou ao ministro e, por isso, não saiu do papel. Além disso, a prefeitura do Rio também se mobilizou paralelamente para a construção do estádio, elaborando um projeto arquitetônico independente. As disputas políticas entre o governo federal e o município do Rio de Janeiro, em torno do prestígio que seria conferido pela condução das obras, impediram que a construção do estádio fosse sequer iniciada. Além disso, deve-se destacar que o cancelamento das copas de 1942 e 1946, em virtude da segunda guerra mundial, invalidou parte significativa dos argumentos levantados para justificar o aporte de verbas públicas para a construção de um grande estádio (Moura, 1998).

Com o fim da guerra, em 1945, a FIFA retoma a normalidade de suas atividades e decide promover uma nova copa do mundo, a ser realizada, a princípio, em 1949. O Brasil se lança, então, como candidato para sediar a competição, vislumbrando na realização do evento uma grande oportunidade para mostrar ao mundo seu potencial. Naquele momento, a copa do mundo já havia se constituído como uma das principais competições esportivas, em escala global, ao lado dos jogos olímpicos. A organização do evento atrairia, assim, as atenções de todo o mundo para o Brasil, oferecendo uma grande oportunidade de propaganda para o governo, que almejava conquistar uma posição de destaque para o país na nova ordem mundial (Moura, 1998).

Em 1946, o país foi oficialmente escolhido como sede da copa, num congresso da FIFA, realizado em Luxemburgo. Como a Europa se encontrava destruída pela guerra, optou-se pela realização da competição na América do Sul, onde o esporte era muito popular, e a escolha do Brasil foi quase unânime. A única

exceção ficou por conta da Argentina de Perón, que também tinha planos para sediar a copa e, por isso, foi o único país a não apoiar a candidatura brasileira. A escolha do Brasil como sede da copa se deu, em parte, pelo bom momento político, econômico e social experimentado pelo país no contexto do pós-guerra. Na época, o Brasil já vivia sob o regime democrático, e sua economia encontrava-se em pleno desenvolvimento, impulsionada pelo processo de substituição de importações, ocorrido durante o conflito mundial. Além disso, deve-se destacar que o país era reconhecido, internacionalmente, como uma “democracia racial”, onde se presumia que os diferentes segmentos étnicos conviviam em plena harmonia, oferecendo, assim, um modelo de sociedade alternativo àquele idealizado pelos nazistas (Mascarenhas, 2014; Moura, 1998; Sérgio, 2000).

A realização da copa era vista como uma valiosa ocasião de publicidade para o governo, mas também oferecia grandes desafios ao país. Se tudo corresse bem, o Brasil poderia conquistar uma posição de destaque no cenário internacional; contudo, se houvesse problemas na organização do evento, as ambições de projeção do país seriam comprometidas. O Brasil havia conquistado a condição de sede, mas ainda havia muito a ser feito para receber a competição, a começar pela construção de um estádio que fosse compatível com a importância do certame (Mascarenhas, 2014; Moura, 1998; Sérgio, 2000).

Inicia-se, então, um período marcado por longas e intensas disputas políticas, envolvendo basicamente dois grupos. De um lado, havia aqueles que defendiam a construção de um grande estádio público na capital federal, concebido como um espaço popular e democrático, e destinado a tornar-se um símbolo da capacidade de realização do povo brasileiro. O novo estádio deveria ser gigantesco para abrigar grandes multidões de torcedores, oriundos, principalmente das classes trabalhadoras, promovendo a integração ente os diferentes segmentos sociais. Dentre os defensores dessa proposta, incluem-se personalidades como o jornalista Mario Filho, dono do Jornal dos Sports; o renomado escritor José Lins do Rego; o jornalista Vargas Netto, sobrinho do ex-presidente Getúlio Vargas; o vereador Ary Barroso, que era também um célebre compositor popular e narrador esportivo; João Lyra Filho e Mario Pollo, presidentes das principais entidades desportivas do Brasil, o CND e a CBD, respectivamente; e, até mesmo, o presidente Eurico Gaspar Dutra

e o prefeito Mendes de Moraes podem ser incluídos nesse grupo (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

Do outro lado, encontravam-se todos aqueles que se opunham, de algum modo, ao projeto grandiloquente do governo, com destaque para a figura de Carlos Lacerda, vereador do distrito federal, à época, e dono do jornal Tribuna da Imprensa. Entre eles, havia vozes mais moderadas, que concordavam com a construção de um novo estádio, mas defendiam projetos diferentes, e havia também opositores mais radicais, que se declaravam totalmente contrários à construção de um novo estádio, questionando até mesmo a realização da copa. De modo geral, o grupo criticava principalmente o uso político do novo estádio pelo governo e alertava para o prejuízo que as obras poderiam causar aos cofres públicos, indicando ainda a necessidade de priorização dos investimentos em outras áreas essenciais à população, como a saúde e a educação (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

Valendo-se da associação entre esporte e saúde, Vargas Netto afirmava que um grande estádio, como o Maracanã, poderia mesmo tornar menos necessários os hospitais, pois representaria um estímulo à prática de esportes pela população. Além disso, como destacou o prefeito Mendes de Moraes em determinada ocasião, o novo estádio ofereceria um espaço propício à manifestação de emoções intensas pelos torcedores, permitindo a sublimação de certas energias que, do contrário, poderiam irromper de modo inconveniente e perturbador na ordem cotidiana (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

Antes de se decidir pela construção do Maracanã, chegou-se a cogitar a ampliação do estádio de São Januário, pertencente ao C.R. Vasco da Gama, mas os custos envolvidos, e a necessidade de remoção de imóveis para a realização das obras fizeram com que essa alternativa fosse descartada. Além disso, a mera ampliação de um estádio existente não teria o mesmo impacto político e simbólico almejado pelo governo. Com isso, o projeto para a construção do novo estádio ganhou força e pode seguir adiante, embora não tenham cessado os conflitos (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

Logo de início, ressurgiram as velhas disputas entre o governo federal e o município do Rio de Janeiro para decidir quem seria o responsável pela realização das obras – ou melhor, para decidir quem poderia desfrutar dos dividendos políticos possibilitados pelo empreendimento. Dessa vez, no entanto, as duas esferas

chegam a um acordo, e o município do Rio vence a disputa, pois apresentava melhores condições financeiras e dispunha de um amplo terreno para a construção do novo estádio. Com financiamento do banco da prefeitura, os custos da empreitada seriam quitados pela venda de cadeiras cativas aos torcedores, e o estádio seria construído no terreno do antigo Derby Club, grande hipódromo desativado, localizado na região da Grande Tijuca. Mais tarde, descobriu-se que, na verdade, o terreno não pertencia à prefeitura, mas sim ao Jockey Club, e o espaço teve de ser recuperado mediante a troca por áreas localizadas no entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

Definido o responsável pela obra, era necessário agora determinar qual seria o projeto arquitetônico do novo estádio. Tendo em vista o pouco tempo disponível para o início da construção, não seria possível abrir um novo processo seletivo; assim, formou-se uma comissão para escolher o melhor projeto, dentre aqueles que já haviam sido produzidos no concurso de 1941. Diante das dificuldades encontradas pela comissão na escolha de um vencedor, os autores das diferentes plantas decidiram unir forças e trabalhar em conjunto (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

O projeto definitivo do Estádio Municipal foi elaborado pelos arquitetos Rafael Galvão, Orlando da Silva Azevedo, Pedro Paulo Bastos e Antônio Augusto Dias Carneiros. À diferença do modelo que vigorava na época, o Maracanã teria um formato elíptico, e não retangular, o que era apontado como uma marca de identidade do novo estádio. A complexidade dessa configuração e a construção de uma imensa marquise de concreto, sem colunas de sustentação, somavam-se à grandiosidade de sua arquitetura para fazer do “colosso do Derby” um monumento à engenhosidade e capacidade de realização do povo brasileiro (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

Originalmente, o estádio teria capacidade para 155 mil torcedores, e faria parte de um grande complexo esportivo, no qual se incluiriam, também, uma arena poliesportiva, instalações específicas para a prática do atletismo e de esportes aquáticos, e ainda uma escola pública. Esse complexo representaria a concretização de um programa mais amplo do governo, que visava oferecer saúde, educação e lazer à população, através do incentivo ao esporte. A ênfase conferida à relação entre esporte e disciplina, no entanto, revelava as ambições civilizadoras que se encontravam na base desse projeto (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

Em agosto de 1947, a proposta para a construção do novo estádio é enviada à Câmara Municipal, iniciando-se um novo ciclo de debates. No Legislativo, as disputas foram polarizadas pelos vereadores Ary Barroso e Carlos Lacerda, ambos filiados à UDN. Dessa vez, a discussão girava em torno, principalmente, da localização do futuro Estádio Municipal. De um lado, o compositor popular Ary Barroso era a principal liderança em defesa do projeto sugerido pela prefeitura, manifestando-se a favor da construção de um grande estádio público na região do antigo Derby Club. Essa área dispunha de uma boa infraestrutura de transportes e se localizava num ponto médio entre a Zona Sul e a Zona Norte, possibilitando a integração da cidade. Carlos Lacerda, por sua vez, defendia a construção de uma vila olímpica em Jacarepaguá, visando estimular o crescimento daquela região (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

Em busca de um argumento inapelável, Barroso encomenda uma pesquisa junto ao Ibope, e o resultado, amplamente favorável à sua proposta, é publicado no *Jornal dos Sports*. Essa pesquisa foi fundamental para que a proposta do governo saísse vencedora da disputa, o que se deu, oficialmente, no fim de outubro de 1947, quando a Câmara finalmente decretou sua aprovação. Seus proponentes conferiram à pesquisa a importância de um plebiscito, afirmando que ela teria revelado o verdadeiro desejo do povo brasileiro (Moura, 1998; Sérgio, 2000). A “batalha do estádio” chegou a ser comparada, posteriormente, à campanha em defesa do petróleo nacional, que culminou com a criação da Petrobrás em 1953 (Moura, 1998). Nesse sentido, a oposição passou a ser caracterizada como inimiga do povo e dos interesses nacionais, e a querela travada entre os grupos assumiu a forma de um conflito maniqueísta do bem contra o mal.

Em meio à disputa que se desenvolvia na câmara, a FIFA propôs o adiamento da copa para 1950, de modo que houvesse um intervalo maior em relação aos jogos olímpicos de 1948, o que foi prontamente acatado pela CBD, ampliando, assim, o tempo disponível para a construção do estádio (Moura, 1998; Sérgio, 2000). Definida a localização da nova praça esportiva, formou-se uma nova comissão, dessa vez, para acompanhar e fiscalizar de perto o processo de construção do estádio, iniciando-se também as vendas de 30 mil cadeiras cativas aos torcedores, para financiar a obra. A pedra fundamental do estádio foi lançada em 20 de janeiro de 1948, portanto, dia de São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro.

Contudo, somente no mês de maio foi criada a ADEM, autarquia responsável por comandar o processo de construção do estádio; no mês seguinte, foram convocados os primeiros operários, que se apresentaram em grande número, logo no primeiro dia de chamada; em julho, finalmente, foram iniciadas as obras do Estádio Municipal (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

No intervalo entre a aprovação na câmara e o início das obras, houve ainda a tentativa de se construir um grande estádio privado, com capacidade para cem mil pessoas, em Irajá, bairro localizado no subúrbio carioca, num projeto denominado Estádio Nacional Sociedade Anônima (ENSA). Os defensores do Estádio Municipal criticaram duramente a iniciativa, caracterizada por eles como uma exploração comercial indevida, e mesmo, ilegal, dos esportes. Eles destacavam a necessidade de que o novo estádio tivesse um caráter público, pois só assim poderia servir efetivamente à população (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

Depois de muitas polêmicas e atrasos, as obras de edificação do Estádio Municipal começaram, oficialmente, em 21 de julho de 1948, a pouco menos de dois anos para o início do campeonato mundial. Ao longo da construção, Mario Filho convocava insistentemente a população para que visitasse o local onde estava sendo erguido o estádio que lhes pertencia. A construção mereceu cobertura constante do *Jornal dos Sports*, que produzia diversas reportagens e, inclusive, fotonovelas sobre o andamento dos trabalhos, tendo os operários, principalmente, como protagonistas das histórias narradas. Destaca-se, nesse sentido, a história do operário Alcebíades de Souza Filho, que demonstrou grande coragem ao arriscar a própria vida para evitar que uma tragédia acontecesse, impedindo uma iminente explosão, que resultaria em grande número de mortes e no atraso das obras (Hollanda, 2003; Moura, 1998; Sérgio, 2000). Num contexto político fortemente marcado pelo populismo, trabalhadores anônimos ganhavam as páginas dos jornais e eram alçados à condição de heróis nacionais. A atuação dos trabalhadores na construção do Maracanã também foi enaltecida como um símbolo da definitiva superação do ócio e da preguiça, tendência cultural remanescente dos tempos coloniais (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

O Estádio Municipal foi inaugurado em 16 de junho de 1950, a cerca de uma semana antes do início da copa. A primeira partida foi disputada entre as seleções de novos do Rio de Janeiro e de São Paulo, com vitória dos paulistas por 3 a 1. O

primeiro gol, no entanto, foi marcado por Didi, jovem revelação que defendia as cores do Rio, consagrando-se mais tarde como campeão do mundo, e como o inventor da “folha seca” (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

O evento foi marcado por grande solenidade, contando com a presença de autoridades ilustres, como o presidente Dutra, o prefeito Mendes de Moraes, e até mesmo o cardeal da cidade, convocado para abençoar o novo estádio. A festa incluiu ainda o corte de uma fita inaugural, bandas de música, pirotecnia, execução do hino nacional, discursos inflamados e, até mesmo, uma revoada de pombos. Os portões foram abertos à população, que pode assistir à partida gratuitamente e compareceu em grande número, a despeito dos boatos, disseminados pela oposição, de que o estádio corria risco de desabamento (Moura, 1998; Sérgio, 2000). De fato, as obras ainda não haviam terminado, encontrando-se muitos alicerces, entulhos e poeira no interior do estádio. Costuma-se dizer que o Maracanã só ficou pronto, realmente, na década de 1960; mas há também aqueles que defendem a tese de que seu projeto original nunca foi concluído (Sérgio, 2000).

O estádio inaugurado em 1950 tinha capacidade para cerca de 200 mil pessoas, número que equivalia a, aproximadamente, 20% da população da cidade do Rio de Janeiro na época. Essa multidão se distribuía nos seguintes setores: arquibancada, geral, cadeiras comuns, cadeiras especiais, cadeiras perpétuas e cativas, camarotes, tribuna de honra e tribuna de imprensa. O estádio ocupava uma área de 86.283 m², com perímetro externo de 944 m, e altura máxima de 32 m. Em sua construção, foram consumidos cerca de 500 mil sacos de cimento, 10.000 t de ferro, 80 mil m³ de concreto e 45.000 m³ de areia. Mais do que mera curiosidade, esses dados nos ajudam a ter uma idéia da grandiosidade do Maracanã em sua configuração original (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

Internamente, o estádio se dividia em dois grandes anéis, o inferior e o superior. No anel inferior, localizavam-se a geral e as cadeiras comuns. A geral era composta por treze degraus de cimento, que ocupavam uma área total de 8.311 m², comportando cerca de 30.000 torcedores em pé. Apesar de ser o setor mais próximo do campo, era também o mais barato, em virtude das péssimas condições de conforto e segurança oferecidas aos torcedores: não havia assentos, nem lugares marcados, nem tampouco qualquer tipo de cobertura que os protegesse do sol, da chuva e dos objetos lançados da arquibancada; seu piso ficava abaixo do nível do

gramado, proporcionando-lhes um péssimo ângulo de visão, à altura dos pés dos jogadores. Para evitar invasões, o setor foi separado do campo por um grande fosso, que media 3m de altura, 3m de largura e 450m de circunferência (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

Atrás da geral, localizavam-se as cadeiras comuns, que consistiam em 25.000 cadeiras de ferro, distribuídas numa área aproximada de 15.180 m², totalmente coberta pelo anel superior. Nesse setor, os torcedores encontravam melhores condições de conforto: além de assentos, havia lugares marcados, e proteção contra o sol e a chuva. Logo, seu ingresso era mais caro, podendo ser comprado por um preço intermediário entre os valores das entradas para a arquibancada e para as cadeiras especiais (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

O anel superior também se dividia, basicamente, em duas grandes partes. Na fração menos extensa, que ocupava toda a lateral oeste desse anel, encontravam-se os setores mais caros e confortáveis do estádio: cadeiras especiais, cadeiras cativas, cadeiras perpétuas e camarotes, totalizando 5.000 lugares marcados, distribuídos numa área totalmente coberta de 2.250 m². Nesse mesmo ponto, localizavam-se ainda dois setores para os quais não poderiam ser comprados ingressos: a tribuna de imprensa, destinada exclusivamente ao trabalho dos jornalistas, e a tribuna de honra, onde eram recebidos apenas convidados ilustres, como autoridades e celebridades (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

Todo o espaço restante do anel superior era ocupado pela arquibancada, que tinha capacidade para cerca de 120 mil torcedores. Esse público se distribuía numa área de 25.774 m², dos quais a maior parte (25.200 m²) era coberta pela marquise do estádio. O setor era composto por 48 degraus de concreto, onde os torcedores poderiam assistir aos jogos de pé, ou sentados, não havendo lugares marcados. Arquibancada e geral eram os setores mais populares do estádio. Em comparação com a geral, no entanto, as condições de conforto oferecidas na arquibancada eram muitos melhores, e o ingresso era o segundo mais barato (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

A setorização descrita acima indica a existência de certa divisão do público por classes sociais, contrariando a concepção do Maracanã como um espaço popular e democrático. Esse aspecto se mostra ainda mais falacioso quando comparamos as péssimas condições oferecidas aos torcedores na geral, com o luxo

e o conforto encontrados nos setores mais caros (Curi, 2012). No entanto, há que se fazer a ressalva de que os setores mais baratos, destinados às camadas populares, ocupavam a maior parte do estádio, correspondendo a cerca de 2/3 dos lugares disponibilizados aos torcedores. Além disso, não havia divisões na arquibancada, e o formato elíptico do estádio garantia um bom ângulo de visão em quase todos os pontos. O preço acessível e as boas condições de assistência faziam da arquibancada o setor mais heterogêneo do Maracanã (Curi, 2012).

Na copa de 1950, a seleção brasileira ficou em segundo lugar, perdendo a final – e, assim, o tão almejado título – para o Uruguai, pelo placar de 1 x 2. Essa derrota foi vivenciada como uma verdadeira tragédia nacional, tamanha a frustração gerada entre os brasileiros. Abordarei a seguir apenas alguns aspectos da competição, com destaque para as representações elaboradas a partir do desempenho da seleção, e algumas considerações sobre a organização do evento e a participação da torcida.

A copa durou cerca de um mês, estendendo-se de 24 de junho a 16 de julho. O jogo de abertura foi disputado entre Brasil e México, com vitória brasileira por 4 a 0, e a final foi disputada entre Brasil e Uruguai, com vitória da “Celeste Olímpica” por 2 a 1, ambas as partidas realizadas no Maracanã. Participaram da competição treze equipes, desproporcionalmente distribuídas em quatro grupos: 1) Brasil, Iugoslávia, México e Suíça; 2) Chile, Espanha, Estados Unidos e Inglaterra; 3) Itália, Paraguai e Suécia; 4) Bolívia e Uruguai. Na segunda fase, foi disputado um quadrangular final entre as primeiras colocadas de cada grupo, classificando-se para essa etapa as seguintes equipes: Brasil, Espanha, Suécia e Uruguai (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

Os jogos da copa foram distribuídos em seis cidades-sede, que participaram da competição com os seguintes estádios: Maracanã (Rio de Janeiro); Pacaembu (São Paulo); Estádio Independência (Belo Horizonte); Estádio dos Eucaliptos (Porto Alegre); Ilha do Retiro (Recife); Estádio Durival Britto e Silva (Curitiba). A comparação do Maracanã com os demais estádios da copa revela, novamente, a magnitude de sua arquitetura: enquanto o “gigante de concreto” tinha capacidade para 200 mil pessoas, a lotação do Pacaembu, segundo maior estádio da competição, era estimada em 70 mil, e o menor deles, o Estádio Durival de Britto, não comportava um público superior nem mesmo a 10 mil assistentes (Mascarenhas, 2014; Moura, 1998; Sérgio, 2000).

O Brasil iniciou a copa com amplo favoritismo, mas também com certo receio e desconfiança por parte da imprensa e da torcida, em virtude do mau desempenho nos últimos jogos realizados antes da competição. Já nesse momento, apontavam-se a fraqueza moral e o desequilíbrio emocional como pontos fracos de uma equipe que, em termos técnicos, seria indiscutivelmente superior às demais. Segundo os analistas, a equipe (assim como a torcida) oscilava entre o excesso de confiança, que gerava dificuldades contra times mais fracos, e o total desespero, que resultava na dificuldade de reagir após sofrer um gol do adversário (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

Na primeira partida, disputada no Maracanã, a equipe não jogou bem, mas ainda assim conseguiu vencer o México pelo amplo placar de 4 a 0. No segundo jogo, disputado no Pacaembu, a seleção apenas empatou com a Suíça, pelo placar de 2 a 2, o que gerou muitas cobranças por parte da torcida paulista. Esse episódio trouxe novamente à tona a rivalidade entre Rio e São Paulo, fazendo com que os jogos seguintes da seleção fossem todos disputados no Rio de Janeiro, onde a torcida seria mais fiel à equipe brasileira, em contraste com o exacerbado regionalismo encontrado entre os paulistas (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

Assim, após intensa campanha promovida pela imprensa, a torcida carioca compareceu em ótimo número para assistir ao duelo contra a Iugoslávia, jogo que o Brasil precisava vencer, para passar à próxima fase. A equipe brasileira jogou bem e venceu por 2 a 0, classificando-se para o quadrangular final. No primeiro jogo desta nova etapa, o Brasil enfrentou a temida Espanha, vencendo a “Fúria” por 6 a 1, num episódio que ficou marcado pela engenhosa comemoração da torcida na arquibancada: agitando lençinhos brancos, os torcedores entoaram a música “Touradas em Madri”, uma famosa marchinha de carnaval da época, composta por Braguinha. A manifestação do público foi muito exaltada pela imprensa, que a interpretou como uma amostra da criatividade, alegria e irreverência do povo carioca. No segundo jogo do quadrangular, o Brasil teve mais uma excelente atuação, vencendo a Suécia por 7 a 1. Restava agora apenas um jogo, contra o Uruguai, e um empate seria suficiente para a conquista do título mundial (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

Em virtude das últimas apresentações da seleção, era grande o otimismo dos torcedores e o favoritismo depositado sobre os jogadores. O título era dado como

certo, e as comemorações já estavam mesmo sendo programadas. Estava “tudo pronto para a vitória”, como se podia ler na manchete do Jornal dos Sports na manhã do dia 16 de julho (Moura, 1998; Sérgio, 2000). No entanto, como é sabido, o Brasil perdeu a grande final para os uruguaios, pelo placar de 2 a 1, em jogo que ficou conhecido como “Maracanazo” – ou “Maracanaço”, conforme a pronúncia em português. Essa derrota foi vivenciada como uma verdadeira tragédia nacional pelos brasileiros, que a interpretaram como a perda de uma grande chance: não se tratava apenas da perda de um título, mas sim, da oportunidade de, enfim, poderem declarar-se como os melhores em alguma coisa (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

Nas avaliações sobre as possíveis causas do inesperado revés, diversos fatores foram levantados. Em algumas explicações, mais ponderadas, destacaram-se questões atinentes à própria natureza imprevisível do futebol, esporte no qual nem sempre os melhores saem vencedores. Também se procurou lembrar a qualidade e a tradição da equipe uruguaia, que já havia vencido as olimpíadas por duas vezes, e agora se sagrava bicampeã mundial (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

No entanto, o que prevaleceu foi mesmo a metonímia entre seleção e nação, tão fortemente propiciada por uma competição como a copa do mundo de futebol: o sentimento geral era de que a derrota da seleção significava a derrota do próprio povo brasileiro – assim como uma eventual vitória seria comemorada como uma conquista de toda a nação. Nesse sentido, a miscigenação racial, que até então aparecia como a base do futebol vistoso praticado pelos brasileiros, chegou a ser apontada como o fundamento das deficiências morais e emocionais que tinham resultado no insucesso da equipe. Para alguns, inclusive, foi justamente a relação entre futebol e nação que pesou sobre os jogadores brasileiros na grande final: enquanto os uruguaios entraram em campo para disputar apenas um título de futebol, os jogadores brasileiros foram para o jogo com a missão de redimir toda uma população (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

A despeito da derrota da seleção, a copa do mundo teve vários pontos positivos, cumprindo grande parte dos objetivos estabelecidos pelo governo brasileiro. Primeiro, deve-se destacar que a competição foi um sucesso em termos de público e renda, não se observando o prejuízo financeiro que era previsto pela oposição. Além disso, o estádio do Maracanã, construído especialmente para a copa, foi muito elogiado pela imprensa internacional, que se mostrou encantada com

a grandiosidade e a complexidade de sua arquitetura. O futebol brasileiro também teve sua qualidade reconhecida, mais uma vez, pelos jornalistas estrangeiros, despontando como uma das escolas mais importantes do futebol mundial. Em termos de organização, não se pode negar a ocorrência de alguns problemas sérios, como os engarrafamentos e o estacionamento irregular na proximidade dos estádios, a atuação de cambistas, a entrada de “penetras” nos jogos, etc.; no entanto, nada que tenha comprometido o bom andamento da competição (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

Por fim, destacamos as considerações positivas tecidas a respeito do comportamento da torcida brasileira, que aparecia como um objeto de grande preocupação por parte das autoridades antes da copa. Nas avaliações da imprensa, os torcedores brasileiros se comportaram de modo alegre e disciplinado, durante toda a competição, demonstrando verdadeiro espírito esportivo, especialmente diante da derrota para os uruguaios na final: ao invés da violência e da confusão que comumente se poderia esperar de uma multidão contrariada, o que se observou no Maracanã foi, de fato, um “silêncio ensurdecidor”, expressão maior do sentimento de profunda tristeza e decepção que se abateu sobre o público; nem por isso, contudo, os torcedores deixaram de aplaudir seus adversários ao fim do jogo, numa clara demonstração de *fair play*, ou “espírito esportivo” (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

A derrota da seleção também causou certa apreensão sobre o futuro do Maracanã. Temia-se que o gigantesco estádio não conseguisse mais atrair públicos tão grandes quanto aqueles observados na copa, e compatíveis com sua magnitude, tendo em vista o desânimo provocado nos torcedores após a perda do título mundial. No entanto, não tardou para que essa preocupação fosse plenamente dissipada. Logo no primeiro jogo após a copa, num amistoso entre Flamengo e Bangu, vencido pelos rubro-negros pelo placar de 3 a 1, a procura por ingressos foi tão grande que a carga inicialmente disponibilizada ao público não foi suficiente, tornando necessária a venda de um número maior de tíquetes. Neste amistoso, prestava-se homenagem aos jogadores de Bangu e Flamengo que haviam atuado no campeonato mundial: Bigode, Juvenal e Zizinho. Além disso, o Bangu buscava arrecadar fundos para concretizar a contratação do craque Zizinho, junto ao Flamengo (Moura, 1998; Sérgio, 2000).

Após a copa de 1950, o Maracanã tornou-se o principal estádio do futebol carioca, recebendo jogos dos clubes mais importantes do Rio de Janeiro (o que ainda incluía, nesse momento, times como o Bangu e o América), além da equipe do Santos, comandada por Pelé. Como vimos, uma das justificativas levantadas para a construção do Maracanã foi o fato de que as demais praças esportivas existentes na cidade já não conseguiam mais comportar as grandes multidões que afluíam aos jogos de maior apelo, como os grandes clássicos e as decisões de campeonato. Vale lembrar que se chegou mesmo a cogitar a utilização do Maracanã exclusivamente para jogos da seleção brasileira, ou em demais ocasiões solenes, mas foi por meio de sua apropriação pelos clubes cariocas e suas torcidas, principalmente, que o estádio se converteu num espaço de glória do futebol brasileiro (Moura, 1998; Curi, 2012).

Entre as décadas de 1950 e 1990, o Maracanã se converteu num espaço amplamente representado como um reduto da cultura popular, recebendo grandes multidões de torcedores em diversas ocasiões. Nesse sentido, pelo menos cinco dentre os maiores públicos registrados na história do futebol mundial foram observados em jogos realizados no Maracanã (Curi, 2012). Para além da final da copa de 1950, que, como vimos, teria recebido um público de aproximadamente 200 mil espectadores, destacamos ainda mais duas partidas: primeiro, um jogo disputado entre as seleções de Brasil e Paraguai, em 1954, válido pelas eliminatórias da copa que seria realizada naquele mesmo ano, e que terminou com uma vitória brasileira por 4 a 1, presenciada por um público de 195.513 torcedores; segundo, a final do campeonato carioca de 1963, disputada entre Flamengo e Fluminense, terminando com um empate em 0 a 0, que deu o título aos rubro-negros, e registrou um público de 194.603 torcedores – o maior público registrado em uma partida entre clubes de futebol (Curi, 2012).

A partir da década de 1980, no entanto, a estrutura do Maracanã já começou a apresentar sinais mais visíveis de desgaste e má conservação. Nesse sentido, em 1985, foi realizada a primeira grande reforma do estádio, embora nada ainda que se possa comparar às futuras intervenções pelas quais ele passaria a partir de 1999. Na reforma de 1985, as principais ações consistiram na recuperação da marquise e na elevação do piso da geral em 45 cm, de modo a melhorar um pouco a visibilidade no setor. Ainda assim, em 1989, quando o Brasil almejava sediar a copa de 1994, o

Maracanã foi reprovado pela FIFA, que considerou suas instalações obsoletas e pouco seguras, já naquela época⁹.

Em outubro de 1990, durante um jogo disputado entre Flamengo e Corinthians pelo campeonato brasileiro, o tremor das arquibancadas pareceu incomum e assustou os torcedores, que chegaram a temer pelo risco de desabamento da estrutura. Em virtude disso, o estádio foi interditado para avaliações de engenheiros da UFRJ, que identificaram a necessidade de reforço da arquibancada e determinaram a instalação de 72 pilaretes de 20 cm para auxiliar em sua sustentação. Mesmo com todos esses problemas, o estádio recebeu o *Rock in Rio* em 1991, passando por novas intervenções e análises após o festival¹⁰.

Todas as avaliações e pequenas reformas mencionadas acima não foram suficientes para evitar aquela que seria a maior tragédia ocorrida no estádio, e um dos maiores desastres registrados na história do futebol brasileiro. Em 19 de julho de 1992, na final do campeonato brasileiro, disputada entre Flamengo e Botafogo, uma parte da grade de proteção da arquibancada cedeu, pouco antes do início da partida, causando a queda de torcedores rubro-negros sobre o setor das cadeiras numeradas. O rompimento da grade teria ocorrido em virtude de uma confusão iniciada na área ocupada por uma das principais torcidas organizadas do Flamengo (a Raça Rubro-Negra). No corre-corre, os torcedores, em pânico, acabaram pressionando a grade de proteção, que, segundo relatos, já se encontrava frouxa e corroída e, por isso, não resistiu¹¹.

O público presente no estádio, nesta ocasião, era de aproximadamente 120 mil torcedores. O grave incidente resultou na morte de três torcedores e em centenas de feridos, mas ainda assim o jogo foi realizado, iniciando-se com cerca de quinze minutos de atraso, e terminando num empate em 2 a 2, que deu o título ao Flamengo. O socorro às vítimas foi marcado por grande despreparo dos agentes responsáveis, que não sabiam exatamente como proceder diante da situação extraordinária, nem tinham, à sua disposição, todos os instrumentos necessários para agir devidamente. Nesse sentido, foi necessário o auxílio dos próprios torcedores, que se mobilizaram na criação de cordões de isolamento, e utilizaram

⁹ Disponível em: <https://esportes.terra.com.br/botafogo/ha-20-anos-maracana-amargava-sua-real-e-maior-tragedia,96a9045a408aa310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

¹⁰ Idem.

¹¹ O Lado Trágico da decisão. O Globo, 20 de julho de 1992.

faixas e bandeiras como macas improvisadas para transportar as vítimas – e também para isolar o local do acidente, evitando novas quedas¹².

Toda a atuação das autoridades competentes, desde o despreparo no socorro às vítimas, até a decisão de dar prosseguimento ao jogo, nos dá mostras de como eram frágeis os parâmetros de segurança dos estádios de futebol àquela época. Uma reportagem publicada no dia seguinte à partida relata que Márcio Braga – então presidente da SUDERJ e do Flamengo, simultaneamente – teria exercido pressão para que o jogo continuasse, temendo que o adiamento da partida pudesse acarretar em algum tipo de punição ao clube, ou a ele pessoalmente. Após o acidente, chegou-se a abrir inquérito para a apuração de responsabilidades, mas nada de relevante foi concluído e, por conseguinte, ninguém sofreu qualquer tipo de punição¹³. Ainda assim, a tragédia de 1992 tornou-se um marco na história do Maracanã e do futebol brasileiro, motivando o debate sobre a precariedade de nossos estádios e sobre a desorganização de nosso futebol.

Em virtude do acidente, o Maracanã ficou fechado até o fim de 1992, totalizando um período de sete meses, para que novos reparos e avaliações fossem realizados. Nesse intervalo, os jogos mais importantes dos times cariocas foram disputados em São Januário, e algumas partidas chegaram a ser realizadas na cidade mineira de Juiz de Fora, que se localiza numa área bem próxima à divisa entre os estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais (Curi, 2012).

Em 1993, o Maracanã foi reaberto e voltou a funcionar normalmente, embora ainda apresentasse uma série de problemas de manutenção que já podiam ser observados antes da interdição. Neste mesmo ano, ocorreria um evento que ficaria marcado como um indício de que novos tempos se aproximavam, em decorrência do modo como os estádios passaram a ser concebidos na chamada “nova economia do futebol”. No dia 19 de setembro, o Brasil venceu o Uruguai por 2 a 0, em jogo válido pelas eliminatórias da copa de 1994. Este jogo costuma ser lembrado, primeiramente, pela conquista da vaga na copa, que se deu ao fim de uma campanha marcada por muitas dificuldades, e também pela excelente atuação de Romário, que fez os dois gols da partida, iniciando assim sua trajetória como o “herói” da conquista do quarto título mundial da seleção brasileira. No entanto, essa ocasião memorável merece destaque ainda por outro motivo: trata-se da primeira

¹² Idem.

¹³ Ibidem.

vez em que a geral foi interditada na história do Maracanã. Segundo os responsáveis por essa medida, o setor teria sido fechado em respeito às novas exigências da FIFA, que nesse momento já havia adotado as arenas *all-seater* como modelo, determinando que todos os torcedores deveriam permanecer sentados ao longo das partidas, por questões de segurança¹⁴.

Em 1995, o setor mais popular do estádio voltaria a ser interditado por questões de segurança, mas dessa vez, por tempo indeterminado. O novo fechamento não se deu em função de nenhum acontecimento em particular, mas sim pela associação da geral às idéias de desordem, violência, perigo e atraso, representação que vinha se fortalecendo desde o fim da década de 1980, quando se tornaram freqüentes os chamados “arrastões” naquele setor. Essa interdição também pode ser interpretada como uma resposta drástica das autoridades aos graves problemas enfrentados pelo estádio, em diferentes quesitos (estrutura, finanças, organização, segurança, etc.). Contudo, há que se destacar ainda os interesses econômicos que levaram ao fechamento da geral: o setor foi removido para que se pudesse promover a ampliação das placas de publicidade à beira do gramado.

Entre 1996 e 1997, ocorreria a primeira tentativa de privatização do complexo esportivo do Maracanã, medida que visava à redução dos gastos públicos, num contexto marcado pelo avanço da perspectiva neoliberal. O objetivo era transferir a responsabilidade pela administração do complexo a um agente privado, outorgando-lhe o direito de lucrar com a exploração comercial do espaço, dentro de certos limites estabelecidos pelo governo. Contudo, foram justamente esses limites que impediram a concretização do processo de privatização, pois o único consórcio a se apresentar como candidato à licitação aberta pelo governador Marcello Alencar vislumbrava a possibilidade de demolir o estádio Célio de Barros para a construção de um grande estacionamento, o que não foi aceito pela federação estadual de atletismo. Além disso, o Rio de Janeiro havia perdido a disputa para sediar as olimpíadas de 2004, esvaindo-se com isso uma das justificativas mais importantes para a realização de investimentos no velho estádio¹⁵.

Nos anos seguintes, o Maracanã continuaria apresentando sérios problemas estruturais, sendo encarado como uma fonte de prejuízos pelo governo. Esse estado

¹⁴ Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/relembrando-a-geral-do-maracana/>

¹⁵ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/especial-maracana/>

de intensa degradação fez com que João Havelange, dirigente brasileiro que presidia a FIFA desde 1974, chegasse a cogitar a necessidade de implosão do estádio (Curi, 2012).

Nesse sentido, se o período compreendido entre as décadas de 1950 e 1980 pode ser considerado o auge da associação entre Maracanã e cultura popular, a década de 1990 deve ser apontada como o início do processo de falência dessa relação. Essa década foi marcada pelo avanço do neoliberalismo em escala global, tendo como principais artífices as figuras de Ronald Reagan e Margareth Thatcher. Em linhas gerais, o neoliberalismo defende a política do Estado Mínimo, que consiste numa severa redução dos gastos públicos em diversos setores, priorizando-se apenas áreas consideradas essenciais. Todos os demais campos da economia deveriam se manter abertos à livre concorrência dos agentes privados, o que presumivelmente garantiria preços mais baixos, produtos de melhor qualidade e serviços mais eficientes aos consumidores. No Brasil, o avanço do neoliberalismo pode ser identificado na vitória de Fernando Collor sobre Luís Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais de 1989, intensificando-se com a política de privatizações adotada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso entre 1994 e 2002 (Proni, 1998).

Em 1998, Anthony Garotinho foi eleito governador do Rio de Janeiro, nomeando Francisco de Carvalho, vulgo Chiquinho da Mangueira, como presidente da SUDERJ. Logo no primeiro ano da nova gestão, o Maracanã passaria por duas importantes modificações, que podem ser associadas a tendências opostas de administração. Primeiro, após mais uma reforma, o estádio foi reaberto no dia 20 de janeiro de 1999, numa festividade que incluiu a disputa da Taça São Sebastião entre Flamengo e Fluminense, em jogo de caráter amistoso. O Flamengo venceu a partida por 5 a 3, e ficou com o troféu. No entanto, o maior destaque da partida ficou por conta da reativação do setor mais popular do estádio: após um intervalo de três anos, a geral voltou a funcionar. Essa medida se mostrava condizente com o discurso de matiz populista sustentado pelo governador do estado no período das eleições¹⁶.

No fim desse mesmo ano, contudo, o Maracanã passaria por mais uma intervenção em sua estrutura, a maior de sua história, até então. Em 2000, o estádio

¹⁶ Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/relembrando-a-geral-do-maracana/>

completava 50 anos, e a FIFA decidiu homenageá-lo com a realização do primeiro torneio mundial de clubes em suas dependências. A reforma de 1999 visava, portanto, à adequação do estádio aos parâmetros exigidos pela FIFA para jogos internacionais, o que incluía, novamente, a disponibilização de assentos numerados a todos os torcedores, de modo que ninguém permanecesse de pé ao longo das partidas. Dessa vez, no entanto, além do fechamento da geral durante a competição, o Maracanã passou por alterações mais significativas em sua configuração original. Das mudanças efetuadas, a mais importante foi a instalação de assentos em toda a arquibancada, com a subdivisão deste setor em três seções: os setores verde e amarelo, mais populares, composto por cadeiras sem encosto e localizados atrás das balizas, e o setor branco, mais centralizado, e um pouco mais caro, por oferecer melhores condições de conforto e visibilidade, compondo-se de cadeiras com encosto e situado na lateral oposta às tribunas de honra. Além disso, foram também construídos novos camarotes, mais modernos e luxuosos. Com essas alterações, a arquibancada deixou de ser um espaço contínuo e o estádio teve sua capacidade de público drasticamente reduzida para 90 mil torcedores (120 mil, contando com a geral), e assim deixou de ser oficialmente o “maior estádio do mundo”, designação que se constituía como um motivo de grande orgulho para a população carioca (Curi, 2012).

Ao todo, foram gastos oficialmente cerca de R\$ 106 milhões (valor não atualizado) na reforma. As alterações promovidas faziam parte de um projeto mais ambicioso, que incluiria ainda a demolição de algumas estruturas do complexo esportivo para a construção de estacionamento, lojas, restaurantes, teatro, cinema, museu, centro de convenções, etc., numa nova tentativa de conversão do Maracanã em uma arena multiuso, comandada pela iniciativa privada. Dessa vez, no entanto, o governo não chegou nem mesmo a iniciar qualquer processo licitatório, e o projeto não saiu do papel. Das instalações programadas, somente o museu foi construído, além de uma calçada da fama, ambos como parte das comemorações do quinquagésimo aniversário do estádio. O ano do cinquentenário também ficaria marcado pela conclusão do processo de patrimonialização do Maracanã, iniciado em 1997. Diante das constantes ameaças de desfiguração, o estádio foi tombado como

patrimônio etnográfico pelo IPHAN, o que visava impedir a descaracterização de sua arquitetura original¹⁷.

Apesar das alterações na configuração do estádio, a reforma de 1999/2000 não teve um grande impacto sobre o comportamento dos torcedores, pois os assentos instalados nos setores mais populares continuavam permitindo-lhes grande liberdade de movimentação e expressão corporal. Além disso, não houve grande elevação no preço dos ingressos, como ocorreria nas reformas seguintes (Curi, 2012).

A configuração resultante dessa reforma seria mantida até 2005, quando o estádio foi fechado novamente para obras. Em 2002, o Rio de Janeiro foi escolhido como sede dos jogos pan-americanos de 2007, entrando finalmente no circuito dos megaeventos esportivos, como já vinha sendo almejado pelas diferentes instâncias de governo desde o início da década de 1990. Para a realização da competição, foram feitos grandes investimentos públicos na cidade, principalmente na área de infra-estrutura, e para a construção de diversas instalações esportivas (Curi, 2012).

Dentre as obras realizadas, destacam-se a construção do Estádio Olímpico João Havelange – o popular “Engenhão”, que agora se chama oficialmente Nilton Santos – e a realização de mais uma reforma no complexo esportivo do Maracanã. Essa nova reforma foi maior e mais cara que a anterior, custando cerca de R\$ 306 milhões aos cofres públicos. Dessa vez, a principal modificação efetuada na estrutura do Maracanã foi o fechamento definitivo da geral, setor mais popular do estádio, que foi removido para ceder espaço à ampliação da área destinada às cadeiras numeradas. Além disso, o gramado foi rebaixado em 1,40m, para melhorar a visão do setor, e os antigos placares eletrônicos foram substituídos por outros mais modernos. Destaca-se ainda a instalação de dois grandes telões de alta definição, atrás das balizas, e a construção de duas novas rampas de acesso (Curi, 2012).

A organização dos Jogos Pan-Americanos serviu como uma espécie de “evento-teste” para que o Brasil e o Rio de Janeiro pudessem pleitear a condição de sedes da Copa da FIFA de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016. A realização da competição foi marcada, no entanto, por uma série de problemas e irregularidades, envolvendo o desrespeito aos prazos e orçamentos oficialmente estabelecidos no

¹⁷ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/especial-maracana/>

planejamento inicial, além de inúmeras suspeitas de corrupção, desvio de verbas, favorecimento de empreiteiras, etc. Os gastos exorbitantes realizados pelo governo para a organização do evento foram justificados pela promessa de um grande “legado” material e imaterial que seria deixado à população, além da antecipação de obras e investimentos que se fariam necessários para a almejada realização da copa e das olimpíadas num futuro próximo. Em vez disso, porém, o que se pode testemunhar foi a construção de diversas instalações fadadas a se tornarem “elefantes brancos”, tendo em vista a ausência de programas bem definidos que garantissem sua utilização após o término dos jogos. Além disso, alguns dos equipamentos construídos apresentavam sérios problemas estruturais, pouco tempo depois de erguidos, tais como a Vila Pan-Americana e o Engenhão (Curi, 2012).

Apesar de todos esses problemas, o Brasil foi escolhido, ainda em 2007, como sede da Copa da FIFA de 2014 e, em 2009, a cidade do Rio de Janeiro foi anunciada como sede dos Jogos Olímpicos de 2016. A organização desses dois megaeventos – que consistem nas duas competições mais importantes do esporte mundial – acarretaria na realização de reformas ainda mais profundas e onerosas nas estruturas do Maracanã, provocando alterações tão drásticas, dessa vez, que seriam interpretadas por muitos como um verdadeiro processo de demolição e reconstrução do antigo estádio¹⁸. Essa intervenção visava adequar o estádio aos exigentes parâmetros de conforto e segurança estipulados pela FIFA e pelo COI – ou, simplesmente, ao “padrão FIFA”, como ficaram conhecidos esses parâmetros no Brasil.

A reforma do Maracanã teve início em agosto de 2010, mas o estádio ainda continuou funcionando, com capacidade de público reduzida, até o início de setembro, quando foi totalmente interditado¹⁹. O projeto básico do novo estádio foi elaborado pela EMOP – Empresa de Obras Públicas –, responsável também por fiscalizar o andamento da reforma. As obras foram realizadas pelo Consórcio Maracanã Rio 2014 – composto pelas empresas Odebrecht, Delta e Andrade Gutierrez – que venceu o processo licitatório, apresentando um orçamento de R\$ 700 milhões. Desse total, cerca de R\$ 300 milhões viriam de investimentos diretos

¹⁸ Disponível em: http://espn.uol.com.br/post/326086_mataram-meu-maracana-podem-chamar-de-estadio-justo-verissimo

¹⁹ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2010/08/maracana-recebe-ultimo-jogo-antes-da-copa-no-dia-5.html>

do Estado, e os R\$ 400 milhões restantes seriam financiados pelo BNDES. Iniciadas com cinco meses de atraso, as obras deveriam ser concluídas em dezembro de 2012²⁰.

A primeira etapa da reforma consistiu basicamente na destruição de estruturas existentes. No início de 2011, praticamente toda a parte interna do estádio já havia sido demolida, e os responsáveis pela obra avaliaram, só então, que a marquise de concreto do estádio também deveria ser completamente removida, dado o avançado nível de desgaste identificado. Essa decisão desencadeou uma intensa querela judicial, pois a remoção da marquise foi interpretada, pelo Ministério Público Federal, como uma forma de descaracterização indevida, tendo em vista o reconhecimento do Maracanã como patrimônio cultural, pelo IPHAN, em 2000. Por fim, no entanto, a Justiça Federal e o próprio instituto responsável pelo processo de tombamento consideraram a intervenção legítima, e a marquise foi, assim, definitivamente derrubada.

Após a conclusão dessa fase inicial, o Maracanã ganhou finalmente um novo projeto arquitetônico, elaborado pela empresa Fernandes Arquitetos Associados. Dentre as mudanças promovidas no estádio, a partir da nova planta, destaca-se, primeiramente, a redução da capacidade de público para cerca de 78 mil pessoas, a construção de quatro novas rampas de acesso – além da recuperação das duas rampas monumentais, erguidas em 1950, facilitando o movimento de entrada e saída dos torcedores –, e de uma arquibancada unificada, em substituição aos dois anéis que caracterizavam a antiga estrutura. A nova arquibancada é composta por cadeiras de plástico (PET) retráteis, nas cores azul, amarelo e branco, distribuídas de modo disperso, e em diferentes tonalidades, para produzir uma sensação de movimento. Ela é também mais inclinada, e mais próxima do campo, de modo a favorecer um envolvimento maior do público, e uma visão completa do gramado em todos os pontos do estádio – gramado que, aliás, foi reduzido, passando a medir 105 m de comprimento e 68 m de largura²¹.

Essa arquibancada, composta por cadeiras de plástico, estende-se ao longo de todo o anel do estádio, subdividindo-se em quatro grandes setores: norte, sul, leste e oeste. Os dois primeiros localizam-se atrás das balizas e, por isso, são os

²⁰ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2010/08/sai-o-vencedor-da-licitacao-das-obras-do-maracana-que-fecha-ate-setembro.html>

²¹ Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/sedes/riodejaneiro/arena>

mais baratos do estádio, enquanto os setores leste e oeste situam-se nas laterais do campo e são um pouco mais caros, por proporcionarem um ângulo de visão mais panorâmico do gramado, além de maiores comodidades, como um *lounge* climatizado, que funciona como uma espécie de praça de alimentação. Esses quatro grandes setores subdividem-se ainda em dois níveis (superior e inferior), e também em diferentes blocos, fileiras e assentos numerados. Durante a Copa e a Olimpíada, todos os ingressos vendidos davam direito a lugares marcados, independentemente dos setores. No entanto, nos jogos dos clubes de futebol do Rio de Janeiro, não há lugares marcados nos setores norte e sul, e os torcedores dispõem, assim, de uma liberdade maior de movimentação. Esses são também os setores ocupados pelas torcidas organizadas e pelas torcidas visitantes.

Para facilitar o movimento de entrada e saída dos torcedores, foram construídos quatro novos conjuntos de rampas, dois em cada lateral do estádio, além da recuperação das duas rampas monumentais, localizadas nas extremidades norte e sul (conhecidas como as rampas “da UERJ” e “do Bellini”), e que já existiam desde 1950. A multiplicação dos pontos de acesso permite o escoamento do público num tempo total de oito minutos, evitando tumultos e facilitando o esvaziamento do estádio em casos de emergência. Além da arquibancada, o estádio apresenta ainda alguns setores mais luxuosos, como os camarotes e as áreas VIP (que atualmente compõem um setor denominado Maracanã Mais), assim descritos no site “Portal da Copa”:

As áreas VIP compreendem 10 mil cadeiras premium, localizadas no primeiro pavimento, os 110 camarotes, que ficam no segundo e terceiro pavimentos, além de tribunas de honra e de imprensa. As entradas desse setor serão feitas pelas rampas dos setores leste e oeste (perto da estátua do Bellini e da Uerj), através de catracas exclusivas. Os torcedores VIP poderão desfrutar de grande área de convivência com telões e serviços de bares e banheiros exclusivos.

Cada um dos 110 camarotes do novo Maracanã tem em média 50 metros quadrados, divididos entre área interna e externa, separadas por vidro blindado. O interior é climatizado e conta com banheiro próprio, bancada de granito com pia e sala de estar. Em frente, ao ar livre, há uma área exclusiva equipada com cerca de 25 cadeiras especiais e confortáveis. Além disso, os usuários poderão chegar aos camarotes através de elevadores e lounges próprios.

Os camarotes se situam nas áreas centrais da arquibancada. Uma parte ocupará o terceiro pavimento do lado oeste e o restante em dois andares do lado leste. A maior visibilidade é uma diferença fundamental em relação aos antigos camarotes, já que os atuais estão a 80 metros de distância do campo, enquanto os anteriores ficavam a 190 metros. A interação com o

público também passa a ser maior, uma vez que os antigos eram fechados.²²

Para oferecer melhores condições de conforto e segurança, foram construídos 258 banheiros, 60 bares e lanchonetes, e 358 vagas de estacionamento no interior do estádio. Além disso, foram instalados quatro telões de alta resolução, um em cada ponto cardeal da nova arena, medindo 98 m², 360 televisores, 78 alto-falantes, 396 refletores, 12 escadas rolantes, 17 elevadores, 300 câmeras de segurança, etc. Outra modificação importante, como vimos, foi a substituição da cobertura do estádio. No lugar da antiga marquise de concreto, foi instalada uma nova cobertura, que consiste numa estrutura de membrana (feita de teflon e fibra de vidro) e cabos tensionados. A nova cobertura é translúcida e autolimpante, abrange aproximadamente 95% dos assentos e propicia condições uniformes de iluminação em todos os pontos da arquibancada. Ela é preparada, ainda, para receber equipamento de luz e de som e para a captação de água da chuva, dispondo, além disso, de placas fotovoltaicas, que convertem a luz do sol em energia elétrica²³.

A reforma do Maracanã foi concluída em abril de 2013, logo, com cinco meses de atraso em relação ao planejamento inicial. No total, as obras duraram dois anos e oito meses, superando em muito o tempo gasto para a própria construção do estádio em 1950. Além de mais demorada, a obra tornou-se também muito mais onerosa do que o valor que havia sido estipulado no orçamento original, saltando de R\$ 700 milhões para R\$ 1,05 bilhão²⁴ – encarecimento causado, em grande medida, pelas inúmeras irregularidades cometidas durante à reforma, contribuindo inclusive para a prisão do ex-governador Sérgio Cabral, em novembro de 2016²⁵. Da arquitetura original do antigo estádio, restou apenas a sua fachada, praticamente, havendo uma completa reconfiguração de sua parte interna.

Além do Maracanã, outros onze estádios foram construídos ou reformados para receber jogos da Copa de 2014: Arena Corinthians (São Paulo-SP), Estádio Mineirão (Belo Horizonte-MG), Estádio Beira-Rio (Porto Alegre-RS), Arena da Baixada (Curitiba-PR), Arena Fonte Nova (Salvador-BA), Arena Pernambuco

²² Idem.

²³ Ibidem.

²⁴ Disponível em: <http://rodrigomattos.blogosfera.uol.com.br/2015/01/06/custo-de-estadios-da-copa-triplica-na-conta-final-itaquerao-passa-maracana/>

²⁵ <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/11/ex-governador-sergio-cabral-e-presos-pela-pf-na-zona-sul-do-rio.html>

(Recife-PE), Arena Castelão (Fortaleza-CE), Arena das Dunas (Natal-RN), Arena da Amazônia (Manaus-AM), Arena Pantanal (Cuiabá-MT) e Estádio Mané Garrincha (Brasília-DF). Para a construção e reforma desses equipamentos, foram gastos cerca de R\$ 8,3 bilhões, provenientes, em sua maioria, de investimentos públicos diretos dos governos estaduais e de empréstimos concedidos pelo BNDES, através do programa ProCopa.

O Novo Maracanã foi inaugurado no dia 27 de abril de 2013, num amistoso disputado entre “Amigos do Ronaldo” e “Amigos do Bebeto”, que contou com um público restrito a convidados e que correspondia a apenas 30% da nova capacidade de lotação. Dentre os convidados, destaca-se a presença de autoridades e de operários que haviam trabalhado no processo de reforma²⁶. O primeiro jogo aberto ao público geral ocorreu em 2 de junho de 2013, num amistoso disputado entre Brasil e Inglaterra, contando ainda com um público reduzido a cerca de 80% da capacidade total²⁷. O primeiro jogo oficial da nova arena ocorreria apenas em 16 de junho de 2013, numa disputa entre México e Itália, válida pela Copa das Confederações – competição que serviu como uma espécie de evento teste para a Copa do Mundo de 2014²⁸. O Maracanã receberia ainda mais duas partidas válidas pelo torneio, incluindo a cerimônia de encerramento e a grande final, vencida pelo Brasil sobre a Espanha, com um placar de 3 a 0²⁹.

A nova arena só voltaria a receber jogos dos clubes cariocas em 21 de julho de 2013, quando o Vasco venceu o Fluminense pelo placar de 3 a 1, em jogo válido pelo Campeonato Brasileiro³⁰. Pela mesma competição, Flamengo e Botafogo voltariam a jogar no Maracanã em 28 de julho de 2013, num clássico que terminou empatado em 1 a 1³¹. Em 2014, finalmente, o estádio recebeu sete jogos válidos pela Copa da FIFA, incluindo a cerimônia de encerramento do torneio e a grande

²⁶ Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/bola-volta-rolar-no-maracana-neste-sabado>

²⁷ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/06/brasil-empata-com-inglesa-no-reencontro-com-o-maracana.html>

²⁸ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/jogo/copa-confederacoes-2013/16-06-2013/mexico-italia.html>

²⁹ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/jogo/copa-confederacoes-2013/30-06-2013/brasil-espanha.html>

³⁰ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/jogo/brasileirao2013/21-07-2013/fluminense-vasco.html>

³¹ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/jogo/brasileirao2013/28-07-2013/flamengo-botafogo.html>

final, vencida pela Alemanha por 1 a 0 sobre a Argentina. Nesse jogo, registrou-se o maior público do estádio, após a reforma iniciada em 2010: 74.738 pagantes³².

Em 2016, o complexo esportivo do Maracanã receberia atividades ligadas aos outros megaeventos para o qual havia sido reformado: os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, incluindo as cerimônias de abertura e encerramento de ambas as competições, e a fase final dos torneios de futebol masculino e feminino. O estádio recebeu, então, o jogo no qual a seleção brasileira masculina de futebol conquistou, finalmente, o tão almejado ouro olímpico: uma vitória nos pênaltis sobre a Alemanha, após empate em 1 a 1, no tempo regulamentar³³.

Além de todas as polêmicas suscitadas pela reforma do Maracanã, o novo modelo de gestão do estádio também gerou muitas controvérsias. Administrado pelo poder público desde sua construção – primeiro, pela ADEM, e depois, pela SUDERJ –, o Maracanã passaria agora a ser gerido pela iniciativa privada, num esquema de concessão. Após vencer processo licitatório, o Consórcio Maracanã S.A. – formado pelas empresas Odebrecht, AEG e IMX – conquistou o direito de administrar e explorar comercialmente o Maracanã pelo prazo de 35 anos, tendo como contrapartida a obrigação de arcar com todos os custos referentes à manutenção e operação do estádio, o pagamento de 33 parcelas anuais, no valor de aproximadamente R\$ 5,5 milhões cada, e a realização de novas obras nas outras instalações do complexo e no entorno do Maracanã, totalizando um investimento de aproximadamente R\$ 600 milhões. Essas obras incluíam a demolição do Estádio Célio de Barros, do Parque Aquático Júlio Delamare e da Escola Municipal Arthur Friedenreich, a serem reconstruídos posteriormente em outras localidades, pelo próprio consórcio. Em seu lugar, seria erguido um amplo estacionamento, além de lojas, bares, lanchonetes, restaurantes, cinemas, etc., transformando o Maracanã numa arena “multiuso” e, assim, num grande complexo de entretenimento³⁴.

A privatização do Maracanã enfrentou a resistência de diversos agentes sociais, chegando a ser alvo de ações na Justiça, que contestavam, primeiramente, o desvirtuamento da função pública do estádio, identificando ainda a existência de

³² Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/jogo/copa-do-mundo-2014/13-07-2014/alemanha-argentina.html>

³³ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rj/olimpiadas/jogo/20-08-2016/ouro-masculino-brasil-alemanha/>

³⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/05/consorcio-maracana-sa-vence-licitacao-de-concessao-do-estadio.html>

irregularidades no processo licitatório, pois uma das empresas que compunham o consórcio vencedor – a IMX – havia participado também dos estudos de viabilidade da concessão, dispondo, assim de informações privilegiadas. A privatização do estádio chegou a ser suspensa, temporariamente, por uma liminar, no dia 10 de maio de 2013, mas esta foi cassada poucos dias depois, e a concessão do Maracanã ao Consórcio foi consumada³⁵.

Embora não tenham conseguido impedir a privatização do estádio, os opositores deste processo conseguiram impedir a demolição do Estádio Célio de Barros, do Parque Aquático Júlio Delamare e da Escola Municipal Friedenreich – assim como já haviam conseguido impedir a derrubada do antigo Museu do Índio, localizado em terreno muito próximo à extremidade norte do Maracanã. Em vez de demolidos, todos esses prédios foram tombados pelo governo, de modo a terem garantida a sua preservação como patrimônios culturais³⁶. Essa mudança drástica de posicionamento gerou, no entanto, novos impasses, sendo interpretada, pelo Consórcio Maracanã S.A., como uma quebra unilateral de contrato por parte dos representantes do Estado.

Impossibilitado de demolir os prédios acima mencionados e, por conseguinte, de construir as novas instalações que fariam do Maracanã um complexo de entretenimento, o Consórcio se viu privado de importantes fontes de arrecadação, amargando sucessivos prejuízos em suas finanças, e por isso vem buscando a renegociação de seu contrato com o governo estadual desde 2013. Essa situação se agravou entre os anos de 2016 e 2017, quando os administradores do Novo Maracanã declararam publicamente o desejo de cancelar o contrato e devolver a gestão da arena ao poder público, e passaram a negligenciar a obrigação de conservação e manutenção do espaço pelo qual são responsáveis³⁷. No início de 2017, o governo estadual chegou a manifestar a intenção de abrir nova licitação ou permitir a venda da concessão da arena para outro grupo de empresas, mas o

³⁵ Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,justica-do-rio-suspende-liminar-e-libera-concessao-do-maracana,1031457>

³⁶ Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/08/12/prefeito-tomba-celio-de-barros-julio-delamare-e-escola-do-maracana.htm>

³⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/06/1786296-odebrecht-anuncia-a-devolucao-do-maracana-ao-governo-do-estado-do-rio.shtml>

contexto marcado por forte insegurança jurídica impediu o avanço desse processo, e o Novo Maracanã segue sob o comando do Consórcio liderado pela Odebrecht³⁸.

Com a privatização do Novo Maracanã, Flamengo³⁹ e Fluminense⁴⁰ firmaram contratos de longa duração com o consórcio que administra a arena, por não possuírem estádios próprios, em condições de receber jogos de grande público, enquanto Vasco e Botafogo realizam a maioria de suas partidas, respectivamente, em São Januário e no Engenhão, alugando as instalações do Novo Maracanã apenas esporadicamente. No entanto, a realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos em 2016, as altas taxas cobradas pelo consórcio, e ainda, a crise administrativa⁴¹ destacada no parágrafo anterior, fizeram com que os clubes (especialmente Flamengo e Fluminense) tivessem de buscar outros estádios para a realização de suas partidas nas últimas temporadas.

No caso específico do Flamengo, além de realizar jogos em estádios localizados em outras cidades do Rio de Janeiro, como o Estádio da Cidadania (Volta Redonda), o clube também mandou grande parte de suas partidas em estádios situados em outros estados, com destaque para o Pacaembu (São Paulo-SP), o Mané Garrincha (Brasília-DF) e o Kléber Andrade (Cariacica-ES). Além disso, o Flamengo firmou uma parceria com a A.A. Portuguesa, reformando e transformando o Estádio Luso-Brasileiro na Ilha do Urubu, um pequeno estádio com capacidade para cerca de 20 mil torcedores, localizado na Ilha do Governador –, onde disputou 20 jogos na temporada de 2017⁴². O clube também vem manifestando o desejo de administrar o Novo Maracanã⁴³, além da intenção de construir um estádio próprio⁴⁴.

³⁸ Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-05/empresa-francesa-desiste-de-comprar-concessao-do-maracana>

³⁹ Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/fla-reduz-tempo-de-contrato-e-fecha-acordo-com-o-maracana-ate-o-fim-de-2020.ghtml>

⁴⁰ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/campeonato-brasileiro-2013/fluminense-assina-contrato-para-jogar-no-maracana-pelos-proximos-35-anos-8982369>

⁴¹ A crise administrativa do Novo Maracanã foi ainda agravada, ou mesmo causada, pela crise mais ampla vivenciada pelo estado do Rio de Janeiro, levando o governo a decretar estado de calamidade em junho de 2016: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/06/governo-do-rj-decreta-estado-de-calamidade-publica-devido-crise.html>.

⁴² Disponível em: <https://odia.ig.com.br/esporte/flamengo/2018/07/5555654-fim-da-ilha-do-urubu-flamengo-rescinde-contrato-com-a-portuguesa.html#foto=1>

⁴³ Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,flamengo-defende-nova-licitacao-e-quer-administrar-o-maracana,1000025541>

⁴⁴ <http://colunadoflamengo.com/2018/06/mesmo-tendo-acordo-pelo-maracana-fla-segue-planejando-estadio-proprio/>

Em suma, a reforma do Maracanã para a Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016 representou a conversão do antigo estádio de massas numa moderna arena *all-seater* multiuso, em conformidade com o movimento de arenização iniciado na Inglaterra, no início da década de 1990. O encarecimento dos ingressos⁴⁵ desencadeado por esse processo, bem como a imposição de novas regras de conduta aos torcedores, resultou num processo de elitização e domesticação do público, transformando o Maracanã num espaço elitizado de controle e consumo. No entanto, embora seja este o projeto implementado pelos idealizadores e administradores do Novo Maracanã, é preciso avaliar como os próprios torcedores vem vivenciando e reagindo a esse processo, o que consiste no objeto abordado em minha pesquisa. Na sequência, apresento algumas referências teóricas ligadas à área da Antropologia das Emoções, explicitando ainda a ligação de meu atual tema de pesquisa com aquilo que foi desenvolvido em minha dissertação.

⁴⁵ Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/esporte/noticia/2015/08/elitizacao-do-futebol-ingresso-brasileiro-e-o-mais-inacessivel-do-mundo.html>

4 ANTROPOLOGIA DAS EMOÇÕES

4.1 O lugar das emoções nas ciências sociais

A antropologia das emoções é uma área recente das Ciências Sociais. Em dois trabalhos de mapeamento da história e constituição deste campo, Coelho e Rezende (2010, 2011) mostram que, embora possamos identificar algumas discussões incipientes e secundárias sobre os afetos humanos desde os trabalhos de autores clássicos da Sociologia, essa importante dimensão da experiência social só se constituiu como um objeto específico, atrelado a um campo autônomo de pesquisa, em meados da década de 1980, nos Estados Unidos.

Nestes dois esforços de mapeamento, as autoras partem da ideia de que, até então, as emoções teriam permanecido praticamente excluídas do campo de estudos da Sociologia e da Antropologia, por estarem associadas, no senso comum das sociedades ocidentais, a um só tempo e de modo paradoxal, aos planos do indivíduo e da natureza. Enquanto fenômenos de ordem natural, as emoções teriam um aspecto ontológico, sendo concebidas como algo vivenciado de modo semelhante por todos os seres humanos, em todas as épocas e lugares. Assim, os motivos que levariam as pessoas a sentirem raiva, medo, amor, ou tristeza, por exemplo, deveriam ser sempre os mesmos, a despeito do meio cultural no qual elas vivessem. A influência de fatores socioculturais seria exercida apenas sobre os padrões de expressão dos sentimentos. Nessa perspectiva, as emoções assumem, portanto, um caráter predominantemente essencialista e universalista.

Além disso, ao serem localizadas no plano da natureza, as emoções passam a ser compreendidas como fatores biológicos ou fisiológicos, estando relacionadas ao funcionamento do corpo humano. Nesse sentido, elas passam a ser entendidas como meras reações fisiológicas, originando-se no corpo, ou então, produzindo algum tipo de efeito sobre ele. De todo modo, essa concepção faz com que as emoções sejam tomadas como um objeto próprio das Ciências Naturais, como a Biologia e a Neurologia, por exemplo.

Por outro lado, ainda segundo as autoras, as emoções também são compreendidas como um fenômeno relacionado à experiência individual. Elas estariam localizadas no interior dos indivíduos, participando como um elemento fundamental da constituição de sua subjetividade. Nesse sentido, as emoções seriam responsáveis por conferir singularidade e autenticidade à experiência individual, atuando como uma espécie de marca pessoal. Elas seriam, portanto, o elemento mais genuíno da experiência dos indivíduos, correspondendo à sua “essência” ou “verdade interior”. Segundo essa perspectiva, a expressão das emoções pode ser falseada, mas os sentimentos vivenciados internamente pelos indivíduos, não.

No entanto, por serem presumidamente singulares, acredita-se que as emoções só possam ser devidamente acessadas e compreendidas pelo próprio sujeito que as vivencia. Ou seja, ninguém poderia compreender as motivações de uma pessoa que age baseada em suas emoções, a não ser ela mesma. Na verdade, como as emoções também estão associadas à irracionalidade, nesse sistema cultural, pode-se dizer que nem mesmo o sujeito que as vivencia seria capaz de compreendê-las e exprimi-las com clareza, em alguns contextos. Por estarem ligadas à experiência individual, as emoções se constituíram como uma temática consagrada à área da Psicologia, sendo entendidas como uma dimensão profunda e misteriosa da experiência humana.

Na cultura ocidental moderna, as emoções encontram-se, portanto, de acordo com a visão de Coelho e Rezende, relacionadas aos domínios do indivíduo e da natureza, o que dificultaria sua construção como objetos de análise por parte das Ciências Sociais. Isso significa que os princípios de senso comum que caracterizam as emoções como fenômenos individuais e naturais também se refletem na esfera do pensamento científico, tornando-as refratárias a análises de cunho sócio-antropológico. Por serem entendidas como fatores psicobiológicos, as emoções constituíram-se, historicamente, como objetos de estudo próprios das Ciências Naturais e da Psicologia.

À luz destas considerações, Coelho e Rezende (2010, 2011) destacam que as Ciências Sociais se constituíram em contraste a essas áreas de conhecimento. No fim do século XIX e início do século XX, os autores que se dedicaram a delimitar um campo de estudos específico para a Sociologia e a Antropologia procuraram

realizar essa tarefa, principalmente, através do estabelecimento de um contraste em relação às áreas das Ciências Naturais e da Psicologia. Elas foram tomadas, portanto, como o “outro disciplinar” das Ciências Sociais, num primeiro momento. Podemos identificar esse tipo de estratégia nas obras de Durkheim e Simmel, por exemplo.

No livro *As regras do método sociológico*, Durkheim (1984) dedica-se a definir a Sociologia como um campo teórico autônomo, diferenciado da Biologia e da Psicologia. Ele apresenta, então, os “fatos sociais” como os objetos de análise que distinguiriam a Sociologia das demais áreas da ciência. Para Durkheim, os “fatos sociais” deveriam ser tratados como “coisas”, por apresentarem uma existência objetiva e autônoma, fora das consciências individuais. Nesse sentido, eles corresponderiam a fenômenos independentes e externos aos indivíduos, agindo de modo coercitivo sobre eles e impondo-se sobre sua vontade.

Durkheim afirma, ainda, que a existência humana seria marcada por um dualismo fundamental. Segundo ele, o homem apresentaria dois tipos de consciência claramente distinguíveis: uma individual, que só poderia se manifestar nos momentos de isolamento subjetivo, e outra coletiva, composta pelos elementos recebidos de fora para dentro, como uma herança cultural. Em suma, podemos afirmar que a relação entre indivíduo e sociedade aparece bem demarcada na obra durkheimiana, assumindo quase a forma de uma oposição. Com isso, a experiência individual é excluída do escopo de análises da Sociologia, e o mesmo acontece com o plano das emoções.

No entanto, conforme apontam Coelho e Rezende, esta relação de oposição fica nuançada em outros momentos da obra do autor. Alguns princípios do projeto sociológico apresentado originalmente por Durkheim não se reproduzem, com a mesma clareza, em um de seus textos analíticos mais importantes, devotado ao estudo do fenômeno religioso. No livro *As formas elementares da vida religiosa*, Durkheim (1996) aponta a origem social da religião, indicando-a como a fonte de diversas outras instituições sociais. Segundo ele, a religião corresponderia a um complexo conjunto de crenças e ritos, responsáveis, respectivamente, por ordenar a experiência dos indivíduos no mundo, e por incitar-lhes ações e sentimentos, conferindo materialidade e coesão à vida social. A religião está ligada à esfera

extraordinária do sagrado, que se define em contraste ao mundo cotidiano e profano.

Segundo Durkheim, essa dimensão sagrada emerge de um estado de “efervescência coletiva”, marcada pela superexcitação dos estados psíquicos individuais, no qual são renovados os valores, idéias e sentimentos que unem os integrantes de um grupo. Existem certos sentimentos que só se produzem durante o estado de efervescência, momento no qual as fronteiras entre indivíduo e sociedade se esmaecem, pois o indivíduo chega a perder a noção de sua própria integridade, unindo-se completamente à coletividade. Nesse sentido, o estudo de Durkheim sobre a religião nos leva à consideração do estado de “efervescência” como um momento fundamental, no qual importantes sentimentos coletivos são produzidos, contribuindo para a coesão social.

Na obra de outro representante da escola sociológica francesa, podemos encontrar um movimento semelhante. Marcel Mauss procurou dar continuidade ao modelo de Sociologia fundado por Durkheim, apontando o caráter externo e coercitivo dos fenômenos sociais sobre os indivíduos. No texto “A expressão obrigatória dos sentimentos” (1980), ele investiga os ritos funerários dos povos aborígenes australianos, procurando mostrar como a expressão dos sentimentos de luto e tristeza teria um caráter obrigatório, sendo governada por regras sociais, que determinariam quando, por quem e para quem esses sentimentos deveriam ser expressos. As emoções não seriam, portanto, um fenômeno puramente psicológico ou fisiológico, apresentando uma importante dimensão social. Mauss afirma, no entanto, que a obrigatoriedade dos ritos não impediria que esses sentimentos fossem vivenciados de modo espontâneo pelos indivíduos. A expressão das emoções funcionaria, então, como uma linguagem, uma espécie de código social pelo qual os indivíduos poderiam – ou melhor, deveriam – comunicar aos outros, e para si mesmos, seus estados emocionais internos.

Dinâmica semelhante pode ser encontrada, segundo Coelho e Rezende, na obra do sociólogo alemão Georg Simmel. Simmel também procurou delimitar uma área específica de atuação para as Ciências Sociais, sendo responsável pela fundação de uma nova matriz teórica: a sociologia interacionista. Ele nos apresenta seu projeto teórico no texto “O problema da sociologia” (1983a). Para Simmel, a sociedade se constitui a partir das interações desenvolvidas entre os indivíduos.

Todo tipo de interação poderia ser dividido, por meio da abstração científica, em dois elementos: forma e conteúdo. Porém, no plano empírico, esses elementos ocorrem de modo concomitante e não podem ser dissociados.

Nesse esquema conceitual, os conteúdos correspondem aos diferentes motivos, interesses, e objetivos que levam os indivíduos a entrarem em relação uns com os outros. Eles podem ser de vários tipos: eróticos, políticos, econômicos, afetivos, etc. De modo geral, podem ser considerados fatores psicológicos, incluindo a esfera das emoções. Esses diversos conteúdos só adquirem realidade social, no entanto, quando assumem uma determinada forma. O sentimento de amor, por exemplo, pode se manifestar sob as formas do namoro ou do casamento, que por sua vez, pode ser monogâmico ou poligâmico. Por isso, Simmel elege as formas sociais como os verdadeiros objetos de análise da Sociologia, enquanto o estudo dos conteúdos deveria ficar a cargo de outras ciências, tais como a Psicologia. Desse modo, a experiência individual e o plano das emoções são excluídos, mais uma vez, da alçada das Ciências Sociais.

No entanto, em alguns de seus textos analíticos, Simmel redireciona suas atenções para o exame de aspectos da vida individual e subjetiva. No texto “A metrópole e a vida mental” (1983b), por exemplo, ele aponta a emergência de uma configuração psicológica específica nas sociedades modernas, o que poderia ser encontrado de modo resumido no estilo de vida desenvolvido nas grandes cidades. De acordo com ele, a vida na metrópole seria marcada pelo racionalismo, pela atitude blasé e pelo sentimento de reserva, mecanismos de defesa dos indivíduos em relação ao crescimento da cultura objetiva. Incapazes de responder aos diversos estímulos recebidos do meio externo, os indivíduos adotariam uma postura de indiferença e aversão à cultura objetiva, priorizando o intelecto, em detrimento de suas emoções. Por fim, todos esses fatores podem ser considerados corolários do desenvolvimento do sistema capitalista nas sociedades modernas, marcadas pela divisão do trabalho, pela produção em massa das indústrias, e pela implantação da economia monetária.

Em outro texto, Simmel (1964) aponta a importância dos sentimentos de fidelidade e gratidão para a dinâmica da vida social. De acordo com ele, a fidelidade seria um sentimento “sociologicamente orientado”, promovendo a manutenção dos laços sociais, ao colocar-se no lugar dos motivos que deram origem a esses laços.

Uma relação pode se iniciar, por exemplo, motivada pelos sentimentos de amor ou amizade, mas com o tempo, esses sentimentos se enfraquecem e são substituídos pela fidelidade, que garante a continuidade da associação. A gratidão, por sua vez, seria a “memória moral da humanidade”, encontrando-se na base das relações de reciprocidade que dão fundamento à vida social. Ao receberem algo, os indivíduos se sentem impelidos a retribuir, mesmo na ausência de coerções externas, pois agem imbuídos pelo sentimento de gratidão. Sendo assim, fidelidade e gratidão seriam sentimentos importantes para a vida coletiva, contribuindo para a construção e manutenção das relações sociais.

Coelho e Rezende mencionam ainda mais um exemplo de abordagem sobre a temática das emoções, encontrado na antropologia cultural norte-americana, num momento em que as Ciências Sociais ainda se encontravam em fase de formação. A tradição culturalista da antropologia foi fundada por Franz Boas, no início do século XX. Sob sua influência, formaram-se importantes linhas de pesquisa, dentre as quais podemos destacar a escola Personalidade e Cultura. Nessa corrente, encontravam-se pesquisadores tais como Margareth Mead, Ruth Benedict e Gregory Bateson.

Benedict desenvolveu o conceito de “configurações de cultura” para explicar como se daria o processo de integração e diferenciação de um sistema cultural particular. Malinowski (1976) já havia apontado o caráter singular de toda cultura, mas não teria conseguido definir o fator capaz de conferir unidade à totalidade cultural. Para Benedict (1970), toda cultura se organizaria em torno de um determinado princípio, o que resultaria numa configuração específica. As “configurações de cultura” atuariam de modo seletivo sobre os indivíduos, padronizando seus comportamentos, pensamentos e sentimentos. A padronização cultural ocorreria, portanto, no plano cognitivo, resultando na formação de um *eidos*, mas alcançaria também a esfera das emoções, o que resultaria, por sua vez, na formação de um *ethos*. Segundo Bateson (1958), é justamente essa padronização emotiva o que confere um “tom” particular e específico a uma dada cultura. Nesse sentido, um mesmo conjunto de ações poderia adquirir significados distintos, quando executado e interpretado a partir de diferentes padrões emotivos.

Como vimos, as emoções foram excluídas do escopo de análises das Ciências Sociais, num primeiro momento, por estarem relacionadas aos planos do indivíduo e da natureza. No entanto, podemos perceber algumas tentativas de

incorporação das emoções, e outros fatores subjetivos, às análises sócio-antropológicas, desde os trabalhos de autores clássicos da disciplina. Nesses trabalhos, as emoções aparecem de modo ambíguo, preservando, quase sempre, sua caracterização como estados individuais internos. Nesse sentido, as análises costumam se concentrar sobre os padrões sociais que influenciam a expressão das emoções, mas apontam, de todo modo, a existência de uma importante dimensão social e simbólica dos sentimentos (Coelho & Rezende: 2010; 2011).

4.2 A constituição da antropologia das emoções

Podemos relacionar o surgimento da antropologia das emoções ao longo processo de revisão e crítica que se instalou nas Ciências Sociais no período do pós-guerra, principalmente a partir da década de 1960 (Ortner, 2007). Nesse momento, alguns valores fundamentais da cultura ocidental começaram a ser questionados, com destaque para as relações de poder e dominação estruturadas por eles, e sua influência sobre a construção do pensamento científico. Movimentos como o feminismo e os estudos de gênero, o pós-colonialismo, o pós-estruturalismo, o pós-modernismo e a teoria da prática contribuíram para a promoção de importantes transformações no campo das Ciências Sociais.

Nesse sentido, os estudos sociais e culturais passaram a conferir um espaço maior ao plano micro-sociológico em suas análises, abordando fatores ligados ao cotidiano, ao âmbito das interações, e à vida subjetiva (Koury, 2005; Ortner, 2007). Autores como Giddens (1979) e Sahlins (1981), por exemplo, destacaram o poder de agência e reflexividade dos indivíduos, apontando o modo como os princípios da estrutura são atualizados em suas ações. Os indivíduos não reproduzem, simplesmente, os ditames da estrutura: eles dispõem de um relativo grau de liberdade, o que lhes permite fazer escolhas e planejar seus atos. Eles agem baseados em interesses, vontades, e motivações relativamente particulares, ligados à sua trajetória pessoal. De modo mais ou menos consciente, os atores sociais interpretam os diversos fenômenos da vida social, contribuindo para sua construção e transformação.

Segundo Sherry Ortner (2007), movimentos como o pós-estruturalismo e a teoria da prática contribuíram para a incorporação de aspectos subjetivos ao conjunto de objetos relevantes para a teoria social. No entanto, as emoções permaneceram excluídas desse quadro teórico, prevalecendo uma concepção dos atores sociais como seres predominantemente racionais e calculistas. Uma abordagem propriamente antropológica sobre as emoções só iria surgir com o advento do projeto interpretativista de Clifford Geertz. Na avaliação de Ortner (2007), Geertz desenvolveu um modelo teórico no qual as emoções aparecem como um elemento fundamental para a constituição da teia de significados que compõe a cultura. Ou seja, as emoções estariam presentes no modo como os indivíduos e grupos organizam suas experiências e atribuem significados ao mundo social. Além disso, os sentimentos individuais seriam influenciados por formas socialmente construídas, ao mesmo tempo em que contribuiriam para o processo de construção dessas formas públicas e simbólicas (Geertz, 1973).

A abordagem interpretativa pode ser encontrada nos trabalhos de Michelle Rosaldo (1984), uma das autoras que contribuíram para o processo de fundação da antropologia das emoções. Em sua obra, ela defende a necessidade de que se desenvolvesse uma investigação propriamente antropológica sobre o conceito de pessoa, a noção de *self*, e o fenômeno das emoções. De acordo com ela, apesar de serem concebidas, no senso comum ocidental, como fenômenos individuais e naturais, as emoções e outros aspectos associados à vida subjetiva também estariam sujeitos à influência de fatores socioculturais. Assim, o conceito de pessoa seria uma construção cultural, definindo as condições nas quais ocorre a aquisição de um sentido específico de *self* por parte dos indivíduos. As emoções, por sua vez, seriam formas de interpretação baseadas em significados culturais, num processo em que o corpo, o *self* e a identidade dos atores encontram-se implicados.

Numa crítica ao paradigma racionalista, vigente nas sociedades ocidentais, Rosaldo define as emoções como “pensamentos incorporados”. Em sua visão, as emoções teriam sido sistematicamente preteridas pelo pensamento científico por serem concebidas como o avesso da razão e do pensamento. Nesse sentido, ela procura mostrar que a distância entre razão e emoção não seria tão grande, e tampouco haveria uma relação de oposição entre esses elementos. Para ela, as

emoções seriam, também, formas de pensamento, distinguindo-se por serem marcadas por uma sensação de “envolvimento”.

A antropologia das emoções só se constituiu como um campo autônomo de pesquisa na década de 1980, nos Estados Unidos. Nesse momento, surgiram publicações, como os trabalhos de Rosaldo (1984), que procuraram defender a viabilidade e relevância de um estudo específico sobre as emoções por parte das Ciências Sociais. Como marco de fundação da área, podemos citar, ainda, a publicação de alguns textos destinados ao mapeamento das principais abordagens desenvolvidas, até então, sobre a temática das emoções. Entre estes textos, Coelho & Rezende (2010, 2011) destacam dois, de autorias respectivas de Lutz e White (1986) e Lutz e Abu-Lughod (1990), cujos pontos principais exporemos em seguida de forma mais detida.

Catherine Lutz e Geoffrey M. White (1986) fazem um levantamento das principais abordagens realizadas sobre o tema a partir da década de 1970. Eles apontam o crescimento do interesse pelo assunto nesse período, o que estaria relacionado ao surgimento do movimento interpretativista no cenário antropológico. No mapeamento realizado por eles, as abordagens são classificadas de acordo com seu caráter universalista ou relativista, diferenciando-se entre aquelas que se preocupariam com os aspectos universais e invariantes das emoções, e aquelas que estariam focadas sobre sua variabilidade histórico-cultural. Essa tensão estaria articulada, ainda, a outros quatro conflitos teóricos, que podem ser resumidos nos seguintes dualismos: positivismo/interpretativismo; materialismo/idealismo; indivíduo/sociedade; racionalismo/romantismo.

O positivismo corresponderia a uma abordagem de cunho universalista, concebendo as emoções como um fenômeno “pan-humano”. Esta seria a abordagem típica da Psicologia, que destaca a relação entre emoção e comportamento, apontando a primeira meramente como causa para o último. O interpretativismo, por sua vez, consistiria numa abordagem de caráter relativista, abandonando a concepção de que as emoções seriam “estados internos” e, por isso, refratários a abordagens sócio-antropológicas. Nessa perspectiva, as emoções são tomadas como um elemento fundamental para a construção dos significados culturais. Mais que isso, as próprias emoções passam a ser concebidas como construções culturais, destacando-se sua variação no tempo e no espaço.

O materialismo concebe as emoções como fenômenos biológicos, que se expressariam através de manifestações fisiológicas. A cultura seria capaz de influenciar esses fenômenos, mas eles corresponderiam a realidades materiais, com as quais os indivíduos e grupos precisam lidar. Em contrapartida, o idealismo concebe as emoções como “julgamentos valorativos”, relacionado-as a aspectos mais amplos da estrutura social. O conflito entre o individual e o social, por sua vez, reflete-se nos estudos que apontam, de um lado, o indivíduo como o *locus* da emoção, e de outro, a influência de padrões socioculturais sobre seu comportamento. Isso acarreta uma distinção entre as “emoções”, entendidas como estados individuais internos, e os “sentimentos”, entendidos como formas socialmente reguladas de expressão das emoções.

Encontramos, ainda, a oposição entre racionalismo e romantismo. O primeiro se baseia na noção ocidental que define as emoções como o avesso da razão. Desse modo, elas seriam sinônimos da irracionalidade, estando associadas ao perigo, à desordem, ao descontrole e à animalidade. Na visão romântica, todavia, as emoções aparecem de modo positivo, sendo concebidas como um aspecto fundamental da condição humana, bem como signos de pureza, honestidade, originalidade e espontaneidade.

Por fim, Lutz e White destacam a contribuição da etnografia para o estudo das emoções. A abordagem etnográfica teria promovido uma importante mudança de foco nesses estudos, que teriam abandonado as conjecturas sobre o caráter universal dos afetos humanos, para ocuparem-se do modo como as emoções assumem significados particulares, atribuídos por diferentes grupos sociais. Diante disso, haveria, inclusive, a necessidade de uma atitude autorreflexiva por parte dos antropólogos ocidentais, que deveriam levar em consideração a influência das concepções de sua “cultura nativa” sobre a elaboração de suas teorias. Os autores destacam, ainda, que o estudo das emoções também poderia contribuir para o desenvolvimento da etnografia, tornando os relatos de campo mais completos e mais complexos, além de incorporar as emoções do antropólogo no campo como um dado relevante do ponto de vista metodológico.

Catherine Lutz participa, ainda, da elaboração de outro trabalho de mapeamento, mas, dessa vez, ao lado de Lila Abu-Lughod. No capítulo de introdução à coletânea *Language and politics of emotion* (1990), organizada por

elas, as autoras propõem uma nova forma de abordagem sobre a temática das emoções, baseada no conceito foucaultiano de discurso: o contextualismo. Como base para sua argumentação, elas fazem um levantamento sobre os principais tipos de abordagem desenvolvidos até então, indicando três tendências principais seguidas pelos estudos: o essencialismo, o historicismo e o relativismo.

O essencialismo seria a abordagem típica das Ciências Naturais e da Psicologia. Nesta perspectiva, encontraríamos uma reprodução do modo como as emoções são concebidas pelo senso comum ocidental ou, nos termos de Lutz (1988), pela “etnopsicologia euromericana”. O conceito de “etnopsicologia” refere-se ao modo particular como a noção de pessoa é definida em cada sociedade, englobando o fenômeno das emoções. No Ocidente, como vimos, as emoções são entendidas, por um lado, como estados individuais internos, subjetivos, que dizem respeito a uma essência ou verdade pessoal. Por outro lado, são tidas, também, como fenômenos de ordem natural, localizados no plano biológico, e associados à própria condição humana. Na perspectiva essencialista, portanto, as emoções são concebidas como processos psicobiológicos, que responderiam a fatores ambientais e culturais, mas teriam um caráter universal e invariável.

O relativismo e o historicismo apresentam a noção de que as emoções seriam socialmente construídas, variando no tempo e no espaço. Para o relativismo, os diferentes grupos sociais vivenciam e concebem o fenômeno das emoções de modo particular, através de categorias culturais específicas. Desse modo, existem padrões culturais que condicionam os modos de sentir e expressar as emoções. Os estudos desenvolvidos sob essa perspectiva geralmente estão ligados à abordagem etnográfica e, nesse sentido, destacam a variação dos sentimentos no plano sincrônico, fazendo a comparação de conceitos emotivos locais, produzidos por diferentes sociedades.

O historicismo, por sua vez, corrobora grande parte dos argumentos relativistas, mas destaca a variação das emoções no plano diacrônico, dedicando-se a investigar a evolução de determinados sentimentos ao longo do tempo. Isso costuma ser feito através de estudos que procuram reconstituir a genealogia de certas categorias emotivas, indicando as transformações pelas quais elas teriam passado no decorrer da história até alcançarem sua configuração atual.

Por fim, Lutz e Abu-Lughod apresentam o contextualismo como um novo tipo de abordagem sobre as emoções. Baseadas no conceito foucaultiano de discurso, elas propõem um modelo de análise de caráter pragmático, no qual a dimensão micropolítica das emoções é enfatizada. Segundo Foucault (1980), os discursos não mantêm, com seus objetos, uma relação meramente referencial, mas sim, de formação. Ou seja, os discursos são responsáveis pela própria constituição dos objetos dos quais falam. Desse modo, as emoções não seriam como dados do mundo material, universais e invariáveis. Como vimos, elas variam no tempo e no espaço, mas não apenas no que concerne à comparação entre sociedades e grupos diferentes. Para o contextualismo, as emoções são constituídas discursivamente, num processo que envolve disputas, negociações e relações de poder. O objeto de análise da antropologia das emoções corresponderia, então, aos discursos emotivos ou discursos sobre emoções. Desse modo, o que deve ser considerado são os contextos específicos nos quais esses discursos são acionados, com destaque para os seus efeitos sobre as relações de poder e desigualdades sociais entre os atores.

Para ilustrar a proposta contextualista, apresento o trabalho desenvolvido por Catherine Lutz, nessa mesma coletânea, sobre a relação entre gênero e emoção. Partindo de uma análise dos discursos que definem as emoções no Ocidente, Lutz (1990) destaca a relação fundamental que se estabelece entre emoção e feminilidade. Segundo ela, as qualidades que definem as emoções como uma categoria cultural, nesse contexto, são as mesmas que entram na definição da identidade feminina. Nesse sentido, Lutz afirma que “todo discurso sobre emoção é, também, ao menos implicitamente, um discurso sobre gênero” (1990 : 67).

Como vimos, no Ocidente, as emoções são representadas como fenômenos individuais e naturais. Além disso, elas seriam definidas a partir da oposição fundamental em relação a dois elementos: pensamento e alheamento, recebendo valorações diferentes em cada caso. Nas situações em que se contrapõem ao pensamento, as emoções recebem uma valoração negativa, sendo interpretadas como fontes de perigo, desordem, ou descontrole. Porém, ao se contraporem ao alheamento, as emoções recebem uma valoração positiva, pois passam a significar o engajamento pessoal nas relações com o outro, colocando-se no lugar da indiferença, que ameaça a continuidade dos laços sociais (Lutz, 1988; 1990).

Na etnopsicologia euroamericana, as emoções são definidas, ainda, a partir de outros dualismos, tais como: corpo/alma; emoção/expressão; e masculino/feminino. Ao serem relacionadas ao corpo, as emoções são equiparadas a sensações físicas, sendo concebidas como fatores biológicos ou fisiológicos. Quando relacionadas à noção de alma, contudo, elas passam a representar a verdade interior dos indivíduos, assumindo qualidades sagradas e metafísicas. Na verdade, as emoções corresponderiam justamente a esses estados internos, diferenciando-se das formas manipuláveis de expressão (Lutz, 1988; 1990).

Quanto à oposição entre o masculino e o feminino, encontramos a noção de que os homens seriam, naturalmente, mais racionais do que as mulheres, e estas, por sua vez, seriam, naturalmente, mais emotivas que os homens. Desse modo, os homens agiriam baseados na razão, seriam mais contidos, teriam uma capacidade maior de autocontrole e planejamento, e uma capacidade intelectual mais desenvolvida. Tudo isso os tornaria habilitados à ocupação das funções mais estratégicas e prestigiosas da organização social, incluindo os diversos cargos de comando. Em suma, o controle do domínio público pertenceria aos homens (Lutz, 1988; 1990).

As mulheres, por sua vez, padeceriam das mesmas ambigüidades com as quais as emoções são tratadas na cultura ocidental. Assim, por serem mais emotivas, elas estariam mais próximas da natureza, seriam mais instintivas e, ao mesmo tempo, mais intuitivas. Essas características as tornariam mais aptas a desempenhar papéis ligados ao cuidado do outro, a começar pela própria maternidade e pelas funções domésticas, como o cuidado da casa, dos filhos e do bem-estar do marido. Seguindo essa mesma lógica, outras funções assumidas pelas mulheres podem estar relacionadas a áreas profissionais como a enfermagem e o magistério, por exemplo. Ao mesmo tempo, a emotividade feminina pode ser interpretada como um sinal de irracionalidade, fraqueza e descontrole, o que se apresentaria como um obstáculo à ascensão das mulheres aos cargos mais importantes da estrutura social (Lutz, 1988; 1990).

As diferenças entre homens e mulheres aparecem de modo naturalizado na esfera do pensamento científico. Nesse sentido, a emotividade feminina poderia ser explicada pela atuação de hormônios específicos, como o estrogênio e a progesterona. Já a testosterona, o hormônio masculino, explicaria a maior

agressividade dos homens, sua impulsividade sexual, sua pró-atividade e liderança em diversos setores e, por fim, estaria na base do sentimento de raiva, uma das poucas emoções prescritas para o comportamento masculino e vedadas às mulheres. Nas representações científicas, as mulheres também aparecem como mais suscetíveis ao descontrole, em virtude do desequilíbrio hormonal característico de momentos como a gravidez, a menstruação e a menopausa. Em suma, a associação discursiva entre feminilidade e emoção contribui para o reforço das relações de poder e dominação que marcam a formação das identidades de gênero nas sociedades ocidentais (Lutz, 1988; 1990).

Por fim, destaco que a oposição fundamental entre razão e emoção, característica da chamada “etnopsicologia ocidental”, também se articula a outras formas de diferenciação e hierarquização sociais, para além das marcações de gênero, de modo a reforçá-las e legitimá-las. É o que se observa no caso das desigualdades de classe, por exemplo, determinando assim que os indivíduos pertencente às camadas sociais mais elevadas seriam mais racionais, contidos e controlados, à semelhança das representações mais comuns sobre a subjetividade masculina, enquanto os membros das classes populares seriam mais emotivos, irracionais e descontrolados, tal como as mulheres – concepção cultural que pode ser apontada, inclusive, como um dos principais fundamentos da adoção de mecanismos de elitização como ferramentas de domesticação e pacificação do público nas arenas esportivas.

4.3 Emoção e esporte

Podemos encontrar uma abordagem pioneira sobre a relação entre esporte e emoção na obra de Norbert Elias. Em parceria com Eric Dunning, Elias (1992) analisa o processo de formação dos esportes modernos, considerando-os sob a perspectiva de sua teoria sobre o “processo civilizador”. De acordo com ele, a formação do Estado Moderno seria caracterizada pela monopolização do uso legítimo da força por parte do Estado, o que levaria à exclusão da violência da esfera do cotidiano, assim como de outras formas mais intensas de comportamento,

que seriam consideradas desordeiras. Isso implicaria, ainda, no desenvolvimento de uma atitude de autocontrole por parte dos indivíduos. Desse modo, os conflitos deveriam ser resolvidos de modo pacífico, através da argumentação, tal como pode ser observado nas discussões entre os membros do Parlamento Inglês. Junto a esse processo de “parlamentarização” dos costumes, observamos, também, um processo de “desportivização” da sociedade.

Segundo Elias, o controle da violência teria afetado, também, as formas de excitação encontradas nas sociedades pré-modernas. Assim, a vida nas sociedades modernas teria se tornado mais segura, mas, ao mesmo tempo, menos emocionante. As pulsões vitais reprimidas, através do “processo civilizador”, continuariam existindo, e precisariam de novas formas de expressão. É nesse ponto que os esportes modernos adquirem sua importância. Eles surgem como “válvulas de escape” para essas pulsões vitais, permitindo a manifestação de comportamentos violentos e emoções intensas, dentro de certos parâmetros. Devido ao seu caráter ritualizado, os esportes modernos permitem que esses comportamentos se manifestem de modo regulado, impedindo que eles venham a irromper em outros momentos, abalando a normalidade da vida cotidiana. Além disso, os esportes modernos substituem, gradativamente, a violência por outras fontes de excitação, principalmente através da criação de regras e objetivos mais complexos, que tornam as competições mais emocionantes.

A análise de Elias sobre os esportes aparece como preâmbulo no trabalho de Luiz Fernando Rojo (2011). Ele analisa a relação entre gênero e emoção no hipismo, a partir de uma abordagem contextualista, comparando a prática desse esporte em duas localidades: Rio de Janeiro e Montevidéu. Rojo escolhe o hipismo para a realização de sua pesquisa porque esse esporte teria a particularidade de ser a única modalidade olímpica que permitiria a participação de homens e mulheres nas mesmas competições, além de ser praticado com o auxílio de um animal (o cavalo, nesse caso). Desse modo, o hipismo seria marcado por um discurso igualitarista, no qual as diferenças entre os gêneros/sexos seriam minimizadas. A presença do cavalo contribuiria para esse igualitarismo, pois seria a lida com o animal o diferencial nas competições, e não a força física dos atletas.

A análise de Rojo se concentra sobre duas modalidades de competição do hipismo: as provas de salto e as provas de adestramento. Apesar de não haver uma

separação formal entre os sexos no hipismo, Rojo observa uma participação maior de homens nas provas de salto, ao passo que as mulheres apareceriam em maior número nas provas de adestramento. Essas diferenças são mencionadas nas falas dos entrevistados, e suas explicações nos levam a representações sobre a importância que o controle exercido pelos atletas, sobre suas emoções e sobre o cavalo, teria sobre seu desempenho.

Por serem mais emotivas, sensíveis e intuitivas, as mulheres teriam maior facilidade para lidar com os cavalos, o que as tornaria mais credenciadas do que os homens para as provas de adestramento. No entanto, essa sensibilidade poderia fazer com que elas não conseguissem ser duras com os animais, quando necessário, tornando-se uma desvantagem em alguns momentos. As provas de salto, por outro lado, exigiriam maior controle das emoções por parte dos atletas, além do sentimento de coragem. Logo, os homens estariam mais aptos para a disputa de competições desse tipo. No entanto, o excesso de confiança dos homens poderia atrapalhá-los em algumas situações, enquanto o medo das mulheres poderia favorecê-las, por torná-las mais cautelosas e cuidadosas.

Rojo afirma, ainda, que a grande presença de militares no hipismo uruguaio, tanto nas provas de salto, quanto nas provas de adestramento, faria com que a relação entre feminilidade e emoção fosse minimizada nas representações sobre o esporte encontradas nesse contexto. Por fim, ele conclui que, apesar das representações igualitaristas que predominam no hipismo, as diferenças entre os sexos são reintroduzidas, nesse esporte, através dos discursos emotivos. Esses discursos têm uma importante dimensão micropolítica e interferem na dinâmica das relações de poder entre os gêneros, ora produzindo e reforçando hierarquias, ora suscitando formas de resistência.

Em outro trabalho, Verônica Rocha (2011) analisa os “sentidos da vida” segundo a perspectiva dos praticantes de *base jump*, um esporte caracterizado pelo salto em queda livre a partir de estruturas fixas. Esse esporte originou-se do paraquedismo, tornando-se uma modalidade específica no fim da década de 1970. O termo “base” é formado pelas iniciais de *building*, *antenna*, *span* e *earth* (edifício, antena, ponte e desfiladeiro), que correspondem a objetos que servem de plataforma para os saltos.

O *base jump* está relacionado a situações de extremo risco, fazendo com que a própria vida dos esportistas seja colocada em jogo. Na prática desse esporte, existe o risco de que o paraquedas não abra, o que poderia provocar o choque do esportista contra o solo, ou então, contra a própria estrutura de salto, podendo, ainda, fazer como que ele se enrole em redes elétricas de alta tensão. Como os saltos são realizados de estruturas baixas, atingindo grandes velocidades, não há tempo suficiente para o acionamento de um paraquedas reserva, e o *base jumper* dispõe de poucos segundos para a resolução de qualquer tipo de problema.

Sendo assim, a tensão entre a vida e a morte encontra-se presente, objetiva e subjetivamente, de modo marcante na experiência dos praticantes desse esporte. Os desafios enfrentados através do *base jump* fazem com que os indivíduos realizem uma série de reflexões, levando-os a produzir sentidos sobre a vida.

Baseando-se em Douglas, Rocha critica a noção privatista, predominante na modernidade ocidental, que define o risco como uma responsabilidade individual, culminando num processo de culpabilização. Segundo Douglas (1992; 1996), as noções de risco seriam culturalmente construídas. O risco está relacionado a tudo aquilo que ameaça a coerência dos princípios de organização de um dado sistema cultural. Como cada sociedade tem sua própria forma de organização, a definição do que constituiria uma situação de risco ou perigo é variável, bem como as formas de lidar com essas circunstâncias. O estudo de Rocha se concentra sobre a categoria do “risco desejado”, que consistiria no risco tomado como um estilo de vida, sendo vivenciado através da prática de esportes radicais.

Nas falas dos entrevistados, o risco é assumido como um elemento integrante da atividade esportiva, desencadeando o sentimento de medo. É necessário coragem para enfrentar os riscos e controlar o medo, superando limites e obstáculos para voar. As emoções associadas ao *base jump* estão ligadas às diferentes etapas do salto. A primeira etapa compreende o momento que antecede o salto, sendo marcada pelo sentimento de medo. A segunda etapa consiste na queda livre, que se inicia no momento em que o paraquedas é acionado, sendo marcada por uma intensa sensação de liberdade e prazer. A terceira etapa é realizada com o paraquedas aberto, caracterizando-se pela planagem. Quando os saltos são realizados de estruturas mais elevadas, a planagem possibilita o ato de contemplação da natureza. Na última etapa, que consiste no pouso, predominam o

sentimento de alegria e a gratidão aos colegas, a Deus (ou aos deuses) e à natureza.

Fora da situação de salto, os atores refletem sobre os sentidos de suas vidas. Eles afirmam que se sentem pessoas melhores, após cada salto, por se depararem com a proximidade da morte. Ou melhor, a sensação de ter vencido a morte transforma-se numa exaltação à vida. Nesse contexto, a morte é compreendida de duas formas diferentes: por um lado, existe a morte natural, que é aceita como uma realidade inescapável pelos atores, a qual eles não temem, mas também não desejam. Por outro lado, existe a “morte em vida”, que foi unanimemente rejeitada pelos entrevistados. Trata-se de uma forma simbólica de morte, fortemente associada ao sentimento de tédio e à falta de liberdade que caracterizam a vida cotidiana.

Em oposição a isso, são enfatizadas as experiências mais intensas, proporcionadas pelos esportes radicais, que estariam relacionadas a um estilo de vida mais criativo, espontâneo e prazeroso, adotado pelos praticantes de atividades desse tipo. Rocha identifica, no comportamento de seus pesquisados, a valorização de uma sensibilidade que procura transcender a realidade da vida cotidiana, indo em direção a novas fontes de emoção e excitação. Nesse sentido, ela caracteriza a experiência dos *base jumpers* como uma manifestação do romantismo moderno, tal como definido por Colin Campbell (2001).

4.4 Emoção e futebol

Na sequência, apresento alguns trabalhos que abordaram a importância das emoções em um esporte específico: o futebol, que consiste no esporte mais popular no Brasil – e na maior parte do mundo –, correspondendo ainda ao contexto de análise de minha pesquisa. Dentre esses trabalhos reunidos, inclui-se minha dissertação, onde abordei a relação entre masculinidade e emoção, através das memórias apaixonadas de torcedores.

4.4.1 Pertencimento clubístico e engajamento emocional

Para além da relação entre futebol e identidade nacional, consubstanciada pela seleção – tema amplamente abordado pelas Ciências Sociais no Brasil –, esse esporte consiste num importante fenômeno cultural no Brasil, inspirando a formação de outras modalidades de identificação, laços sociais e diversas formas de sociabilidade. No cotidiano, são as paixões clubísticas que mobilizam os torcedores, exigindo maior atenção daqueles que se dedicam ao estudo do futebol.

Arlei Damo (2002) aborda o futebol como um sistema cultural específico, organizado em torno de dois circuitos de disputas: o nacionalismo, que se caracteriza pelos confrontos entre seleção nacionais, e o clubismo, que se caracteriza pelos confrontos entre clubes de futebol. Ambos são significativos para a produção de identidades e laços sociais. Em suas análises, Damo dedica atenção especial ao circuito representado pelo clubismo.

Segundo Damo, os clubes devem ser pensados como “comunidades imaginadas de sentimentos”, aplicando a eles o termo consagrado por Benedict Anderson (2008) para se referir aos Estados Nacionais. Assim como ocorre aos membros de uma mesma nação, os torcedores de determinado clube constituem uma coletividade simbolicamente unificada, pois compartilham símbolos, memórias, padrões de comportamento e de sentimentos, que proporcionam a eles a sensação de pertencerem a uma mesma totalidade, ou seja, de possuírem uma identidade comum.

A essa forma de identidade, Damo denomina “pertencimento clubístico”. Para ele, a relação do torcedor com seu “clube do coração” se desenvolve eminentemente sob a forma de um engajamento emocional. Entendendo o futebol como um campo social específico, ele identifica quatro diferentes grupos de atores que atuam nesse meio: profissionais (jogadores, técnicos, etc.), dirigentes, especialistas (imprensa esportiva) e torcedores. Em contraste com os outros grupos, os torcedores se relacionam com o futebol de modo estritamente emocional. Para eles, as emoções aparecem como principal motivação e como chave de compreensão fundamental para os eventos ocorridos no interior desse sistema simbólico.

As emoções dos torcedores conferem significado não só às suas experiências, mas também ao próprio espetáculo esportivo. Ou melhor, são elas que fazem com que o futebol seja mais que um jogo, tornando-se um espetáculo atraente e um fenômeno cultural cheio de significados. Isso porque os torcedores não acorrem aos estádios simplesmente para assistir a belas jogadas, pois não são fatores meramente estéticos que presidem às suas ações. O torcedor é movido por emoções, mas também não é qualquer tipo de afeto que faz com que ele dedique tempo e dinheiro ao futebol. Sua experiência se organiza em torno do pertencimento clubístico, a partir dos sentimentos de amor, paixão e fidelidade dedicados a um clube específico.

O sentimento de fidelidade é fundamental para conferir estabilidade ao futebol enquanto sistema simbólico. Se os torcedores pudessem mudar de time a qualquer momento, não seria possível a constituição dos clubes como comunidades de sentimentos, nem haveria os sistemas de relações organizados em torno deles. Em última instância, não haveria torcedores, mas apenas espectadores.

A adesão a determinado clube envolve o aprendizado de padrões emocionais específicos, num processo de socialização que mobiliza e se confunde com relações familiares. Isso porque, de acordo com Damo (2002), o pertencimento clubístico tende a se desenvolver sob a forma de uma tradição familiar e masculina. No futebol, encontramos um espaço propício à vivência de emoções e sensações intensas por parte dos homens, num flagrante contraste com o *ethos* racionalista que caracteriza a subjetividade cultural da modernidade.

4.4.2 Emoção e masculinidade nos estádios de futebol

Gustavo Bandeira (2012) aborda a relação entre masculinidade e emoção nos estádios de futebol. Ele entende as emoções, não como estados subjetivos e naturais, mas sim como construções culturais, que variam no tempo, no espaço, e nos diferentes contextos discursivos dentro de uma mesma sociedade (Abu-Lughod e Lutz, 1990). Nesse sentido, o futebol e, sobretudo, os estádios, consistiriam em espaços específicos de produção da experiência emocional dos torcedores, devido

ao seu caráter ritualizado e extracotidiano. Tendo em vista a marca de gênero fundamental do futebol, esse contexto pode ser pensado também como um espaço específico de produção da experiência emocional masculina.

Bandeira destaca a importância dos estádios para a construção e performatização do “pertencimento clubístico”. A ida ao estádio representa um momento especial na relação do torcedor com seu “clube do coração”. Nesse espaço, as emoções são vivenciadas de modo coletivo e ritualizado: os cânticos, bandeiras e uniformes contribuem para conferir materialidade à “comunidade de sentimentos” representada por determinado clube. Os estádios são como “templos sagrados”, onde as emoções encontram-se “em atuação”.

Nos estádios, as emoções são vivenciadas de modo intenso, tendo em vista o estado de efervescência coletiva que neles se produz (Durkheim, 1996). No entanto, não se deve imaginar que o comportamento e os sentimentos dos torcedores nesse espaço sejam totalmente espontâneos ou caóticos. Tal como ocorre em qualquer contexto cultural, a expressão das emoções nos estádios envolve regras sociais específicas, que devem ser assimiladas pelo torcedor num processo gradativo de socialização e educação sentimental.

A experiência afetiva dos torcedores é guiada por princípios tomados de empréstimo do discurso romântico ocidental. Nessa perspectiva, valoriza-se uma experiência emocional intensa e perene, sendo o amor entendido como condição fundamental para se alcançar a felicidade. Em suas manifestações coletivas, os torcedores declaram-se intensamente apaixonados por seus clubes, juram-lhe amor eterno, e mostram-se dispostos a cometer grandes loucuras e sacrifícios em seu nome. Tudo isso representa uma experiência emocional excessiva, que vai de encontro ao modelo hegemônico de masculinidade. No contexto ritualizado do futebol, masculinidade e emoção se combinam de um modo especial.

4.4.3 Masculinidade e emoção nas memórias de torcedores

Em minha dissertação, elaborada entre os anos de 2012 e 2014, abordei a relação entre masculinidade e emoção no contexto do futebol, através das memórias

de torcedores. Meu principal objetivo era mostrar como as experiências emotivas vivenciadas pelos homens no contexto do futebol – com destaque para a relação dos torcedores com seus “clubes do coração” – contribuem para a constituição de identidades e subjetividades masculinas, subvertendo assim a lógica segundo a qual emotividade e masculinidade são definidas como propriedades opostas na cultura ocidental. Para tanto, foram realizadas entrevistas em profundidade com torcedores dos principais times de futebol do Rio de Janeiro: Botafogo (2), Flamengo (3), Fluminense (3) e Vasco (2). As memórias relacionadas às experiências dos entrevistados enquanto torcedores foram, assim, tomadas como a principal via de acesso para a compreensão de seus discursos emotivos.

Segundo Lutz & Abu-Lughod (1990), como vimos, as emoções são concebidas como atributos típicos do comportamento feminino, no Ocidente, sendo excluídas do modelo culturalmente hegemônico da masculinidade. Nesse universo cultural, razão e emoção são entendidas como propriedades diametralmente opostas, recebendo diferentes valorações. Em suma, observa-se uma valorização cultural da razão e do intelecto, em detrimento da emoção, que ao ser entendida como o avesso da racionalidade, passa a ser associada ao excesso e ao descontrole que ameaçam a ordem social. Essa concepção se articula ainda ao esquema de diferenciação cultural entre os gêneros e, desse modo, as mulheres são concebidas como naturalmente emotivas e descontroladas, enquanto os homens, por oposição, são definidos como seres essencialmente racionais e, por conseguinte, mais controlados e comedidos em seu comportamento.

O que se apresenta, de modo naturalizado, como uma essência deve, no entanto, ser entendido sob os termos da performance e normatividade cultural. Nesse sentido, os homens não *são*, mas antes, *devem* agir (atuar) de modo racional e controlado, com vistas a se adequarem a um modelo de masculinidade socialmente construído. No futebol, porém, encontramos um contexto excepcional em que essa lógica de separação entre masculinidade e sentimentos é parcialmente subvertida. Por um lado, o futebol consiste numa atividade eminentemente masculina, pois é praticada, admirada e consumida majoritariamente por homens. Esse esporte se encontra na base da socialização masculina desde a infância e proporciona diversas oportunidades de lazer e sociabilidade que possibilitam o estreitamento de laços sociais masculinos.

Por outro lado, o futebol também consiste num contexto fortemente marcado pela emotividade. As emoções correspondem à principal motivação que leva alguém a aderir a esse esporte, seja como praticante (jogador) ou como espectador – principalmente nesta segunda condição, pois o torcedor pode ser apontado como o “*locus da emoção*” no futebol. O torcedor é aquele que se relaciona com o futebol sob a forma de um engajamento afetivo, estabelecendo um laço de fidelidade e exclusividade com seu “clube do coração”. Em todo caso, o que importa ressaltar é que, ao contrário do controle e comedimento regularmente exigidos dos homens em sua vida cotidiana, no contexto do futebol são valorizados o exagero, o descontrole, o excesso e a desmedida.

O futebol institui, portanto, um contexto especial de vivência emocional, em que masculinidade e emoção se combinam de modo coerente e legítimo. As experiências emotivas vivenciadas pelos homens no âmbito do futebol contribuem para a constituição de identidades e subjetividades masculinas. Isso pode ser observado nos depoimentos dos torcedores entrevistados ao longo da pesquisa, cuja análise foi dividida em quatro seções.

No primeiro capítulo de análise das entrevistas, procurei demonstrar que a paixão por determinado clube de futebol é vivenciada como uma tradição familiar pelos torcedores, aproximando o universo do futebol de uma lógica de organização totêmica. Trata-se, mais precisamente, de uma tradição masculina, que se propaga entre os componentes masculinos de uma família. No lugar da livre iniciativa individual, encontramos a forte influência de familiares masculinos no processo de escolha do “clube do coração”, o que inclui a ação de avôs, tios e primos, mas tem como destaque a figura do pai. Essa influência pode ser exercida de modo deliberado ou não, podendo ainda ser diversamente vivenciada como uma ação coercitiva ou como a adesão voluntária às cores de um clube.

No futebol, o pai desempenha um papel especial, sendo o principal responsável pela transmissão da paixão por determinado clube para seus filhos. Para dar continuidade a essa tradição familiar, o “pai-torcedor” deve lançar mão de certos artifícios, como ensinar a história do clube a seus filhos, levá-los ao estádio, contar-lhes suas memórias de torcedor, etc. A transmissão de memórias futebolísticas desempenha um papel fundamental nesse processo. No contexto do

futebol, o pai deve, portanto, atuar como o principal agente de socialização de seus filhos como novos torcedores.

Por conseguinte, a paixão por determinado clube acaba se constituindo como um elemento fundamental para o desenvolvimento da relação entre pais e filhos. O futebol oferece os principais assuntos e ocasiões para o estabelecimento de situações de sociabilidade entre eles, contribuindo para a criação e manutenção dos laços afetivos que os unem. Em suma, podemos afirmar que, num primeiro momento, a paixão pelo futebol se propaga através de vínculos afetivos masculinos, contribuindo para fortalecê-los em seguida.

No segundo capítulo de análise, procurei compreender que tipo de relação e sentimento os entrevistados estabeleceriam com seus “clubes do coração”, bem como a importância pessoal que eles atribuiriam a essa relação afetiva. Apesar de as entrevistas em profundidade consistirem num contexto específico, tendo em vista a maior reflexividade que caracteriza esse tipo de interação, a maioria dos entrevistados declarou sentir amor ou paixão por seu clube, em conformidade com o discurso romântico presente nas canções entoadas coletivamente nos estádios de futebol. Amor e paixão são sentimentos tipicamente femininos no ideário da cultura ocidental, mas desempenham um papel fundamental no contexto masculino do futebol.

Alguns entrevistados também se apresentaram como torcedores “fanáticos” por seus times, embora estes representem uma minoria. O fanatismo foi refutado como algo nocivo pela maioria dos entrevistados, em parte pela associação deste termo à violência cometida pelas torcidas organizadas, e em parte pelo modo como o fanatismo tende a ser caracterizado na cultura ocidental. Em suma, o fanático é aquele que abre mão de sua individualidade, tornando-se indiferenciado em meio a uma multidão que segue e adora um mesmo ídolo. O amor e a paixão, pelo contrário, são sentimentos que individualizam, apontando para a existência de um laço afetivo singular entre o sujeito e o objeto de adoração – neste caso, o “clube do coração”.

Apaixonados ou fanáticos, os entrevistados procuraram descrever o forte impacto que o futebol tem sobre suas vidas, para além das situações de jogo. Alguns entrevistados relataram os efeitos que o desempenho de seus times tem sobre sua saúde, ocasionando episódios de mal-estar e desmaios, por exemplo.

Outros destacaram os efeitos que a paixão pelo clube tem sobre seu comportamento, assumindo muitas vezes um impacto negativo sobre suas vidas pessoais e profissionais. Nesses casos, o sentimento pelo time foi caracterizado como uma espécie de loucura ou doença, remetendo às representações mais comuns das emoções no Ocidente, que as associam às noções de irracionalidade, descontrole e perigo. No entanto, isso aparece de modo ambivalente, pois a nocividade das emoções é valorizada na construção da ligação afetiva do torcedor com seu “clube do coração”. Os entrevistados destacaram ainda a importância das emoções vivenciadas através do futebol como fundamento para a constituição de sua identidade e subjetividade.

Por fim, os entrevistados relataram diversos episódios de choro motivados por momentos marcantes vivenciados em suas experiências como torcedores. Assim como toda forma de expressão de sentimentos, o choro constitui uma linguagem, que permite aos indivíduos comunicar aos outros e para si mesmos o que sentem. A expressão de sentimentos tem um caráter coletivo e compulsório, obedecendo a regras específicas em cada sociedade ou contexto social. Na modernidade ocidental, o choro – bem como toda forma de expressão emotiva – é caracterizado como um traço típico do comportamento feminino. No entanto, no contexto do futebol, os homens choram e se emocionam com frequência, falando abertamente sobre esses episódios ao longo das entrevistas. Portanto, ao invés de feminilizar, as lágrimas simbolizam a força de uma identidade tipicamente masculina no contexto do futebol.

É preciso destacar que se, por um lado, a masculinidade construída no contexto do futebol é mais emotiva, por outro lado, a emotividade que se manifesta nesse contexto também passa por um processo de “masculinização”. Assim, encontramos entrevistados que se apresentaram como torcedores “equilibradamente apaixonados” por seus clubes, ou ainda, que disseram “chorar de raiva” nos momentos de derrota de seus times. Nesses casos, a emotividade é combinada com traços característicos do comportamento masculino – respectivamente, equilíbrio e agressividade –, sendo destituída de qualquer fragilidade ou descontrole que poderia mantê-la associada à natureza feminina.

No terceiro capítulo de análise, abordei as memórias mais marcantes vivenciadas pelos entrevistados enquanto torcedores, o que corresponde aos

grandes títulos, vitórias e derrotas de seus “clubes do coração”. Pelos depoimentos colhidos, foi possível observar que essas memórias são eminentemente emotivas, ou seja, a emoção é o elemento que parece presidir o processo de formação dessas memórias, antes de qualquer outro fator. Dito de outra forma, é a emoção o que marca a experiência pessoal, deixando certos momentos gravados na memória.

A memória do torcedor é composta não só por acontecimentos vivenciados diretamente, mas também por eventos experimentados “por tabela”, a partir do pertencimento do indivíduo a um determinado grupo – o clube pelo qual se torce, e a “comunidade de sentimentos” composta pelos demais torcedores. Nesse sentido, alguns entrevistados mencionaram, entre suas lembranças mais marcantes, títulos e jogos ocorridos num tempo em que não eram nem mesmo nascidos. Além das histórias contadas por outros torcedores – com destaque para a figura do pai – os entrevistados ressaltaram a importância dos vídeos disponíveis na internet como uma forma de familiarização com essas memórias coletivas.

Em todo caso, merece destaque o grande nível de detalhes com que essas memórias marcantes são narradas. Esse detalhamento é uma forma de caracterizar essas memórias como algo especial, singularizando-as através de uma descrição mais complexa. A boa memória futebolística é um dos elementos que caracterizam o torcedor apaixonado, que deve estar a par dos momentos mais marcantes da história de seu clube. Nesse sentido, grande parte dos entrevistados declarou ter uma memória mais eficaz para se lembrar de eventos ligados ao futebol do que para recordar acontecimentos ligados a outras áreas de suas vidas. A distribuição dos jogos e campeonatos em torno de um calendário mais ou menos regular permite uma melhor organização das memórias futebolísticas. Por conseguinte, essas memórias contribuem para a recordação de eventos ligados a outros contextos, possibilitando a organização da experiência dos torcedores para além do âmbito do futebol, e até mesmo da narrativa de suas trajetórias pessoais.

Em minha pesquisa, portanto, procurei destacar a importância das emoções para a constituição cultural do gênero ou, mais precisamente, da masculinidade. No futebol, encontramos um contexto excepcional, em que os valores hegemônicos da virilidade são substituídos por uma combinação peculiar entre masculinidade e emoção. A consideração desse contexto nos permite desnaturalizar a dissociação comumente realizada entre masculinidade e emoção, apontando para a constituição

de diferentes padrões de performance masculina, não apenas em sociedades diferentes, mas também em diferentes contextos de ação dentro de uma mesma sociedade.

Por fim, destaco que alguns de meus entrevistados fizeram também duras críticas à reforma realizada no Maracanã para adequá-lo aos padrões exigidos pela FIFA e pelo COI para a realização da Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016, questionando especialmente o processo de elitização do público, as novas regras de conduta impostas aos torcedores e a descaracterização arquitetônica do estádio. Com essas mudanças, o Maracanã teria perdido não apenas sua identidade visual e estrutural, mas também algo de seu “espírito” ou de sua “essência”, segundo eles, tornando-se um estádio “frio”, em oposição à “atmosfera” ou “experiência de estádio” mais “vibrante” e emocionante que se tinha antes da reforma. Essas críticas, realizadas numa época recente à inauguração do Novo Maracanã, foram fundamentais para a definição do objeto a ser analisado em minha pesquisa de doutorado, constituindo-se a presente a tese, portanto, como um desdobramento da investigação desenvolvida por mim no âmbito do mestrado.

Na sequência, apresento um capítulo dedicado à metodologia empregada para a elaboração da pesquisa que deu origem à presente tese.

5 METODOLOGIA

Nesta tese, investigo o impacto do processo de “arenização” do Maracanã sobre o comportamento e, principalmente, as emoções dos torcedores. Para tanto, realizei observações de campo em jogos do Clube de Regatas do Flamengo, disputados no Novo Maracanã, além de entrevistas qualitativas, semiestruturadas, com torcedores do clube, selecionados sob a condição de que fossem frequentadores assíduos do estádio, desde o período anterior à reforma de arenização iniciada em 2010. Ao todo, foram feitas 12 entrevistas, com torcedores de ambos os sexos e diferentes faixas etárias, pertencentes majoritariamente às classes B e C, segundo os critérios do IBGE, além de 20 observações de campo, desenvolvidas entre abril de 2015 e junho de 2018.

Meu trabalho de campo teve início, oficialmente, em abril de 2015, quando compareci a uma partida entre Flamengo e Fluminense, válida pelo Campeonato Carioca, intensificando-se no mês seguinte, quando passei a acompanhar sistematicamente os jogos do clube válidos pelo Campeonato Brasileiro (principal competição do futebol nacional). Em 2016, compareci a apenas uma partida do Flamengo no Novo Maracanã, pois o estádio permaneceu indisponível aos clubes cariocas durante a maior parte da temporada, por razões já comentadas no terceiro capítulo. Em 2017, voltei ao estádio em mais seis oportunidades, para assistir a dois jogos válidos pela Taça Libertadores da América, três partidas do Campeonato Brasileiro, além da final da Copa do Brasil. Em 2018, retornei ao estádio para assistir a mais duas partidas válidas pelo “Brasileirão”.

Sendo assim, a grande maioria de minhas observações de campo foi realizada em jogos do Campeonato Brasileiro, especialmente na edição de 2015, mas incluiu também partidas de outras competições, como o Campeonato Carioca de 2015, a Copa do Brasil e a Taça Libertadores da América, ambas em 2017, além de um amistoso disputado contra a equipe americana do Orlando City, em novembro de 2015. Procurei, portanto, realizar minhas observações em partidas válidas por diferentes competições, disputadas tanto no meio como nos finais de semana, em diferentes horários e com diferentes contingentes de público, de modo a diversificar as condições de observação.

Optei por desenvolver meu trabalho de campo em jogos do Flamengo por tratar-se de um dos clubes que utilizam o Novo Maracanã como sua “casa” atualmente, ou seja, como o estádio onde realiza seus jogos quando detém o mando de campo. No presente, Flamengo e Fluminense são os clubes que mais utilizam o Maracanã para mandar seus jogos, pelo fato de não possuírem estádios próprios – ou melhor, estádios em condições de receber grandes públicos, algo frequentemente lembrado pelos torcedores de clubes rivais, como forma de gozação –, à diferença de Vasco e Botafogo, que mandam suas partidas respectivamente em São Januário (construído pelo próprio clube na década de 1920) e no Estádio Nilton Santos, popularmente conhecido como Engenhão (administrado pelo clube desde 2007). Por dependerem do Maracanã para a realização de suas partidas, Flamengo e Fluminense possuem contratos de longa duração com a concessionária que administra o estádio desde 2013, enquanto Vasco e Botafogo precisam fazer acordos avulsos com os gestores do consórcio quando necessitam utilizar suas instalações.

Tendo em vista que Flamengo e Fluminense são os clubes que utilizam o Novo Maracanã regularmente como sua “casa”, minha intenção, num primeiro momento, era realizar o trabalho de campo em jogos de ambos os clubes. Contudo, por não ser um frequentador assíduo de estádios de futebol, considerei que seria melhor começar minhas observações em jogos do Flamengo, em grande medida, pelo fato de ser torcedor do clube. Após algumas idas a campo, no entanto, decidi reorientar o foco, desviando-o da ideia inicial da comparação entre as experiências de rubro-negros e tricolores para uma comparação mais sistemática do comportamento dos torcedores de um mesmo clube nos diferentes setores do estádio, e em diferentes circunstâncias. Esse recorte também contribuiu para minimizar os custos gerados pela pesquisa, sendo fundamental, para tanto, minha adesão ao programa de sócios-torcedores do Flamengo.

Dentre as alternativas disponíveis, decidi, portanto, fazer minhas observações de campo em jogos do Flamengo. À parte o fato de ser torcedor do clube, essa escolha se justificava por tratar-se de um dos clubes mais importantes do futebol brasileiro, amplamente representado como “popular” ou “de massa”,

possuindo a torcida mais numerosa do país⁴⁶, e a maior média de público do futebol nacional⁴⁷. Minha hipótese era de que o caráter presumidamente mais popular do clube poderia gerar uma contradição mais flagrante em relação ao processo de elitização inerente à arenização do Maracanã, suscitando práticas e discursos de resistência mais enfáticos por parte de seus torcedores.

Além disso, a necessidade de tornar-me sócio-torcedor, a fim de minimizar os custos da pesquisa, e garantir a compra de ingressos em jogos de maior apelo, também contribuiu para que eu escolhesse os jogos do Flamengo para a realização de meu trabalho de campo. Isso porque o valor de face do ingresso mais barato, para os setores norte e sul do Novo Maracanã, em jogos do Flamengo, custava geralmente 60 reais para torcedores não-associados, podendo variar de acordo com a importância da partida. Nos setores laterais, os ingressos costumavam custar 100 reais. Com o acúmulo dos descontos oferecidos a sócios-torcedores e estudantes, era possível pagar apenas 25% do valor de face, o que correspondia a apenas 15 reais, no caso dos ingressos para o setor norte, e 25 reais, nos setores laterais (além dos 40 reais mensais pagos pela assinatura do plano Raça do programa de sócios-torcedores do Flamengo). Minha adesão ao programa Nação Rubro-Negra viabilizou, portanto, que eu realizasse minhas observações também nos setores mais caros do estádio, incluindo o Maracanã Mais, ao qual consegui ir apenas uma vez, pagando 60 reais, num ingresso que custava 240 reais para os torcedores não-associados.

Embora eu tenha o futebol como esporte favorito, seja torcedor do Flamengo, e considere a mim mesmo um torcedor moderadamente engajado – pois acompanho os jogos e o cotidiano do clube através dos meios de comunicação, mantendo com ele, além disso, uma relação afetiva e identitária, que julgo relevante –, nunca fui um frequentador assíduo de estádios de futebol, e nem mesmo do Maracanã especificamente. Creio que isso contribuiu para a produção do “estranhamento do familiar” (Velho, 1987) necessário ao desenvolvimento da pesquisa antropológica, justificando ainda a necessidade de realizar entrevistas com torcedores que fossem frequentadores regulares do Maracanã desde o período anterior à reforma de

⁴⁶ Disponível em: <https://odia.ig.com.br/esporte/flamengo/2018/04/5531291-pesquisa-confirma-flamengo-tem-a-maior-torcida-do-brasil.html>

⁴⁷ Disponível em: <https://pvc.blogosfera.uol.com.br/2018/06/04/flamengo-lidera-com-maior-media-de-publico-em-30-anos/>

arenização, os quais poderiam tecer comparações mais bem fundamentadas, em suas experiências pessoais, entre o antigo estádio e a nova arena.

Antes de iniciar minha pesquisa, eu já havia frequentado o Maracanã, na condição exclusiva de torcedor, em 16 ocasiões, das quais 11 ocorreram entre os anos de 1998 e 2009, ou seja, no período anterior à reforma de arenização, e as cinco restantes, entre os anos de 2013 e 2014, quando o Novo Maracanã já havia sido inaugurado. Além disso, eu já havia assistido a quatro partidas no estádio do Engenhão, entre os anos de 2010 e 2012, quando o Maracanã se encontrava fechado para reformas. Essas experiências prévias em estádios como torcedor contribuíram muito para a construção e a análise de meu objeto de pesquisa, permitindo-me fazer algumas comparações entre minhas experiências antes e depois da reforma.

De minhas experiências como torcedor antes do processo de arenização, o que mais recordo é a festa que costumava ser realizada pela torcida, principalmente nas arquibancadas do Antigo Maracanã, onde os torcedores permaneciam de pé durante a maior parte dos jogos, cantando e pulando para apoiar o time, sendo incentivados pelos membros das torcidas organizadas, que levavam uma grande quantidade de bandeiras, faixas e instrumentos musicais – além de sinalizadores, balões, papéis picados, rolos de papel higiênico (usados como confete e serpentina), em algumas ocasiões. Lembro-me também do clima de desordem e perigo que costumava acompanhar essa experiência, fazendo com que a ida ao estádio fosse vivenciada por mim como uma grande aventura.

Até 2009, tive sempre a companhia de meu pai nos jogos aos quais assisti no Maracanã. De modo geral, deslocávamo-nos até o estádio de carro (partindo de Realengo, onde morávamos) e estacionávamos na UERJ. Meu pai me orientava a vestir uma roupa velha qualquer para ir ao estádio, e recomendava que eu não usasse meu relógio de pulso ou qualquer outro objeto de valor, alertando ainda para que eu me mantivesse sempre atento caso estivesse portando minha carteira, celular, ou alguma quantia em dinheiro em meus bolsos, para evitar furtos e roubos. Ele também me orientava a vestir a camisa do Flamengo somente no interior do estádio, para evitar provocações de torcedores rivais nesse trajeto, recomendando ainda que eu me mantivesse sempre atento para fugir de eventuais brigas e confusões que ocorressem próximo a nós.

Para além de algumas “correrias” que costumavam acontecer, algumas confusões que se iniciavam e rapidamente se dissipavam, antes mesmo que conseguíssemos entender suas causas, lembro-me apenas de duas ocasiões de perigo efetivamente vivenciadas por nós nesse período. Primeiro, uma briga entre torcedores em uma das rampas de saída do estádio, quando uma garrafa de vidro foi arremessada e explodiu ao chocar-se contra uma coluna de concreto, num local bem próximo de onde estávamos; e segundo, uma confusão nas filas de uma das bilheterias, quando meu pai quase foi atingido pela espada de um dos guardas da cavalaria da PM (e quase perdeu seu estimado radinho de pilha, pelo qual costumava acompanhar os jogos, mesmo quando ia ao estádio), quando tentava comprar nossos ingressos.

Além disso, era muito comum a presença de cambistas e vendedores ambulantes, comercializando ingressos, comidas, bebidas, e produtos falsificados do clube (camisas, chapéus, bandeiras, etc.) nos arredores do Maracanã. Fazia parte da nossa “experiência de estádio”, aliás, comer e beber alguma coisa comprada junto aos camelôs antes de ingressarmos no Maracanã, em parte por que isso consistia numa espécie de “tradição”, em parte porque era mais barato.

Dentro do estádio, para além da já mencionada festa e “vibração” da torcida, também eram marcantes as péssimas condições de conservação e limpeza, com destaque para a sujeira dos banheiros, o forte cheiro de urina em alguns pontos, as poças d’água nos corredores internos, e as goteiras que caíam da velha e desgastada marquise. Quanto ao perfil do público, para além da maior quantidade de homens, em comparação ao número de mulheres, vale também destacar a maior presença de negros e de membros das camadas populares, em comparação aos dias de hoje, devido ao preço mais acessível dos ingressos.

Todos os elementos destacados acima contrastam fortemente com a primeira experiência que tive como torcedor no Novo Maracanã, o que ocorreu em setembro de 2013, quando voltei ao estádio acompanhado de meu pai, para assistir a uma partida entre Flamengo e Vitória, válida pelo Campeonato Brasileiro. Dessa vez, eu mesmo comprei os ingressos e convidei meu pai para conhecer o Novo Maracanã, retribuindo de certo modo o que ele havia feito por mim, ao me apresentar ao Antigo Maracanã. Nessa ocasião, fomos ao estádio de trem, pois não sabíamos se conseguiríamos estacionar na UERJ ou em alguma rua próxima ao Maracanã, caso

fôssemos de carro. Ao descermos na estação de São Cristóvão (a estação do Maracanã se encontrava em obras) e caminarmos em direção ao estádio, o que logo nos chamou a atenção foi a quase ausência de camelôs e cambistas nesse trajeto, além da presença de uma grande quantidade de agentes de segurança (membros da Guarda Municipal e da PMERJ), e de funcionários privados disponíveis para orientar e sanar as dúvidas do público.

Mesmo com a forte fiscalização, meu pai conseguiu comprar uma latinha de cerveja junto a um ambulante, mas logo foi advertido por um membro da Guarda Municipal, que nos alertou que a venda e consumo de bebidas alcólicas se encontrava proibida num raio de 5 km – conforme determinava uma lei que vigorava desde 2009 e foi revogada em 2017⁴⁸, mas era amplamente desrespeitada até então. Após uma breve discussão com o guarda, meu pai consumiu rapidamente sua latinha de cerveja e se retirou indignado.

Dentro do estádio, o que nos chamou a atenção foram as excelentes condições de conforto, segurança e organização, a grande quantidade de *stewards* fiscalizando e orientando o público, além da beleza e limpeza da nova arena – com destaque para os banheiros, nesse último quesito. Nessa partida, ocupamos o setor norte inferior, que é destinado exclusivamente à torcida do Flamengo, localizando-se atrás de um dos gols. Vale lembrar que, nesse setor, não se observa a regra do “lugar marcado”, mas oficialmente, os torcedores devem assistir aos jogos sentados, só sendo permitido torcer de pé no setor norte superior.

Quando chegamos à arquibancada e paramos para escolher um local para assistir ao jogo, meu pai manifestou seu espanto por não conseguir mais se localizar dentro do estádio, tendo em vista as profundas mudanças realizadas em sua estrutura. Após um breve período de contemplação e indecisão, optamos por assistir ao jogo em uma das extremidades do setor, localizando-nos “embaixo” do local de concentração da torcida Raça Rubro-Negra, sendo este um ponto onde era possível ter uma boa visão do campo e, ao mesmo tempo, sentir a “vibração” da torcida.

Ao longo do jogo, o que nos chamou a atenção foi a insistência dos *stewards* solicitando que permanecêssemos sentados em nossas cadeiras, mesmo que não estivéssemos atrapalhando a visão do campo de ninguém, pois se tratava de um jogo de público muito reduzido e não havia outros torcedores atrás de nós. Além

⁴⁸ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/camara-derruba-proibicao-de-venda-de-bebidas-no-entorno-do-maracana-22016462>

disso, durante toda a partida, um torcedor insistiu em permanecer de pé próximo a um dos túneis de acesso à arquibancada, sendo constantemente advertido pelos funcionários do estádio para que se sentasse em alguma cadeira.

Após essa primeira experiência, voltei ao Novo Maracanã outras quatro vezes antes do início de minha pesquisa, uma delas ainda em 2013, num jogo entre Flamengo e Botafogo, válido pelas quartas-de-final da Copa do Brasil. Dessa vez, fui acompanhado de um amigo, mas fiquei num local do estádio muito semelhante ao do primeiro jogo. Em 2014, fui a mais três partidas, duas delas válidas pela Copa do Mundo, e a outra, uma disputa entre Flamengo e Atlético-MG por uma vaga na final da Copa do Brasil, quando fiquei no setor sul. Em todas essas ocasiões, minhas impressões sobre o Novo Maracanã foram muito positivas e semelhantes às aquelas que tive em meu reencontro com o estádio, chamando-me a atenção as excelentes condições de conforto, segurança, organização, limpeza e a beleza da nova arena. Acrescento a isso a percepção de que o perfil e o comportamento do público teriam efetivamente mudado, mas se em parte havia um lamento pessoal quanto à aparente elitização dos torcedores, por outro, havia uma certa satisfação em perceber um número maior de mulheres, crianças e idosos, e um clima mais ordeiro ou pacífico em comparação àquele ao qual eu estava acostumado antes da reforma.

Quando retornei ao Maracanã em abril de 2015, contudo, para dar início oficialmente ao meu trabalho de campo, minha visão sobre a reforma do estádio havia se tornado mais negativa, em sintonia com as avaliações pessimistas que predominavam nas discussões acadêmicas, especialmente na área de Ciências Sociais, mas que circulavam também na imprensa e entre grande parte dos torcedores, apontando não só para problemas como o alto custo das obras, o desvio de verba pública e a descaracterização de um patrimônio cultural, mas também a noção de que o antigo estádio de massas, popular e carnavalesco, teria se tornado um espaço elitizado de controle e consumo. Nesse sentido, em minhas primeiras visitas ao Novo Maracanã como pesquisador, minha intenção era simplesmente “demonstrar” como o estádio havia se convertido nesse espaço elitizado e domesticado ao ser submetido ao processo de arenização, para adequar-se ao chamado “padrão FIFA”.

Após algumas partidas, no entanto, percebi que me encontrava diante de um cenário muito mais complexo. Fiquei impressionado com o tamanho do espaço a ser

pesquisado e com a grande diversidade de padrões de comportamento ou “formas de torcer” que poderiam ser identificadas em toda a sua extensão, o que tornava simplista a mera comparação entre o “novo” e o “antigo” modo de torcer, baseada apenas em minhas observações pessoais. O que eu notava, agora, era a coexistência, muitas vezes conflitua, de diferentes formas de torcer: de um lado, havia uma parte dos torcedores que pareciam muito satisfeitos com as regras da nova arena, e passavam a maior parte do tempo assistindo aos jogos sentados, solicitando aos outros que fizessem o mesmo, enquanto outros se colocavam de pé para cantar e apoiar o time, inclusive em certos pontos da arquibancada onde esse comportamento não era oficialmente permitido.

Foi então que decidi que seria melhor fazer minhas observações de campo apenas em jogos do Flamengo, frequentando o maior número possível de setores para comparar o comportamento do público em diferentes pontos da nova arena, com destaque para a comparação do setor norte superior com os demais, em virtude de este ser o local onde se concentram as torcidas organizadas, sendo por isso também o único, oficialmente, onde a obrigação de assistir aos jogos sentado em lugar marcado não se impõe aos torcedores.

Ao longo da pesquisa, consegui fazer observações em todos os setores do estádio ao menos uma vez, à exceção do camarote, que só pode ser acessado mediante convite das empresas que alugam esses espaços. A Tabela 1 relata as informações sobre os jogos nos quais fiz minhas observações de campo.

Tabela 1 - Observações de campo realizadas no Novo Maracanã

Adversário	Data	Horário	Placar	Público	Setor
Fluminense	05/04/2015	18:30	3 x 0	46.080	Norte 2
Fluminense	31/05/2015	18:30	2 x 3	28.663	Norte 1
Atlético-MG	20/06/2015	16:30	2 x 0	42.318	Leste 1
Figueirense	05/07/2015	18:30	1 x 2	20.769	Norte 2
Grêmio	18/07/2015	18:30	1 x 0	51.055	Leste 2
Santos	02/08/2015	16:30	2 x 2	61.421	Leste 2
São Paulo	23/08/2015	16:00	2 x 1	42.954	Norte 2
Fluminense	06/09/2015	16:00	2 x 1	55.999	Norte 1
Joinville	04/10/2015	11:00	2 x 0	58.870	Oeste 1

Goiás	08/11/2015	17:00	4 x 1	15.421	Norte 2
Orlando City	15/11/2015	15:30	1 x 0	12.371	Maracanã +
Corinthians	23/10/2016	16:00	2 x 2	65.743	Leste 2
San Lorenzo	08/03/2017	21:45	4 x 0	54.052	Norte 1
Atlético-PR	12/04/2017	21:45	2 x 1	53.389	Sul 2
Atlético-MG	13/05/2017	16:00	1 x 1	42.575	Norte 1
Fluminense	18/06/2017	16:00	2 x 2	37.962	Norte 2
Cruzeiro	07/09/2017	21:45	1 x 1	56.135	Norte 2
Fluminense	12/10/2017	17:00	1 x 1	32.747	Leste 1
Internacional	06/05/2018	18:00	2 x 0	55.283	Norte 2
Paraná	10/06/2018	19:00	2 x 0	54.526	Norte 1

Fonte: O autor, 2018.

Além da extensão do espaço pesquisado e da heterogeneidade dos torcedores, a “vibração” da torcida e o desrespeito às regras da nova arena, observados especialmente no setor norte superior do Novo Maracanã, fizeram-me perceber que se, de um lado, havia de fato um projeto ou uma tendência de elitização e domesticação do público inerente à reforma de arenização, por outro, era preciso prestar atenção às diferentes formas de contestação e resistência oferecidas por grande parte dos torcedores.

As diversas complexidades suscitadas por minhas observações de campo fizeram, enfim, com que eu modificasse minha estratégia de investigação. Nesse sentido, ao invés de tentar definir, a partir de minhas próprias observações de campo, se o Maracanã havia ou não se tornado um espaço elitizado de controle, se o perfil e comportamento do público havia mudado e se a “experiência de estádio” havia se tornado menos emocionante, entendi que seria mais apropriado questionar os próprios torcedores sobre suas percepções a respeito da reforma do estádio, deslocando o foco de minha análise para suas representações e discursos a respeito do Novo Maracanã.

Por conseguinte, meu trabalho de campo foi complementado por entrevistas qualitativas, semiestruturadas, com torcedores do Flamengo, selecionados sob a condição de que fossem frequentadores regulares do Maracanã desde o período anterior à reforma, de modo a poderem fazer comparações diversas entre o Novo e

o Antigo Maracanã, baseados em suas experiências pessoais. Minha intenção era buscar suas avaliações e discursos a respeito das mudanças ocasionadas pelo processo de arenização do Maracanã.

Os entrevistados foram selecionados em parte por indicações de terceiros, e em parte através da técnica conhecida como “bola de neve”, ou seja, a partir de indicações dos próprios entrevistados. Ao todo, foram realizadas 12 entrevistas, entre junho e dezembro de 2017, com torcedores de ambos os sexos e diferentes faixas etárias, pertencentes às classes B e C, segundo os critérios do IBGE⁴⁹. Segue abaixo uma lista com os nomes (alterados para preservar suas identidades) e algumas características do perfil socioeconômico dos entrevistados:

- ALEXANDRE: Sexo masculino; 58 anos; negro; ensino superior completo (Administração e Contabilidade); servidor público; casado; mora no bairro de Vila Isabel (Zona Norte) com esposa e filha; renda familiar mensal superior a R\$ 10 mil (Classe B);
- ADRIANO: Sexo masculino; 32 anos; branco; ensino superior completo; atua como economista em uma empresa privada; solteiro; mora na Tijuca (Zona Norte) com a mãe; renda familiar mensal de aproximadamente R\$ 7 mil (Classe B).
- ANDERSON: Sexo masculino; 38 anos; não declarou cor/raça/etnia; ensino superior completo (Letras); funcionário público; atua como técnico em laboratório em uma universidade pública; divorciado; reside no bairro das Laranjeiras (Zona Sul); declarou-se pertencente à classe C.
- CARLOS: Sexo masculino; 28 anos; mulato; ensino superior completo (Direito e Comunicação Social); estagiário de jornalismo no jornal O Dia; solteiro; mora no bairro Maria da Graça (Zona Norte) com a mãe; renda familiar mensal de aproximadamente R\$ 7 mil (Classe B).
- ÉRICA: Sexo feminino; 26 anos; negra; ensino superior (Comunicação Social); atua como social media em uma empresa privada; solteira; mora em Niterói; renda pessoal mensal de aproximadamente R\$ 3.500 (Classe C).
- FERNANDO: Sexo masculino; 43 anos; branco; casado; ensino superior completo (Direito e Contabilidade); Policial Federal; casado; mora com a

⁴⁹ Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/>

esposa e filha no Recreio dos Bandeirantes (Zona Oeste); renda familiar mensal de aproximadamente R\$ 15 mil (Classe B).

- FABIANO: Sexo masculino; 38 anos; negro; ensino superior incompleto (Letras); comerciante/microempresário; casado; mora no Terreirão (Zona Oeste) com esposa e filho; declarou-se integrante da classe C.
- JORGE: Sexo masculino; 37 anos; pardo; ensino superior completo (Enfermagem); enfermeiro; mora com a esposa, dois filhos e a avó da esposa em Brás de Pina (Zona Norte); renda familiar mensal de aproximadamente R\$ 7.500 (Classe C).
- LEANDRO: Sexo masculino; 39 anos; não declarou cor/raça/etnia; ensino superior incompleto (Contabilidade); funcionário terceirizado do BNDES; divorciado; mora com o irmão em São João de Meriti; renda familiar mensal de aproximadamente R\$ 3.200 (Classe C).
- MARCELO: Sexo masculino; 26 anos; pardo; ensino superior incompleto (Marketing); atua como representantes de vendas; solteiro; mora em Irajá (Zona Norte), com os pais e uma irmã; renda familiar mensal de aproximadamente R\$ 5 mil (Classe C).
- PATRÍCIA: Sexo feminino; 36 anos; negra; ensino médio; atua como auxiliar numa clínica odontológica; solteira; mora com seu “companheiro” no Terreirão (Zona Oeste); renda familiar mensal de aproximadamente 5 mil (Classe C).
- VINICIUS: Sexo masculino; 28 anos; pardo; ensino superior completo (Contabilidade); militar; casado; mora com a esposa no bairro do Méier (Zona Norte); a renda familiar mensal de aproximadamente R\$ 7 mil (Classe B).

Como podemos ver acima, foram entrevistados torcedores de 26 a 58 anos de idade, pertencentes às classes B e C, residentes em bairros localizados em diferentes áreas da cidade do Rio de Janeiro (Tijuca, Vila Isabel, Méier, Maria da Graça, Brás de Pina, Terreirão, Recreio dos Bandeirantes e Laranjeiras) ou em cidades localizadas na Região Metropolitana (Niterói e São João de Meriti). Em termos de escolaridade, a maioria possuía o ensino superior completo, em diferentes áreas de ensino, atuando em diversas profissões (servidor público, militar, policial federal, comerciante, representante de vendas, auxiliar de consultório odontológico,

estagiário de jornalismo, enfermeiro, economista, técnico de laboratório, *social media*).

Foram entrevistados 10 homens e apenas 2 mulheres, numa proporção que de certa forma reflete a composição dos públicos nos estádios, apesar do aumento da participação feminina nos últimos tempos. Ou melhor, embora eu não disponha de dados relativos à frequência das mulheres ao estádio, é nítida a predominância de homens, de maneira a que o baixo número de entrevistadas reflete, de certo modo, a baixa presença de mulheres no estádio. Em termos de cor, raça ou etnia, quatro entrevistados declaram-se negros, três declararam-se pardos, dois se identificaram como brancos, um se declarou mulato, e três não souberam ou não quiseram responder à pergunta. Vale destacar também que todos os entrevistados eram sócios-torcedores do Flamengo, aspecto a ser abordado na análise dos dados.

As entrevistas foram realizadas em locais e horários escolhidos pelos próprios entrevistados, ocorrendo geralmente em suas casas, locais de trabalho, ou ainda em lugares públicos, como shoppings, bares e universidades, tendo uma duração média de aproximadamente duas horas. Por tratar-se de entrevistas qualitativas, semiestruturadas, utilizei um roteiro de perguntas, elaborado a partir de alguns tópicos de análise previamente determinados, para guiar nossas interações, mantendo-me aberto ao surgimento de novos temas a partir dos depoimentos colhidos. A realização do trabalho de campo foi fundamental, mais uma vez, para a elaboração do roteiro utilizado nas entrevistas, contribuindo para a seleção dos temas principais a serem abordados em minhas interações com os torcedores. A Tabela 2 resume o roteiro utilizado nas entrevistas.

Tabela 2 - Roteiro utilizado nas entrevistas

Nº	Pergunta
1.	Desde quando e por que você torce pelo Flamengo?
2.	Com que frequência e de que modo você costuma acompanhar o clube no dia-a-dia?
3.	O desempenho do time influencia seu comportamento/humor/emoções de alguma forma? Já chorou alguma vez pelo clube?
4.	Você se considera um torcedor fanático? Já fez algum tipo de “loucura” ou “sacrifício” pelo clube?
5.	Como você definiria seu sentimento pelo Flamengo ou sua relação com o clube? Qual a importância do clube para você?
6.	Desde quando e por que você é sócio-torcedor?

7.	Com que frequência você vai a estádios de futebol?
8.	Costuma frequentar outros estádios, além do Maracanã? Costuma viajar para assistir a jogos do clube em outras cidades/estados/países?
9.	Como você costuma/prefere assistir aos jogos do clube quando não vai ao estádio?
10.	Qual a importância do estádio para você?
11.	Como e com quem você costuma ir aos jogos?
12.	Você tem algum tipo de “ritual” quando vai ao estádio?
13.	Como você se sente em dias de jogos do clube, especialmente quando vai ao estádio?
14.	Costuma fazer alguma coisa nos arredores do estádio, antes e depois das partidas? Você acha que o “clima” no trajeto e nos arredores do estádio mudou após a reforma?
15.	Dentro do estádio, costuma ocupar algum setor/lugar específico? Já frequentou, costuma ou pretende frequentar outros lugares/setores? (Comparar o setor norte com os demais).
16.	No antigo Maracanã, costumava frequentar algum setor ou lugar específico?
17.	Como você se comporta durante os jogos? Costuma assistir aos jogos em pé ou sentado? O que acha da obrigação de assistir aos jogos sentado em lugares marcados? Já presenciou alguma briga ou confusão por causa disso?
18.	Você se lembra da primeira vez em que foi ao Novo Maracanã? Como foi, o que você sentiu?
19.	O que você achou da reforma do Maracanã para a Copa? Como você avalia as mudanças que foram feitas? O que melhorou, o que piorou?
20.	Você acha que o perfil e o comportamento do público mudaram?
21.	Você acha que o estádio perdeu sua identidade, deixou de ser Maracanã?
22.	Você acha que o Maracanã se tornou menos emocionante?
23.	Você tem alguma preferência pelo novo ou o antigo Maracanã? Sente falta/saudade de alguma coisa que mudou com a reforma?
24.	O que acha da possibilidade de construção de um estádio próprio para Flamengo?
25.	Qual a importância do Maracanã para você?

Fonte: O autor, 2018.

O roteiro utilizado nas entrevistas pode ser dividido em três blocos. No primeiro, procurei traçar um perfil dos entrevistados como torcedores, abordando a importância de sua relação afetiva com o Flamengo, o nível de seu engajamento emocional e seu sentimento pelo clube. As perguntas que compõem esse bloco serviram de base para a elaboração dos dois primeiros capítulos de análise. No segundo bloco, abordei a “experiência de estádio” de meus entrevistados, o que serviu de base para a elaboração do terceiro capítulo de análise. Por fim, o terceiro bloco de perguntas foi dedicado às representações dos entrevistados sobre a reforma do Maracanã, com destaque para suas percepções a respeito do perfil e

comportamento do público na nova arena, o que serviu de base para a elaboração do último capítulo de análise. Ao invés de elaborar um capítulo específico a partir do material reunido em meu trabalho de campo, optei por focar minhas análises sobre os depoimentos dos entrevistados, fazendo referências ao que observei em meu trabalho de campo sempre que julguei necessário.

6 UM SENTIMENTO INEXPLICÁVEL

Neste primeiro capítulo de análise, abordo o modo como os entrevistados apresentam em seus depoimentos a relação mantida com seu “clube do coração”, a importância do clube em suas vidas, e o modo como definem (ou tentam definir) o que sentem pelo clube de sua preferência – neste caso, o Clube de Regatas do Flamengo. Nesse sentido, retomo algumas questões já discutidas, de modo mais central, em minha dissertação, na qual analisei “memórias apaixonadas” de torcedores, a fim de compreender a combinação entre emoção e masculinidade no âmbito do futebol, contrariando a oposição normalmente observada entre esses dois elementos no imaginário da modernidade ocidental.

No presente trabalho, essas questões são retomadas sob uma nova perspectiva, servindo como ponto de partida para a compreensão da relação dos entrevistados com estádios de futebol, com destaque para o Maracanã – ou, mais precisamente, para a compreensão de sua relação com o Novo Maracanã, que resultou das reformas do velho estádio para a Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016. Os dados que servem de base para a análise empreendida neste capítulo foram produzidos a partir das perguntas que compõem o primeiro bloco do roteiro utilizado em minhas entrevistas, conforme exposto no capítulo anterior. Para além da retomada de alguns tópicos de análise específicos, vale também reafirmar, neste ponto, alguns princípios teóricos que vêm norteando minha reflexão sobre as emoções de torcedores desde minha pesquisa de mestrado, e que se apresentam aqui novamente como fundamentais para o desenvolvimento de minha análise.

Em primeiro lugar, julgo importante ressaltar que venho tratando o futebol como um contexto ou espaço social que prima pela valorização das emoções, pondo-se em contraste assim com a égide da racionalidade que caracteriza a cultura ocidental. Embora seja uma marca do futebol como um todo, essa emotividade é valorizada principalmente quando consubstanciada na figura do torcedor, que pode ser compreendido como o “*locus* da emoção” nesse universo (Rios, 2014). Como afirma Arlei Damo (2002), a relação do torcedor com seu “clube do coração” ocorre sob a forma de um “engajamento emocional”. Em contraste com os outros atores sociais que compõem esse universo, tais como jogadores, dirigentes, árbitros e

jornalistas, por exemplo, os quais se veem como obrigados a “racionalizar” e conter suas emoções para o devido exercício de suas funções e atividades profissionais, os torcedores são aqueles que não só podem como devem dar vazão a suas emoções, do modo mais “livre”, exagerado, descontrolado e “irracional” possível, para assim fazerem jus às representações mais comuns do que seria o tipo ideal do “torcedor apaixonado”.

Seguindo a trilha aberta por Damo, Gustavo Bandeira (2010) apontou para a predominância do discurso romântico nas manifestações afetivas dos torcedores em estádios de futebol, algo especialmente visível nas constantes e efusivas declarações de amor e paixão que são realizadas coletivamente pelos torcedores em seus cânticos, hinos, gritos de guerra, bem como em faixas e bandeiras exibidas nas arquibancadas. Em minha dissertação, pude observar que esses mesmos sentimentos de amor e paixão também eram acionados pelos torcedores para definirem a natureza da relação mantida com seus “clubes do coração”, mesmo no contexto mais reflexivo das entrevistas qualitativas.

Algo semelhante pode ser observado na presente investigação. Quando incitados a definirem a natureza de sua relação com o Clube de Regatas do Flamengo, a importância do clube em suas vidas ou, mais precisamente, o que sentem pelo clube, a grande maioria de meus entrevistados falava sobre sentimentos de amor e paixão. Contudo, a escolha desses termos para nomear o sentimento pelo clube nem sempre se deu de modo claro e direto, ocorrendo em meio a indefinições, meditações, incertezas e aproximações, algo que, a meu ver, foi motivado pelo já mencionado caráter reflexivo das entrevistas. Esta situação pode ser observada no caso de Marcelo, por exemplo. Quando questionado sobre o que sentiria pelo Flamengo, ele respondeu:

Cara, é... sei lá. É muita coisa mesmo. Eu mesmo já tô planejando, com um amigo meu, de domingo que vem **ir pra São Paulo...** da gente ir pro jogo lá no Pacaembu. E... sou **sócio-torcedor**. Isso, ano passado, **eu tava indo a todos os jogos...** todos os jogos eu tava indo, do Flamengo. **Tem camisa, eu tô comprando. Tem ações do Flamengo, eu procuro participar ao máximo.** Camisa, eu devo ter mais de vinte do Flamengo em casa. Casaco, short, meião, tudo o que você possa imaginar... dentro do meu quarto, tem alguma coisa do Flamengo, né? Então, hoje mesmo, eu já acordei já **ansioso pro jogo de domingo**, de quarta feira já, Flamengo e Palmeiras. Quando passar de domingo, vai ser mais ansiedade ainda, que a gente vai pra São Paulo, pra ver o jogo contra o Figueirense... vai ser bom!
Entrevistador - Mas assim, em termos de sentimentos, você consegue definir?

Entrevistado - Ah cara, **os maiores possíveis**. Que, num dá cara, é... a gente, um dia a gente briga, fala que num vai mais pro jogo, e no outro dia a gente tá falando “não, pô, vamo comprar ingresso pro jogo, vai ser bom!”. **Jogo 10 horas, não tem importância, chegar tarde em casa...** Mas acho que vale e pena, né? **É uma paixão que... num tem, num tem, vamos dizer assim, palavras pra descrever isso.**

Como podemos observar, Marcelo encontrou certa dificuldade quando incitado a definir de modo mais preciso seu sentimento pelo Flamengo. Diante disso, o entrevistado recorreu à enumeração e à descrição de ações realizadas em nome do clube, tais como o fato de ser sócio-torcedor, de comparecer com frequência ao estádio para assistir a jogos do time, mesmo em partidas realizadas à noite, a compra de produtos do clube, como camisas, shorts e casacos, a ansiedade sentida em antecipação a jogos importantes, e ainda a intenção de viajar para assistir a um jogo do clube em outro estado.

Segundo Marcelo, o que ele sente pelo Flamengo “é muita coisa”; seus sentimentos são “os maiores possíveis”, configurando-se como uma paixão que não pode ser descrita em palavras. Essa dificuldade do entrevistado em descrever o sentimento pelo clube pode ser entendida de pelo menos duas maneiras. Primeiro, há que se destacar o fato de que as emoções, de modo geral, tendem a ser concebidas como algo pertencente ao terreno do indizível na cultura ocidental. Como afirmam Lutz e Abu-Lughod (1990), por serem entendidas como fenômenos eminentemente individuais, desenvolvidos nos recônditos mais profundos da vida interior dos indivíduos, as emoções não poderiam ser fiel e plenamente verbalizadas ou externalizadas, só podendo ser compreendidas – embora não por completo, e não exatamente em termos objetivos e racionais – por aqueles mesmos que as experimentam.

Tomando emprestados os termos empregados por Simmel (1983) em sua sociologia formal, as emoções seriam assim como “conteúdos” ou “motivações” que não se deixam apreender com facilidade por “formas sociais” bem definidas. Mas no caso de Marcelo, essa impossibilidade se dá ainda por conta do caráter “excessivo” de seu sentimento pelo Flamengo, tal como destacado por ele.

Apesar do caráter “excessivo” e “indescritível” de sua paixão pelo Flamengo, Marcelo considera que já foi muito mais “fanático” no passado, entendendo aqui o fanatismo como algo negativo, associado à violência entre torcedores:

Eu já fui muito mais fanático, mas hoje em dia... por causa da minha experiência, né? Porque eu já trabalhei no Engenhão, então, convivi com outras torcidas, vi muitos jogadores que, em campo, tavam jogando um contra o outro, mas internamente, são amigos. Então, isso meio que... acho que falta muito isso pra torcida, né? Que **a galera quer cair na porrada...** porque os caras mesmo são parceiros, e a gente aqui fica brigando.

Patrícia também não enxerga a si mesma como uma torcedora “fanática” – ou, pelo menos, não muito “fanáática” – embora seja assim considerada por outras pessoas à sua volta:

Entrevistador: Você se considera uma torcedora fanática?

Entrevistada: **As pessoas dizem... assim, eu acho que não, mas as pessoas falam que eu sou, né? Pra mim isso é normal!** [risos]. Então, o pessoal acha que pô, “ah, Patrícia tava aqui hoje, amanhã foi lá pra Belo Horizonte ver o Flamengo... ah, foi lá pra São Paulo...”. O pessoal acha que é meio... besteira e tal, mas pra mim é normal! **Pra mim, não me acho fanáática.**

A recusa de Patrícia à sua definição como uma torcedora “fanática” se deve, portanto, ao fato de ela considerar “normais” certas ações realizadas em nome do Flamengo, com destaque para as viagens feitas para assistir a jogos do clube em outros estados. No entanto, a entrevistada acaba por reconsiderar sua avaliação em seguida, quando se depara com uma dificuldade inesperada na tentativa de definir seu sentimento pelo Flamengo:

Entrevistador: Você acha que conseguiria definir, assim, em termos de sentimentos, qual a importância do clube pra você?

Entrevistada: **Sei lá, cara, é... num tem... num sei como definir não... sei lá.** [Neste momento, a entrevistada começa a chorar e se espanta] O que aconteceu?! [risos]. **Até me emociono em falar, cara, na moral... Não tem explicação... Eu não sei explicar.** De repente, é esse **fanatismo** que eu acho que eu não tenho, mas eu tenho! [risos] Pode ser também...

Como podemos observar neste curto, porém significativo trecho da entrevista, Patrícia reitera por diversas vezes sua dificuldade em – ou mesmo a impossibilidade de – definir ou explicar o que sente pelo Flamengo, ou ainda, a importância do clube em sua vida. No lugar de tentar definir sua emoção em palavras, a entrevistada simplesmente vai às lágrimas, sendo flagrantemente tomada por um misto de espanto e embaraço ao perceber-se incapaz de conter sua vontade súbita de chorar.

Embora, segundo o conceito ocidental de pessoa – ou de “etnopsicologia ocidental”, conforme Lutz e Abu-Lughod (1990) –, as emoções não possam ser fiel e

plenamente externalizadas, sendo muitas vezes escamoteadas e falsificadas, de modo consciente ou não, pelos gestos e palavras empregados a fim de exprimi-las, podemos considerar o choro como uma forma especial de expressão emocional, largamente entendida como natural e espontânea em nossa cultura – algo que se materializa através das lágrimas, como uma força que irrompe de dentro para fora, comunicando, de algum modo, ao mundo exterior, a intensidade do estado emocional do sujeito que chora, bem como a relevância afetiva do objeto pranteado (Vincent-Buffault, 1988).

A valorização do choro como uma forma de expressão emocional que se presta como parâmetro para a definição do que se sente pelo “clube do coração” também pode ser identificada na entrevista de Adriano:

Entrevistador: Você conseguiria definir o seu sentimento pelo clube, uma emoção, como você se sente em relação ao clube?

Entrevistado: É, engraçado, **eu nunca parei pra pensar nisso não**. Ah, **dizer que é amor é meio clichê**, né? Cara, **é como se o Flamengo fosse parte, assim, da minha vida, assim, como se fosse um familiar, sabe?** Então, assim, é **uma coisa natural**, num sei. Assim, **me emociono**... Às vezes, você fala assim “ah, **chorar no Maracanã**, que coisa ridícula!”, mas na hora, você num vai... vem e pronto, acabou.

Entrevistador: Já aconteceu?

Entrevistado: Já, já aconteceu. Assim, já aconteceu... recentemente, agora, no Fla x Flu, do 3 a 3... e na final da Copa do Brasil de 2013. Assim, na final da Copa do Brasil, foi mais por um, assim, eu ia muito com a minha avó no Maracanã e tal, e a minha avó morreu em 2013, né? Então, foi o primeiro campeonato e tal, e assim, eu lembrei de quando eu ia e tal, **veio aquela lembrança afetiva**, né? E agora foi porque, tipo, eu, esse ano eu viajei bastante com o Flamengo, e o Flamengo esse ano decepcionou muito. Então, todo mundo “ah, tu é pé frio, tu é pé frio!”, eu “cara, eu não sou pé frio, cara, eu não sou pé frio!”, “tu é pé frio!”. Aí tava 3 a 1 Fluminense, eu pensei “será que eu sou pé frio mesmo? Será que esses anos todos o Flamengo se ferra aí por minha culpa?”. Aí o Flamengo empatou, cara. Então, quando ele empatou, maluco... eu “pé frio é o caralho!”, pra quem tava perto... [risos]. **Aí, assim, saiu, caiu algumas lágrimas, né?** O gol do Pet, quando eu vejo, assim, porra, **os olhos ficam marejados**, né? acho que, tem algumas... o gol do Angelim também... Em 2009, quando o Flamengo ganhou do Corinthians lá, que foi a penúltima rodada, eu fui nesse jogo também. Também foi um negócio, assim, que o Flamengo, ali ele assumiu a liderança, né? Todos os resultados aconteceram e o Flamengo ganhou, e aí assumiu a liderança.

Do trecho acima, podemos destacar primeiramente a declaração de Adriano de que nunca havia parado para pensar na definição de seu sentimento pelo Flamengo, o que expressa de modo muito claro que grande parte das dificuldades encontradas pelos entrevistados na tentativa de definição de seu afeto pelo clube se deve justamente ao caráter reflexivo do contexto da entrevista, como enfatizei no

início deste capítulo. Além disso, chama nossa atenção o fato de o entrevistado ter descartado a possibilidade de definir seu sentimento pelo Flamengo como um sentimento de amor, por considerar que assim estaria incorrendo num clichê, como se a fórmula ou convenção social disponível e normalmente acionada para a definição deste afeto não fosse adequada ou suficiente para nomear sua forma singular de relação com o clube – uma incompatibilidade entre forma e conteúdo, nos termos de Simmel (1983).

Em todo caso, diante da dificuldade encontrada, Adriano procura então caracterizar seu sentimento pelo Flamengo de modo aproximado, considerando o clube como algo que faz parte de sua vida, “como se fosse um familiar”. Nesse sentido, o entrevistado define sua relação com o Flamengo através de uma comparação – e de certo modo, uma personificação – que a localiza simbolicamente no âmbito da família, campo de relações culturalmente entendido como impregnado de afetividade (Barros, 1989). Prosseguindo na tentativa de definir de modo aproximado seu sentimento pelo Flamengo, Adriano nos fala sobre como o clube é capaz de emocioná-lo, levando-o até mesmo às lágrimas em algumas ocasiões.

O entrevistado procura ainda outras maneiras de definir sua relação com o Flamengo quando questionado sobre se consideraria a si mesmo como um torcedor “fanático”:

Entrevistador: E você se considera um torcedor fanático?

Entrevistado: Ah... Assim, **eu não gosto muito desse termo** não, mas... que assim, eu sou... o **fanatismo meio que é uma coisa que te cega, né?** Assim, **eu sou bem consciente do que é o Flamengo, dos problemas do Flamengo** e do que que isso gera e tal, mas assim, sei lá, **eu sou um cara fiel ao Flamengo**. Se tivesse, eu não sei, eu não tenho uma, não sigo uma religião... **talvez o Flamengo fosse a minha religião. Eu seria uma pessoa crítica também a essa religião**, mas... acho que a relação é mais essa, assim. Fanatismo, você meio que acha que tá sempre tudo certo, tudo bem, né? **eu sou um torcedor fervoroso...**

Como podemos observar no trecho acima, Adriano não considera a si próprio como um torcedor fanático, e afirma que não gosta desse termo, por entender o fanatismo como um fenômeno negativo, que produz “cegueira”, impedindo que o torcedor enxergue os problemas do clube. Em vez disso, ele prefere se apresentar como um torcedor “bem consciente do que é o Flamengo”, numa auto-representação que, se por um lado, sugere a existência de uma relação mais sóbria do que aquela consagrada pelo tipo ideal mais comum do “torcedor apaixonado”, por outro, aponta

para um sentimento que se pode julgar como mais “verdadeiro” ou “sincero” (por aquele que sente), por sustentar-se em motivações entendidas como mais sólidas do que as imagens idealizadas que serviriam de base para o fanatismo. Na medida em que procura refutar essa pecha, Adriano define-se ainda como um torcedor “fervoroso” e “fiel” ao Flamengo, comparando o clube a uma religião.

De modo semelhante ao que Adriano havia feito num primeiro momento, Fabiano também procura definir seu sentimento pelo Flamengo através de uma comparação do clube a algo (uma “coisa”, um bem, um objeto) pertencente à família, tal como sua própria casa, equiparando-o ainda a uma pessoa pertencente ao círculo familiar:

Entrevistador: Como você definiria seu sentimento pelo clube ou a importância dele pra você?

Entrevistado: Cara, eu defino assim... **parece que é como uma coisa... parece que é como uma coisa da família, cara. Eu me preocupo. Eu acompanho essa reestruturação do clube, esse lado de estrutura física que o Flamengo tá montando, isso me satisfaz de uma forma, parece que é como se eu estivesse fazendo a minha casa, é... esse sonho, desde moleque, de o Flamengo ter um lugar pra treinar... então, isso me satisfaz muito! Eu defino o Flamengo como se fosse alguém da família.**

Em seguida, quando incitado a definir sua relação com o Flamengo em termos mais específicos, Fabiano afirma sentir amor pelo clube, destacando mais uma vez o caráter inexplicável e singular deste afeto – especialmente quando comparado ao que, em sua visão, seria sentido pelos torcedores de outras equipes:

Entrevistador: Sim, mas você consegue definir um sentimento especificamente?

Entrevistado: Cara, **eu acho que o meu amor pelo Flamengo, meu sentimento pelo Flamengo é uma coisa inexplicável. É diferente de torcer pra outro time.** Não puxando pro lado do Flamengo não, porque, por exemplo, se o Flamengo joga... se o Flamengo joga com qualquer time que for do Brasil, você pode ter certeza que todos os outros estão torcendo contra o Flamengo. Qualquer vitória do Flamengo tem alguma discussão, colocam alguma dúvida. E assim, **é o Flamengo contra todos eles.** Agora, quando, o flamenguista, ele não tem aquele rival específico. Se você falar “o Flamengo, o maior rival do Flamengo é o Fluminense”, num sei... é o Vasco? Talvez fique mais acesa essa com o Vasco por causa, do meu ponto de vista, pelo lado do... pelo lado do presidente atual do Vasco ficar incitando isso. E aí... mas eu acho que se outro presidente de outro clube fizesse a mesma coisa...

Na visão de Fabiano, portanto, o sentimento dos torcedores do Flamengo pelo clube seria diferente, especial, declaração que podemos interpretar como uma

tentativa de hierarquização entre torcedores, tendo como base o afeto nutrido pelo “clube do coração”. À semelhança dos outros entrevistados mencionados até aqui, Fabiano também não considera a si próprio como um torcedor fanático, requalificando seu sentimento pelo clube com a afirmação de que o Flamengo faria parte de sua história pessoal, ou por outra, que a história de sua vida estaria intimamente ligada à história do clube:

Entrevistador: Você se considera um torcedor fanático?

Entrevistado: Eu, no meu ponto de vista, é... **o Flamengo é a minha história, a história da minha vida tá relacionada ao Flamengo! Mas eu não faço loucuras que outros fazem.** Por exemplo, **brigar por causa disso, discutir sério por causa disso, é... vender algum bem pra ir pra uma viagem, eu sou muito, eu sou muito centrado nisso.** Já viajei por causa do Flamengo, mas assim, sempre na hora que deu. Eu acho que algumas loucuras que as pessoas fazem, eu... eu não acho não, eu tenho certeza que eu não faria não! Nunca fiz!

Como vemos, o entrevistado refuta sua caracterização como torcedor fanático, recusando este termo por associá-lo à irrupção de brigas e desentendimentos graves entre torcedores – ou seja, por seu caráter conflituoso e antissocial –, ou ainda a outras formas de “loucura”, como a venda de bens materiais com vistas a financiar uma viagem para assistir a um jogo do clube – exemplo que o entrevistado aponta como representativo de qualquer forma de desmedida ou descontrole perpetrado no terreno das finanças pessoais em nome do clube. Ainda assim, o entrevistado foi capaz de mencionar uma “loucura” já praticada por ele, em nome do Flamengo, no passado:

Entrevistador: Mesmo assim, você já fez alguma coisa que você consideraria como algum tipo de loucura ou sacrifício pelo Flamengo?

Entrevistado: Já, aí já. No ano em que o Romário fez um golão contra o Corinthians, lá em São Paulo, é... [...] Eu tinha uns 18 ou 19 anos. Pô, cara, eu saí daqui com um, com três amigos.... numa Fiat 147, um... esses amigos que eu falei, um era o Jorge e o outro era o Arquimedes, são gêmeos. Esse Jorge, ele era militar na época, tinha habilitação. O gêmeo, não. Esse irmão gêmeo dele não tinha habilitação. O que que a gente fez? Saímos umas 5h da manhã, no domingo, ele com a habilitação do irmão dele, numa Fiat 147. **Pra você ter noção, o carro parou três vezes no meio do caminho. O que a gente gastou de pedágio, conserto do carro... cara, a gente veio, voltou pra casa duro!** Sem contar que, a maior loucura, além do cara não ter... dirigia, mas não tinha a prática do irmão... pô, olha a distância do Rio pra São Paulo! A gente chegou lá, o jogo já tinha começado. Não deixaram a gente entrar. A gente confiando que, no Maracanã... no Maracanã, acabava o primeiro tempo, aí abriam os portões, a gente foi nessa. [...] Chegou lá, não deixaram a gente entrar. Tinha uns PMs lá... do lado do Pacaembu, tem um relevo, então dá pra você ver metade do campo. Ele falou “pô, cara, pode assistir lá em cima!”. Aí, tinha

uns corintianos lá, a gente falou assim “pô, o Corinthians quer ser o Flamengo, né? Esse lance de ser ‘time do povo’, né? A gente é o ‘time da favela’, então tá tudo em casa! Vamo lá assistir com os caras!”. Fomos lá e assistimos. Depois, os caras começaram a conversar entre eles e... um foi e falou assim, com aquele sotaque deles lá, “pô, mano, dá pra vocês saírem daqui?”. Aí eu falei, “pô, cara, vai dar ruim aqui!”. Aí começaram a se levantar. Um desses amigos nossos é um, é retrato do carioca mesmo, é o mais carioca da gente. Foi lá, conversou com os policiais, desenrolou com eles, aí veio, expulsou os corintianos e deixou a gente vendo o jogo ali. Só que, depois, os policiais também sumiram [...]. Quando a gente olha, uns quinhentos metros, mais ou menos, a gente avistou esse pessoal. Resumindo: só deu pra ver um gol de lá de cima, o Flamengo tava atacando pro outro lado, não deu pra ver direito. Só deu pra ver um gol, mesmo assim, não deu pra, não foi aquela mesma coisa de você estar dentro do estádio. **Tivemos que descer correndo, voltar pro carro... quase apanhando!** Num vimos o jogo, chegamos em casa duro. Minha mãe, no outro dia, perguntando onde é que eu tava, desesperada, e eu falando que tinha dormido na casa de amigos, num sei que lá. Num me bateu, mas vou te falar! Que merda, cara! Desculpa até falar assim, mas... **Então, assim, eu fiz uma loucura sim, isso foi uma loucura.**

Como vemos, a “loucura” cometida por Fabiano em nome do Flamengo consistiu numa viagem para assistir a um jogo do clube em São Paulo, episódio que ele nos relata sob a forma de uma peripécia, envolvendo o enfrentamento de diversas dificuldades, tais como os problemas mecânicos do automóvel utilizado no trajeto, gastos excessivos com pedágio e conserto do carro, a impossibilidade de ingressar no local de realização da partida, a tentativa de assistir ao jogo a partir de uma elevação nas proximidades do estádio, e ainda a iminência de um conflito com os torcedores rivais, dos quais precisaram fugir correndo. Ou seja, o entrevistado descreve uma série de dificuldades enfrentadas em nome do desejo de assistir a uma partida do clube em outro estado – o que lhe permite qualificar este ato como um exemplo de “loucura”, uma forma de excesso ou desmedida, cometida em favor do clube.

Como temos visto até aqui, quando perguntados sobre sua qualificação como torcedores fanáticos, os entrevistados não só rejeitam essa alcunha, como se veem provocados a tentar definir seu sentimento pelo Flamengo, ou sua relação com o clube, por meio de outros termos. Esse aspecto também pode ser observado no depoimento de Anderson:

Entrevistador: Você se considera um torcedor fanático?

Entrevistado: **Em parte, assim. Eu sou, assim, um torcedor num grau de fanatismo, não num grau alto, né? Eu acompanho meu time, sou sócio-torcedor desde o primeiro mês. Agora, ultimamente também tenho, quando dá, eu viajo, então... esse ano, eu já fiz duas viagens, né? E viagem, não é de organizada, é viagem por conta própria!** Já fui ver Flamengo e Atlético-PR pela

Libertadores, na Arena da Baixada, e fui ver Flamengo e Cruzeiro na, no Mineirão, com um grupo de amigos, né? É... **desde que a Adidas voltou pro Flamengo, eu devo ter, sei lá... se contar em peças, contando camisa, casaco, short e num sei o que, acho que eu já tenho pra mais de quinze.** É... então, assim tenho, tenho um certo grau de coisa [fanatismo] com o Flamengo, mas... conheço amigos que são mais, que realmente vivem mais em função do time. **É, é uma paixão, eu tenho, é uma paixão, né? Gasto menos dinheiro do que eu gostaria com o clube, se eu tivesse grana, eu seria sócio-proprietário do clube,** sei lá... Mas não tenho, então...

Embora o entrevistado não recuse de todo sua qualificação como torcedor fanático, ele procura afirmar que esse fanatismo seria apenas parcial, atingindo um grau não muito elevado. Essa declaração é importante porque aponta para o fato de existirem diferentes modos de torcer e diferentes formas de “engajamento emocional” dos torcedores com seu “clube do coração” – daí, inclusive, a necessidade de traçarmos um perfil mais preciso dos entrevistados enquanto torcedores. Para melhor definir seu nível de envolvimento e a posição ocupada por seu afeto nesse gradiente imaginário, Anderson enumera então algumas ações realizadas em nome do clube, à semelhança do que já havíamos observado no relato de Marcelo: ele destaca o fato de ser sócio-torcedor, de viajar por conta própria para assistir a jogos do time em outros estados, e o costume de comprar camisas e outros produtos oficiais do clube.

Para finalizar, o entrevistado define seu afeto pelo Flamengo como um “sentimento de paixão”, declarando ademais que, se pudesse, gastaria ainda mais dinheiro com o Flamengo, nutrindo inclusive o desejo de tornar-se sócio-proprietário – o que consiste no grau de associação formal mais elevado que se pode estabelecer com o clube, como mostraremos no próximo capítulo. Para tornar-se sócio-proprietário, o torcedor precisa fazer um investimento de grande monta – atualmente, um valor em torno de R\$15 mil⁵⁰ –, tendo como principal contrapartida a possibilidade de participar ativamente da vida política do clube, inclusive mediante a ocupação dos mais elevados cargos administrativos. Essa mesma vontade, ou “sonho”, foi manifestada também por Fernando:

Entrevistador: Como você definiria o seu sentimento pelo clube?

Entrevistado: **Pô, cara, sei lá... questão de espírito, entendeu? Flamengo tá bem, eu tô bem.** [...] O Flamengo perdeu na Libertadores, eu tive que aturar. Entendeu? **Mas, já fui mais fanático, assim, é questão de amadurecimento. Eu tenho o sonho de comprar um título de sócio-proprietário.** Entendeu? Eu adoro, assim, é questão de espírito e gostar.

⁵⁰ Conforme informações disponíveis no site do clube: <http://www.flamengo.com.br/socio-proprietario>.

Talvez... tentei jogar bola, só que não correspondi... e gosto de futebol. **Cada um tem o seu vício, [confuso] eu tenho o Flamengo.** Entendeu?
 Entrevistador: Mas consegue definir um sentimento?
 Entrevistado: **Paixão, paixão eterna!** Acima de qualquer dirigente, entendeu? Sempre tô torcendo pelo Flamengo. Sempre vou ao estádio com o intuito de torcer, nunca de criticar. A crítica é após o jogo, é assim que eu faço.

Como podemos observar ao fim desta passagem, Fernando define seu sentimento pelo Flamengo como uma “paixão eterna”, algo que podemos considerar quase como um paradoxo, na medida em que a paixão tende a ser culturalmente qualificada como uma emoção muito intensa, mas ao mesmo tempo (ou por isso mesmo), como efêmera, ou fugaz, tal como uma força ou energia que se esgota rapidamente, justamente por conta de sua intensidade. Discursivamente, o entrevistado adiciona assim à intensidade normalmente atribuída ao sentimento de paixão, um caráter mais sólido e duradouro, normalmente atribuído a outras formas de afeto, como o amor ou a fidelidade. O entrevistado se refere ainda ao Flamengo como um vício, atribuindo à sua relação com o clube a intensidade e o caráter compulsório ou irresistível de uma adição – a qual pode ser entendida também como uma forma de excesso e descontrole.

No entanto, num primeiro momento de sua fala, ele procura qualificar a importância de sua relação com o Flamengo a partir do modo como seu estado de espírito é afetado pelo desempenho do clube. Ele volta a ressaltar a existência dessa influência quando inquirido de modo mais direto sobre o assunto:

Entrevistador: O desempenho do clube afeta de alguma forma seu comportamento, seu humor ou suas emoções para além do jogo?
 Entrevistado: Pra caramba. Na Libertadores, eu fiquei... porra, fiquei mal, eu fiquei uma semana mal, na eliminação da Libertadores, agora.

O desempenho do clube tem, portanto, uma forte influência sobre as emoções e o comportamento de Fernando, para além do momento de realização da partida, tanto nas vitórias como nas derrotas. Ainda assim, o entrevistado acredita não ser mais um torcedor tão fanático quanto fora no passado:

Entrevistador: Você se considera um torcedor fanático?
 Entrevistado: Cara, assim, **dentro da média, eu não sou tão fanático... quando eu era criança e não era casado, eu era mais fanático.** Hoje em dia, casado, tenho filha, aí não sou tão fanático assim.
 Entrevistador: Como você definiria ser um torcedor fanático?

Entrevistado: Pô, ir a toodos os, **fazer questão de ir a todos os jogos**, eventos, entendeu? **comprar camisa sempre**, quando sai... hoje em dia não. Hoje em dia, talvez eu não vá, quinta-feira, entendeu? Que eu **tenho que passar mais tempo com a família**... e também, pô, é um desgaste ir em jogo na Ilha, pô, acordar, sexta-feira pra trabalhar... entendeu? Tudo isso, hoje em dia, eu... são dois pesos e duas medidas, entendeu? Quando eu morava na Tijuca, era fácil!

Segundo Fernando, seu fanatismo pelo Flamengo se encontra “dentro da média” – indicando novamente a existência de uma espécie de gradiente, uma escala de “engajamento emocional”, tal como já havíamos identificado no depoimento de Anderson. Para ele, o torcedor fanático é aquele que faz questão de comparecer a todos os jogos no estádio, por exemplo, ou que está sempre comprando camisas do clube – algo que para ele já não seria mais possível, devido às responsabilidades e às limitações de tempo e dinheiro impostas pela família, o casamento, a paternidade e o trabalho. Por isso, em sua própria avaliação, a redução de seu fanatismo ao longo do tempo poderia ser entendida como uma forma de amadurecimento. Ainda assim, o entrevistado foi capaz de mencionar um exemplo de “loucura” cometida em nome do Flamengo:

Eu cheguei ao absurdo de, em 2009, na decisão do título Brasileiro, eu tava no Mato Grosso do Sul... **absurdo não**. Aí o jogo era domingo, a final, o jogo contra o Grêmio. Eu não tinha passagem comprada, não tinha ingresso... aí também era véspera de, praticamente véspera de Natal, eu ia entrar de férias logo em seguida, falei pra minha mulher e pra minha filha, assim... não, minha filha era criança. **Falei “oh, vamos pro Rio de Janeiro, que eu quero ir ver o jogo”**. Aí falei pra minha esposa “você aproveita, já fica lá e eu volto depois, no Natal”. **Aí eu cheguei, em 2009, num domingo, 8 horas da manhã, só deu tempo de dormir um pouquinho, e fui pro Maracanã catar ingresso, aí graças a Deus eu consegui... gratuidade, mas consegui!** Eu ganhei o ingresso do Flamengo... corri atrás das pessoas que eu conhecia. Em via de regra, eu compro, entendeu? Mas de vez em quando, eu ganho... e assisti à final. [...] **As pessoas sabem que eu frequento... saí pedindo, pedindo, pedindo, pelo amor de Deus, falei que tinha vindo do Mato Grosso do Sul e ganhei o ingresso**. Entendeu? [...] Talvez tenha sido a maior loucura, mas eu nem considero loucura, entendeu? Eu tava a fim de vir pro Rio de Janeiro, minha mulêa tava cansada... juntamos o útil ao agradável.

Assim como Fabiano, a “loucura” cometida por Fernando consistiu novamente numa viagem realizada para assistir a um jogo do clube – dessa vez, uma partida decisiva, que resultou na conquista do título de campeão Brasileiro de 2009 pelo Flamengo. A ocasião é novamente narrada como uma peripécia, envolvendo principalmente a busca desesperada por um ingresso para poder assistir ao jogo realizado no estádio do Maracanã. Embora chegue a considerar esse episódio como

o maior “absurdo” ou “loucura” cometida em nome do clube, vale ressaltar que ao fim de seu relato o entrevistado faz uma reavaliação, procurando trivializar o evento narrado, afirmando que para ele, na verdade, aquilo nem se configuraria exatamente como um exemplo de “loucura”, remetendo-nos ao depoimento de Patrícia, para quem a imagem de “fanática” projetada pelas pessoas de seu convívio não se justificaria por ela considerar “normais” as viagens e outros esforços feitos para acompanhar o Flamengo.

De todo modo, como vimos anteriormente, uma das maneiras pelas quais Fernando procurou esboçar a natureza de sua relação com o Flamengo foi por meio do estabelecimento de uma correspondência entre o desempenho do clube e seu estado de espírito. Essa relação também foi identificada por Vinicius, um dos poucos entrevistados a representar a si próprio como um torcedor “fanático”, de modo mais aberto e direto:

Entrevistador: Você se considera um torcedor fanático?

Entrevistado: **Hoje sim, cara. Hoje eu sou muito fanático.** Em 2013, foi... **eu sempre fui muito fanático**, eu te falei, né? **Eu sempre acompanhei muito, sempre gostei de ver muito os jogos** e tal. Queria muito ir no Maracanã, e não conseguia. Então... em 2008, eu comecei a frequentar Maracanã, então, aí, não tem como, aí...

Entrevistador: Mas você conseguiria definir, assim, o que você sente pelo clube, um sentimento...?

Entrevistado: Cara, eu não sei te dizer, eu acho que, **eu acho que ninguém consegue descrever esse sentimento**, cara... de que que é, **o que te move a fazer isso, essa loucura que tu tá falando, de pegar e sair e de casa na chuva pra ver jogo, e pega trem lotado, e volta com trem lotado, e é confusão, é aperto, é desconfortável.** Hoje, quando tu entra no Maracanã, ok, pô, é muito confortável, o Maracanã tá muito diferente. Mas, antigamente, não era assim, então, **tu ia ali na, pô, correria, e compra ingresso, e pega trem lotado, e... e o time ganhou, e num sei, é uma, é uma paz que, que eu sinto, assim, eu fico muito bem comigo mesmo, o meu humor melhora absurdo. Eu respiro Flamengo, cara...** Às vezes, assim, é... às vezes, eu **fico pensando se eu não canalizo muito a minha vida pra isso, assim, porque eu me frustro muito. Ao mesmo tempo que eu sou muito feliz, também, quando perde, pode ser uma derrota simples, como foi o empate contra o São Paulo, é... sábado, agora, e eu fico frustrado, é um negócio que me tira o humor, assim, me tira... eu brigo com a minha mulé, eu brigo com a minha sogra, eu fico chato... é um negócio que mexe muito comigo, assim... Mas, quando ganha, eu não sei te dizer, é uma paz muito, muito grande, assim, é um orgulho que eu tenho de, de, de ser Flamengo, eu não sei o que que é, não... É muito bom, cara!**

A fala de Vinicius nos remete a diversos elementos já destacados em outras entrevistas analisadas neste capítulo. Assim, além de considerar que fora sempre um torcedor “muito fanático” pelo Flamengo – e não apenas de modo parcial ou

mediano, como na auto-representação de Anderson –, o entrevistado declara sua incapacidade em definir de modo preciso o que sente pelo Flamengo – deficiência esta que ele julga universal, comum a todos os torcedores –, procurando então enumerar uma série de vicissitudes enfrentadas por ele no intuito de comparecer assiduamente ao estádio para assistir aos jogos do clube: trem lotado, confusão, aperto, desconforto, correria, chuva, etc., de modo semelhante ao que havíamos observado na entrevista de Marcelo, e que aparece novamente no depoimento de Anderson, quando questionado sobre algum tipo de loucura ou sacrifício feita pelo Flamengo:

Sacrifício era aquela porra de às vezes ficar cinco horas numa fila de bilheteria, que graças a Deus, acabou! Sou sócio-torcedor... Ah, ficar cinco horas debaixo de sol, na fila da bilheteria... [...] Acho que mais essas coisas de bilheteria, que antigamente era bem chato.

Como vemos, as dificuldades enfrentadas pelos torcedores para assistir aos jogos do clube no estádio também são mencionadas como formas de “loucura” ou “sacrifício” que servem como provas da relevância do clube para os entrevistados. Segundo eles, essas dificuldades seriam ainda maiores no período anterior à última grande reforma realizada no Maracanã, algo que trataremos mais detidamente num capítulo posterior, ou ainda, no período anterior à criação do programa de sócios-torcedores do Flamengo, como veremos na segunda parte deste capítulo. O que importa ressaltar no momento é o modo como Vinicius descreve o impacto do desempenho do clube sobre suas emoções:

Entrevistador: Você acha então que o desempenho do clube tem algum tipo de influência sobre o seu humor, ou suas emoções, seu comportamento e tal, para além do momento do jogo em si?

Entrevistado: **Num tem como falar que não tem, num consigo diferenciar.** Assim... quando o jogo é, é sábado, esse negócio de domingo, 11 horas, jogo, agora, domingo, 11 horas, é muito bom quando ganha, né, cara? Que aí teu domingo fica maravilhoso. Agora, quando joga no sábado, e perde... nossa, é uma, pô, passa o final de semana, acabou o final de semana... acabou literalmente, assim, porque... fica com aquele negócio atrás da orelha ali, que, pô, alguma coisa num... pode ter sido o melhor fim de semana, em relação a outra coisa, mas sempre fica assim um “mas”, né? Pô, o Flamengo podia ter ganho, né? Pô, o Flamengo podia ter ganho, aquela bola podia ter entrado, num sei o que, e é sempre essa lamentação, assim... E quando ganha, filho, quando ganha já é o contrário, né? Pode acontecer o, a casa pode tá caindo, que, porra, o Flamengo ganhou, tá bom, pelo menos o Flamengo ganhou... Que é, é o nosso consolo, né?

Como vemos, o desempenho do clube tem uma grande influência sobre as emoções e o comportamento de Vinicius, tanto nas vitórias, que servem como uma espécie de alento ou compensação para os problemas enfrentados em outras áreas de sua vida pessoal, produzindo sentimentos positivos de felicidade, paz e orgulho, como também nas derrotas, que provocam fortes sensações negativas de frustração e mau humor, ensejando inclusive a ocorrência de brigas e discussões com sua esposa e sua sogra, conforme destacado pelo próprio entrevistado. Essa situação faz, inclusive, com que Vinicius procure ponderar e reavaliar o modo “excessivo” com que ele ativamente “canaliza” suas emoções para sua relação com o Flamengo. Para ilustrar seu grau de “fanatismo” pelo clube, o entrevistado menciona ainda uma tatuagem feita em 2013:

[...] quando você perguntou do fanatismo, eu tava falando, eu toquei em 2013, porque eu lembro, porque **foi em 2013 que eu fiz a minha primeira tatuagem do Flamengo**, né? Que eu tenho aqui no braço, uma frase da torcida, né? **“Essa loucura que eu sinto por ti nunca se acabará!”**, que é **uma música que a torcida canta**. E eu lembro que a primeira vez que eu escutei essa música, foi em, foi em 2011, assim, tipo, que tava muito, não sei se foi nessa época que surgiu, ou ficou mais forte nessa época. Eu lembro que foi no campeonato carioca de 2011, e... Fla x Flu, ali, 1 a 1, com um gol de cabeça do Thiago Neves... e empate ali que a gente classificou. Que eu, assim, essa música mexeu comigo, e ficou. [...] Então, mexeu muito comigo, essa frase, e ficou pra, assim, nunca... **e é verdade, nunca vai se acabar, essa loucura não vai acabar nunca, entendeu?** Então, eu sempre brinco que **as minhas tatuagens sempre são pra coisas eternas, então... eu só vou tatuar porque eu sei que é eterno. Então, eu tenho duas tatuagens, uma é pra minha mãe, e uma é pro Flamengo**. E esse ano eu já, é... retoquei aqui, acabei, fiz o escudo, né?

A tatuagem feita por Vinicius faz referência a uma música cantada pela torcida do Flamengo nos estádios, na qual o sentimento pelo clube é definido como uma “loucura que nunca se acabará”. Segundo Vinicius, a decisão de fazer essa tatuagem – uma marca perene, duradoura, de difícil remoção, que se inscreve na própria pele – deveu-se justamente ao fato de ele conceber sua relação com o Flamengo como algo eterno, assim como a relação mantida com sua mãe, que serve de motivo para uma outra tatuagem feita por ele.

Além de Vinicius e Fernando, outros entrevistados mencionaram também os efeitos do desempenho do clube sobre suas emoções, humor e comportamento, para além do contexto de realização das partidas. Este foi o caso de Fabiano, por exemplo:

Entrevistador: O desempenho do time influencia suas emoções, seu humor, seu comportamento de alguma forma?

Entrevistado: Cara, **hoje não tanto quanto antes. Antigamente, eu sofria mais, né?** Pô, eu lembro de uma final contra o Fluminense, quando o Romário voltou pro Brasil, veio pro Flamengo, em 95, cara. Cara, aquela, **aquele jogo foi o jogo mais triste da minha história como torcedor.** Eu fui, fui no, tinha um... eu tinha um primo, né? Ele até faleceu... essa semana, eu fui à Gávea comprar o ingresso, não consegui. [...] Aí fiquei triste por não poder assistir o jogo. Aí na véspera do jogo, no sábado à noite, eu fui dormir muito chateado mesmo, cheguei a sonhar com o jogo. Eu acordava de madrugada e sonhava que eu conseguia aquele ingresso. Beleza. Aí, como eu tinha sonhado que tinha conseguido, toda hora eu acordava. De manhã, meu primo bateu na minha janela e falou assim “Fabiano, tô com dois ingressos, bora?”. Aí eu fui, virei pro lado, achando que era mais um sonho, cara. E fiquei... e ele batendo, eu falei “pô, cara, isso não é sonho não, cara!”. Aí eu fui, eu olhei, eu “André, é sério?”, ele “aqui, cara! Se tu não for, eu vou passar!”. Eu “não, tá maluco, cara! Nem dormi direito!”. Aí, então tá. O pai dele tinha uma Kombi, né? “Oh, a gente vai sair tal hora!”. [...] Chegou no jogo, o Flamengo vai, acontece aquela história toda. Eu vou pra casa... [...] Aí, foi, chegou aqui, não dormi de novo. **Foi uma semana, uma semana, eu sem conversar, tipo assim, sem conseguir conversar, uma semana inteira na escola. Cara, é impressionante, vou te falar, é o pior momento da minha vida... não sei se nem como torcedor, eu acho que foi... foi a pior semana da minha vida, eu acho, cara! Que eu me lembre, foi. Então, assim, influencia no humor. Hoje, não mais como antes, mas me influencia sim.**

Entrevistador: Mas positivamente também?

Entrevistado: Então, assim, eu vou dividir assim: **antes, me ajudava muito, quando ganhava e me atrapalhava demais quando perdia. Hoje, influencia no humor, tanto pra mal, quanto pra bem, mas não nessa proporção. Então, hoje eu acho que sou tranquilo, sei dividir as coisas.**

Para ilustrar a influência do desempenho do Flamengo sobre sua vida, Fabiano relata o forte sentimento de tristeza sentido por ele após a derrota do Flamengo para o Fluminense, em 1995, num jogo decisivo, que resultou na perda do título de campeão carioca daquele ano para o rival. Segundo Fabiano, aquele teria sido o jogo mais triste de sua história como torcedor e, possivelmente, o momento mais triste de sua vida pessoal (e não apenas como torcedor, como ele destaca). Contudo, embora indique que a influência do desempenho do clube sobre seu humor continue existindo, Fabiano afirma que isso não se dá mais na mesma proporção de antigamente, pois hoje ele seria “tranquilo” e saberia “dividir as coisas”. Algo semelhante pode ser encontrado na entrevista de Patrícia:

Entrevistador: O desempenho do clube afeta, de alguma forma, o seu humor ou o seu comportamento?

Entrevistada: **Completamente!** [risos]. Completamente! [...] **Eu fico de mau humor.** Tipo, perdeu... domingo eu nem tive a oportunidade de assistir o jogo, que eu tava numa festa... mas aí o pessoal vem, fala... pô, acabou com a minha... **pra mim acabou a festa na hora que eu fiquei sabendo**

do resultado. Aí eu cheguei em casa, ainda fica vendo... eu revejo o jogo, né? Aí... pra sofrer mais um pouco [risos].

Entrevistado: E o contrário, quando o time tá bem...?

Entrevistado: **Ah, pô... aí tá tudo maravilhoso! Perfeito!** [risos].

Entrevistador: Mas isso chega a interferir nas suas outras atividades de alguma forma, ou não?

Entrevistado - **É, eu procuro separar, tipo, trabalho...** sempre... porque todo mundo sabe que eu sou torcedora mesmo, então, sempre tem alguém que é, torce pra outro time, aí aproveita pra tirar um sarro e tal. **Mas aí, a gente leva, né, cara?** [risos] É diferente, assim... **é difícil, mas... sei lá, acho que com o tempo você vai ganhando maturidade, né? Aí vai meio que separando um pouco as coisas, mas... é complicado.**

Segundo Patrícia, o desempenho do Flamengo exerce uma grande influência sobre suas emoções, tanto nas vitórias como nas derrotas, apresentando no primeiro caso um caráter compensatório semelhante àquele destacado por Vinicius. Contudo, a entrevistada afirma que procura minimizar os efeitos dessa afetação sobre o exercício de suas atividades, especialmente no ambiente de trabalho. Assim como Fabiano, a entrevistada diz que procura “separar as coisas”, tarefa que ela considera difícil, complicada, mas que se tornaria mais fácil com a maturidade adquirida com o passar do tempo – a mesma maturidade (ou amadurecimento) que teria contribuído para a redução do fanatismo de Fernando, como vimos anteriormente. Esse processo de minimização dos efeitos das vitórias e derrotas do clube sobre o ânimo pessoal, entendido como uma forma de amadurecimento, também foi destacado por Adriano:

Entrevistador: E aí... o desempenho do time tem alguma influência sobre o seu comportamento, humor, emoções, de alguma forma, para além do jogo em si?

Entrevistado: **Tem. Hoje nem tanto, porque a gente vai crescendo, vai amadurecendo. Mas, teve uma fase que era foda. Porque, assim, o Flamengo perdia, parecia que era luto, assim, ainda mais jogo importante.** Aquela expectativa e tal, perde... às vezes **faltava aula na, principalmente faculdade**, que não tinha tanto controle, assim, de pai e mãe, então... [...] Aí **eu ficava, assim, bem chateado mesmo.** E tem aquela coisa, né? Você às vezes cai na pilha dos outros, que torcem pros outros times. Tem aquela coisa que o Flamengo também parece que demora pra ganhar, não é uma sequência, né? O Flamengo não ganha campeonato ano sim, ano não, parece que ganha de dez em dez anos. Aí fica aquela expectativa aumentando, aumentando, perde, pum... frustração. **Mas assim, de extrapolar pra, de repente, violência, agressão, acho que...**

[...] Essa coisa do humor, assim, minha mãe até sabia. Quando o Flamengo perdia, ela nem vinha falar comigo direito, porque sabia que poderia tomar uma resposta atravessada [risos]. Hoje já...

Entrevistador: Mas influencia positivamente também?

Entrevistado: Positivamente também, posso tirar um zero na faculdade que, se o Flamengo ganhou, num tô nem aí! [risos]. É uma coisa meio esquisita, né? Mas...

À semelhança do que vimos nas entrevistas anteriores, Adriano afirma que o impacto das derrotas e vitórias do Flamengo continua se fazendo sentir em sua vida, no entanto, hoje isso se daria de modo menos intenso que no passado, por conta da “maturidade” adquirida com o passar do tempo. O entrevistado destaca um período de sua vida em que as derrotas do Flamengo chegavam a produzir nele um estado emocional comparável ao sentimento de luto, interferindo inclusive em suas atividades e interações. Esse tipo de interferência sobre as relações pessoais, encontrado também nas entrevistas de Vinicius e Fabiano, aparece mais uma vez no depoimento de Anderson:

Entrevistador: Você considera que o desempenho do time influencia seu humor, comportamento, ou suas emoções de alguma forma, para além do jogo?

Entrevistado: **Sim... já foi pior quando eu era mais novo. A gente mais novo, acho que a gente tem mais, sei lá, mais hormônio, mais impulsividade...** Quando eu tava casado, eu tinha essa coisa, assim, minha mulé sabia, se o Flamengo perdesse algum jogo importante, não era pra me encher o saco com nada! E o contrário também, se o Flamengo foi, tipo, campeão de um, sei lá, foi campeão de alguma coisa, de um carioca, de alguma coisa... aí era felicidade total, então, tem realmente sim, influencia. **Hoje um pouco menos, mas não vou dizer que não**, assim. Tem jogos e jogos, mas... tem jogo que realmente...

Segundo Anderson, embora o impacto do desempenho do Flamengo sobre sua vida continue existindo, essa influência costumava ser maior no passado por conta da maior impulsividade e maior “concentração de hormônios” comumente associados ao período da juventude. Segundo Lutz e Abu-Lughod (1990), um dos traços fundamentais da etnopsicologia ocidental seria a crença de que as emoções são geradas ou produzidas pelo corpo e, ao mesmo tempo, produziriam efeitos sobre ele – o que pode ser identificado nesta correlação entre hormônios e impulsividade acionada pelo entrevistado para interpretar o maior impacto do desempenho do Flamengo em sua vida quando ele era mais novo.

Por fim, destaco o exemplo de Carlos, que define sua relação com o Flamengo como algo que “beira o fanatismo”:

Então minha relação com o Flamengo é essa, desde pequeno mesmo, assim, sempre acompanhei, sempre li jornal sobre, é... via televisão, via os gols, é... **beira o fanatismo, não vou dizer que é fanático, até hoje eu não sou fanático, mas é, mas beira, chega, chega perto.**

Quando peço que o entrevistado tente definir seu sentimento pelo clube de modo mais preciso, ele responde:

Cara, é... eu não sei se eu consigo definir, porque, assim... eu tento, eu sou um tipo de, um perfil de torcedor, que, por isso que eu não me acho fanático... eu tento desvincular ao máximo o clube da minha vida. Então, assim, o Flamengo... eu não vou, não vou ficar feliz da vida, minha vida tá bem porque o Flamengo tá bem, minha vida tá mal, porque o Flamengo tá mal. Eu acho que isso é ser fanático. Então, eu não me defino como fanático por isso.

Então, assim, vou te dar um exemplo, só pra você... talvez aí pra tua pesquisa sirva. Quando o Flamengo perdeu pro Santo André, em 2004, eu fui pra escola, eu fui o único flamenguista da turma... eu fui ao jogo, de geral... e a, eu fui ao jogo, eu fui o único flamenguista da turma que foi, que foi ao, ao, ao... ao, ao, ao colégio, né? Por quê? Porque todo mundo ia ser sacaneado. E eu fui, eu lembro que eu brincava, debatia, levei na boa. **Então, eu sempre levei na boa as derrotas do Flamengo.** Eu não, eu não, eu não perco minha, “ah, nossa, não vou porque o Flamengo perdeu”. Eu, **eu consigo desvincular isso, acho isso muito saudável.** A ponto de, **hoje, eu sou jornalista, trabalho com esportes também,** gosto muito... gostaria de levar a minha vida assim, trabalhando com esporte. Então, assim, eu aprendi a gostar de futebol. **Então, assim, eu não sou um cara que acha o Flamengo o melhor time do mundo,** o goleiro do Flamengo é o melhor do mundo, o atacante... eu gosto de debater futebol. Então, eu **consigo desvincular** um pouco isso.

[...] Eu acho que **o Flamengo é, é um, é um... é um amor grande, óbvio que, eu, pô, no estádio, então... ou vendo o jogo, eu fico nervoso e tal, mas não é uma coisa, assim, louca, assim, não é, não é uma paixão louca, assim... tipo, eu não fiz uma loucura pelo Flamengo. A não ser ir a jogos... uma coisa ou outra.** Tipo, eu não sou aquele cara, “vou perder o casamento por causa do Flamengo”. Provavelmente... se for uma final, de repente [risos]. Mas, provavelmente não. Assim, tem jogo que eu não vejo, porque eu vou sair... ah, saí, vou pro pagode, vou tomar uma cerveja, o jogo lá... não vejo. Num, fico lá olhando e tal, mas num... **vivo minha vida além do Flamengo.** Então, a... acho que a definição é essa, assim, **eu não faço do Flamengo a minha, a minha razão de viver. Não é, não é... mas, quando ganha, aquilo, é, é, aumenta exponencialmente meu, meu, minha alegria, meu... né? Minha disposição e tal. E quando perde, eu tento... é do jogo, normal. Eu tento, é, é, diminuir mesmo a minha frustração, e acho que consigo... porque eu num, eu falo bem das derrotas do Flamengo.**

Como podemos observar na passagem acima, Carlos não considera a si próprio como um torcedor fanático, justamente pelo fato de não permitir que o desempenho do clube produza um grande impacto sobre sua vida. Embora chegue a definir seu sentimento pelo Flamengo como um “amor grande”, ele afirma que não se trata de uma “paixão louca”, pois nunca teria feito nada que considerasse uma “loucura” em nome do clube. Na perspectiva do entrevistado, o fanatismo poderia ser definido justamente por uma forte correspondência entre o desempenho do clube e o estado de espírito do torcedor, sendo este último praticamente determinado pelo

primeiro – algo que Carlos julga pernicioso, especialmente quando as emoções do torcedor são negativamente influenciadas pelas derrotas do clube.

O entrevistado afirma que procura desvincular ao máximo o Flamengo de sua vida, ou ainda, que procura viver sua vida além do clube, não fazendo dele sua “razão de viver”. Para Carlos, esse processo de desvinculação seria algo “saudável”, numa fala que nos remete ao fato de que as emoções são frequentemente associadas à noção de doença na modernidade ocidental (Lutz e Abu-Lughod, 1990). Esse processo de desvinculação, aliás, também foi salientado por outros entrevistados, que afirmaram ter aprendido a “dividir” ou “separar as coisas” ao longo do tempo, na medida em que foram envelhecendo e amadurecendo, tornando-se mais “tranquilos” ou menos “impulsivos”.

Vale destacar, contudo, um elemento novo que aparece ao fim do depoimento de Carlos. Segundo ele, o processo de desvinculação entre sua vida e o desempenho do Flamengo não se resumiria a uma tentativa de minimização dos efeitos negativos gerados pelo sentimento de frustração advindo das derrotas. Em vez disso, o que ele tenta aplacar ou amenizar é o próprio sentimento de frustração produzido pelos reveses do clube, algo que aponta para a existência de um verdadeiro “trabalho emocional” (Hochschild, 1979), mediante o qual o sujeito procura atuar diretamente sobre suas próprias emoções e estados subjetivos, a fim de ter algum tipo de controle sobre eles. De certo modo, a valorização mais enfática da necessidade de desvinculação entre o clube e outras áreas de sua vida, na fala de Carlos, bem como da capacidade de fazê-lo, pode ser associada à atuação profissional do entrevistado como jornalista esportivo, função que lhe impõe um imperativo de “neutralidade”, a ser alcançado mediante a “racionalização” de suas emoções enquanto torcedor⁵¹.

Embora não enxergue a si mesmo como um torcedor fanático, por não ter cometido nenhum tipo de “loucura” em nome do Flamengo, Carlos menciona aquilo que ele considera como a coisa mais “absurda” feita por ele em favor do clube:

Loucura eu acho que eu não fiz. **Eu já vi gente fazer coisas piores**. Mas, é, a gente vê né? A gente vê gente, porra, sem, sem, é, de **cadeira de rodas** em jogo... entendeu? Eu nunca fui... até porque eu nunca precisei usar também [risos]. É, tem isso... Então, assim, já viajei, eu viajei poucas

⁵¹ Para uma melhor compreensão sobre o tratamento dado às emoções na área do jornalismo, consultar o artigo “As emoções diárias: ensaio sobre a etnopsicologia do jornalismo” (Condé, 2017).

vezes pra ver o Flamengo. Ano passado, eu viajei, que eu viajei pra ver o Flamengo, nunca tinha viajado. Eu fui pra São Paulo, ver o... **foi um bate e volta pra São Paulo... talvez a coisa mais absurda, assim, foi isso.** Fui pra São Paulo de noite, justamente, no sábado, pra ver o jogo do Flamengo, e voltei de ônibus, tipo... No Pacaembu, Flamengo e Figueirense, de manhã, aí vi o jogo, almocei e voltei. **Não fiz nada, não conheci São Paulo, não fiz nada.** Então, assim, talvez essa seja, assim, porra... “pô, tu foi pra São Paulo pra ver o jogo do Flamengo?!”. **Fui pra ver o jogo, como se fosse pegar um ônibus aqui... acho que talvez seja essa a grande, grande experiência que eu tenha tido em termos de Flamengo, assim. Mas, fora isso, tudo, tudo dentro dos conformes, mesmo. Vou muito a jogo, é... e vejo todos os jogos que eu posso ver. Acho que loucura, loucura, acho que não.**

A exemplo do que pode ser observado na maioria dos depoimentos analisados até aqui, a atitude mais “absurda” de Carlos em nome do Flamengo consistiu numa viagem para assistir a um jogo do clube em outro estado. Alguns entrevistados mencionaram também outros tipos de exemplos como “loucuras” ou “sacrifícios” realizados em nome do Flamengo, tal como Adriano, que destacou o fato de ter comparecido ao Maracanã certa vez com 39 graus de febre, além de ter faltado a uma prova da faculdade a fim de comprar ingresso para assistir a uma final de campeonato, ou ainda, Marcelo e Érica, que abandonaram uma prova de vestibular para poderem assistir ao jogo decisivo que resultou no título de campeão Brasileiro de 2009 para o Flamengo. Sobre esse episódio, Marcelo relata o seguinte:

Eu fiz o Enem, eu larguei a prova, larguei o foda-se pra prova, marquei tudo e fui embora, por causa do jogo. [...] Aí, eu fui pra casa ver o jogo mesmo. Que **eu não tava aguentando ouvir fogos, carro tocando o hino,** eu marquei tudo no modo “a Deus dará” mesmo, entreguei e fui embora pra casa. Aí eu “não, vou ver o jogo!”, que o Flamengo na final, podendo ser campeão, é uma vez na vida ou de vez em quando, né? Enem tem todo ano. Então, larguei a prova e fui embora pra casa. Aí, cheguei em casa, tava começando o jogo. Aí vi em casa com meu pai, o Flamengo foi campeão. Aí, soltei fogos, fiz tudo o que tinha direito, né? Porque, num é todo dia... aí é válido.

Como podemos observar no trecho acima, Marcelo desistiu de completar sua avaliação por conta do sentimento nele gerado pelo barulho produzido a partir da festa dos torcedores do Flamengo nos arredores do local de prova. Algo semelhante ocorreu no caso de Érica, que nos conta sua experiência com um nível maior de detalhes sobre suas sensações:

2009 foi o ano do meu Enem, do meu vestibular. [...] **E aí, eu tinha mantido a calma de que eu ia fazer o Enem.** O Enem, no primeiro dia, era humanas. E no segundo, que já era o dia do jogo, era exatas. [...] Eu falei

“cara, eu vou fazer o Enem, eu preciso fazer o Enem, não vai dar pra ir na final. E vida que segue, a gente vai ser campeão!”. O meu irmão ia lá pra casa, “ah, vamos ver em casa”, e eu naquela, tipo, “eu não vou na final”. Mas assim, já era uma coisa na minha cabeça de que era mais importante. **Era tipo um sacrifício que eu ia fazer e eu ia passar.** Então, eu falei “eu não vou à final, então eu vou passar!”. E aí, eu fiz o primeiro dia de humanas, no segundo dia já era de exatas. E eu não sabia nada de exatas. Eu cheguei lá... tô lá escrevendo, de boa. **Do nada, um barulho, um barulho, um barulho... eu comecei a passar mal, eu comecei a ficar muito nervosa, pensando no jogo, comecei a passar muito mal...** [...] E aí, **eu passando mal, assim, de nervoso, escrevendo, tentando não pensar.** O cara que tava aplicando a prova olhou pra mim e falou assim “você tá bem?”. Aí eu falei “não” [risos]. Ele “cê quer ir ao banheiro, eu peço pra...” [...]. Pra ir no banheiro, você passava pelo pátio. **Cara, quando eu passei no pátio e ouvi os carros com bandeira em cima e “ehhhhh!”**, e a rua, eu falei assim “o que?!”. **Eu voltei na sala, assinei meu nome na prova, entreguei, não fiz a redação, não fiz nada. Entreguei, assim. Fiz o que eu tinha feito, só...** devia ser, sei lá, o jogo era às 16h? Devia ser 14:30h, umas 15h. Eu fiz, sei lá, menos de uma hora de prova, uma hora. **Entreguei, tava passando muito mal, parecia que eu tinha levado um soco no estômago. Comecei a passar muito mal, muito mal.** Aí desci e falei “eu preciso sair daqui, preciso ir pra casa! Preciso ir pra casa. Eu vou pro Maracanã? Que que eu faço?”. Fui pra casa, porque eu tava passando super mal. Eu peguei um taxi, fui pra casa. Aí cheguei, meu irmão já tava lá e tal. Aí eu, cara, eu tava tão nervosa, tão nervosa, que esse lapso de, assim, de eu sair da Universo [local de prova] e chegar em casa, eu num... parece que eu fiz assim oh “psssss”, que não aconteceu o caminho.

Em virtude do clima de festa produzido pelos torcedores do Flamengo nos arredores do local de prova, Érica afirma reiteradamente que começou a passar muito mal, “de nervoso”, sendo tomada por um sentimento comparado por ela à sensação de “levar um soco no estômago”. Por conseguinte, a entrevistada não mais conseguiu persistir no esforço de não pensar na partida à qual não poderia assistir nem no estádio, nem pela televisão, por conta do vestibular, algo que, aliás, é apontado por ela como um verdadeiro sacrifício. Incapaz de desviar sua atenção da partida, Érica decide então abandonar a prova para assistir ao jogo em casa, com sua família.

Apesar desses poucos exemplos que acabamos de mencionar, a maior parte dos entrevistados apontou mesmo as viagens realizadas para assistir a jogos do Flamengo em outros estados como exemplos de grandes atos realizados em nome do clube. Esse tema aparece mais uma vez na entrevista de Leandro, que assim como Vinicius, considera a si mesmo como um torcedor fanático de modo mais direto e aberto:

Entrevistador: E você se considera um torcedor fanático?

Entrevistado: **Cara, eu amo o Flamengo, né, cara? Assim... pode-se dizer que sim. Pode-se dizer que sim... Pelo Flamengo, porra, eu faço tudo mesmo!**

[...] Pô, cara, **o Flamengo é tudo pra mim! Eu já separei... a mãe do meu filho, eu sou separado, por causa do Flamengo, cara.** A gente... [confuso] jogo do Flamengo em São Paulo, Flamengo e... em 1999, pela Sul-americana, né? Foi Sul-americana, ou...? Que nós ganhamos, gol do Lê, lá, contra o Palmeiras...

Entrevistador: Sim, é... Mercosul.

Entrevistado: Pô, ela falou “tu não vai!”, eu falei “vou...”. “Num vai”, eu falei “tá, num vou não...”. Pô, eu já tinha comprado tudo, ela nem sabia... pô, marquei com os caras na rodoviária Novo Rio... aí era, a gente tava indo num... numa van, a van quebrou. O cara deu uma volta na gente, já tinha pago a van. Aí só tava com aquele dinheiro contado... eu falei “meu irmão, eu não vou voltar pra casa, que eu já briguei com a mulé mesmo!”. Aí, o maluco, “vamos, não, eu tenho o dinheiro aqui, tu vai me pagar depois!”, eu falei “só posso te pagar no dia do meu pagamento”. Taquei pra São Paulo com mais oito pessoas... fomos ver a final. Nós chegamos lá, já tinha 20 minutos do primeiro tempo. [...] Nós chegamos, já era, era pra gente chegar duas horas antes, chegamos vinte minutos depois. **Então, uma das loucuras que eu fiz pelo Flamengo foi essa, separei da mulé que, né? É mãe do meu filho...** quando eu voltei, tipo, esse jogo foi numa quarta... eu voltei na quinta-feira, cheguei aqui, era quinta-feira, 18h. Pô... a roupa já tava toda na casa da minha mãe, cara!

[...] Tinha jogo do Flamengo, dia de domingo... “ah, se tiver jogo do Flamengo no Maracanã, eu vou pro jogo!”. Ela “tá, maluco!”, num sei que, Flamengo com um time horrível, cara, porra! Márcio Costa, lembra? Márcio Costa, era, ih... Charles Guerreiro, porra! Meu irmão, tô nem aí... aí ia. **Aí ela sempre brigando, sempre brigando, e esse jogo aí foi a gota d’água.** Eu fui, pô... Flamengo e Santos lá na Vila também... essa aí, foi uma das brigas também, que eu fui, Flamengo e Santos... foi em 98, um ano antes. Aí, um ano depois, eu separei. **Foi uma das loucuras que eu fiz pelo Flamengo.** Porra!

Na passagem acima, Leandro declara que o Flamengo seria “tudo” para ele, e que seu sentimento pelo clube seria de amor, identificando-se como um torcedor fanático, por ser capaz de “fazer de tudo mesmo” em seu nome. Para ilustrar a importância dessa relação, o entrevistado nos conta que teria se separado de sua antiga esposa por causa do Flamengo, narrando em seguida o episódio que teria servido como a “gota d’água” para o fim do casamento com “a mãe de seu filho”, como ele destaca. Após constantes brigas motivadas pelo costume do entrevistado de assistir aos jogos do Flamengo no estádio, seu casamento teria acabado após uma viagem feita por ele para assistir a um jogo do clube contra o Palmeiras, em São Paulo, partida que culminou na conquista do título da Copa Mercosul de 1999 pelo Flamengo. A ocasião é narrada mais uma vez como uma peripécia, envolvendo a superação de inúmeros obstáculos para chegar ao local de realização da partida.

Por fim, detemo-nos sobre a entrevista de Jorge, que nos permite a retomada de alguns pontos importantes analisados ao longo do capítulo, possibilitando ainda a

antecipação de alguns tópicos a serem abordados na próxima seção. Primeiramente, destacamos o modo efusivo com que o entrevistado define seu sentimento pelo Flamengo:

Entrevistador - Como você define seu sentimento pelo clube?

Entrevistado - É, eu defino da seguinte maneira: eu tenho religião, que minha religião é cristã; eu tenho minha família, que eu amo minha família; mas, tem o Flamengo, que é o maior amor, é um amor mesmo. Eu sinto um amor que, pra mim, é muito importante! Eu não consigo me desligar, ficar um mês sem saber do Flamengo. Eu, hoje eu não consigo. Hoje eu tô bem nesse nível, a ponto de admitir que é um fanatismo. Porque me envolve, me seduz de tal forma que eu, eu fico ligado ao que tá acontecendo. Alguém chega perto de mim pra comentar do, do, do futebol, eu não consigo falar de outras coisas e ficar alheio a falar do Flamengo. Eu tenho que comentar alguma coisa do Flamengo, mesmo que não seja o assunto. A pessoa tá falando da seleção brasileira, aí eu vou falar que o Peru tem dois jogadores do Flamengo, que tá disputando a vaga com a Argentina. O cara “pô, mas eu tô falando do Brasil!”, eu falei “olha, mas o Trauco e o Guerrero tão lá no Peru pra disputar...”. Então, é isso. Tem essa importância, esse amor... é um amor, né? E a importância dele pra mim é essa, que eu não consigo viver... agora, no momento, eu não consigo viver sem, afastado, me afastar. É um vício mesmo.

O entrevistado afirma que seu sentimento pelo Flamengo seria de amor, posicionando o clube ao lado de sua família e de sua religião como um dos elementos mais importantes de sua vida. Jorge destaca ainda o fato de não conseguir viver sem o Flamengo, de se desligar ou se afastar do clube, caracterizando sua relação com o Flamengo como um vício, a exemplo do que já havíamos observado na entrevista de Fernando. Em virtude da intensidade dessa relação, o entrevistado chega a “admitir” sua caracterização como um torcedor “fanático”, falando sobre isso novamente quando questionado sobre um exemplo de “loucura” cometido em nome do Flamengo:

Então, pra mim, qualquer coisa que sai um pouco do normal, pra mim já é fanatismo. É o que eu te falei, quando eu saio de um plantão de 24 horas, recente [...]. Você sai de um plantão, que você tá há 24 horas trabalhando sem descanso, que eu trabalho numa emergência aberta. Sai pra uma viagem de 12 horas pra encontrar teu time num outro estado... isso, pra mim, já é fanatismo, mas... o desejo era muito grande, era uma final de campeonato! **E ano passado eu tatuei o escudo do clube na pele, fui, participei de viagens semanalmente,** porque o Rio de Janeiro participou... por causa da olimpíada, o Maracanã e o Engenhão estavam cedidos ao comitê olímpico, então, todos os jogos do Flamengo foram fora do estado e, inclusive, assim, os que, até teve jogo no estado, mas aí, em Volta Redonda. Então, viajei quase toda semana. Eu ia pra Espírito Santo, que era em Cariacica... eu ia sempre, eu fui seis vezes seguidas pra Cariacica, um lugar que eu nunca, nunca pisei no Espírito Santo. Era bate e volta, mas eu fiz seis vezes seguidas. O Flamengo jogou seis vezes em

Cariacica, eu fui as seis vezes. Aí, já via o nível que tava o meu envolvimento, a minha ligação tava bem forte, né? Não como... eu achei que eu era menos, **hoje eu já admito que eu sou fanático**. Acho que são essas loucuras mesmo.

Como exemplos de “loucura”, o entrevistado destaca o fato de ter tatuado uma imagem do escudo do Flamengo em sua pele, bem como algumas viagens feitas para assistir a jogos do clube em outros estados, mencionando novamente o fato de que hoje ele “admitiria” ser um torcedor fanático, por conta do nível de seu envolvimento com o Flamengo. A utilização desse termo pelo entrevistado é algo bastante significativo. Como vimos, ao longo de todo o capítulo, perguntar aos entrevistados se eles enxergavam a si próprios como torcedores fanáticos contribuiu para estimulá-los a refletir sobre seu sentimento pelo clube e a defini-lo em termos mais precisos. Em sua grande maioria, eles refutaram essa qualificação, definindo o fanatismo como algo negativo, seja por associá-lo a episódios de violência, à ocorrência de brigas e discussões sérias, irresponsabilidades financeiras, “cegueira” a respeito dos problemas do clube, ou ainda, a uma influência exagerada do desempenho da equipe sobre o estado de espírito dos torcedores.

Em minha interpretação, essa qualificação negativa do fanatismo indica que, embora o universo do futebol seja marcado pela valorização das emoções e de manifestações marcadas pelo excesso e descontrole, especialmente por parte dos torcedores, devemos lembrar que esse contexto extraordinário é caracterizado por um “descontrole controlado”, segundo o termo utilizado por Elias (1992). Isso significa que se, por um lado, é verdade que o universo do futebol franqueia e estimula a vivência de emoções que tendem a ser censuradas em outros contextos da vida cotidiana, por outro lado, essa vivência não ocorre de modo anárquico, sendo definida e limitada a partir de regras sociais específicas. A meu ver, portanto, a qualificação negativa do fanatismo por parte dos entrevistados ocorre justamente pela associação desse termo a formas de exagero e descontrole que são interpretadas como excessivas até mesmo para os padrões mais “permissivos” do mundo do futebol.

De todo modo, Jorge foi um dos poucos entrevistados a se apresentarem como torcedores fanáticos, mais incisiva ou categoricamente, sendo acompanhado por Leandro e Vinicius nesse quesito. Em outro momento da entrevista, ele afirma

que sua relação com o Flamengo teria se intensificado nos últimos anos, em virtude de sua adesão ao programa de sócios-torcedores do Flamengo:

Entrevistador: Você acha que essa relação se intensificou de uns tempos pra cá?

Entrevistado: Sim, de uns dois anos, né? 2014, eu ainda tava ainda desligado, tinha já o sócio-torcedor, mas eu tava meio desligado, num ia nas ações. Aí começou mais no final de 2015, aí 16 foi o... na época da olimpíada, enquanto tava todo mundo vindo pro Rio de Janeiro, eu tava saindo do Rio de Janeiro. [...] E enquanto vinham torcedores do mundo todo pro Rio, eu saía do Rio pra ver o Flamengo.

Entrevistador: Mas por que que você acha que se intensificou desde 2014?

Entrevistado: **Devido a esse, da proposta mesmo do sócio-torcedor, do clube, de trazer, buscar o torcedor pra ter essa fidelidade, né? Que você, tendo um programa de sócio-torcedor, você acaba criando um vínculo... você, querendo ou não, você tá ali tendo aquele vínculo pela página, pelo acesso da rede social**, porque você tem aquela, recebe as notícias, aí fica curioso, abre a página... tem a Fla TV, que é uma, o marketing colocou essa TV, como outros clubes, que te joga lá naquele, na mensagem, você abre a mensagem, já tá assistindo vídeo... já tá respirando, já é como se estivesse assistindo a, o clube, o treino do clube... quem não vai, ou... quem vai ou assiste, pra mim, é a mesma coisa. E isso que aumentou. Eu não assistia nem vídeo, não acompanhava... lia o jornal, matéria do jornal, aquela coisa de comprar o jornal no dia seguinte pra ler, né, a crítica... como é que a mídia tava falando sobre, é... como viu o jogo. Mas não de rede social, internet, não perdia meu tempo com internet, né? Só pra estudar mesmo. E a faculdade, né? Depois que eu terminei... que esse tempo que eu tô ocioso, sem estudar, devido a isso também... que até 2015 eu ainda tava com, estudando, me envolvendo... de 2015 pra cá, eu parei de estudar, então, tenho mais tempo ocioso.

Entrevistador - Como que é a relação da sua família com isso?

Entrevistado - Hoje ela questiona... não re[clama], não impede, mas questiona. E quando é viagem mais longa, assim, pra, pra Brasília... ela, a família reclama. Mas não impede. É só assim "ah, você quer ir, você vai! Mas é loucura, é fanatismo! Tem um monte de jogo aqui, você vai a todos os jogos aqui, por que que ainda vai fora do Rio?". **Mas é devido a isso, né? Esse envolvimento com o sócio-torcedor, que te dá ônibus, te dá ingresso... vê que você tá ali, né? Participando, e influencia ainda mais, né? Na tua loucura, no teu fanatismo. Te dando ingresso, te dando a passagem...** você tendo condições de trocar. Como eu trabalho em regime de plantão, posso trocar. Eu ganhando, eu posso trocar, posso ficar dois, três dias sem ir no hospital, então...

Como podemos observar no trecho acima, Jorge considera que seu envolvimento com o Flamengo se tornou ainda mais intenso nos últimos anos, em virtude de sua adesão ao programa de sócios-torcedores do Flamengo, o que contribuiu ainda para que ele se tornasse um torcedor mais fanático pelo clube. Essa visão apresentada pelo entrevistado é interessante porque coloca em xeque, ou pelo menos, contribui para a problematização de algumas críticas que vêm sendo feitas à implementação de programas de sócios-torcedores pelos clubes brasileiros, as quais consideram que essa nova modalidade de associação levaria a um abrandamento

da “passionalidade” dos torcedores, em virtude de sua redução à condição de meros consumidores – tópico a ser analisado de modo mais detido no próximo capítulo.

No presente capítulo, procurei traçar um perfil dos entrevistados a partir do nível de seu engajamento emocional com o Flamengo, o que se fazia necessário na medida em que o termo “torcedor” pode ser aplicado para designar diferentes tipos de envolvimento. Nesse sentido, analisei os discursos produzidos por eles a respeito do sentimento que teriam pelo clube, pedindo para que definissem a natureza e a importância dessa relação afetiva em suas vidas.

Embora a maioria tenha mencionado sentimentos de amor e paixão – em conformidade com o ideário romântico que subjaz à construção do tipo ideal do “torcedor apaixonado” –, grande parte dos entrevistados encontrou certas dificuldades quando provocados a definir ou descrever seu sentimento ou relação com o clube de modo mais preciso, o que se deve em parte ao fato de as emoções serem concebidas na modernidade ocidental como estados subjetivos, que representariam uma espécie de “verdade interior” dos indivíduos, não podendo ser fiel ou plenamente expressas em gestos ou palavras, estando sempre sob o risco de serem falseadas nessa tentativa de exteriorização. A recorrente caracterização do sentimento pelo clube como algo “inexplicável” também pode ser entendida como uma forma de qualificá-lo discursivamente como um afeto especial e excessivo, que devido à sua singularidade e desmesura não poderia ser devidamente enquadrado pelas categorias culturais disponíveis para descrevê-lo.

Diante das dificuldades encontradas, alguns entrevistados procuraram então descrever sua relação com o clube por meio de analogias com outros tipos de relações afetivas, equiparando o clube a um membro da família, por exemplo. Além disso, mencionaram diversas práticas que poderiam ser interpretadas como indícios de seu engajamento emocional pelo clube, dentre as quais destacam-se a ida com frequência ao estádio para apoiar o time, o fato de serem sócios-torcedores, o hábito de comprar produtos oficiais do clube, e ainda exemplos de “loucura” e “sacrifício” realizados em seu nome – principalmente viagens para acompanhá-lo em outras cidades, estados, ou mesmo países –, aludindo ainda ao impacto que o desempenho do clube teria sobre seu comportamento e suas emoções.

Analisando as entrevistas, verificamos também a existência de uma espécie de escala ou gradiente baseado nos diferentes tipos ou níveis de engajamento

emocional que o torcedor pode estabelecer com o clube. Não se trata, porém de uma escala objetiva ou bem definida. O que temos é a construção de um ideal de "torcedor apaixonado" do qual os torcedores procuram se aproximar o máximo possível em seus atos e discursos. Além disso, embora alguns entrevistados tenham "reconhecido" o fato de serem fanáticos, a maioria refutou a utilização desse termo para caracterizar sua relação com o Flamengo, entendendo-o como um tipo de desmedida condenável, associado à violência e à irresponsabilidade no campo das finanças pessoais.

No próximo capítulo, analiso as justificativas de meus entrevistados para sua decisão de aderir ao programa de sócios-torcedores do Flamengo, tendo em vista a relevância dessa associação como signo de um nível mais elevado de engajamento emocional, segundo meus entrevistados, e a aparente contradição suscitada por ela, na medida em que as vantagens e benefícios oferecidos aos sócios-torcedores parecem reduzir a importância do "sacrifício" para a construção de sua relação afetiva com o "clube do coração".

7 O PROGRAMA DE SÓCIOS-TORCEDORES DO FLAMENGO

Neste capítulo, analiso alguns aspectos do programa de sócios-torcedores do Clube de Regatas do Flamengo, tendo como base as principais motivações apresentadas por meus entrevistados para sua decisão de aderir ao referido programa. Enfatizo, mais precisamente, o modo como os depoimentos aqui analisados contradizem algumas das principais críticas comumente dirigidas a essa nova modalidade de relação do torcedor com seu clube, em especial, a visão de que a criação dos programas de sócios-torcedores contribuiria para a emergência de um novo modo de torcer, ou ainda de um novo padrão de engajamento emocional, mais formal, “civilizado” e comercial, em comparação com o modelo historicamente hegemônico, colocando-se assim em sintonia com os objetivos que estariam à frente do processo de arenização dos estádios brasileiros.

Dito de outro modo, os programas de sócios-torcedores, ao lado da transformação dos estádios brasileiros em arenas *all-seater*, e ainda da elaboração do Estatuto do Torcedor, seria mais um dispositivo colocado a serviço do processo de elitização e domesticação do público nos estádios brasileiros, transformando os torcedores em “meros consumidores”, passivos e bem comportados.

Pela confluência desses mecanismos, teríamos assim a emergência de uma nova forma de torcer, menos apaixonada ou romântica, na qual o sacrifício desempenharia um papel muito menos relevante na definição da relação do torcedor com seu clube e do nível de seu engajamento emocional, tendo em vista as diversas vantagens e benefícios proporcionadas pelos programas de sócios-torcedores, que visam eliminar a própria necessidade ou possibilidade de realização de determinados sacrifícios em nome do clube, com destaque para os esforços empreendidos para acompanhá-lo assiduamente nos estádios.

Outro traço importante dessa nova forma de torcer seria uma preocupação mais acentuada do torcedor a respeito de aspectos mais “racionais” da vida do clube, ou seja, com questões político-administrativas e econômico-financeiras, áreas nas quais eles procuram até mesmo interferir pessoalmente, com vistas à produção de efeitos positivos sobre o desempenho do time em campo – para além do apoio e dos apupos coletivamente proferidos nos estádios e nos treinos. Seria este um

indício de que a formalização da relação torcedor-clube estaria sendo acompanhada por um processo de racionalização da subjetividade torcedora?

Embora os dados até aqui apresentados sugiram um processo em curso de formação de novas práticas e subjetividades torcedoras, os depoimentos de meus entrevistados apontam outros aspectos relativos a essas transformações, tornando necessária uma abordagem mais complexa e cautelosa a respeito da natureza dessas mudanças.

Na análise que segue, discorro inicialmente sobre a criação do programa de sócios-torcedores do Flamengo, destacando algumas causas e o contexto de sua criação, bem como suas regras, seu modo de funcionamento e as principais vantagens e benefícios oferecidas aos associados. Em seguida, abordo as principais motivações apresentadas por meus entrevistados para sua adesão ao programa. Por fim, analiso mais detidamente alguns pontos específicos depreendidos do conjunto de depoimentos reunidos, enfatizando algumas aparentes contradições presentes nos discursos dos entrevistados, as quais entendo como próprias do momento de transição pelo qual vêm passando os modos de torcer.

O programa de sócios-torcedores do Flamengo, oficialmente chamado de Nação Rubro-Negra, foi criado no ano de 2013, no início da gestão de Eduardo Bandeira de Mello, que ocupa o cargo de presidente do clube até os dias de hoje, encontrando-se atualmente no fim de seu segundo mandato consecutivo. A criação do referido programa fez parte de um conjunto mais amplo de medidas adotadas pela nova diretoria, visando à modernização da gestão do clube – ou seja, a adoção de uma lógica mais profissional e empresarial, em consonância com o processo de “comoditização” descrito nos primeiros capítulos – e a recuperação de suas finanças. Afinal, apesar de ser o clube de maior torcida do Brasil, dispondo assim de um imenso potencial de mercado, o Flamengo ocupava também a condição de clube mais endividado do país naquele momento, apresentando um déficit total estimado em 800 milhões de reais⁵².

Após um momento inicial marcado por forte austeridade econômica, tendo como principal objetivo a redução de gastos e o saneamento das dívidas – o que impedia a realização de grandes contratações de jogadores para reforçar a equipe e torná-la mais competitiva – o clube começou a ampliar rapidamente suas receitas e

⁵² Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/02/deportes/1520024774_927536.html

lucros, atraindo um número cada vez maior de patrocinadores e parceiros comerciais, na medida em que uma imagem de mais responsabilidade, transparência e segurança era projetada para os investidores. A partir de 2015, o clube passou então a ter cada vez mais dinheiro disponível em caixa para investir na contratação de atletas, melhorando também gradativamente seus resultados no campo de jogo. Assim, se nos dois primeiros anos da gestão Bandeira de Mello, o Flamengo teve de lutar contra o rebaixamento no campeonato brasileiro, em 2015 já passou a brigar por uma vaga na Taça Libertadores da América, tornando-se finalmente um candidato ao título da principal competição do futebol nacional a partir de 2016. Apesar da eliminação precoce na Libertadores de 2017, o clube conseguiu chegar às finais de três competições na temporada passada, conquistando o título do campeonato carioca.

Com o sucesso do projeto de recuperação financeira do clube, a diretoria do Flamengo passou inclusive a receber importantes prêmios⁵³ em reconhecimento ao trabalho realizado, sendo constantemente apontada como um exemplo a ser seguido no futebol brasileiro⁵⁴. Atualmente, o Flamengo apresenta a maior folha salarial e a maior receita do futebol brasileiro, a qual corresponde também à 20ª maior receita do futebol mundial – sendo o clube não-europeu mais bem colocado neste ranking⁵⁵.

A criação do programa de sócios-torcedores foi, assim, uma das principais medidas adotadas pela gestão Bandeira de Mello a fim de recuperar as finanças do clube. Além de representar uma medida “moderna” em si mesma – um símbolo de atualidade em termos de gestão e marketing esportivo –, que vem sendo adotada por diversos outros clubes brasileiros nos últimos anos, o programa de sócios-torcedores contribui para a criação de uma fonte relativamente estável de receitas para o clube, através das mensalidades que são pagas pelos associados, visando ainda promover o estreitamento ou aprofundamento da relação do torcedor com o clube, notadamente mediante à ampliação do consumo de produtos e “experiências”.

⁵³ Disponível em: <http://www.flamengo.com.br/noticias/novidades/clube-e-premiado-por-gestao-e-transparencia-financeira>

⁵⁴ Disponível em: <https://extra.globo.com/esporte/flamengo/new-york-times-aponta-flamengo-como-unico-se-salvar-do-caos-financeiro-do-futebol-brasileiro-15961243.html>

⁵⁵ Disponível em: <https://sportv.globo.com/site/programas/redacao-sportv/noticia/o-plano-do-fla-de-ser-top-1-no-pais-clube-ja-e-20-no-mundo-em-faturamento.ghtml>

No segundo capítulo deste trabalho, vimos que a estrutura jurídico-administrativa do futebol brasileiro é regida pela lógica do amadorismo, de modo que os clubes de futebol consistem em associações sem fins lucrativos, administradas por mandatários que são democraticamente eleitos através dos votos de seus pares, sem receberem qualquer tipo de ganho pecuniário como contrapartida pelos cargos ocupados. Para participar da vida política do clube é necessário, antes de mais nada, associar-se a ele – e aqui começam as diferenças entre os clubes brasileiros. No caso do Flamengo, existem três modalidades principais de associados: o sócio contribuinte, o sócio patrimonial e o sócio proprietário⁵⁶. As principais diferenças entre elas se referem ao nível de investimento necessário para associar-se e ao nível de participação política permitido em cada caso. Assim, após três anos consecutivos de vida associativa, os sócios contribuintes e patrimoniais já podem participar das eleições do clube, mas apenas na condição de votantes, enquanto os sócios-proprietários passam a ter o direito de candidatar-se a cargos administrativos após um período de dois anos⁵⁷.

A criação do programa de sócios-torcedores permitiu, portanto, o surgimento de um novo tipo de associação, mais formal ou institucionalizado, que procura contribuir para o estreitamento da relação do torcedor com o clube pela via do consumo, sem permitir, contudo, no caso do Flamengo – bem como da maioria dos clubes, com raras exceções⁵⁸ –, sua participação ativa e formal na vida política-administrativa da agremiação, seja como eleitores, seja como candidatos/gestores.

Quando o programa Nação Rubro-Negra foi lançado, em 2013, ofereceram-se aos torcedores seis opções diferentes de adesão, através dos seguintes planos (semestrais ou anuais), mencionados em ordem crescente, segundo os valores das mensalidades e a extensão dos benefícios oferecidos: Raça (R\$39,90), Mais Raça (R\$69,90), Amor (R\$99,90), Mais Amor (R\$129,90), Paixão (R\$159,90) e Mais Paixão R\$199,90). No ano seguinte, o clube lançou mais duas opções de planos: o Nação Jr. (R\$18), destinado ao público infantil, e o Tradição (R\$29,90), que se tornou o plano mais “popular” destinado ao público geral – os nomes dos planos fazem referência a uma música cantada pela torcida do Flamengo nos estádios. Até

⁵⁶ Para mais informações, consultar o site oficial do clube: <http://www.flamengo.com.br/seja-socio>

⁵⁷ Sobre as prerrogativas dos sócios-proprietários, consultar: <http://www.flamengo.com.br/socio-proprietario>

⁵⁸ Notadamente, clubes como o Botafogo F.R., o Fluminense F.C., o S.C. Corinthians Paulista, e o S.C. Internacional.

o fim de 2017, havia ainda um plano corporativo, destinado especialmente às torcidas organizadas, mas que foi cancelado após os episódios de violência e vandalismo que marcaram a final da Copa Sul-Americana, disputada no Maracanã⁵⁹.

Dentre os benefícios oferecidos aos sócios-torcedores, destacam-se: prioridade e desconto na compra de ingressos, via internet; desconto em produtos comprados nas lojas oficiais do clube; descontos em produtos de parceiros do clube; participação em “ações”⁶⁰, resgatadas a partir de um programa de pontos/fidelidade; utilização de um cartão-ingresso para facilitar o acesso ao estádio; compra de ingressos para convidados. Como dissemos, esses benefícios variam de acordo com o plano escolhido, sendo diretamente proporcionais aos valores das taxas de adesão – ou seja, quanto maior o valor da mensalidade, maiores os benefícios a que se tem direito. Assim, o plano que oferece os maiores benefícios é o Mais Paixão, o mais caro de todos, incluindo a “prioridade principal” na compra de ingressos e a possibilidade de incluir três convidados, enquanto o Tradição é o que oferece menos vantagens, apresentando apenas a sétima prioridade na compra de ingressos – ou seja, prioridade apenas sobre os não-associados.

Atualmente, o Flamengo soma aproximadamente 40 mil sócios-torcedores, ocupando apenas a nona colocação do ranking nacional, liderado pelo São Paulo, que conta com mais de 150 mil associados⁶¹. Contudo, é importante destacar que o número de sócios-torcedores tende a variar segundo o desempenho do clube em campo, aumentando nas boas fases e diminuindo nas fases de pior rendimento. Sendo assim, o Flamengo chegou a ultrapassar a marca dos 100 mil associados no fim do ano passado, quando reforçou seu elenco e chegou às finais de competições importantes, como a Copa do Brasil e a Copa Sul-Americana – gerando ao clube uma receita recorde de R\$ 43 milhões⁶². A concentração de torcedores por plano também tende a variar segundo o mesmo critério, mas o plano com maior número de assinantes costuma ser o Raça, tendo sido este inclusive o escolhido por mim para a

⁵⁹ Para mais informações, consultar: <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2017/12/17/apostumultos-flamengo-cancela-plano-que-dava-beneficios-a-organizadas.htm>

⁶⁰ Essas “ações” incluem, por exemplo, o resgate de ingressos e produtos oficiais, viagens para acompanhar o clube, a possibilidade de entrar em campo com o time, etc.

⁶¹ Ranking consultado em maio de 2018, no site: <http://www.goal.com/br/galerias/ranking-socio-torcedor-brasil-atualizado/1/103u1n6ev5ubs15lesdjj5pqsf>

⁶² Conforme a seguinte matéria: <https://epoca.globo.com/esporte/epoca-esporte-clube/noticia/2017/10/frustrado-dentro-de-campo-o-flamengo-faz-um-2017-melhor-do-que-previa-nas-financas.html>

realização da pesquisa, por razões já explicitadas no capítulo referente a aspectos metodológicos da tese.

Embora venham contribuindo para o incremento das finanças dos clubes brasileiros, os programas de sócios-torcedores vêm sendo constantemente criticados sob a alegação de contribuírem também para um processo de elitização do futebol e para a conversão dos torcedores em meros consumidores, reforçando uma tendência que já estaria presente na própria criação do Estatuto do Torcedor, em 2003, e na onda de conversão dos estádios em arenas, a partir da escolha do Brasil como sede da Copa de 2014. Essa é a visão presente nos trabalhos de Bocchi (2016), por exemplo e, principalmente de Toledo (2013). Este último chega a afirmar que os programas de sócios-torcedores contribuiriam para a seleção de um público menos “passional” e mais “individualizado”, em contraste com o que se observava no período anterior à era das arenas, enxergando assim o desenvolvimento de um processo civilizador ou de domesticação do torcedor, que passaria a se comportar de modo mais passivo e ordeiro.

Apesar de concordar em parte com a visão defendida pelos autores supracitados, na medida em que os programas de sócios-torcedores de fato encarecem e dificultam o acesso ao estádio para aqueles que não podem ou não desejam se associar, além de trabalharem com uma concepção dos torcedores como “clientes” dos clubes para os quais torcem, creio que seja importante compreender como a participação nesses programas é representada e vivenciada pelos próprios torcedores, para que assim possamos construir uma imagem mais complexa desse fenômeno.

Como vimos, no capítulo anterior, vários entrevistados mencionaram o fato de serem sócios-torcedores como um indício da importância de sua relação com o Flamengo, como se a participação no programa representasse em si mesma um nível maior de engajamento com o clube, além de apontar para outros indícios desse engajamento, como a frequência aos estádios com assiduidade e a compra de produtos oficiais do clube. Na entrevista de Jorge, a participação no programa foi apontada inclusive como a principal causa do estreitamento de sua relação com o clube em tempos recentes e para a ampliação de seu “fanatismo”. Em outro momento de seu depoimento, o entrevistado nos fala sobre os motivos que o levaram a tornar-se sócio-torcedor:

Num primeiro momento, foi pelo desconto sim, pelo, pra ter uma despesa menor... no início. E hoje não, hoje é o que menos... é irrelevante, porque **eu não compro nem ingresso, eu resgato ingresso...** [...] Mas, eu digo assim, **não é só isso, porque eu, participando de uma ação como [confuso], isso não tem preço... você entrar no estádio, bater um... participar de uma ação dentro do, trocar uma ideia com o jogador, teu ídolo, você ir no clube, participar de um evento com teu ídolo, teu ídolo chegando, tu querendo saber, conversar... tem esse tipo de ação, não é só o ingresso.** O ingresso acaba sendo, o ingresso é tão barato, né? O Fla x Flu, 20 reais o ingresso... realmente, pra mim, não é só o ingresso, então... **pra mim hoje é participar do programa que proporciona algumas experiências. E tem descontos muito maiores do que no ingresso, por exemplo, eu vou na farmácia, tenho desconto, vou no mercado...**

[...] No início, eu não conhecia, achava que era só pra pagar menos no ingresso. Que eu não tava, num tô mais estudando, a minha idade não tem mais desconto, meia entrada. Então, como é que eu faria? Ah, você faz o sócio, **além de ter prioridade, que é uma questão também,** depois de um mês eu já vi que era muito benefício. Que você tem a prioridade de compra. Antes de ir pra bilheteria vender, eles já tão vendendo pro sócio. E você não precisa ir resgatar o ingresso, **não precisa retirar o ingresso, você vai com o cartão de sócio torcedor, e tem acesso através do cartão na catraca lá do estádio. Então não precisa você ir pra fila, que é muito desagradável. Esse ano, eu tive que ir a dois jogos, que eu tive que ir pra fila, de madrugada, 4 horas da manhã...** Flamengo e Vasco, e Flamengo e Botafogo. Foi um em São Januário e foi um no Engenhão. Pelo Brasileiro e pela, pela Copa do Brasil. **Eu tive que ir na fila, comprar ingresso lá na Gávea, 4h e pouca da manhã, disputar ingresso com torcida organizada... muito complicado. Foi tumulto, teve que ter segurança. Então, isso, de você não ir mais pra fila, disputar ingresso com cambista, é muito melhor isso do que falar que é o desconto no ingresso. Quando você passa na pele o que é ir comprar um ingresso... um ingresso num jogo de apelo, aí é que tu vê a importância do sócio-torcedor! Muitos falam “pô, ainda bem que eu tenho sócio!”.** Quando vende lá, a gente reclama, né? “pô, vende primeiro pro sócio que paga mais!”. Pô, mas aí só de tu saber que não vai pra bilheteria... o desconto é o de menos.

Entrevistador: Você tem noção de quantas ações você já resgatou?

Entrevistado: Ah, mais de vinte!

Entrevistador: E qual foi a que te marcou mais?

Entrevistado: Cariacica, Cariacica! **Quando eu resgatava jogo pra Cariacica parecia, assim, que era um grande prêmio que eu ganhava,** mas não era tão disputado, como é hoje. Porque muitos sócios-torcedores não viajam... num quer sair, porque tem sócio-torcedor no Brasil todo. E os do Rio nem sempre querem ir pra outro estado... porque não tem facilidade. Com trabalho, jogo quarta-feira, é um horror pra quem trabalha, quem estuda. Você tá estudando, como é que você vai sair daqui pra, de manhã, pra viajar, pegar oito horas de viagem. No dia seguinte, tu vai chegar de madrugada ou de manhã, pra ir pra faculdade, pra ir pro trabalho. **Então, eu troco plantão. Eu fico 24 horas, meu plantão é 12, eu fico 24 pra folgar no dia seguinte, no meu próximo plantão e no outro, que é dia sim, dia não. Eu fico três dias, aí, pô, posso viajar, voltar, descansar e trabalhar. Então a minha vida, minha profissão, proporciona uma facilidade, sim, de viajar. Nem todo mundo... Então, pra mim, quando eu ganhava, quando eu resgatava ingresso pra Cariacica, aquilo ali, pra mim, era uma festa. No ônibus, todo mundo ia muito animado, então...** hoje, ainda vai, mas aqueles jogos de Cariacica, parecia que a gente tava indo pro Maracanã! A falta do Maracanã era tão grande que a gente

chamava Cariacica de “nossa casa”. Não tinha a Ilha ainda, não tinha nada, o Flamengo não tinha estádio. Nem alugado, nem nenhum, não tinha Maracanã, não tinha Engenhão, não tinha Ilha, não tinha nada, então... **“tamo indo pra nossa casa! Cariacica é nossa casa!”.** Então, aquilo ali, a gente resgatava, “caramba, consegui pegar a ação! Vou no ônibus!”, **“Nação te leva”, o nome da ação. Aquilo ali era uma alegria, eu me sentia um adolescente!** Minha esposa falou várias vezes pra mim “parece adolescente!”, e só marmanjo! No ônibus tinha idosos, mulheres, adultos mesmo, **a maioria adulto, quase que não tinha adolescente, mas a sensação era de que era adolescente, viajando no ônibus do clube, tudo pago...**

Jorge afirma que, num primeiro momento, decidiu tornar-se sócio visando principalmente o desconto nos ingressos, mas que, com o passar do tempo, o principal motivo de sua associação foi a possibilidade de participar de algumas “ações” organizadas pelo clube, com destaque para as viagens realizadas para Cariacica, onde o Flamengo mandou vários de seus jogos, em 2016, em virtude da utilização do Maracanã nos Jogos Olímpicos. O entrevistado destaca também o fato de a participação no programa possibilitar a compra de ingressos com antecedência, pela internet, e a utilização de um cartão-ingresso para acessar o estádio, eliminando assim a necessidade de enfrentar grandes filas, especialmente em jogos de grande apelo, como era comum em sua experiência como torcedor num passado recente, e que continua sendo uma realidade para os não-associados – ou então, em jogos com mandos de campo de outros clubes, quando as vantagens do programa Nação Rubro-Negra não podem ser aplicadas.

A vantagem de comprar ingressos com desconto e antecedência também foi mencionada como uma das motivações para a adesão de Anderson:

Entrevistador: Por que você se tornou sócio?

Entrevistado: **Primeiro porque, assim, tinha, tinha uma coisa, assim, de querer ajudar o clube mesmo, sabe? É... Mas assim, é lógico que o sócio-torcedor, ele num... algumas pessoas acham que é filantropia, porque acham que dá pouca vantagem. Mas como eu sou um cara que frequento estádio, né? O fato de você comprar antes, ou seja, você tem prioridade... você compra antes, você tem desconto... então, pra mim, é vantagem, então, é uma coisa de troca, assim, tipo... eu ajudo o clube, porque já tem aquela renda contada, que já entra pra contabilidade deles, né? Então, eu ajudo e, de certa maneira, eu passo a ter um certo conforto pra, pra conseguir ir ao estádio, né? Porque tem os descontos, em mercado, num sei que, mas isso eu acho até... eu até uso, mas é muito pouco. Não é uma coisa que “ah, eu tô fazendo”, sabe? “Ah, tem desconto na Brahma”, eu não bebo Brahma! Então... já bebi, mas não bebo mais, então, não é algo que... **E aí tem alguns, às vezes você consegue, dependendo do que você comprar, uma... uma camisa, às vezes, uma coisa com desconto também.****

O entrevistado destaca, portanto, a prioridade e o desconto na compra de ingressos como fatores importantes para sua conversão em sócio-torcedor. Anderson foi um dos entrevistados a destacarem as dificuldades enfrentadas para frequentar o Maracanã, no período anterior à reforma do estádio e à criação do Nação Rubro-Negra, apontando o enfrentamento de longas filas, por longas horas, como o principal exemplo de “sacrifício” realizado por ele em nome do clube. Contudo, no início de sua resposta, Anderson destaca a intenção de “ajudar o clube” como motivação primeira para sua conversão em sócio-torcedor. Ainda que não enxergue a adesão ao programa como uma atitude meramente filantrópica, tendo em vista as já mencionadas vantagens oferecidas aos associados, o entrevistado entende que o que se estabelece entre torcedor e clube é uma relação de “troca”, ou seja, algo mais amplo e significativo que uma relação meramente comercial.

Além de Anderson, outros torcedores também destacaram o desejo de “ajudar o clube” como a principal motivação para sua adesão ao programa Nação Rubro-Negra. Esse foi o caso de Fernando, por exemplo:

Entrevistador: Desde quando você é sócio?

Entrevistado: Desde o início. [...] Cara o Flamengo chegou a ter um cartão-ingresso há muito tempo atrás, eu não me lembro quando, que a gente carregava e tinha o acesso exclusivo, eu também tinha... desde esse novo perfil, forma de sócio-torcedor, eu sou sócio-torcedor. Entendeu?

Entrevistador: Você se tornou sócio apenas pela questão do desconto no ingresso, ou você tem essa preocupação de ajudar o clube...?

Entrevistado: Cara, de **ajudar mesmo o clube. A questão do ingresso é secundária. Eu sou o anjo também, eu já... doo dinheiro, de acordo com o projeto, de vez em quando eu doo, de vez em quando não.** Depende muito do momento... e do humor. [...] Depende muito do humor. Entendeu?

Fernando destaca o fato de ser sócio desde o início do programa, mencionando ainda que já havia participado de uma iniciativa semelhante elaborada pelo clube no passado, adquirindo um cartão-ingresso que facilitava o processo de compra de ingressos e o acesso ao estádio. Apontando o desejo de “ajudar o clube” como principal motivação para tornar-se sócio-torcedor, o entrevistado minimiza a importância do desconto nos ingressos como motivação para sua adesão ao programa, ressaltando ainda o fato de ser um Anjo Rubro-Negro – modalidade que permite/incentiva a realização de doações em dinheiro ao clube, por parte dos torcedores, com vistas ao financiamento de projetos específicos, tais como a

construção do Ninho do Urubu (como é chamado o centro de treinamento do clube), a reforma de equipamentos e instalações, etc..

O desejo de “ajudar o clube” também foi mencionado por Érica:

Entrevistador: Você começou a ir a estádio com frequência em 2007, e aí voltou em 2013, com a reabertura do Maracanã?

Entrevistado: Sim. Porque aí também veio o sócio-torcedor, foi 2013. **Eu sou sócia desde que lançou**, e aí...

Entrevistador: Você se tornou sócia mais pela questão do ingresso mesmo ou...?

Entrevistado: **Não, pra ajudar. E foi quando teve essa mudança de postura, né? De diretoria. E... teve essa mudança inteira de gestão.** Aí eu virei sócia, sou sócia desde 2013, desde o lançamento.

A entrevistada declara que a adesão ao programa de sócios-torcedores contribuiu para que ela voltasse a frequentar o Maracanã assiduamente, a partir de 2013, ano em que o programa foi criado e o estádio reaberto, após conclusão da reforma iniciada em 2010. A exemplo de Fernando, ela destaca ainda o fato de ser sócia desde que o programa foi lançado, apontando o desejo de ajudar o clube como principal motivação para sua adesão, especialmente pela identificação de uma “mudança de postura” entre os membros da diretoria responsável pela criação do programa. Algo semelhante pode ser observado no depoimento de Patrícia:

Entrevistador: E desde quando você é sócia-torcedora?

Entrevistado: 2013... 2013 não, 2014.

Entrevistador: E você se tornou sócia mais pela questão do desconto mesmo no ingresso, ou...?

Entrevistado: Não, porque **na época o Maracanã nem tava funcionando, praticamente. Era mais mesmo pra ajudar o clube. Eu tava vendo que ele tava querendo mesmo, né? Levantar o clube e tal**, eu “ah, não custa nada...”. [...] Tô até hoje, nunca parei.

Patrícia também afirma que seu principal objetivo ao aderir ao programa Nação Rubro-Negra foi ajudar o Flamengo, decisão esta que foi influenciada ainda pela percepção de que a nova diretoria estaria realmente interessada em “levantar o clube”, nos termos da própria entrevistada. Para ratificar que sua prioridade era mesmo ajudar o Flamengo, e não os benefícios concedidos pelo programa, ela destaca o fato de ter se mantido como sócia mesmo no longo período em que o Maracanã esteve fechado, quando a vantagem do desconto nos ingressos não tinha como ser usufruída.

Além de Érica e Patrícia, Fabiano também menciona as mudanças ocorridas na direção do Flamengo como condição importante para sua adesão ao programa de sócios-torcedores, a fim de ajudar o Flamengo:

Entrevistador: Desde quando você é sócio-torcedor?

Entrevistado: Vai fazer um ano agora em dezembro. Eu antes, eu tinha vontade antes. Mas, como eu te falei, esse lance que **eu me preocupava com a estrutura do clube, eu vi uma demora da parte da diretoria, muitas... até a diretoria atual, que foi, no meu ponto de vista, a melhor diretoria que o Flamengo teve até hoje... não digo nem melhor, eu acho que até a única que teve até hoje...** até essa diretoria ficou, falava muito em “vamos, a partir de tal dia, vamos começar”, mas... e isso era sempre empurrado pra frente. Então, eu não confiava. **Aí chegou, mais ou menos nessa época, eu vi que a coisa tava séria mesmo, tava andando, aí eu falei “pô, é agora”, vai fazer um ano.**

Entrevistador: E por que você decidiu se tornar sócio do clube?

Entrevistado: Eu acho que qualquer forma de poder **ajudar o clube, desde que seja, tenha uma confiança, você saiba que aquela, aquele, aquela ajuda tá mesmo indo direto pro clube**, é... eu acho que é válido. Então, é... eu vi que é uma coisa séria, eu vi que, tenho até visto que tá tendo retorno, então...

Entrevistador: Você costuma frequentar a Gávea, já frequentou alguma época?

Entrevistado: Já frequentei. Não, é, não, assim, frequentemente, mas já fui algumas vezes na Gávea. Mas, é... como eu te falei, **o sentimento é tão forte, que vendo aquela estrutura física lá, me incomodava, mané. Eu não me sentia bem, sabendo que o maior clube do Brasil... acho que, na verdade, o maior clube do mundo, né? com uma estrutura, pô, deixando a desejar.**

Fabiano nos conta que já tinha o desejo de se tornar sócio-torcedor para ajudar o clube, antes mesmo de sua efetiva adesão ao programa, mas que sua decisão só foi tomada quando ele se sentiu mais seguro de que a nova diretoria estava realmente comprometida com o projeto de reestruturação do clube, num momento em que os frutos desse processo já podiam ser observados. Os depoimentos de Érica, Patrícia e Fabiano expressam um sentimento muito comum de desconfiança que costuma ser sentido pelos torcedores, em geral, a respeito dos dirigentes de seus clubes, suscitado pelos recorrentes casos de corrupção, irresponsabilidade e incompetência protagonizados pelos mandatários, levando os clubes a dificuldades financeiras e à perda de competitividade. Essa desconfiança pode ser associada também à natureza híbrida dos dirigentes, que são a um só tempo torcedores e servidores dos clubes sob seu comando, tendo seus afetos colocados sob suspeita na medida em que precisam conciliá-los com a “racionalidade” exigida pelas funções desempenhadas. Diante disso, como destaca Fabiano, a importante decisão de ajudar o clube financeiramente, através da adesão

ao programa de sócios-torcedores, por exemplo, só deve ser tomada a partir do momento em que se tenha certeza (ou pelo menos, um nível maior de segurança) de que o dinheiro “investido” no clube será mesmo utilizado em seu benefício, e não em favor dos interesses pessoais e escusos dos dirigentes.

Como pudemos observar até aqui, a principal motivação apontada pelos entrevistados para justificar sua adesão ao programa de sócios-torcedores do Flamengo foi a intenção de ajudar o clube, sendo também destacada por alguns a importância de certos benefícios oferecidos pelo programa. Esses dois fatores foram mencionados novamente no depoimento de Marcelo:

Cara, eu procuro usar o máximo. Até quando eu vou comprar... quem não sabe, mas **quando você compra o... material oficial do Flamengo, tu ganha desconto. Então, eu uso bastante em relação a isso. E também... pros jogos, eu vou muito a jogo, vou muito a jogo. Mesmo agora, mesmo com o Maracanã fechado, eu não cancelei meu plano.** [...] Meu plano tá ativo, já tô há dois anos já com o plano, direto. Então, eu tô sempre no site também vendo. Procuro também, às vezes, quando dá, ir a jogo do basquete também, é uma coisa que eu gosto.
[...] uma coisa que eu acho que veio a calhar, junto com o sócio-torcedor, foi aquele cartão. Então, hoje em dia, eu tenho **a comodidade de comprar em casa o meu ingresso. E só uso o cartão pra passar na bilheteria ou, vamos dizer assim, pra entrar. Porque antigamente tinha muita fila, muita gente deixava pra comprar em cima da hora. Então, eram filas enormes.** Hoje em dia até ainda tem, mas pra **quem é sócio-torcedor, a fila é menor, porque é um contêiner especial.** É... como eu te falei, é o lance da fila.

Primeiramente, Marcelo destaca alguns dos benefícios oferecidos pelo programa para justificar sua decisão de tornar-se sócio-torcedor, com destaque mais uma vez para a compra de ingressos de forma antecipada e com desconto pela internet; a utilização do cartão-ingresso para acessar o estádio; e os descontos na compra de produtos oficiais do clube. O entrevistado destaca ainda o fato de ter permanecido como sócio-torcedor mesmo no período em que o Maracanã não pode ser utilizado para a realização de jogos do Flamengo, apontando a manutenção de sua assinatura como um indício de sua intenção de ajudar o clube, aspecto que reaparece de modo mais explícito na seguinte passagem:

Acho que ajudar o clube também é essencial, porque se eu fosse só aos jogos, eu não estaria pagando agora, né? Porque tá sem jogos no Maracanã. Então, acho que foi... **o motivo de ter, de ajudar o clube foi o que eu fiz de manter, de não cancelar a minha assinatura.** Mesmo assim, é uma forma de ajudar o clube, né? Você é, tá dando... acho que 18 milhões.

Se até aqui a entrevista de Marcelo parece apenas retomar fatores já apontados por outros entrevistados, em outro trecho de seu depoimento, algo significativamente novo aparece. Quando questionado sobre sua percepção a respeito da existência ou não de um processo de elitização em curso no Maracanã – pergunta presente no último bloco do roteiro, a ser analisada de modo mais detido no último capítulo –, o entrevistado minimiza a existência de tal tendência, tendo em vista os descontos em ingressos que são oferecidos pelo programa Nação Rubro-Negra:

[...] **quem é torcedor mesmo, é... faz o plano de sócio torcedor. Porque, quem vai todo jogo, a economia que você tem pagando o plano é muito grande.** Eu, por exemplo, como sou estudante também, pago o plano de 39. Num jogo de ingresso a 60, eu economizo, pago meia da meia, eu economizo 45 reais por jogo. Então, pô, é muito válido. Então, acho que o cara fala que não tem condições de ir porque ele num... **tem como, sim, fazer um esforço, pra quem é flamenguista mesmo. De pagar o plano e colher o benefício, os frutos, né?** Porque dá... Então, eu acho muito válido, por conta disso.

No trecho acima, Marcelo declara explicitamente que “quem é torcedor mesmo, faz o plano de sócio-torcedor”, apontando a adesão ao programa como um fator de hierarquização entre os torcedores, que teria como base seu nível de engajamento ou envolvimento com o clube – e aqui podemos destacar também a importância da frequência assídua ao estádio como prática definidora do que seria, em outros termos, esse “verdadeiro torcedor”. Segundo o entrevistado, quem é “flamenguista mesmo” deve fazer um “esforço” de ordem financeira para aderir ao programa de sócios-torcedores e, assim, poder continuar frequentando o estádio assiduamente. Uma forma semelhante de hierarquização dos torcedores aparece na entrevista de Vinicius:

Entrevistador: Então, você é sócio-torcedor desde quando?

Entrevistado: Desde 2013. **Assim que lançou o sócio**, começou a funcionar de verdade... **com a nova gestão, do Bandeira...** aí eu, com certeza, falei “não, tem que ser!”. **E eu não quis saber de benefício, de, de desconto, assim, que não era a minha, a ideia não era essa. Minha ideia é ajudar o Flamengo, como eu ajudo, do jeito que eu posso, né? Claro que a gente quer, acaba sendo beneficiado, com algum desconto e tal, mas eu, do jeito que eu posso, eu ajudo**, eu me sinto muito, um torcedor que... **por isso que, quando alguém vem discutir, né? Inclusive, mesmo os flamenguistas que dizem que o, “Ah, o Flamengo num...”, não agora, né, que o Flamengo tá com um time muito bom. Mas, uns anos atrás, até no, 2014, por exemplo, o cara “pô, o time tá uma merda,**

que num sei que”. Eu falo “pô, o time tá uma merda, e você faz o que pra mudar isso? Qual a última vez que você foi no estádio? Qual a última camisa que você comprou do teu time, oficial? Tu é sócio-torcedor? Tu assina o PPV na tua casa?”. Não, o cara usa camisa falsa, gato net... pô, e não vai no Maracanã, e quer o time foda?! Quer o time, Real Madrid?! Porra, num tem como, entendeu?

Então, eu faço, pelo Flamengo, o que eu posso fazer! Então, lá em casa é premiere, tá assinado, que vai uma parte pro Flamengo. Toda camisa que sai, eu tenho, toda camisa que lança, eu compro, entendeu? Original, na loja. Não adianta comprar original na mão de quem tu não sabe, que também não adianta nada, entendeu? Então, eu compro na loja oficial do Flamengo, só compro camisa na Espaço Rubro-Negro, entendeu? E Maracanã, esse ano eu só não fui ainda porque não teve jeito, né? Porque eu tô lá todo dia, todo dia, saiu, tô lá, minha mulé tá comigo... quarta-feira à noite, quinta chuvosa, eu tô lá, porque eu quero tá lá, que é o que me deixa feliz, é o que me faz bem... é tá lá dentro.

Entrevistador: E qual é o seu plano?

Entrevistado: Eu sou o Raça, que foi o primeiro ali que saiu pra, pra, assim... foi o que o pessoal mais aderiu, né? [...] Então, é, é... eu até tô pra fazer o da minha esposa, que eu acho mais vantajoso pra gente, né? Também, pô, num adianta ser hipócrita e falar que, pô, que eu tenho 200 reais pra ajudar o Flamengo, que eu não tenho. O que eu posso ajudar o Flamengo hoje é com 40 reais, é com, comprando uma camisa, é, é assinando o premiere, e... Eu tô pra fazer o da minha esposa, que ela num é sócia. E eu prefiro ter um plano, o meu básico, e o dela, básico, do que ter um que dê, né? Ah, dois ingressos, entendeu? Com direito à compra de dois ingressos. Eu acho que muda, né? Também muda, inclusive, o número de sócios. Então, quem eu posso debandar pro sócio, eu, eu convenço, eu digo... e esse aí é um dos argumentos. O cara vem conversar comigo e não é sócio-torcedor, já muda, já muda o tom da conversa. Pra reclamar do time, tem que tá ajudando, né, cara?

No longo trecho citado acima, Vinicius afirma que se tornou sócio-torcedor do Flamengo em 2013, assim que o programa foi lançado pela gestão Bandeira de Melo, destacando que o principal motivo para sua adesão teria sido a intenção de ajudar o clube, desconsiderando assim as vantagens às quais teria direito. Para além de sua adesão ao programa de sócios-torcedores, o entrevistado menciona outras maneiras pelas quais procura ajudar o clube, tais como a presença assídua nos estádios para apoiar o time, a compra de produtos em lojas oficiais e, inclusive, a assinatura do plano Premiere PPV, cuja mensalidade é parcialmente revertida para os cofres do clube.

O entrevistado cobra ainda de outros torcedores que façam o mesmo que ele, isto é, que ajudem ao máximo o clube, dentro de suas possibilidades, procurando além disso arregimentar novos associados para o programa de sócios-torcedores. Embora não chegue a representar a si mesmo como um “verdadeiro torcedor”, nem utilize termos semelhantes a esse, à diferença de Marcelo, o entrevistado estabelece uma clara associação entre a iniciativa de ajudar o clube e o direito de cobrar

resultados, apontando o primeiro como pré-condição para o segundo – algo que ele costuma acionar como argumento em suas discussões com outros torcedores do Flamengo, e que podemos entender também como uma forma de hierarquização baseada no nível de engajamento ou envolvimento do torcedor com o clube.

Por fim, analisamos mais detidamente a entrevista de Adriano, que embora apresente motivações semelhantes às aquelas mencionadas pelos demais entrevistados para tornar-se sócio-torcedor do Flamengo, foi o único a apresentar críticas mais incisivas ao programa elaborado pelos dirigentes do clube. No trecho a seguir, ele fala sobre quando e por que se tornou sócio:

Entrevistador: Mas você é sócio desde quando?

Entrevistado: **Desde o primeiro dia**, acho que é 26 de março de 2013.

Entrevistador: E assim, quais foram as razões que te levaram a se tornar sócio-torcedor?

Entrevistado: Então, **antes de ser sócio torcedor, eu cheguei a ser sócio do clube**. Eu já fui sócio do clube com meu pai, em 95. Meu pai entrou de sócio e aí botou eu e meu irmão como dependentes. Aí a gente parou de ir, em 2000, a gente parou de ir e tal... [...] Aí, assim, eu ia todos, todos os finais de semana, eu ia. Chegou uma época, aí, 15 anos e tal, eu já tinha outras coisas pra fazer, morava longe do clube também, não dava pra ir dia de semana, aí acabou que ele saiu. Aí depois, quando o clube tava numa situação bem ruim, veio uma campanha pras pessoas se associarem pra poder votar. Só que, no Flamengo, você tem que ter três anos de vida associativa pra poder votar. E aí, **eu entrei de sócio, sócio contribuinte**, né? Que era o... tem o sócio-proprietário, o patrimonial, que eu não sei se ainda tem hoje, e o contribuinte, que te dá direito a voto, frequentar o clube, mas acho que você não pode participar de conselhos, tem uma diferença entre o proprietário e o contribuinte. Aí, fiquei nisso aí uns dois anos. [...] 105 reais por mês. E não tinha nenhum, nenhum benefício. **O único benefício que você tinha, como sócio, era você poder comprar ingresso dentro do clube e um dia antes de abrir pro público geral... o que, isso aí fazia muita diferença, porque, às vezes, assim, eu não tinha tempo pra ficar, perder cinco horas em fila**. Então, assim, já chegava, abria 10h, 10h eu tava lá, comprava e tchau, não tinha problema nenhum. Mas aí também, eu falei “ah, cara, tá muito caro isso aí, não sei se vale a pena. O meu voto, será que o meu voto vai mudar?”. Eu vi que não tinha crescido tanto o número de sócios, aí eu parei também de pagar. [...] Se eu fosse votar, meu primeiro voto seria nessa gestão do, que entrou o Bandeira, né? Em 2012. **Aí ele entrou, lançou o sócio-torcedor, eu falei “ah...”**. **Eu sempre quis ser sócio do Flamengo, assim, proprietário, essas coisas. Mas eu acho que, assim, hoje, você ser sócio-proprietário, eu acho que é 8 mil reais. E eu... se eu for sócio-proprietário, vai ser só pra fazer uma satisfação do ego, assim, “ah, sou sócio proprietário”**. Num vou frequentar aquilo, não vou participar de reunião daquilo, sabe? Então, o sócio-torcedor é legal por causa disso, você ajuda e não tem nenhum tipo de compromisso além daquilo.

Entrevistador: Você se tornou sócio mais pensando no desconto nos ingressos, ou pensando em ajudar o clube...?

Entrevistado: **Um pouco dos dois. Primeiro... não o desconto, mas a questão de você ter a antecedência, né? Você poder comprar antes. Ajudar o clube, com certeza**. Agora, tem uma coisa, assim... no Brasil, não

sei se no Brasil, mas no Rio de Janeiro, não existe uma cultura, assim, associativa, do torcedor querer tá ali com o clube. Acho que é uma relação mais assim “ah, eu quero ingresso, quero desconto, eu vou lá e... se o time tá bem, eu sou sócio, se o time tá mal eu saio fora”. Se você pegar os clubes do Sul, principalmente o Grêmio e o Inter, né? Você vê que o Inter caiu pra segunda divisão, o Grêmio num, assim, não ganhava nada há muito tempo, mas eram os clubes que tinham o maior número de sócios há muito tempo, né? Antes mesmo desses programas de sócio-torcedor que a Ambev incentivou. **Então, eu acho que, assim, eu sempre quis... eu sei que eu sou um ponto fora da curva, assim, faço parte de uma minoria aí, é... e dando, dando, dando desconto, assim, eu acho que vale a pena.**

Adriano afirma que se tornou sócio-torcedor no mesmo dia em que o programa foi lançado. Ele declara que sempre teve o desejo de tornar-se sócio do Flamengo, tendo se associado formalmente ao clube em outras duas oportunidades – na primeira, como dependente de seu pai, e na segunda, por conta própria, quando tornou-se sócio-contribuinte. Ao lado de Anderson e Fernando, Adriano manifesta também o sonho de se tornar sócio-proprietário do Flamengo, o que consiste, como vimos, no grau mais elevado de associação formal que um torcedor pode estabelecer com o clube de sua preferência. Contudo, é interessante como o entrevistado considera como uma das vantagens do programa de sócios-torcedores o fato de poder ajudar o clube, sem precisar tomar parte em sua vida política – algo que costuma ser apontado como uma desvantagem desse tipo de associação.

Como razões para tornar-se sócio-torcedor, o entrevistado destaca algumas vantagens oferecidas pelo programa, tais como o desconto e a prioridade na compra de ingressos pela internet, mencionando também o desejo de ajudar o clube – algo a que ele volta a se referir em outro momento, destacando a manutenção de sua assinatura no período em que o Maracanã esteve cedido ao comitê olímpico. Na sequência, todavia, Adriano começa a destacar algumas de suas críticas ao programa de sócios-torcedores elaborado pela diretoria do Flamengo:

Mas eu sou muito crítico a esse programa, acho esse programa péssimo. Eu acho que é um dos piores programas que tem de sócio-torcedor... Por quê? **Você tá valorizando o cara que paga mais. Tipo, a prioridade é de quem paga 200 reais por mês. Só que o cara que paga 200 reais por mês pode ser um fanático, um cara que vai a todos os jogos, um cara muito fervoroso, pô, o mais, sabe? O cara que tá em todos os jogos, beleza. Só que o cara de 39 reais também pode ser assim, entendeu? Só que na hora que tem uma alta procura, o cara que paga só 39, ele tá no final da fila. O clube não faz nada, o programa não tem nenhum mecanismo que valorize o cara que vai, entendeu?** Pode ser, nesse sistema é difícil, porque você teria que fazer vários rankings dentro de um mesmo, mesmo pacote, né? Mas não é impossível. **Acho que falta**

vontade, assim, do clube. Agora mesmo, nessa final do, da Sul-americana, não sei se você chegou a ver, mas o programa dá, eles dão aqueles ingressos, assim, “troque pontos por ingressos”, num sei que. Quem não conseguiu comprar ingresso foi o pessoal do Raça e do Tradição. Pelo sistema de pontuação deles, você nunca vai chegar a uma pontuação muito alta, é... e aí, eles tavam trocando um ingresso no setor norte por 5 mil pontos, sendo que os pontos expiram em um ano, ou seja... o cara que não comprou ingresso não tem essa pontuação, entendeu? Quem tem essa pontuação é o... do Paixão pra cima. É o Paixão e o Mais Paixão, o cara que tem a prioridade 1 e 2, ele já comprou ingresso. Se ele não comprou ingresso, é porque ele, assim, comeu mosca, mas... **eu percebo que o clube, esse programa, ele não tá muito preocupado com o torcedor que acompanha e que vai, num sei que. Ele tá preocupado com o dinheiro, sabe? Em arrecadar.**

A principal crítica de Adriano dirige-se ao fato de o clube priorizar “o cara que paga mais” em detrimento do “cara que vai”, ou que “acompanha”, isto é, aquele que comparece assiduamente ao estádio para apoiar o time. Isso porque, como ele procura explicar, nos jogos mais importantes ou de maior “apelo”, que despertam uma grande demanda por ingressos, o único fator a determinar a prioridade do torcedor na compra do bilhete é o valor do plano assinado por ele – sendo maior a prioridade para os assinantes dos planos mais caros, como já esclarecemos. Segundo Adriano, deveria haver um mecanismo que corrigisse essa situação, garantindo prioridade aos torcedores que comparecem assiduamente ao estádio, mesmo dentre os assinantes dos planos mais baratos, como pode ser observado nos programas elaborados por outros clubes:

Pelo que eu já vi, assim, de outros programas, você faz a assinatura e tal do setor. Exemplo, é como se eu fosse sócio-torcedor e só pudesse comprar ingresso no setor norte do Maracanã. E aí, dentro desse setor norte, **as pessoas que mais frequentam e tal, elas ficam com a pontuação maior e tem prioridade. Que é o que o Corinthians faz, acho que é o que o Inter faz, o Palmeiras eu acho que também é assim, entendeu? Só que o Flamengo, não, o Flamengo só pensa no dinheiro.** Eu não esqueço, cara, da entrevista do Bap, que foi o, era o vice de marketing do... logo quando começou. E ele que lançou o programa. Na entrevista coletiva, eu lembro disso, ele falou assim “ah, é... **não é o que o Flamengo tem a oferecer ao torcedor, é o que o torcedor tem a oferecer ao Flamengo**”, entendeu? **Ou seja, ele inverte a lógica do negócio. O torcedor que, porra, de classe média baixa, que tava sempre lá, porque o ingresso era barato, era a diversão dele... o futebol sempre foi a diversão da classe média baixa, nunca foi uma diversão da classe média alta. A classe média alta também ia, mas era uma minoria. É aquela, vai na boa e tal, mas... de ir a todo jogo, aquela coisa assim, meio que... Flamengo, eu já fui a jogo, Flamengo e Americano, no campeonato estadual, o Flamengo com o time reserva, jogando contra o Americano que... entendeu? Não tem nenhum poder de, ofensivo, defensivo, que seja, um time zero competitivo, eu tava lá, entendeu? Agora, muitos torcedores também tavam lá. **Agora, eu tenho certeza que muitos desses torcedores que tavam lá, hoje não conseguiriam estar na final,****

entendeu? Então, assim, eu fico muito chateado, pra não dizer outra palavra, com o que tá acontecendo mesmo, assim, no Flamengo. E parece que eles não têm ninguém ali com bom senso, pra dizer que “oh, cinco mil pontos é ponto pra cacete, sabe?” O plano Raça, Mais Raça, o cara não tem essa pontuação. Tanto que até agora tá lá, os ingressos tão lá, ninguém conseguiu trocar.

Adriano menciona como exemplos a serem seguidos os programas desenvolvidos por Corinthians, Palmeiras e Internacional, que estabelecem um sistema de pontuação baseado na frequência com que os torcedores comparecem a determinado setor do estádio – o que estimula a frequência dos torcedores a jogos de menor procura, a fim de acumularem pontos para terem prioridade na compra de ingressos para partidas de maior apelo. Segundo Adriano, o mesmo não se observa no Flamengo porque seus dirigentes “só pensam no dinheiro”, o que em sua visão vem levando a um processo de elitização do acesso ao estádio em jogos do clube, ou pelo menos a uma tendência de exclusão de determinados segmentos, menos abastados, nos jogos de maior procura – o que trataremos de modo mais detido no último capítulo. Em outra passagem, comentando novamente essa tendência elitista ou excludente do programa de sócios-torcedores do Flamengo, Adriano apresenta novas críticas aos atuais dirigentes do clube:

Agora, eu acho que essa gestão do Flamengo aí... eu acho que eles têm uma parcela de culpa nisso, né? Porque eles poderiam fazer alguma coisa. **Eles não fazem porque eles não querem fazer. Eles querem manter esse padrão de empresa, né? Ele olha pro torcedor como um consumidor, então... o cara que não vai consumir nada não é, assim, qual é a diferença que ele vai fazer?** Ele não tá pensando que o lugar vazio é ruim. Ele tá pensando “pô, o cara ali e nada, não vai fazer diferença. Ele não vai consumir, ele vai com camisa pirata, ele, pô...”, entendeu?

Nessa última passagem, Adriano critica de modo mais explícito o fato de a diretoria do Flamengo tratar seus torcedores como consumidores, ou ainda, por priorizar aqueles que podem ser tratados como tais, em virtude de seu maior poder aquisitivo, fazendo assim com que o clube se comporte como “uma empresa”. Desse modo, o entrevistado expressa de maneira mais clara e direta sua já mencionada queixa a respeito da priorização do “cara que paga mais”, em detrimento do “cara que vai” ao estádio assiduamente.

As críticas apresentadas por Adriano só podem ser compreendidas se levarmos em consideração o fato de que a relação do torcedor com seu clube

costuma ser concebida como algo que não pode ser reduzido a uma mera relação comercial – embora, em muitos sentidos, o torcedor seja de fato um consumidor de produtos e serviços, ou ainda de experiências, oferecidos pelo clube. Afinal, é da natureza das relações no âmbito do mercado priorizar aquele que paga mais, no caso de uma relação comercial regida pela impessoalidade no contexto de uma economia capitalista.

A queixa de Adriano só se justifica, portanto, porque a relação do torcedor com seu clube é pensada como algo que envolve um conjunto complexo de práticas e afetos. E é com base nessa percepção, uma vez mais, que o entrevistado defende a priorização dos torcedores que comparecem assiduamente ao estádio, em detrimento daqueles que assinam os planos mais caros mas não comparecem com a mesma assiduidade, pois essa prática é entendida como indício de um maior nível de “engajamento emocional” do torcedor com o clube – sendo muito significativo, aliás, que essa lógica seja contemplada pelos programas de sócio-torcedor elaborados por outros clubes.

Como vimos, entre as principais motivações apresentadas por meus entrevistados para sua decisão de aderirem ao programa de sócios-torcedores do Flamengo destacam-se as vantagens e benefícios proporcionados pela associação e o desejo de ajudar o clube. Nesta última parte, detemo-nos sobre alguns pontos específicos depreendidos do conjunto de depoimentos analisados acima, com ênfase para três aparentes contradições presentes nos discursos dos torcedores por mim pesquisados. A primeira se refere à concomitante valorização do sacrifício como elemento fundamental da relação do torcedor com o clube e como índice de engajamento emocional, de um lado, e a menção às vantagens e benefícios proporcionados pelo programa de sócios-torcedores como fatores relevantes para sua adesão, do outro, dado que essas comodidades diminuem e visam até mesmo eliminar a própria necessidade e possibilidade de realização de certos sacrifícios pelos torcedores em nome do clube, antes tão valorizados pelos entrevistados como capitais simbólicos fundamentais para a constituição do torcedor “apaixonado”.

O segundo dilema consiste no fato da participação em uma estratégia de marketing, considerada no meio esportivo bem planejada e avaliada, uma ação de cunho institucional, mercadológico e empresarial, ser apontada por meus entrevistados como um dos principais indicativos do nível elevado de seu

engajamento emocional para com o Flamengo, apesar do risco de serem equiparados a “meros consumidores”.

Esses mesmos torcedores “apaixonados” ou “fanáticos” expressam ainda uma grande preocupação com aspectos “racionais” da vida do clube, procurando até mesmo interferir pessoalmente no andamento de sua administração e de suas finanças como forma de produzir efeitos positivos sobre o desempenho do time, pondo-nos assim diante da terceira aparente contradição. Como ponto comum fundamental para a compreensão desses tópicos encontra-se a menção ao *desejo de ajudar o clube como principal motivação de meus entrevistados para terem se tornado sócios-torcedores*.

Como vimos no capítulo anterior, e também na seção dedicada à antropologia das emoções, o sacrifício tem desempenhado historicamente um papel fundamental para a constituição da relação do torcedor com seu “clube do coração”, o que se deve ao ideário romântico que subjaz à formação dessa modalidade especial de engajamento emocional. Em suma, movido por sentimentos de amor e paixão, o torcedor deve se mostrar disposto a realizar loucuras e sacrifícios em nome do clube de sua preferência, ou seja, grandes esforços que contribuem simultaneamente para construir e ratificar esta relação, tecendo e, ao mesmo tempo, comunicando para si mesmo e para os outros a natureza e a relevância afetiva desse relacionamento.

Dentre os principais exemplos de sacrifícios mencionados por meus entrevistados, encontram-se desde atos mais frequentes ou corriqueiros, mais “normais” ou comuns na vida de um torcedor “engajado”, que incluem o enfrentamento de confusões e de longas filas, por longas horas, para a compra de ingressos e para o acesso ao estádio, ou ainda toda sorte de problemas de transporte, segurança e organização enfrentados por aqueles que desejam assistir aos jogos do clube *in loco* com regularidade – lista à qual podemos adicionar ainda o preço dos ingressos, o horário dos jogos, a baixa qualidade das partidas, o mau desempenho do time pelo qual se torce, intempéries meteorológicas, etc. –, como também atos mais considerados “extremos” ou “grandiosos”, como as viagens para acompanhar o clube em outras cidades, estados, ou mesmo países, enfrentando-se uma série de condições adversas nesses trajetos, a perda de compromissos importantes para assistir a jogos do time ou mesmo a inscrição de tatuagens tendo o clube como inspiração.

No conjunto de ações relatadas por meus entrevistados destacam-se os sacrifícios realizados por eles para assistir aos jogos do Flamengo no estádio com frequência, principalmente no Maracanã, mas também em outros estádios, e até mesmo em outras cidades, estados e países. Contudo, é justamente esse tipo de sacrifício que os idealizadores do programa de sócios-torcedores procuram diminuir ou eliminar, oferecendo vantagens e benefícios que facilitam a compra de ingressos e o acesso ao estádio – e ao mesmo tempo, são justamente essas mesmas vantagens e benefícios que meus entrevistados destacam como razões para sua adesão ao programa, colocando-nos diante de um flagrante paradoxo. Como compreender, portanto, que um mesmo conjunto de torcedores “apaixonados” valorize tão fortemente, em certas passagens de seus depoimentos, os sacrifícios, loucuras e esforços realizados em nome do Flamengo, e em outras, as facilidades e comodidades que tornam esses mesmos sacrifícios desnecessários e inviáveis, demonstrando, além de tudo, que eles seriam até mesmo indesejáveis?

A confluência de interesses observada acima nos permite deduzir que tanto o clube como os torcedores parecem avaliar agora que os sacrifícios antes realizados por esses últimos em favor do primeiro, e tão valorizados como indicativo da relevância afetiva dessa relação, não são mais condizentes ou convenientes com a atual organização do universo do futebol, devendo assim ser eliminados. Contudo, quais as consequências de uma tal “melhoria” para a construção e manutenção da relação torcedor-clube, na medida em que se perde, desse modo, um elemento outrora tão central para o modelo “romântico” do torcedor “apaixonado”?

Antes de mais nada, é preciso esclarecer que as vantagens e benefícios oferecidos pelo programa de sócios-torcedores contribuem, efetivamente, para reduzir a necessidade e, de certo modo, também a importância de alguns dos exemplos de sacrifício destacados por meus entrevistados. No entanto, essas medidas não são suficientes para eliminar de todo a necessidade de um determinado conjunto de esforços, que o torcedor continua tendo de realizar para acompanhar seu clube. Assim, se por um lado, o programa se mostra eficiente por facilitar a compra de ingressos e o acesso ao estádio, por outro encontra-se fora de seu escopo o tratamento de determinadas questões, tais como a deficiência dos sistemas de transporte e da segurança pública, o horário dos jogos, as adversidades meteorológicas, etc., que continuam se apresentando como obstáculos a serem

superados pelos torcedores e, por conseguinte, oferecendo-se a eles como “oportunidades” para a realização de sacrifícios. Além disso, todos os exemplos de esforços mencionados até aqui continuam tendo que – ou “podendo” – ser realizados nas partidas cujo mando de campo não cabe ao Flamengo, quando as vantagens oferecidas pelo programa Nação-Rubro Negra não se aplicam e, portanto, não podem ser usufruídas.

O que foi dito acima nos permite concluir que a necessidade e a importância da realização de sacrifícios pelos torcedores continuam existindo, não sendo de todo eliminadas pelas vantagens oferecidas pelo programa de sócios-torcedores – nem pelo processo de arenização dos estádios, como veremos no próximo capítulo. Ainda assim, permanece intocada a flagrante contradição identificada por nós nos discursos dos entrevistados, que ora valorizam os sacrifícios por eles realizados em nome do Flamengo, ora destacam as comodidades proporcionadas pelo programa Nação Rubro-Negra, que visam reduzir ao máximo a própria necessidade desses sacrifícios.

A hipótese que gostaria de examinar aqui é de que esse paradoxo seria contornado pelos entrevistados no plano do discurso quando apontam o desejo de ajudar o clube como motivação principal para terem se tornado sócios-torcedores, aspecto reforçado ainda pela minimização das vantagens recebidas em virtude da associação, reintroduzindo assim a dimensão do sacrifício e a lógica de abnegação que o acompanha no âmbito do próprio programa de sócios-torcedores.

Embora meus entrevistados mencionem, de fato, as vantagens e benefícios proporcionados pelo Nação Rubro-Negra como razões para aderir ao programa, também é verdade que, em praticamente todos os relatos, a importância dessas mesmas vantagens é minimizada, ressaltando-se o desejo de ajudar o clube como motivação primeira para a associação. Além disso, não são quaisquer tipos de vantagens as que são destacadas por eles. Os benefícios mencionados por esses torcedores só são “vantajosos” em virtude do elevado nível de engajamento ao clube previamente apresentado, ou seja, pelo fato de eles contemplarem outros aspectos fortemente valorizados também como indicativos de engajamento emocional – ao lado do sacrifício –, tais como o hábito de comprar produtos oficiais do clube e, principalmente, o costume de ir ao estádio. As vantagens adquiridas pela adesão ao

programa convertem-se, portanto, num segundo momento, em atos de devoção ao clube.

É justamente isso o que permite que uma estratégia de marketing como o programa de sócios-torcedores seja frequentemente apontada por meus entrevistados como índice de um nível elevado de engajamento emocional, em si mesmo, o que nos ajuda a compreender o segundo paradoxo identificado nos depoimentos analisados. Um dos aspectos que mais contribuem para o caráter aparentemente contraditório de se considerar a adesão ao programa de sócios-torcedores como um índice de engajamento emocional é a natureza acentuadamente mercadológica dessa iniciativa. Como vimos, uma das principais críticas dirigidas à implementação dos programas de sócios-torcedores dirige-se ao fato de seus idealizadores almejarem uma intensificação da relação dos torcedores com o clube que se expresse pela intensificação do consumo de produtos oficiais e “experiências”, o que significaria converter os torcedores em meros clientes ou consumidores, deturpando assim a lógica afetiva que deveria estar na base dessa relação.

A concepção e o modo de funcionamento dos programas de sócios-torcedores, cujo mecanismo básico consiste no pagamento de uma mensalidade, isto é, de uma quantia em dinheiro que os torcedores dão aos clubes, tendo como contrapartida o recebimento de vantagens e benefícios, dão origem, portanto, a uma espécie de perigo simbólico a ser expurgado: o risco de que a relação afetiva com o clube seja “corrompida” pela lógica do mercado, e de que os torcedores passem não só a serem vistos, mas sobretudo, a se comportarem efetivamente como “meros consumidores” – ou seja, de modo racional, calculista, impessoal e interessado, em busca de uma relação custo-benefício que lhe pareça vantajosa – atitude que representaria o extremo oposto do tipo ideal do torcedor “apaixonado”.

Diante desse perigo simbólico, que coloca não só a intensidade de seus afetos, mas a própria natureza de sua relação com o clube em xeque, o torcedor precisa convencer a si mesmo e aos outros de que não é nem se comporta como um mero consumidor, como sugere a compra de vantagens que se encontra na base de sua adesão ao programa de sócios-torcedores. No contexto de minha pesquisa, esse mal que se insinua é exorcizado por meus entrevistados quando apontam o desejo de ajudar o clube como principal motivo para sua associação, e minimizam

as vantagens recebidas como contrapartida – dois atos discursivos que se complementam, pois a minimização das vantagens confirma e reforça que o verdadeiro objetivo é ajudar o clube.

A utilização do termo “ajuda”, aliás, é bastante significativa, pois deixa claro que a relação que meus entrevistados mantêm com o Flamengo não é pensada nem vivenciada por eles segundo a pura lógica do mercado de maximização dos ganhos, não fazendo qualquer sentido o objetivo de “ajudar” aquele com quem se transaciona. Não sendo mercadológica, a relação do torcedor com o clube encontra-se muito mais próxima do regime da dádiva, modalidade de troca na qual se privilegia a construção, manutenção e reforço dos vínculos sociais (Godbout, 1999), mostrando-se assim muito mais condizente e compatível com a lógica afetiva que idealmente deve fundamentar o engajamento do torcedor com seu “clube do coração”.

Embora o objetivo maior expresso por meus entrevistados seja ajudar o Flamengo, a adesão ao Nação Rubro-Negra não deve ser vista como uma atitude puramente filantrópica, pois enquanto associados eles passam a usufruir de vantagens e benefícios recebidos como contrapartida à sua contribuição em dinheiro. No entanto, não se trata também de uma relação puramente comercial, pois os entrevistados dizem estar mais empenhados em ajudar seu clube do que em defender seus próprios interesses materiais. O desejo de ajudar o clube, complementado pela minimização das vantagens recebidas, nos leva a concluir que os entrevistados acreditam dar muito mais do que recebem de volta do clube, mesmo porque, como vimos, num segundo momento os benefícios adquiridos se convertem em atos de devoção, produzindo-se assim um nítido desequilíbrio, que reintroduz a dimensão do sacrifício e da abnegação no âmbito do próprio programa de sócios-torcedores, tal como vivenciado pelos entrevistados, e reafirma a primazia dos afetos e da dádiva sobre os ditames da comoditização.

O desejo de ajudar o clube e a minimização das vantagens recebidas como contrapartida podem ser entendidas, assim, como estratégias discursivas empregadas pelos entrevistados para salvaguardar a natureza e relevância de sua relação afetiva com o Flamengo e sua autoimagem como torcedores apaixonados. Ao invés da eliminação do sacrifício, o que temos com o advento da nova forma de torcer ligada ao programa de sócios-torcedores é o surgimento de um novo tipo de

sacrifício, que recria, mais do que rompe, com a lógica romântica que histórica e hegemonicamente tem subjazido à constituição do engajamento emocional dos torcedores pelos clubes, dissolvendo-se assim os dois paradoxos abordados por nós até este ponto.

Como se trata de uma troca sob a forma da dádiva, governada pela tríplice obrigação de dar, receber e retribuir (Mauss, 1974), se tomarmos as ações dos torcedores como ponto de partida desse ciclo, podemos considerar que a primeira obrigação é concretizada pela ajuda financeira que o torcedor faz ao clube, a qual, embora seja vivenciada como algo espontâneo, que se faz de bom grado, configurando-se assim como uma atitude sincera e pessoal de desapego, ao mesmo tempo é impulsionada pela compulsoriedade dos sacrifícios que o torcedor deve realizar como afirmação de sua relação com o clube.

Como se dá, aqui, a obrigação de retribuir? Se nos fiarmos no discurso de desapego e abnegação apresentado pelos entrevistados, entenderemos que eles ajudam sem esperar realmente nada em troca do clube, como aliás procuram demonstrar ao minimizar ou mesmo desconsiderar a relevância das vantagens recebidas como sócios-torcedores. No entanto, como aquele que recebe tem sempre a obrigação de retribuir, fomenta-se sempre também uma expectativa de retribuição por parte daquele que doa, a qual é escamoteada para que se preserve o espírito de generosidade da doação, e que só vem à luz quando frustrada pela ausência ou incompatibilidade da contrapartida recebida (Godbout, 1999).

No contexto de minha pesquisa, entendo que esse desejo de retribuição se torna explícito pelas críticas apresentadas por alguns de meus entrevistados ao modo de funcionamento do programa Nação Rubro-Negra, que privilegiaria aqueles que pagam mais, independentemente de seu nível de engajamento, sobrepondo, assim, a lógica fria e impessoal do mercado à lógica afetuosa da dádiva, dentro da qual os torcedores procuram situar suas ações. O que os torcedores esperam, antes de qualquer coisa, é terem sua devoção reconhecida pelo clube, sendo tratados também de acordo com o regime da dádiva, numa demonstração de reciprocidade.

Mas essa seria a retribuição esperada do *clube*, parceiro do torcedor metamorfoseado em “sócio” por esse programa. Podemos, contudo, aventar a hipótese de existência de uma outra forma de retribuição: o bom desempenho do *time* – ou seja, da equipe de jogadores que representa efetivamente o clube no

campo de jogo –, mais precisamente, pela conquista de vitórias e títulos, e ainda por atuações nas quais os atletas demonstrem raça, disposição, honra às tradições e “amor à camisa”, especialmente porque agora, na condição de sócios, os torcedores passam a investir pessoalmente no *clube*, visando justamente contribuir para o aumento da competitividade do *time* – sendo esta ao mesmo tempo sua contrapartida.

A cisão entre “clube” e “time” seria um aspecto essencial da relação criada pela própria noção de um “sócio-torcedor”, em que o vínculo “apaixonado” com o *time* engendra, em sua maximização, um vínculo “mercantilizado” com o *clube*, fundindo assim os personagens do “torcedor” e do “sócio”. Dádiva e mercado se encontram, assim, na concepção mesma desse tipo de estratégia administrativa e de marketing, racionalizando em um “contrato” uma “fidelidade” que, ao invés de criada pelo elo contratual, é, ela mesma, sua motivação original.

Esse seria um traço inovador da forma de torcer engendrada pelo programa de sócios-torcedores, levando-nos à abordagem do terceiro paradoxo identificado nos depoimentos dos entrevistados: o fato de torcedores “apaixonados” ou “fanáticos” manifestarem grande preocupação e interesse por aspectos “racionais” da vida do clube, ou seja, questões ligadas à áreas político-administrativa e econômico-financeira, nas quais procuram até mesmo interferir pessoalmente, como forma de produzir efeitos positivos sobre o desempenho do *time* – uma nova maneira de intervenção, para além do apoio e das críticas manifestados coletivamente nas arquibancadas e nos treinos. Estaríamos assim diante de um processo de racionalização da subjetividade torcedora?

Essa preocupação com aspectos “racionais” aparece, por exemplo, nas falas de alguns entrevistados que afirmam já terem sido sócios-contribuintes, ou que declaram o sonho de tornarem-se sócios-proprietários, as quais já vimos tratarem-se de modalidades que possibilitam a participação oficial e direta na política do clube. No entanto, na maioria dos depoimentos, esse interesse se expressa de modo mais explícito pelo destaque conferido pelos entrevistados ao desejo de ajudar o clube financeiramente como motivação primeira para sua conversão em sócios-torcedores. Para além do pagamento da mensalidade, essa contribuição material também pode assumir outras formas, tais como a compra de ingressos e produtos oficiais, e a assinatura de um pacote especial de canais de TV por assinatura. Em todo caso,

não podendo participar diretamente da política do clube, o objetivo dos torcedores é contribuir materialmente, da forma mais efetiva a seu alcance, para o processo de reestruturação econômico-financeira do Flamengo, garantindo assim que o clube disponha dos recursos materiais necessários para contratar jogadores e melhorar seus equipamentos, aumentando assim sua competitividade.

A preocupação com questões administrativas e financeiras também aparece quando os entrevistados sublinham as boas intenções e o profissionalismo, identificados por eles na atual gestão do Flamengo, como condições fundamentais para sua decisão de tornarem-se sócios-torcedores, sentindo-se assim mais seguros de que o dinheiro “investido” ou “doado” será mesmo utilizado em prol dos interesses do *clube*, de que a prova mais cabal seria o desempenho do *time*. A adesão ao Nação Rubro-Negra converte-se assim, de certo modo, num sinal de aprovação e apoio à gestão apontada como responsável pela reestruturação do Flamengo.

Esse último paradoxo analisado aqui se configura pelo fato de o interesse dos entrevistados por questões administrativas e financeiras entrarem em contradição com o modelo romântico de constituição do engajamento emocional, segundo o qual os torcedores devem agir de modo passional, excessivo e descontrolado como forma de ratificarem a importância de sua relação afetiva com o clube, excluindo-se praticamente a racionalidade como atributo desse modo de torcer, pois a moderação pode mesmo ser interpretada como indício de menor passionalidade. Além disso, as exigências de excesso e descontrole sobre a conduta do torcedor apaixonado o tornam teoricamente inepto para lidar com questões político-administrativas ou econômico-financeiras, terrenos consagrados à racionalidade pela modernidade ocidental.

Como já destacamos em outras oportunidades, a etnopsicologia ocidental é marcada por uma oposição fundamental entre razão e emoção, num esquema que valoriza o primeiro elemento, em detrimento do segundo, sendo este último entendido como sinônimo de irracionalidade, descontrole, etc. (Lutz, 1988) A força desse binômio se faz sentir nas diversas áreas da vida social, produzindo uma grande hierarquização entre vida privada e vida pública, que passam a ser identificadas respectivamente à emotividade e à racionalidade. Enquanto áreas fundamentais da dimensão pública da vida social, política e economia, bem como o

campo correlato de administração e finanças, convertem-se, assim, em terrenos consagrados à racionalidade na modernidade ocidental, nos quais a presença das emoções passa a ser vista com ainda mais desconfiança. Em suma, a atuação nessas áreas deve ter sempre a razão como guia, sendo as emoções até mesmo negaceadas enquanto motivações legítimas para o desenvolvimento da ação social (Coelho e Durão, 2017).

Os exemplos oferecidos por meus entrevistados, no entanto, colocam em xeque a “pureza” da oposição privado-emoção/público-razão do esquema cultural descrito acima. O que se desenha nessa nova forma de torcer formatada pelo programa de sócios-torcedores é uma combinação especial e, até certo ponto, inusitada entre razão e emoção: o processo de racionalização ensejado por esse modelo associativo atinge apenas os meios pelos quais os torcedores procuram influenciar o desempenho de seu time, mas as motivações que o levam a fazê-lo continuam localizando-se primordialmente no terreno dos afetos.

Nesse sentido, preserva-se mais uma vez a lógica romântica de constituição do engajamento emocional. Aqui, torcedores apaixonados procuram ajudar seu clube financeiramente, interessando-se pela administração e pelas finanças da instituição, e procurando intervir no andamento dessas áreas, tendo como principal motivação exatamente esse sentimento de paixão mantido pelo clube. A paixão, assim, em vez de se opor ao comportamento racional, é transmutada em motivação desse mesmo comportamento, criando uma relação de articulação entre emoção e razão, diversa do modelo de “oposição” que marcaria, na descrição de Lutz (1988), a etnopsicologia ocidental.

8 A EXPERIÊNCIA DE ESTÁDIO E A PREFERÊNCIA PELO SETOR NORTE NO NOVO MARACANÃ

Neste capítulo, abordo a importância da “experiência de estádio” para meus entrevistados. Exploro primeiramente as principais razões apontadas por eles para preferirem assistir aos jogos no estádio, mais precisamente no Maracanã, e não pela televisão, em suas casas, onde desfrutariam, presumidamente, de melhores condições de conforto e segurança. Em seguida, analiso suas justificativas para a escolha de um lugar ou setor específico para acompanhar os jogos do Flamengo no Novo Maracanã. Como veremos, a grande maioria prefere o setor norte superior, onde encontram reunidos os principais fatores a compor a “experiência de estádio”, levando-os a preferir assistir aos jogos *in loco*.

Como vimos no primeiro capítulo, o processo de arenização dos estádios, ou seja, sua conversão em arenas all-seater multiuso, iniciou-se no Reino Unido, entre as décadas de 1980 e 1990, tendo como principais objetivos a oferta de melhores condições de conforto e segurança aos torcedores. Apoiando-se ainda num processo de elitização e domesticação do público, a conversão dos estádios em arenas visava impedir a ocorrência de novas tragédias como as de Heysel (1985) e Hillsborough (1989), estando em sintonia com uma tendência de comoditização do futebol que já se encontrava em curso naquele período.

Como destacam autores como Giulianotti (2010) e Anthony King (1995), esse processo de arenização também foi motivado, em grande medida, pela ampliação das possibilidades disponíveis aos torcedores de acompanhar os jogos à distância, sem ir ao estádio – principalmente em casa ou em bares, pela TV –, bem como pelo gradativo incremento da qualidade dessa experiência. Isso porque, até as décadas de 1950 e 1960, a principal – ou mesmo, a única – forma de acompanhar os jogos à distância, em tempo real, eram as transmissões radiofônicas, e até a década de 1980, a transmissão de jogos pela TV só era permitida nas partidas realizadas “fora de casa”, em outras cidades, estados ou países, ou então em alguns jogos importantes, como finais de campeonatos, quando os ingressos já haviam se esgotado – medida que visava preservar ou incrementar as rendas de bilheteria dos

clubes, ou seja, o faturamento gerado pela venda de ingressos, que representava uma fração considerável de suas receitas.

Somente na década de 1990, com a expansão da TV a cabo – “por assinatura” – as partidas disputadas “em casa” passam a ser regularmente transmitidas com som e imagem, por canais esportivos especializados, adquiridos mediante a assinatura de pacotes especiais, possibilitando que os torcedores pudessem acompanhar esses jogos à distância, em suas próprias casas, ou nas casas de parentes e amigos, em bares, sem precisarem ir ao estádio. Paralelamente a isso, como destacam King (1995) e Giulianotti (2010), também foram sendo gradativamente ampliadas as condições de conforto dos lares das famílias de classe média – para nossos propósitos, vale destacar a evolução dos aparelhos de TV –, e a qualidade das transmissões esportivas, que dispõem de diversas câmeras e recursos, mostrando o jogo como um todo e lances específicos da partida a partir de diferentes ângulos, juntamente com os comentários de ex-árbitros, ex-jogadores e profissionais especializados.

Em suma, tudo isso poderia nos levar a crer que assistir aos jogos em casa constitui uma experiência bem melhor e mais agradável que assisti-los no estádio, tendo em vista as melhores condições de conforto e segurança presumidamente encontradas no primeiro caso, e todas as vicissitudes a serem enfrentadas na segunda alternativa. Contudo, não é isso o que se pode depreender dos depoimentos de meus entrevistados. Embora praticamente todos eles disponham da possibilidade de assistir aos jogos do Flamengo em suas casas – pois possuem TV a cabo e assinam o pacote especial que inclui a transmissão das partidas “em casa” –, todos declaram preferência por assistir aos jogos do clube no estádio, especialmente no Maracanã – aonde dizem que vão “sempre que possível”, realizando grandes esforços e sacrifícios para tanto em algumas ocasiões, como destacamos nos capítulos anteriores.

Questionando-os a respeito dessa aparente contradição, procurei compreender o que os levaria então a preferirem assistir aos jogos no estádio, e não no conforto de seus lares, na medida em que pagavam a mais justamente para dispor dessa comodidade. Nesse sentido, perguntei de modo mais direto, em alguns casos, qual seria a importância do estádio para eles, e em outros casos, o que haveria de diferente ou especial na “experiência de estádio”, quando comparada

à opção de assistir aos jogos em casa, pela TV. Sobre isso, Anderson respondeu o seguinte:

Ah, é super diferente pô! Eu prefiro muito mais ir ao estádio do que assistir pela televisão! Isso eu não tenho dúvida, sabe? **Porque o estádio não é só o jogo... é rever os amigos, é tomar uma cerveja, é ficar de resenha em algum boteco, então, é... você tá sentindo a emoção.** Porque se você for falar, assim, em termos de ver, ver mesmo o jogo... pô, televisão, né, cara? Televisão tem replay, tem num sei que, vai mostrar se foi pênalti, se não foi, se a bola entrou, se não entrou... lógico, porra! **Em termos de você, assim, da experiência de saber o que aconteceu no jogo mesmo, é televisão. Mas, pô, eu não tô preocupado com isso! Às vezes, é muito melhor a magia da dúvida,** ficar perguntando pro amigo “será que foi pênalti? Pegou na mão ou não pegou?”. Prefiro mais assim. Quando, realmente, quando... tem época que eu vou muito, cara. Assim, que eu vou realmente...

Como vemos, Anderson prefere assistir aos jogos no estádio por considerar essa experiência mais emocionante, o que se deve em parte ao fato de a “experiência de estádio” incluir outros atrativos para além do jogo em si. O entrevistado destaca então a possibilidade de rever seus amigos e a sociabilidade travada com eles desde antes mesmo do início do jogo, ou melhor, antes mesmo de ingressarem no estádio. Outros entrevistados, como Leandro e Jorge, também destacaram a importância desse tipo de sociabilidade “pré-jogo” como um ingrediente importante do que torna a “experiência de estádio” especial. Eles relatam que, principalmente nas partidas mais importantes, como jogos decisivos e clássicos locais, costumam se reunir com seus amigos nas proximidades do Maracanã, muitas horas antes do início do jogo, onde fazem churrasco, tomam cerveja e especulam como será a partida à qual vão assistir

Esses relatos vão ao encontro do que nos diz Gaffney (2008), para quem a “experiência de estádio” não só inclui outros aspectos para além do jogo em si, como tem início muito antes do começo da partida, envolvendo diferentes formas de “rituais” e interações mantidas pelos torcedores desde que saem de casa, no trajeto para o estádio e em suas imediações – e, muitas vezes, também no período posterior ao jogo.

Vinicius, por sua vez, costuma ir ao estádio sozinho ou acompanhado de sua esposa, mas não tem o hábito de se envolver neste tipo de sociabilidade “pré-jogo” descrito acima. Questionado sobre a importância do estádio e o que torna essa experiência especial, ele nos disse o seguinte:

Então... Hoje, né? **Hoje, eu enxergo futebol muito melhor** do que eu enxergava, quando eu tinha, sei lá, quinze, dez anos, né? Então, hoje, é... tu, às vezes, tu, às vezes, em casa, tu tá num **desespero**, que... achando que não tem ninguém na cobertura do, né? Uma bola que o cara lançou, e tu num viu que o outro cara tá. Hoje, até na televisão eu consigo saber que, “não, o Pará vai tá ali”, eu sei que tá, entendeu? Hoje eu consigo saber. Mas, quem não sabe, não consegue, fala “meu deus do céu!”, mas o cara, eu sei que o cara tá ali. [...] Tipo, o cara enfiou a bola, e o goleiro, “caralho, esse goleiro não vai sair não?!”. **Só que no estádio você tá vendo que o goleiro já tá chegando na bola.** Na televisão, não, até a bola chegar no goleiro, tu não sabe se o goleiro tá vindo. **Então, é mais, além da, da, do calor da torcida, e de tá passando a energia... que pra mim é o que, é o que conta... pra mim, é o que... é, o que me faz ir ao Maracanã é saber que... a energia que eu tô passando pro time tá ajudando de alguma forma, né? E a parte tática do jogo, né? Que é outro jogo, você vendo o jogo no... no, no estádio. Eu fico feliz, entendeu?** Depois é bom tu ver o replay na, né? Na, na, pela televisão. Mas, na hora ali, tu sabe... “não, fulano tá ali, o time tá arrumado...”, ou “o time tá muito aberto hoje, num sei o que... pô, o time tá indo muito pra cima... pô, o Arão tá saindo muito, pô...”. **Essas coisas, tu só consegue ver ali no, no, no estádio.** Pela televisão, tu não consegue ver, é muito limitado ali.

A partir do trecho acima, podemos concluir que a importância do estádio para Vinicius se deve, em parte, à possibilidade de visualizar melhor a organização tática do time e a movimentação dos jogadores em campo, em virtude da visão mais panorâmica que se tem da arquibancada – enquanto a transmissão pela TV se concentra apenas no trecho do campo onde as ações com a bola se desenvolvem, perdendo-se a visão do todo. Para além disso, ele destaca também a importância do “calor da torcida” e da possibilidade de “passar energia” para o time, como uma forma de ajudá-lo, fator que ele destaca como principal motivação para ir ao Maracanã. De modo semelhante, Fernando menciona o “calor do jogo” como razão para preferir assistir aos jogos do Flamengo no estádio:

Entrevistador- Qual a importância do estádio pra você? Quer dizer, o que te faz preferir o estádio...?

Entrevistado - **O calor do jogo! Cara, o calor do jogo. A questão de você presenciar, eu estive lá!**

[...]

Entrevistador- Na comparação com o PPV, no estádio seria mais emocionante?

Entrevistado- Muito mais!

Entrevistador- E esse seria um fator importante pra você ir ao estádio?

Entrevistado- Sim! Sim, com certeza!

Para Fernando, portanto, a experiência do estádio seria muito mais emocionante devido à possibilidade de vivenciar o “calor do jogo” e de presenciar ou testemunhar pessoalmente o desenrolar da partida. A importância da presença física

também é mencionada por Érica como razão para preferir assistir aos jogos no estádio:

Entrevistador- Qual a importância do estádio pra você? Assim, o que tem de diferente, especial...?

Entrevistado - **Ah, eu acho que é isso da experiência, né? Isso que eu falei da aura, de você estar, de você se fazer presente... e de... de apoio, de empurrão, de fazer parte. Eu acho que você só faz parte se você tá lá, assim.** É diferente, é uma... quando você vai a um jogo, você num... tipo, é uma, você tá comprando aquilo, um todo. Você pode sair de lá muito puto, você pode sair de lá muito feliz. **Então, eu acho que é essa experiência, entendeu? Essa aura que eu falei, assim.**

Entrevistador- Em poucas palavras, você diria que é uma experiência mais emocionante?

Entrevistado - Sim, sim. **Mais emocionante, e eu diria que tem mais empatia**, sabe? Tipo, eu acho que você tá inserido ali... você tá junto, entendeu? você tá lá **o mais próximo que você pode estar**, de o resultado... você tá ali, assim. **Acho que você tem ali um poder, um certo poder de influenciar sim. Eu gosto disso.**

A entrevistada destaca, portanto, a importância da experiência pessoal e a necessidade de “se fazer presente” como motivações para preferir assistir aos jogos diretamente no estádio. A presença física permitiria ao torcedor uma forma mais efetiva de “empurrar” e ajudar o time, constituindo assim uma forma diferenciada de pertencimento e de participação – algo também destacado por Carlos, ilustrando mais uma vez a importância da frequência ao estádio como um critério de diferenciação ou hierarquização dos torcedores em termos de “engajamento emocional”. Para Érica, a “experiência de estádio” seria mais emocionante devido à proximidade que se tem com o time – algo também salientado por Jorge – e à “empatia” que se pode estabelecer com ele – sentimento que, ao meu ver, se assemelha muito à “sinergia” que se estabeleceria entre time e torcida, na visão de Carlos.

Segundo Érica, a presença física no estádio conferiria ao torcedor, portanto, o “poder de influenciar” o desempenho do time e o desenrolar da partida. Esse aspecto também foi destacado por Adriano, aparecendo de modo ainda mais claro no depoimento de Patrícia:

Entrevistador- Qual a diferença, assim, o que te faz preferir o estádio:

Entrevistado - [...] Ah, é outra coisa, você ir pro estádio assistir o jogo. **Ficar no meio daquele mundo de gente, torcendo pro mesmo time... a vibração é outra... Pô, não tem comparação! Mil vezes ir para o estádio do que ficar em casa!** Pena que eu não posso ir todo jogo, né? [risos] Tinha uma época que eu falava “pô, quando eu ficar mais velha, eu vou

comprar, vou alugar um apartamento do lado do Maracanã!”. Só pra ir pra jogo e dormir por lá, porque é longe! Ficar por lá... [risos]. Eu tinha até uma amiga, que morava lá perto... aí quando tinha jogos, assim, dia de semana, aí eu marcava com ela e ia pra lá e tal... **Pô, a sensação, cara... não tem explicação! A torcida, quando a torcida inflama, a torcida do Flamengo inflama, pô... empurra o time!**

Entrevistador- Você diria que a experiência no estádio é mais emocionante?

Entrevistado - É, é mais emocionante... a vibração da torcida.

Entrevistador- E você acha que também é melhor pra ver o jogo, a visão do jogo...?

Entrevistado - Eu vejo melhor pela TV! Se for por isso aí... eu assisto melhor pela TV, vou ver replay, vou ver tudo, os detalhes... é pelo, é, é... eu até costumava falar pros meus amigos, **eu vou pro Maracanã pela torcida! Não é nem pelo time ali, pra ver o jogo em si... pela festa que a torcida faz! É inexplicável, cara, pra quem gosta mesmo... sei lá, é uma parada, assim, sem explicação!**

Patrícia afirma que a “experiência de estádio” seria mais emocionante em virtude da “vibração” da torcida e devido à possibilidade de assistir ao jogo na companhia de diversas outras pessoas – milhares, no caso do estádio –, torcendo para o mesmo time. Segundo ela, a sensação de assistir ao jogo no estádio seria “inexplicável”, remetendo-nos novamente ao caráter refratário das emoções a qualquer forma de descrição mais precisa, numa fala que pode ser entendida também como uma forma de retratar esse sentimento como algo singular e especial – tal como já destacamos na análise dos discursos emocionais a respeito do “clube do coração”.

A entrevistada destaca ainda a torcida do Flamengo e, principalmente, a festa realizada por ela como principal motivação para assistir aos jogos no estádio – fator que seria mais importante, inclusive, que o próprio time e o jogo em si. Segundo ela, a torcida do Flamengo, quando “inflama”, é capaz de “empurrar” o time, ou seja, de influenciar efetivamente seu desempenho. Essa capacidade de influência da torcida no estádio foi mencionada de modo ainda mais claro por Vinicius e Alexandre. A respeito disso, o primeiro nos disse o seguinte:

Entrevistador- E você acha que a torcida tem a capacidade, assim, de interferir no resultado do jogo?

Entrevistado - **Com certeza, cara. Com certeza, tem! Assim, não diretamente, né? Num é, num muda o resultado do jogo, mas muda a, a, a força, que, né?** O ser humano, quando a gente acha que, que a gente tá cansado, a gente ainda tem 40%, né? Só que tu precisa de um incentivo pra tirar esses teus 40, teus últimos 40%, né? Do teu... e é isso que tira o, **o que faz o jogador tirar esses 40%, que ele acha que ele não tem mais, é a torcida, entendeu?** Porra, eu, eu num tava em Cariacica agora, mas, porra, tomou um gol aos 38 minutos, que a gente tomou, pô... contra o Cruzeiro. Se não é a torcida ali, filho, se num tem ninguém... Entendeu? **Se**

tu num tá jogando por alguém... Entendeu, ali? Num tem por que, tu vai correr por quem ali? Tu vai falar “Pô, to correndo por quem aqui?”. Pô, tu olha praquilo ali, é... 50 mil ali na tua volta, tu num corre não, pra tu ver! [...] Então, eu acho que tem, tem, tem demais, sim... importância... e parcela de culpa.

De modo semelhante, Alexandre declarou:

Entrevistador- Você acha que a torcida interfere no resultado do jogo?

Entrevistado - **A do Flamengo interfere... Flamengo jogando no Maracanã, com a torcida, é um time... sem o Maracanã com a torcida, é outro. Pô, a torcida faz o Flamengo, pô, faz jogador correr cansado... que, às vezes, o jogador fala “Pô, não tenha mais gás”, quando a torcida vaia, ele acha gás pra correr... vai correr, tem que correr, tem que se doar... então, quer dizer, a torcida do Flamengo interfere, sem sombra de dúvidas. A do Botafogo, eu acho que não, mas a do Flamengo interfere!** [risos]

Entrevistador- Por que a do Botafogo não? Queria que você falasse um pouco sobre isso... Por que você falou justamente a do Botafogo?

Entrevistado - Eu falei justamente a do Botafogo porque, é... **todos os jogos de Flamengo e Botafogo que eu fui, a torcida do Botafogo não consegue estar presente.** Eu já fui num Flamengo e Botafogo no Engenhão, que é um estádio que eu não gosto, entendeu? Até pela forma como ele é, e que você fica sentado, entendeu? Mas **nem lá a torcida do Botafogo tava lá pra incentivar o time...** é sempre a torcida do Flamengo. Se tu botar no Maracanã 50 mil, Flamengo e Botafogo, “Oh, quem quiser comprar, compra”, tá arriscado de a torcida do Flamengo comprar 45, e a do Botafogo comprar 5, entendeu? Então, falta aquela coisa, assim... **eu não sei se eles não acreditam muito no time** ainda, se não tem... é uma torcida grande, mas tu não vê... só quando tu conhece, assim, um botafoguense... uma pelada que eu jogo domingo, a maioria é botafoguense... a gente encarna neles o tempo todo, porque “pô, como é que pode?!” [...] Deve ter uns dez, mais ou menos... pô, sabe as vezes que eles vão ao Maracanã? **Eles ainda nem viram o Maracanã reformado!** Entendeu? Então, são todos amigos meus ali, que tão ali, entendeu? **Só vêem o Botafogo pela televisão.** Aí tu ainda tira por eles... pô, aí que a gente fala mesmo, “**pô, num discute futebol, que vocês não conhecem o Maracanã!**”, entendeu? Num pode...

Como podemos observar nessas passagens, ambos os entrevistados acreditam que a presença da torcida e sua participação ativa no estádio são fatores fundamentais para que os jogadores consigam atingir ou mesmo superar seus limites físicos – e isso ocorre não só pelo apoio, tal como destacado pelos demais entrevistados, mas também pelas cobranças que são feitas pelos torcedores – algo também mencionado por Leandro. Segundo Alexandre, a torcida do Flamengo, em especial, gozaria desse poder de interferir no resultado do jogo, mas o mesmo não poderia ser dito a respeito da torcida do Botafogo, negativamente caracterizada por ele, em tom jocoso, como uma torcida que, apesar de numerosa, não costuma comparecer ao estádio para apoiar o time, deixando assim de cumprir com uma espécie de obrigação moral que caberia aos torcedores.

Em suma, todos os meus entrevistados declararam preferência por assistir aos jogos no estádio de futebol em comparação com a experiência de assisti-los em casa, pela TV. Apesar das melhores condições de conforto e segurança encontradas nessa segunda opção – as quais continuam sendo comparativamente maiores, apesar das comodidades trazidas pela reforma de arenização do Maracanã e das facilidades oferecidas pelo programa de sócios-torcedores do Flamengo, como vimos no capítulo anterior – os entrevistados preferem assistir aos jogos no estádio, principalmente em virtude da experiência emocional diferenciada que se tem nesse caso.

Nesse sentido, para além das melhores condições de visualização da organização tática do time e da movimentação dos jogadores em campo, como destacou Vinicius, a preferência dos entrevistados pela “experiência de estádio” se justifica principalmente pela emoção advinda da sociabilidade travada com amigos desde antes mesmo do início da partida, ou ainda, do “calor do jogo” (ou da torcida), da “vibração” da torcida e, notadamente, pela possibilidade de apoiar, “passar energia” ou “empurrar” o time, pessoalmente e na companhia de milhares de outros torcedores, influenciando, assim, efetivamente o desempenho da equipe e o andamento, ou mesmo, o resultado do jogo.

Trata-se, portanto, de uma experiência mais “emocionante”, e é isso, principalmente, que meus entrevistados afirmam buscar quando optam por assistir aos jogos do Flamengo no Maracanã. Vale destacar ainda a importância da frequência regular ao estádio para apoiar o time como uma obrigação moral dos torcedores, fazendo com que essa prática se constitua inclusive como um dos principais índices de engajamento emocional mencionados por meus entrevistados em capítulos anteriores. A influência da torcida sobre os jogadores, não só do time “da casa”, mas também dos adversários, seria uma das vantagens proporcionadas pelo mando de campo, constituindo o chamado “fator casa”. Cabe aos torcedores, portanto, a obrigação de comparecer ao estádio assiduamente e apoiar o time durante toda a partida, para fazer valer a vantagem proporcionada pelo mando de campo.

Na sequência, analiso as principais razões apresentadas por meus entrevistados para sua preferência pelo setor norte superior do Novo Maracanã, destacando desde já que é nesta seção do estádio onde eles encontram reunidos os

fatores que constituem a “experiência de estádio”, que os leva a preferir assistir aos jogos *in loco*.

Em minhas primeiras visitas ao Novo Maracanã, para os fins desta pesquisa, uma das primeiras decisões importantes para o planejamento do trabalho de campo foi a escolha de um setor ou lugar para realizar minhas observações a respeito do comportamento do público e do modo como os torcedores se relacionavam com aquele novo espaço produzido pela grande reforma de adaptação do estádio para a Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016. Diante da imensidão do espaço a ser observado – não mais tão grande quanto antes, mas ainda assim, um espaço imenso – logo percebi que seria necessário realizar minhas observações no maior número possível de setores, e ainda em diferentes pontos dentro de cada um dos setores, tendo em vista as diferentes regras de conduta impostas ao público nas diferentes seções do estádio, e as variadas formas de comportamento que poderiam ser identificadas em cada ponto.

Após minhas primeiras incursões a campo, decidi concentrar minhas observações no setor Norte do Novo Maracanã, especialmente na parte superior, onde se localizam as torcidas organizadas, sendo por isso o único setor onde é oficialmente permitido aos torcedores assistir aos jogos de pé. Para fins comparativos, seria fundamental observar também o comportamento do público nos demais setores, especialmente nos setores leste e oeste, localizados nas laterais do campo, por serem estes os locais onde a obrigação de assistir aos jogos sentado em lugar marcado seria efetivamente imposta aos torcedores. Além disso, o setor norte seria destinado exclusivamente à torcida do Flamengo, enquanto os setores laterais seriam destinados a um público misto, na maioria dos jogos.

Minha premissa era de que a presença das torcidas organizadas e a possibilidade de torcer em pé no setor norte fariam com que esse setor se assemelhasse ao Antigo Maracanã no que diz respeito ao comportamento do público e à “atmosfera” ou “experiência de estádio”, enquanto os setores laterais representariam o novo modo de torcer trazido pelo processo de arenização do Maracanã. Em suma, era como se o setor norte representasse uma espécie de sobrevivência ou continuidade do antigo estádio no seio da nova arena, complicando as avaliações mais pessimistas que apontavam para a transformação do Maracanã num espaço inteiramente elitizado e disciplinarizado.

Tendo em vista a relevância desse tópico para minhas análises, decidi interrogar meus entrevistados a respeito de seus setores ou lugares favoritos no Novo Maracanã, questionando-os a respeito das principais motivações que os fariam escolher determinado setor ou lugar específico para assistirem regularmente aos jogos do Flamengo no estádio. Além disso, procurei saber também onde costumavam assistir aos jogos no período anterior à reforma, questionando-os ainda a respeito de suas experiências em outros setores do estádio, frequentados apenas esporadicamente.

Em suma, o que se pode afirmar desde já é que, no período anterior à reforma, a grande maioria dos entrevistados preferia assistir aos jogos do Flamengo na arquibancada, especialmente nos setores verde e amarelo, localizados atrás de um dos gols (à esquerda das cabines de rádio), os quais eram destinados exclusivamente à torcida do Flamengo, concentrando as torcidas organizadas do clube. De modo semelhante, no Novo Maracanã, praticamente todos os entrevistados declararam preferência por assistir aos jogos no setor norte, especialmente na parte superior, por razões muito semelhantes às que justificavam a preferência pela arquibancada “verde e amarela” no período anterior à reforma: a presença das torcidas organizadas, a maior “vibração” da torcida e a melhor visão do campo – fatores que aparecem também como justificativas para a preferência em assistir aos jogos no estádio, como vimos anteriormente. A possibilidade de torcer em pé também é mencionada como um fator importante para a escolha do setor norte superior atualmente.

Como veremos a seguir, as torcidas organizadas aparecem tanto como fatores de atração como de repulsão na escolha de um setor ou lugar para assistir aos jogos. Assim como as colunas ou pilastras do Maracanã, elas servem como pontos de referência para a localização dos torcedores no interior do estádio. Além disso, muitos entrevistados declararam a preferência por assistir aos jogos num setor e lugar semelhantes aos que costumavam frequentar no período anterior à reforma. Esse é o caso de Patrícia, por exemplo, que costumava assistir aos jogos junto à Torcida Jovem do Flamengo, e agora continua se posicionando num local

semelhante ao que era ocupado por eles, embora esta organização se encontre proibida de frequentar os estádios⁶³:

Entrevistador- Você costumava ficar com eles [membros da TJF] na arquibancada?

Entrevistado - Sim, sim, sempre. Até hoje, quando eu vou ao Maracanã, **eu procuro ficar ali onde eles ficavam**, que hoje eles estão... num, é, a torcida tá proibida, né? A Jovem tá proibida. Mas eu sempre fico, procuro ficar ali onde eles ficavam. [...] No último jogo que eu fui no Maracanã, tinha uma galera lá.

[...] Eu fico no norte, ali atrás do gol. Exatamente atrás do gol. Eu acho que é a tal da pilastra 35, que a gora eu tô em dúvida se é 35 ou 39, eu acho que é 35.

[...] Hoje em dia eu não tenho muito esse negócio de organizada não, **eu gosto de ficar onde tá bem animado, onde a torcida não para de cantar e tal**. Geralmente, quando eu chego no estádio, a Raça já tá superlotada, então, não dá pra chegar lá. **Aí eu fico ali entre Urubuzada, Nação, fico naquele... Manguaça. Fico naquele setor ali.**

[...] Hoje em dia, como o Maracanã, pra mim, é uma coisa só, é uma arquibancada só... ah, é superior e inferior, mas o acesso, você tem acesso, né, ali no sul e norte, você tem acesso livre, você pode ficar lá em cima e pode descer. Então, pra mim, hoje em dia, não faz muita diferença, mas **eu prefiro assistir o jogo de cima**.

Entrevistador- Por conta da...

Entrevistado - **Da visão do campo... [porque] tem a visão melhor**. Ali embaixo você vê, o jogador fica do teu lado, mas... não tem a mesma... sei lá, a visão panorâmica, assim, você não tem...

Com a ausência da Torcida Jovem, Patrícia procura assistir aos jogos num local parecido ao que era ocupado por essa agremiação antes da reforma. Ela procura ficar num lugar “bem animado, onde a torcida não para de cantar”, não se importando mais, porém, em ficar junto à uma torcida organizada específica. Além da presença das organizadas e da maior vibração da torcida, sua preferência pelo setor norte superior se justifica também pela melhor visão do campo, mais panorâmica, que se pode ter ali, em comparação com o norte inferior. Alguns desses fatores também aparecem no depoimento de Carlos:

Entrevistador- Atualmente, você costuma ficar em que setor?

Entrevistado - Hoje no norte, né? **Norte superior, sempre em cima, que eu não gosto de assistir embaixo**. [...] E fico ali na, na... hoje eu tenho ficado ali na 40, né? Que é ali atrás do gol, já chegando já na... não sei se é leste ou oeste ali, sei lá qual é. Na cabine, né? Eu fico ali, na norte superior, sempre.

Entrevistador- Perto de alguma torcida específica?

Entrevistado - Bem entre, hoje em dia, **entre a Nação e a Urubuzada**. [...] Era na Raça, quando eu era jovem. [...] A Urubuzada surgiu em 2006. E aí a

⁶³ Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2017/04/05/torcida-jovem-do-flamengo-e-banida-dos-estadios-por-tres-anos-apos-morte.htm>

gente gostou, a gente achou legal a Urubuzada. [...] E a Urubuzada tinha aquela coisa de ser **mais pacífica, mais tranquila...** as músicas até diferentes. A Urubuzada era um fator novo no estádio.

Entrevistador- Mas aí, assim, por que você escolhe esse lugar?

Entrevistado - **Força de hábito, de entrar, já entro ali, já sai ali, a saída, já conhecia... então, força de hábito. Me acostumei a ficar ali, né? [...] Eu me habituei a assistir ali.** Até um pouco pela questão do tumulto, né? Que aí a Raça às vezes brigava entre eles lá. E, e, mas é um reflexo, hoje em dia você não vê, mas aquilo ficou refletido... que era uma época muito, quando eu mudei, era uma época de muito, Raça e Jovem tavam muito... aflorado. Aí eu saí e fui pra amarela, na época, e aí fiquei lá.

[...] Então, eu fico ali, mas, mais, mesmo **a sensação de estar ali onde eu estava antes.** Assim, tipo, era aqui que eu ficava, eu gostava de ficar aqui quando, **na época que tinha o Maracanã...** o meu pessoal ficou, as torcidas ficaram ali, manteve a concepção, então eu fico também.

Entrevistador- Mas em relação ao setor norte, por que você vai ao setor norte? Simplesmente pela questão de o ingresso ser mais barato, ou tem alguma coisa a mais?

Entrevistado - É, eu acho que tem um pouco **da onde tá a torcida** também. Aí vem, tipo assim, eu não tô lá... assim, **as torcidas organizadas estão ali.** Né? **É o lado do Flamengo** ali. Então, eu acho que vai muito pela tradição, acho que o futebol se pauta muito por isso. Então, é mais questão de **tradição.** Preço do ingresso... você vê, eu nunca fui de arquibancada branca na vida. Que era mais caro, era onde se via melhor o jogo... onde, misto, né? Eu nunca fui. Nunca fui de arquibancada branca, porque **eu gostava mesmo da verde e amarela, que é onde ficavam as torcidas organizadas. Então, é onde fica a torcida, eu gosto de ficar mais.**

O entrevistado declara que prefere assistir aos jogos no norte superior por considerar melhor a visão do campo que se tem dali, em comparação com a parte inferior do mesmo setor. Sua preferência pelo setor norte se deve, em grande medida, à presença das torcidas organizadas e ao fato de ali ser o “lado do Flamengo” ou seja, o setor destinado exclusivamente à torcida do clube. Carlos costuma se posicionar entre as torcidas Fla-Manguaça e a Urubuzada, local semelhante ao que ele já ocupava no período anterior à reforma, tendo migrado para esta posição por volta de 2006, em função das constantes brigas e tumultos envolvendo as torcidas Raça e Jovem naquele período. Segundo ele, a escolha desse setor no Novo Maracanã se dá pela “força do hábito”, pelo costume ou tradição de assistir aos jogos naquela posição, remetendo-o à sensação de “estar ali onde ele estava antes... na época que tinha o Maracanã”.

Além de Carlos, outros entrevistados também afirmaram que costumavam assistir aos jogos próximo à Raça Rubro-Negra ou à Torcida Jovem Fla no passado, tendo migrado posteriormente para perto de torcidas consideradas por eles como mais tranquilas ou pacíficas, com destaque para a Fla-Manguaça, a Urubuzada e a Nação 12. Esse aspecto também aparece no depoimento de Leandro:

A gente só entra, só fica sempre no mesmo lugar, só compra norte e sul, norte superior, é... só entra pelo portão 102, é... no, na entrada 102... a gente só fica lá, sempre vai no mesmo lugar, no mesmo lugar... [...] A Manguaça fica aqui na nossa esquerda, a gente fica aqui [indicação com a mão].

Entrevistador- Vocês escolheram esse lugar do Maracanã por que, assim...? Entrevistado - É porque a gente sempre ficava na Raça, né? Onde esse meu primo fica. **Muita briga**, cara, muita briga... da Raça com a Jovem, que era uma do lado da outra. Pô, e a gente não é de confusão, **a gente gosta do Flamengo, ama o Flamengo, mas... briga não é com a gente não. Briga é com os doentes lá, os doentes, os caras que são malucos**. Aí, “a gente tem que continuar, a gente não vai deixar de vir para o estádio, mas procura uma, **o lado de uma torcida que seja mais tranquila**”. Aí começamos a ficar lá pra esse lado aí que eu tô te falando. **Pô, e a torcida mais animada que tem hoje é a Fla-Manguaça!** Pô, os caras são show de bola. Os caras levam, levam papel picado, fazem mosaico [...]. Pô, então, aquilo ali, **a gente foi se identificando com eles**. A gente só fica com eles agora, fica pertinho deles ali. [...] A gente fica, pô, gosta de ficar ali com eles, e eles já conhecem a gente: “oh a galera aí, oh a galera aí, que sempre tá aí!”. [...] A gente se identificou com a galera ali. A galera, às vezes sente falta, pergunta “pô, fulano não veio hoje?”, “fulano veio!”, “ah, vai vir no próximo”, num sei que. Então, tipo, **criou uma amizade**, né? “Cadê fulano?”, “fulano tá ali”.

O entrevistado menciona ainda, em outra parte de seu depoimento, a escolha do setor norte superior por conta da melhor visão do campo, em comparação com a seção inferior. No entanto, o principal fator para a escolha de seu lugar no estádio foi o sentimento de identificação e a relação de amizade desenvolvida com os membros da Fla-Manguaça, torcida apontada por ele como sendo a mais animada atualmente.

Anderson também costumava assistir aos jogos próximo à Raça, quando começou a frequentar o Maracanã, migrando posteriormente do setor verde – onde se localizavam a Raça e a Jovem – para o setor amarelo. Hoje em dia, ele procura se colocar numa posição semelhante à ocupada antes da reforma, mas não tem mais um lugar fixo, e embora prefira o norte superior, por conta da “emoção” e da visão do campo, evita ficar muito próximo às torcidas organizadas:

Cara, como é que eu vou, assim... aquela parada que eu te falei, né? Antiga 44, que já não... pela posição geográfica, pela maneira como ficou, a gente já não fica na 44, a gente fica ali na 40, 39... É, **eu procuro não ficar onde tem organizada**. Não fico mais, eu ficava quando era moleque, mas não fico mais. Então, por exemplo, eu fico lá vendo onde é que é a posição onde a Urubuzada vai ficar... eu saio de perto, por que? **Porque a bandeira, porque a galera enchendo a porra do saco, é nego que se acha. Porra, eu fico vendo às vezes alguns moleques da Urubuzada, cara, 18, 19 anos, se achando torcedor pra caralho! Ah, num fode, meu irmão! Entendeu? tudo o que ele tá começando a viver, eu já vivi! Dá licença! Então... tipo, “vamo cantar!”**. Meu irmão, fica na sua, entendeu? tipo,

torce... num fica querendo dizer como é que os outros têm que torcer! Então, já me aborreci com algumas coisas disso.

No trecho acima, o entrevistado reclama explicitamente da presença de bandeiras, que atrapalhariam a visão do campo, nos locais próximos às organizadas, e do comportamento de determinados torcedores, que procuram ficar exortando os demais, ao seu redor, a cantar e apoiar o time durante toda a partida, ensejando desse modo conflitos que envolvem diferentes concepções sobre modos de torcer, como veremos posteriormente.

Esse tipo de torcedor também é criticado por Adriano, que o qualifica pejorativamente como “fiscal de torcida”. Assim como Anderson, aliás, Adriano prefere assistir aos jogos no setor norte superior, mas procura se posicionar num lugar mais “tranquilo”, onde sua visão do campo não seja obliterada pelas bandeiras empunhadas pelos membros das torcidas organizadas:

Entrevistador- Qual setor você costuma frequentar? Já foi em outros?

Entrevistado - Então, **eu vou sempre no norte**. Esse agora, eu vou no leste porque não consegui comprar norte, mas... Assim, primeiro porque **eu gosto de ver jogo atrás do gol**, assim... é uma coisa que não tem muita relação com, por ser no meio da torcida... não, eu gosto de ver jogo atrás do gol, e as torcidas ficam mais atrás do gol. É... norte também porque **é o setor que mais enche**, né? então, é chato você ver jogo num lugar vazio, assim. Acho que essa coisa do **calor humano** e tal, você meio que também **contagia um pouco, te, te motiva a participar mais ali do jogo**. É, já fui de leste superior, já fui de leste inferior e fui de norte. Assim, não vi diferença em relação aos serviços, né, que tem. Só a visão do campo mesmo que muda, assim, não me agrada muito ver jogo central, eu prefiro ver o jogo atrás do gol.

Entrevistador- E você fica mais ou menos em que ponto ali no setor norte?

Entrevistado - Então, hoje eu vejo... eu sempre fiquei na 45, né? Mas hoje eu já não fico lá, porque... agora eu fico mais pra 40, aqui. Que a gente, tem uma grade ali, né? Não sei por que que botam aquela grade. Então, eu fico pro lado de cá da grade. **Ali é mais tranquilo, assim, num... num é tanta, num tem tanto tumulto, não tem muita bandeira... isso também é um saco, esse negócio de bandeira.**

[...] Outra coisa, que nesse setor de leste, o pessoal gosta de ver sentado, e na norte, todo mundo vê em pé. **Eu gosto de ver jogo em pé também. Então, eu acho que eles poderiam tirar as cadeiras ali...** que ali é mais, mais assim, melhor pra acompanhar o jogo de pé, né? Porque aquela cadeira incomoda, né? Você fica toda hora batendo, você... Aí tem gente que sobe em cima da cadeira, aí, porra, faz uma montanha.

Além de mencionar a visão do campo como critério para sua preferência pelo setor norte, Adriano destaca o fato de este ser o setor que mais enche, ou seja, aquele que normalmente apresenta a maior concentração de torcedores, mesmo nos jogos de menor apelo, tendo por conseguinte mais “calor humano”, que o

“contagia” e o motiva a “participar” mais do jogo, na condição de torcedor. O entrevistado menciona ainda, de modo mais explícito, a possibilidade de torcer em pé como uma das razões para sua preferência pelo setor norte, sugerindo inclusive a retirada das cadeiras nessa parte do estádio. Este último fator também aparece de modo relevante no depoimento de Érica:

Eu sempre, eu assisto sempre... antes, eu assistia na **Urubuzada**, né? Que era na amarela, lá em cima. E agora eu assisto, a disposição é a mesma, eu assisto na 46. **Continuo assistindo no mesmo lugar.**

[...] **Eu gosto de estar onde a galera canta, eu gosto de assistir o jogo em pé e tal.** Então, eu vou, normalmente, em relação ao Maracanã, **eu vou mais pra perto de organizada, não fico na organizada, mas fico perto.** Tipo, ali na 46, 45. Então... que é perto da Manguaça e perto da Raça. Aí, gosto de ficar nessa parte.

A entrevistada afirma que gosta de ficar perto das organizadas, “onde a galera canta” e é possível torcer em pé, daí sua preferência pelo norte superior. Ela diz que costumava assistir aos jogos do Flamengo junto à Urubuzada antes da reforma, posicionando-se agora num local parecido, porém um pouco mais perto da Manguaça e da Raça. Marcelo, por sua vez, costuma assistir aos jogos próximo à Raça desde o período anterior à reforma, posicionando-se, contudo, num local mais “tranquilo” atualmente, onde as bandeiras da torcida não atrapalhem sua visão do campo:

Entrevistador- Em que setor você costuma ver os jogos?

Entrevistado - **Agora, no novo já, só arquibancada mesmo.** Muito difícil eu ir em outro setor. [...] Eu não ficava ali próximo, dentro da Raça, mas eu ficava próximo. Mas mais pelo, pelo **barulho** mesmo, né? **E é sempre o lugar mais favorito do pessoal ir, né? Que aí, tá sempre cheio, sempre tem como tu cantar, berrar à vontade, xingar tudo que você quiser, sem ter problema algum de, em relação a isso.**

[...] Sempre fico no mesmo lugarzinho de sempre... Hoje em dia, eu sento no mesmo lugar, mas não fico gritando que nem... **Que ali na Raça, hoje em dia, não tem como tu ver o jogo mais tranquilo, né? Que é todo mundo em pé. Aí eu gosto de ficar um pouquinho mais no canto, que dá pra mim ver o jogo tranquilo. Tem aquele lance de bandeira na frente também, que atrapalha. Então, ali, eu achei, meu cantinho é ali. É certo de eu tá ali, em dia de jogo do Flamengo.**

Entrevistador- Você falou que prefere o setor norte. Mas prefere pelo preço do ingresso, ou por algo a mais?

Entrevistado - Por algo a mais, **eu acho que tem mais, é mais animado. É, isso te dá mais motivação pra você cantar com o time, apoiar o time.** Porque nos outros não são, não é **aquele pessoal que vai frequentemente**, é mais o pessoal que vai mais esporadicamente. Então, é o pessoal que vai sentado pra ver o jogo, então é mais calmo, é um pessoal mais devagar, vamos dizer assim, né? E o camarote é um pessoal diferente também, né?

Entrevistador- Você acha o setor norte mais emocionante que os outros setores?

Entrevistado - Sim, sim, é diferente. É diferente. **É que ali tá concentrado as torcidas, né? E quem vai frequentemente ao estádio, fica no setor norte.** Eu, como eu vou também direto, é até costume você ver as mesmas pessoas sentadas próximo do, se não for no mesmo lugar, próximo do mesmo lugar de sempre. Então, tu acaba vendo, **se tu for torcedor direto mesmo, tu acaba conhecendo, vendo as mesmas pessoas direto, no mesmo setor.**

O entrevistado afirma que prefere assistir aos jogos no setor norte superior, por ser a área de concentração das torcidas organizadas, bem como dos torcedores “comuns” que costumam ir ao estádio com frequência, o que tornaria este setor mais animado, servindo como motivação para que ele cante e apoie o time. Mais precisamente, Marcelo costuma assistir aos jogos próximo à Raça, por conta do “barulho” da torcida e por ser um local que está “sempre cheio”, onde é possível cantar, berrar e xingar à vontade – enquanto os setores laterais seriam frequentados por torcedores que vão ao estádio apenas esporadicamente, e preferem assistir aos jogos sentados, comportando-se de modo mais “calmo” e “devagar”.

Essa variação de comportamento dos torcedores nos diferentes setores do estádio – e também em diferentes pontos, dentro de um mesmo setor – aparece novamente no depoimento de Vinicius:

Entrevistador- Em que setor você costuma assistir aos jogos?

Entrevistado - Quando eu vou com a minha esposa, eu não fico no meio, né, da torcida, eu fico mais afastado, ali... É... quando eu vou, quando eu tô sozinho, eu fico, eu entro pela “F”... Eu sempre tô na “F”, ali, que é, que a Raça tá ali... E aí, quando eu tô com ela, eu vou pra “E”, ali, que é mais **tranquilo**, que aí a Urubuzada ali fica mais...

[...] **quando eu tô sozinho, eu sou um, eu tenho que ser... eu, eu torço mais. Quando eu tô com a mulé, eu não torço mais, porque eu tô longe, né? Então, a gente acaba que a, a... a cantoria é outra, a bateria tá do outro lado... e tal.** Mas aí, eu torço, xingo... e canto, sim, quando tá pra cantar. Mas a gente sabe que, quando, ali, tá, tá, **a cantoria é menos, menor, né? Quando tu tá na torcida, tu não para um minuto!**

Entrevistador- Então, mas você fica na... você falou, fica no norte mesmo, né? Com ela também você fica no norte, mas fica na Urubuzada?

Entrevistado - É, na “E” ali, na, no cantinho, mesmo, ali, que não tem muita torcida ali. Porque, pô, **pra tu tá na torcida, tu tem que tá cantando, né? Então, se tu tá escolhendo tá na torcida, é realmente pra cantar... Então, o pessoal cobra isso, de, de cantar na torcida...** e quando eu tô com ela, ela não vai ficar cantando... ela canta uma vez ou outra ali, sabe uma música ou outra... Então, não vou ficar ali, né? Também... expondo ela, num lugar desnecessário. **Agora, quando eu tô sozinho, só com a molecada... aí eu vou pra cantar mesmo, pra gritar...** E eu acho que dá pra fazer as duas coisas. Nego fala que, “ah, que quem grita, não vê o jogo”. Mentira... dá pra ver o jogo. É um ou outro, que, o cara que é puxador ali da torcida, que tem que abrir mão mesmo, pra... pra puxar a torcida, mas... dá pra cantar e ver o jogo, tranquilo... E é muito bom!

Entrevistador- E aí você fica lá no meio da Raça mesmo, ou fica, tipo, mais...?

Entrevistado - Não, **eu fico quase no meio da bateria mesmo**, assim, é absurdo o negócio! Gosto de ficar lá no **furdunço** mesmo, cara. **Que aí é a energia, todo mundo igual... num tem a energia... num tem aquela turistada, né? Que o Maracanã, esse Maracanã novo tá, tá marcado por isso, né? Pela turistada ali de, pessoal que não costuma ir...**

Quando vai ao estádio sozinho, Vinicius assiste ao jogo junto à Raça, quase “no meio” da bateria da torcida, comportando-se de modo mais efusivo, ou seja, torcendo e cantando com mais intensidade. Porém, quando vai ao Maracanã acompanhado de sua esposa, ele prefere acompanhar o jogo próximo à Urubuzada, comportando-se de modo um pouco mais contido, por tratar-se de uma torcida mais “tranquila”. Sua preferência por assistir aos jogos próximo à Raça se deve, em grande medida, à ausência daquilo que ele chama de “turistada”, ou seja, torcedores que vão ao estádio apenas esporadicamente, apresentando uma “energia” diferente da que seria típica dos torcedores mais assíduos. A “energia” encontrada neste local seria, aliás, um fator determinante para a preferência de Vinicius pelo setor norte superior, na comparação com os demais setores do estádio:

Entrevistador- E você já foi alguma vez no setor leste ou oeste?

Entrevistado - Nunca fui, cara. Nesse Novo Maracanã, não, né? Já fui, no antigo, eu ia, que era a arquibancada mista. Nesse novo, não. Não fui.

Entrevistador- Mas tem vontade de ir?

Entrevistado - Não, nenhuma! [risos]. [...] O Maracanã hoje tem uma visão, é, muito boa, entendeu? De onde você tiver, você vai ver o jogo, é... bem, entendeu? **Talvez, até seja melhor ver o jogo do lado. Só que a energia não é a mesma... pra mim, eu vou tá vendo o jogo em casa. Só que com a visão mais ampla. Mas, o calor da torcida... e a energia que eu, que eu queria passar pro time, eu não vou conseguir passar dali, entendeu?** Então, num vou ficar, porra, sozinho... num impulsiona ninguém. Então, só você ali... porque tu sabe que, né? **Quem tá do lado ali vai na vibe da de quem tá atrás do gol.** Então... que é, quem puxa a música é quem tá atrás do gol, ninguém puxa música do lado. Quem puxa uma ola é atrás do gol, e o pessoal só acompanha, entendeu?

Segundo o entrevistado, ainda que a visão do campo seja melhor nos setores laterais, acompanhar os jogos nessas áreas do estádio seria equiparado à experiência de assistir aos jogos em casa, devido à ausência do “calor da torcida” e pela impossibilidade de passar “energia” ao time – fatores que distinguiriam o setor norte, que em outra passagem ele afirma ser o lugar onde se encontraria o “coração da torcida”, donde partem os cantos e gritos de incentivo aos jogadores.

Assim como Vinicius afirma não ter vontade alguma de conhecer os outros setores do Novo Maracanã, Carlos diz que espera não “precisar” assistir aos jogos do Flamengo em outro setor que não o norte superior, pela falta de ingressos⁶⁴, por exemplo:

Entrevistador- Você pretende conhecer algum outro setor?

Entrevistado - Cara, espero... espero não precisar! [risos] Espero não precisar. É, a não ser... é porque, eu como sócio-torcedor, eu compro, compro rápido. Por exemplo, em 2009, quando ainda não era o Novo Maracanã, eu fui do outro lado, mas aí porque o Maracanã entupiu, não tinha mais ingresso... e foi a festa e tal. Eu gosto de ficar no mesmo lugar. **Eu sou o torcedor tradicional ali da arquibancada verde, ou amarela... não pretendo ir, não, não vejo graça...** porque, foi o que eu te falei, **eu não vou pra ver o jogo, né?** Talvez um jogo neutro, pra ver, sei lá, Fluminense e Botafogo. “Vai lá, Carlos, tu vai ter que escrever pro jornal, vai ver o jogo lá...”, aí eu vou lá ver o jogo... pra ver, pra analisar e tal, beleza. **Mas o jogo que, onde eu quero sentir a vibração... é na norte, não tem jeito!**

O entrevistado declara que só assistiria a um jogo nos setores laterais se fosse a trabalho, ou seja, se precisasse assistir e analisar a partida de outros clubes, na condição de jornalista esportivo. Todavia, enquanto torcedor do Flamengo, ele prefere acompanhar os jogos do clube no setor norte superior, para sentir a “vibração” da torcida – afinal, é principalmente com essa finalidade que ele vai ao estádio, e não simplesmente para “ver o jogo”.

O comportamento do público também é um fator fundamental para a preferência de Jorge pelo setor norte superior. Ele afirma que costuma assistir aos jogos nesse setor devido à presença das torcidas organizadas, que apoiam o time durante toda a partida, influenciando os torcedores à sua volta a fazerem o mesmo, enquanto o público dos outros setores, além de não apoiar com a mesma intensidade, teria o hábito de vaiar e cobrar excessivamente do time – seriam por isso mais “corneteiros”, como afirma Adriano. Essa diferença de comportamento contribuiu para que Jorge tenha tido uma experiência negativa no setor sul, onde teve de assistir à final da Copa do Brasil de 2013, quando ainda não era sócio-torcedor, e por isso não conseguiu comprar ingresso para o setor norte:

Entrevistador- Mas no Maracanã, depois da reforma, você já foi a outros setores além do norte?

⁶⁴ Essa foi a principal justificativa apontada pelos entrevistados para as ocasiões em que assistiram a jogos em outros setores do Novo Maracanã, que não o norte superior.

Entrevistado - Em 2013, a final, eu fui no sul. Eu não era sócio-torcedor. É, Flamengo e Atlético Paranaense, eu e meu filho, na final. **E foi bem ruim, assim, porque a torcida não queria cantar, queria ficar “senta, senta, senta!”**. Aí foi meio tumultuado, assim, porque **tinha muita gente que era de torcida, que não conseguiu comprar ingresso e foi na sul, não queria perder o jogo. E deu uma hora que invadiu uma galera no Maracanã**, não sei o que que aconteceu fora do estádio, que **começou a entrar um monte de gente estranha, invadiu mesmo o setor. Aí que, quando ficou em pé, cantando, não podia mais parar, que foi um pessoal de torcida. Parecia ser de torcida organizada. Aí começou a cantar, ficar em pé...** aí, aquele jogo ali, eu fui na sul, Flamengo e Atlético do Paraná. Eu vi o, eu vi a norte do outro lado [risos].

Segundo o entrevistado, sua experiência no setor sul foi “bem ruim”, pois o público queria assistir ao jogo sentado e não cantava para apoiar o time – situação que só mudou quando o setor foi “invadido”⁶⁵ por torcedores que Jorge presumiu serem membros de torcidas organizadas – que também não teriam conseguido ingressos para o setor norte –, os quais começaram a cantar e torcer de pé, influenciando os demais torcedores a fazerem o mesmo.

De modo semelhante, Alexandre afirma não ter gostado de assistir a uma partida no setor oeste, a não ser pela proximidade do banco de reservas, que lhe possibilitou xingar o treinador, como costumava fazer nos tempos em que frequentava a geral no Antigo Maracanã:

Entrevistador- E você já foi... já foi a algum outro setor nesse Novo Maracanã, ou só no setor norte?

Entrevistado - Não, fui uma vez no meio, entendeu? Assistir um jogo ali no meio. Mas, não gostei. [...] **Mas não gostei de assistir o jogo ali do meio não, entendeu? A vantagem foi só pra xingar o treinador, entendeu?** [...] É, mais pertinho. E na época que eu fui ainda era o Mano Menezes. [...] Pô... aí que deu pra xingar mesmo, entendeu? Mas aí depois, também, eu não fui mais. Aí, então, eu passei a comprar... abriu pra vender, eu tô querendo comprar.

Entrevistador- E aí, o que que você não gostou nesse...? Você falou que não gostou muito.

Entrevistado - É porque... aquele, assim, que **eu digo que não é muito torcida, são mais assistentes**, entendeu? Fica... tudo bem que **tem que ter um conforto, mas não é pra ficar tão tranquilo** assim, entendeu? Tão, né? **Tão passivo no jogo. E atrás do gol, não, é torcedor mesmo. O cara tá lá, xingando, gritando, berrando, fazendo... dando aquele incentivo que tem que ter.**

[...] **São torcedor assistente, num são torcedor, torcedor mesmo, entendeu? De empolgar, de gritar, de chamar... aí eu não gostei muito não. Bom, foi só pra xingar o Mano!**

Entrevistador- Mas o que você do comportamento desses torcedores?

⁶⁵ Também são muito comuns as “invasões” de torcedores do setor leste para o norte – ou seja, do setor mais caro e mais confortável, para o mais barato, algo motivado em grande medida pela “experiência de estádio” mais emocionante que se tem junto à torcidas organizadas, na área localizada atrás do gol.

Entrevistado - **Eu não tenho uma oposição, eu acho que eles não dão incentivo aos jogadores. Deixam o jogo muito por conta do jogador, entendeu? O jogador não tem a menor preocupação...** se fosse só aquela torcida ali do meio, pô, num ia ter, é... preocupação. Por isso que, de repente, até o ingresso mais caro. **Deve ser uma camada mais sofisticada, entendeu? E aí... eu acho que não se importa muito com o time. Quer ver, entendeu? E atrás do gol não... aquela rapaziada atrás do gol é o bicho! Se tu errar um passe de meio metro, já tão te xingando, vaiando, entendeu? Tem que acertar, é obrigado a acertar. Eu gosto disso.**

Alexandre não gostou de assistir ao jogo no setor oeste em virtude do comportamento passivo e excessivamente tranquilo do público, que seria composto por “assistentes”, ao invés de “torcedores”, ou seja, pessoas interessadas apenas em assistir ao jogo, mas não em influenciar o desempenho do time, sem serem também emocionalmente afetadas pelos acontecimentos no campo de jogo. O entrevistado atribui essa indiferença ao perfil sócio-econômico do público, que, em virtude do preço elevado dos ingressos, corresponderia a uma “camada mais sofisticada”, que “não se importa muito com o time”. Por outro lado, no setor norte, atrás do gol, encontrar-se-iam os “torcedores de verdade”, que “se empolgam, gritam, berram, xingam e vão” como forma de incentivar os jogadores e de cobrar um bom desempenho do time.

Por razões semelhantes, Leandro afirma ter tido uma experiência negativa no setor denominado Maracanã Mais – área especial, cujo ingresso é o mais caro do estádio, dando direito a um buffet, que é servido num *lounge* climatizado –, onde ele só foi por ter recebido um convite do próprio presidente do Flamengo:

Entrevistador- Você já chegou a frequentar outros setores no Novo Maracanã?

Entrevistado - Já, já, todos. Já fui, fui no Maracanã Mais... não fui comprando não, Bandeira que me deu.

Entrevistador- O que você achou dessa experiência?

Entrevistado - É legal, porra... [risos] mas não é aquele, **a emoção vem de lá da arquibancada, né, cara? Vem do povão, né? Onde tá as torcidas e tudo. Lá é mais o pessoal mais narizinho, que não fica gritando, só grita quando a torcida grita...** quando aquele grito inflama, aí você grita, quando é um gol que não dá certo, você não grita...

Apesar de todas as comodidades oferecidas ao público no Maracanã Mais, além da visão de campo privilegiada – por tratar-se de um setor situado na área mais central da lateral oeste do estádio, próximo ao banco de reservas –, Leandro reitera sua preferência pelo setor norte superior, afirmando que a “emoção vem da

arquibancada”, onde se encontram as “torcidas” (organizadas) e o “povão”, enquanto no Maracanã Mais o público seria mais “narizinho (em pé)”, e não fica “gritando” ao longo do jogo, manifestando-se somente nos lances mais importantes da partida. Em outra passagem, ele relata ainda o desconforto de sentir-se obrigado a se comportar de modo mais contido para “não fazer feio”, na medida em que estava ali como um convidado do presidente.

As melhores condições de conforto do Maracanã Mais e do camarote – setor mais luxuoso do estádio, para o qual não são vendidos ingressos, só podendo ser acessado mediante convites das empresas que os administram – também não foram suficientes para que Patrícia passasse a preferir estes setores ao norte superior:

Já fui pro camarote também, **o camarote é legal, assim, pra quem quer ostentar**, né? Ficar lá **sentadinho**, tem TV, frigobar, tem a porra toda. Mas, pra assistir o jogo mesmo, **pra vibrar, ter a sensação de estádio, você tem que ir pra torcida organizada, ficar lá no... na bagunça!** [...] Já fui em todos os setores, né? Então, fui no Maracanã Mais... Eu num, assim, é muito legal, é... mas **eu prefiro ficar na torcida! Lá na bagunça, como dizem [risos]**.

A entrevistada afirma que para “vibrar” e ter “a sensação de estádio” é preciso assistir aos jogos na “bagunça” das torcidas organizadas, daí sua preferência pelo norte superior. Érica também não gostou das experiências que teve nesses dois setores, em virtude do caráter mais “elitista” do público e de seu comportamento mais “contido”. E Marcelo, que também foi convidado a assistir a um jogo no camarote em uma oportunidade, não gostou dessa experiência, porque o público era composto por um “pessoal muito devagar”, que queria assistir ao jogo sentado durante toda a partida, levantando-se somente na hora do gol.

As entrevistas analisadas neste capítulo nos permitem concluir que a grande maioria dos entrevistados prefere assistir aos jogos no setor norte do Novo Maracanã, especialmente na parte superior, onde se concentram as torcidas organizadas, sendo oficialmente permitido permanecer de pé ao longo das partidas. A presença das organizadas e a permissão para torcer em pé contribuem para que os torcedores se comportem de modo mais “vibrante” nessa parte do estádio. Aliás, esse modo de torcer mais “vibrante” acaba se constituindo em si mesmo, num segundo momento, como mais uma razão para a preferência dos entrevistados pelo setor norte superior.

Na comparação do setor norte com os demais setores do estádio, o primeiro aparece como o espaço ocupado pelos “verdadeiros” torcedores, aqueles que têm o hábito de ir ao estádio com regularidade, desde o período anterior à reforma de arenização do Maracanã, comportando-se de modo mais efusivo durante as partidas. Nesse sentido, eles cantam, gritam, vibram e xingam na maior parte do tempo, com vistas a apoiar o time, procurando participar ativamente e interferir de modo efetivo – o mais efetivo a seu alcance – no desempenho dos jogadores e no resultado do jogo.

Por outro lado, em todos os outros setores, o comportamento do público seria mais contido, em virtude da presença de um número maior de pessoas que não teriam o hábito de frequentar o Maracanã assiduamente. Segundo os entrevistados, os frequentadores desses setores – a quem chamam de “turistas” ou “assistentes” – se dirigiriam ao estádio imbuídos apenas pelo interesse de assistirem aos jogos, de modo passivo, sem se preocuparem em torcer e cantar para incentivar o time a conquistar um bom resultado. Nesse sentido, eles preferem ver os jogos sentados e em boas condições de conforto a torcer de pé, comportando-se de um modo tão “tranquilo”, que chega a transparecer certa indiferença pelo que ocorre no campo de jogo. Para alguns entrevistados, esse padrão de comportamento, mais controlado e comedido, poderia ser atribuído ao perfil sócio-econômico do público nesses setores, composto majoritariamente por indivíduos de classe média e alta, enquanto o “povão” que acompanha os jogos no setor norte se comportaria de modo mais exaltado – diferenciação assentada numa articulação entre emoção e classe, que se forma como um desdobramento da oposição fundamental entre razão e emoção característica da “etnopsicologia ocidental” (Lutz e Abu-Lughod, 1990), como vimos no capítulo 4.

É importante destacar que os entrevistados também percebem diferenças no comportamento dos torcedores na comparação de diferentes lugares ocupados dentro de um mesmo setor – especialmente na comparação entre os níveis superior e inferior do setor norte, e das entradas “E” e “F” do norte superior. Mais uma vez, a presença das torcidas organizadas aparece como um fator relevante para essa distinção, bem como a maior ou menor proximidade em relação a determinados grupos de torcedores. Assim, o comportamento do público seria mais “vibrante” no nível superior, em comparação ao inferior, em virtude da presença das organizadas

no primeiro, sendo também mais vibrante na entrada “F”, em comparação à entrada “E”, em virtude da presença da Raça Rubro-Negra na primeira entrada, enquanto a segunda representaria o lado ocupado por torcidas consideradas mais “tranquilas”, como a Urubuza, a Manguaça e a Nação 12.

A preocupação manifestada por alguns entrevistados em escolher um setor e lugar mais “tranquilo” para assistirem aos jogos nos coloca diante de uma aparente contradição, pois sugere que eles também se dirigiriam ao estádio interessados em assistir passivamente aos jogos, apesar de condenarem de modo mais ou menos enfático essa atitude, comum aos “turistas”. Contudo, é importante salientar que o que eles condenam é o torcedor que vai ao estádio apenas para assistir ao jogo, comportando-se de modo passivo, o que significa deixar de cumprir com a “obrigação fundamental” do torcedor de apoiar o time.

No próximo capítulo, analiso as percepções dos entrevistados a respeito do perfil e comportamento do público no Novo Maracanã, destacando a equivalência entre o modo de torcer do público na nova arena e o padrão de comportamento do público nos setores laterais do estádio – ou melhor, em todos os outros setores, que não o norte superior.

9 O COMPORTAMENTO DO PÚBLICO NO NOVO MARACANÃ

Neste capítulo, abordo as representações dos meus entrevistados a respeito do perfil e do comportamento do público no Novo Maracanã. Uma das hipóteses de minha tese é a noção de que o processo de arenização do Maracanã teria contribuído para a mudança do perfil sócio-econômico e do comportamento do público, tornando a experiência de estádio menos “vibrante” ou emocionante. Essa mudança teria ocorrido, em parte, como consequência das modificações físicas realizadas em sua estrutura – com destaque para a instalação de cadeiras em todos os setores do estádio –, mas também em virtude da tendência de elitização que teria sido desencadeada pelo aumento do preço dos ingressos – levando ao estádio um público majoritariamente de classe média e, por isso, presumidamente mais contido, ordeiro e consumista –, e ainda pelo processo de disciplinarização, ou seja, pela imposição de novas regras de conduta (mais punitivas e proibicionistas) aos torcedores – especialmente a obrigação de assistir aos jogos sentado em lugar marcado, válida na maioria dos setores do estádio, e a limitação dos instrumentos e apetrechos permitidos para a realização da “festa da torcida” nas arquibancadas. A esses fatores, podemos somar ainda a própria oferta de melhores condições de conforto e segurança ao público – objetivo primeiro do processo de arenização –, tornando o estádio um espaço asséptico de controle e consumo, incompatível com os rituais de catarse coletiva a que estaria devotado no passado.

Com a transformação do Maracanã numa arena all-seater, frequentada por um público “civilizado” de classe média, teríamos, portanto, a emergência de uma nova forma de torcer, mais “contida” e “passiva”, ou ainda, menos “vibrante” e “passional” em comparação àquela que poderíamos encontrar no período anterior à reforma, havendo portanto um processo de racionalização da prática e da subjetividade torcedora.

Para pôr à prova esta hipótese, decidi interrogar meus entrevistados a respeito de suas próprias impressões sobre o perfil e comportamento do público no Novo Maracanã, questionando se eles percebiam algum tipo de mudança na forma de torcer do público a partir da reforma para a Copa e a Olimpíada. Em caso afirmativo, solicitei que especificassem as mudanças percebidas, bem como as

razões às quais eles atribuíam essas transformações, explorando ainda seus julgamentos e avaliações quanto à natureza dessas mudanças.

De modo geral, as impressões de meus entrevistados vão ao encontro das hipóteses elencadas acima. Ou seja, para a grande maioria deles, teria ocorrido de fato uma mudança sensível na composição do público do Maracanã e na sua forma de torcer e se comportar, que seria mais contida e passiva que outrora. Contudo, nem todos identificam a ocorrência de um processo de “elitização”, nem atribuem a mudança de comportamento do público ao *ethos* ou *habitus* mais “civilizado” dos torcedores de classe média. Tampouco se observa em seus depoimentos uma forte correlação entre a mudança de comportamento do público e as modificações físicas efetuadas no estádio – a não ser pela instalação das cadeiras. Por outro lado, praticamente todos os entrevistados destacaram, de algum modo, as novas regras de conduta e proibições impostas aos torcedores como fatores fundamentais para compreender a transformação das formas de torcer no Novo Maracanã.

Sobre a mudança de perfil e comportamento do público, Alexandre declarou o seguinte:

Com a mudança, teve o aumento dos ingressos, entendeu? E eu acho que acabou elitizando um pouco... tirou um pouco aquele povo, que tinha menos condições, entendeu? E, acoplado a isso, você também tem hoje a televisão, que compra todos os jogos, entendeu? E passa quase tudo que é jogo. Antigamente, jogo no Maracanã não passava na televisão de jeito nenhum, entendeu? Ou tu ia pro Maracanã, ou ouvia no radinho, entendeu? Hoje em dia não, o Flamengo joga no Maracanã, mas passa na televisão, entendeu? Se você tiver TV a cabo, então, tu vê como quiser... entendeu? Então, eu acho que isso também tirou o público do Maracanã. [...] Com um público mais elitizado, acaba trazendo **um comportamento mais tranquilo, entendeu? **Um comportamento mais suave**, entendeu? É... **onde o público ainda fica, assim, mais, é... aflito, digamos, é... um público mais antigo, ainda é nas organizadas**, entendeu? O resto, o povo já é, assim, mais tranquilo. Tanto que esses seguranças da Sunset conseguem conversar com as pessoas, pedir pra fazer, faz, tal... **tem uma obediência maior**, vamos colocar assim. E com aquele povo já ia ser mais complicado... o povo da geral, então, pô... nego ia ter, botar um segurança lá pra ele apanhar e ser jogado lá fora rápido, entendeu? Então, isso que eu tô dizendo, **essa mudança acabou trazendo um povo, entendeu? Um pouco mais... sofisticado pra assistir os jogos...****

[...] E a minha relação com o Maracanã, específico, eu acho uma relação muito boa. Hoje, eu acho **um estádio um pouco mais sofisticado**, é... um pouco mais, é... vamos dizer assim, é... **pra sociedade que gosta, assim, de assistir [ênfase] ao futebol, com determinado conforto**, é... com... nem digo que a segurança tenha aumentado tudo, tanto, mas também aumentou, que hoje já não tem mais invasão do estádio, como tinha antigamente. **Mas, o torcedor mesmo, que eu gostava de ver a torcida**

gritando, vibrando, incentivando o time, é... o Maracanã antigo, é, ainda era melhor.

Segundo Alexandre, o aumento do preço dos ingressos teria levado a um processo de elitização do público do Maracanã, especialmente pela exclusão dos torcedores mais pobres, ou do “povo” que tinha “menos condições”. Esse novo público, mais elitizado, apresentaria um comportamento mais “tranquilo” ou “suave” – mais contido –, observando-se ainda um nível maior de obediência, uma conduta mais ordeira, em contraste ao que se poderia observar na antiga geral do Maracanã, por exemplo. Somente em meio às “organizadas” poderíamos encontrar um torcedor mais “antigo”, ou seja, aquele que já frequentava o Maracanã regularmente antes da última reforma e, por isso, torce do modo “antigo”, comportando-se de maneira mais “aflita”, por apresentar um nível maior de envolvimento com o jogo e de engajamento emocional com o clube.

Com a reforma de modernização para a Copa, o Maracanã teria se tornado um estádio mais “sofisticado”, destinado a um público igualmente “sofisticado” interessado em **assistir** aos jogos em boas condições de **conforto**. Contudo, o entrevistado declara sua preferência pelo Antigo Maracanã, especialmente pela presença do “torcedor mesmo”, ou seja, o “verdadeiro” torcedor, que gritava e vibrava para incentivar o time. Em outra passagem, ele afirma que a experiência no Maracanã, antes da reforma, seria mais emocionante:

Emoção, acho que o antigo era mais... dava mais emoção. A torcida tava mais presente, frequentava mais e... tinha mais vibração. Acho que **o estádio tremia mais**, entendeu? O antigo do que esse. [...] Pô, **quando a torcida entrava, aquele monte de fogos, que hoje também não tem...** aquele monte de fogos [o entrevistado imita o barulho dos fogos], pô, aquela explosão, aquilo... o Flamengo entrando, e aquele monte de fogos explodindo era coisa de outro mundo! Hoje já não tem mais, entendeu? Mas... pela **segurança** foi bom? De repente, foi, né? Porque, na verdade, eu não sei quantas pessoas, naquela época, se queimaram, ou o que aconteceu... ou se teve destruição de alguma coisa do Maracanã e tal, num sei. Eu, particularmente, nunca vi ninguém sair queimado... mas a quantidade de fogos eram muitas, entendeu? E hoje não tem mais fogos...

Alexandre afirma que o Antigo Maracanã “dava mais emoção”, em virtude da maior presença ou frequência dos torcedores, ou seja, pela maior capacidade de público do estádio e pelas maiores médias de público registradas. Segundo ele, a torcida era mais “vibrante” e o estádio “tremia mais”, o que pode ser entendido no sentido literal, na medida em que a estrutura da arquibancada, de concreto armado,

efetivamente balançava, aspecto importante para que a estrutura não se rompesse. O entrevistado menciona ainda a queima de fogos que normalmente era realizada quando o Flamengo entrava em campo, prática não mais possível em virtude dos novos padrões de segurança.

Segundo Alexandre, a maior presença ou frequência dos torcedores no Antigo Maracanã, aspecto que tornava a “experiência de estádio” mais emocionante, ocorria em parte, pelo fato de os jogos do Flamengo “em casa” não serem transmitidos pela televisão. A partir do momento em que esses passaram a ser transmitidos pela TV a cabo – e mais ainda, com a maior adesão à TV a cabo e aos pacotes de PPV em tempos recentes –, as médias de público teriam diminuído, afetando negativamente a “experiência de estádio”.

Algo semelhante é destacado por Leandro, para quem o encarecimento dos ingressos, a facilidade para ver os jogos e a violência teriam afastado os torcedores do estádio. Em sua opinião, o Maracanã não teria acabado ou mudado – ou seja, não teria perdido sua “identidade” ou deixado de ser o Maracanã; antes, quem mudou foi o público, o torcedor:

O Maracanã acabou pra quem não quer ir mais, cara! Pro cara que não quer ir mais, aí fica inventando desculpa, que o Maracanã acabou... isso aí é fachada, cara! O torcedor que é torcedor, que gosta de ver seu time jogar, ele vai pro Maracanã. Se o time dele jogar no Maracanã, ele vai pro Maracanã.

[...] **O torcedor hoje que mudou, cara, não foi o Maracanã... Quem mudou foi o torcedor. O torcedor hoje não é mais igual antigamente não... aquele torcedor doente, fanático, que se, fica todo pintado, e que... entendeu? E que... faz loucuras pra ir no Maracanã.**

[...] **Hoje em dia, você não vê lágrimas, não vê o pessoal, quando uma vitória, suada, tu não vê nego ficar até o final chorando de emoção, coisa que, antigamente, tu... acabava o jogo, uma hora depois do jogo, nego tava lá, chorando de alegria, ou até de tristeza mesmo. Hoje em dia, no Novo Maracanã, sei lá, parece que o pessoal, mesmo que seja torcedor antigo, já se adequou ao Maracanã atual... não tem mais aquele modo de vibrar, de torcer igual antigamente era... tu levantava o pé, que tinha outro pé, igual ao metro lotado, né? Hoje em dia, não, o pessoal não faz mais aquele protesto que tinha antigamente, levava aquelas faixas...**

Segundo Leandro, a afirmação de que o Maracanã teria “acabado” ou perdido sua identidade seria um subterfúgio utilizado pelos torcedores que não vão ao estádio com regularidade para justificarem sua ausência – pois isso representa o descumprimento de uma importante obrigação moral para o “verdadeiro” torcedor. Em sua visão, o atual torcedor não seria mais “fanático” ou “doente” como

antigamente, mostrando-se incapaz de realizar “loucuras” para acompanhar o time no estádio. Trata-se, portanto de um torcedor menos apaixonado, o que poderia se atestado ainda pela ausência de “lágrimas”, ou seja, pelo fato de os torcedores não terem mais o costume de chorar, seja de alegria ou tristeza, após grandes vitórias ou derrotas testemunhadas no Maracanã. Para o entrevistado, esse comportamento menos passional seria uma característica do novo público; contudo, também se poderia observar uma mudança de comportamento dos torcedores “antigos”, que estariam agindo de modo mais contido, ou menos efusivo, adequando-se ao modo de torcer associado ao Novo Maracanã.

Em outra passagem, ele declara sua preferência pelo Antigo Maracanã, enaltecendo a sensação de liberdade proporcionada especialmente pela antiga geral:

[...] prefiro muito mais o antigo, cara. Gosto da época de geral, né, cara? Pô, tu se sentia, ali no Maracanã, tu se sentia livre, né? Hoje em dia, parece que tu tá preso, não pode ficar no corredor, tu não pode ficar em pé na reta da escada... tu não pode, tudo vem um guarda, “oh, sai daí! Oh, num pode ficar aí!”. Pô, aí, isso... pra gente que é torcedor, né? Que gosta de frequentar estádio... acho que perdeu a essência, perdeu aquela... aquela vibração toda. Igual o torcedor do Flamengo tá falando que a torcida do Flamengo hoje é nutella justamente por isso, só, só vai o pessoal que... num, só apoia, mas quando tem que criticar também, não critica, não cobra do jogador... então, o Novo Maracanã, o novo é bonito e tudo, mas eu preferia o antigo.

Em contraste à sensação de liberdade que se tinha no Antigo Maracanã, o entrevistado destaca a sensação de aprisionamento produzida pelas novas normas de conduta, que procuram limitar as formas de uso e ocupação do espaço por parte dos torcedores. Segundo ele, essas novas regras – bem como a repressão exercida pelos “guardas”, para garantir seu cumprimento – teriam levado à redução da “vibração” da torcida, contribuindo para que ela se comporte de modo mais “nutella”, especialmente pela falta de protestos ou cobranças por parte dos torcedores com vistas ao melhor desempenho dos jogadores.

O termo “nutella” consiste numa gíria normalmente utilizada em contraste com o termo “raiz”, num binômio onde este último designa algo considerado mais “tradicional” ou “original”, enquanto o primeiro designa uma forma de modernização que leva à degeneração ou perda da “essência”. Esse termo também foi utilizado por Fernando para caracterizar o comportamento do público no Novo Maracanã, que

apontou diversos fatores que teriam concorrido para a mudança das formas de torcer:

Hoje em dia você já não tem mais aqueles espaços na arquibancada pras torcidas organizadas. Hoje em dia, a pessoa, **se tornou um espetáculo**, entendeu? Tem, tem a questão da torcida, **hoje em dia é punida, é banida, às vezes suspensa.** Então, tudo isso influencia. Hoje em dia, o espaço pra torcida organizada é mínimo, entendeu? [...] A torcida do Flamengo, hoje em dia, tem Urubuzada, tem a Fla-isso, Fla-aquilo... antigamente, no Maracanã, era Raça e Jovem. [...] **Hoje em dia, não tem mais esse perfil... de torcida, assim, de arquibancada. Hoje em dia a coisa tá bem mais elitizada.** Tem que discutir isso! **Que o pessoal brinca, “ah, torcedor raiz, torcedor nutella”.** **É isso mesmo! Hoje em dia, tá assim, entendeu?**

Entrevistador- E como você avalia o comportamento desse torcedor nutella...?

Entrevistado - **Cara, eu te digo, é torcedor de moda.** Eu tô indo, eu vou sempre ao Maracanã... sempre! Entendeu? Agora, tem o torcedor de moda, que é o que tem... **“ah, só vou ao estádio se o Flamengo estiver ganhando”.** Porra, o, a Arena da Ilha tá, tá um absurdo de caro! **O Flamengo tá ganhando, o pessoal tá pagando o preço. Entendeu? Agora, se não estivesse ganhando, tu pode ter certeza que esse torcedor de moda não iria.** Mas tem muito torcedor ainda, antigo, com dificuldade, que paga ingresso, e sente necessidade de ir em todos os jogos. Hoje em dia, **eu sou aquele torcedor pai de família**, entendeu? Eu tenho a família pra ir, eu vou pensar na família antes. Entendeu? E por aí vai.

Segundo Fernando, a mudança de comportamento do público pode ser atribuída, em parte, ao espaço reduzido destinado às torcidas organizadas no Novo Maracanã – tendo em vista seu protagonismo na condução da “festa da torcida” nas arquibancadas –, bem como às frequentes punições impostas a elas, envolvendo até mesmo sua suspensão ou banimento dos estádios. O entrevistado menciona ainda a maior quantidade de torcidas organizadas existentes atualmente, o que leva a uma fragmentação das ações dos torcedores nas arquibancadas, impedindo, por exemplo, que eles cantem em uníssono, como se observava antigamente.

Em sua visão, hoje em dia não haveria mais o perfil do “torcedor de arquibancada” – aquele que frequentava a arquibancada com regularidade, apresentando um modo de torcer mais “tradicional” e “vibrante” –, pois o público teria passado por um processo de elitização, tornando-se “nutella” ou “modinha”, termo que designa pejorativamente o torcedor que só vai ao estádio nos bons momentos do time, ou seja, quando a equipe vem apresentando boas atuações e alcançando bons resultados. Em outra passagem, o entrevistado volta a caracterizar o comportamento menos “vibrante” da torcida no Novo Maracanã:

Hoje em dia, você tem menos torcida que cante, é diferente. Tem uma torcida que não é tanto de cantar. Você tinha duas, três músicas, hoje em dia, você ouve uma música no estádio do, do exterior, a pessoa adapta, hoje em dia, aquela moda, “ah, vamos fazer uma música...”. **Antigamente, a torcida cantava o hino, cantava “Oh, meu Mengão!”, e por aí vai... e a torcida inteira pulando. Hoje em dia, não dá nem pra pular por causa das cadeiras, cara!** Entendeu? Fui agora no Flamengo e... Vasco e Flamengo, porra! Eu fiquei bem acima da torcida do Vasco, a torcida do Vasco pulando e cantando o tempo todo! Não tinha cadeira. [...] **Isso é uma questão até mais arquitetônica...**

[...] **Eu conheço gente que, na torcida do Flamengo, porra, foi torcer, bicou a cadeira, na emoção, quebrou a cadeira... foi pro JECRIM. Entendeu? Se o cara vê você quebrando uma cadeira com um chute, você vai pro JECRIM! Aí é que tá... num momento de raiva, num é que a pessoa queira, “ah, vou depredar o estádio”. A pessoa se exalta, bica a cadeira, quebra... hoje em dia, tá mais contido, acho que mais por esse motivo do que... Tu vê a Arena da Ilha. Você foi de que, norte? [...] A pessoa fica mais em pé, mais pulando, entendeu? Mais animado. Por aí vai... o Novo Maracanã já não tem essa opção, tudo tem cadeira! Fica muito limitado.**

[...] Hoje em dia tem **restrição** de... porra, **eu sou da época do Maracanã do papel higiênico rosa! Porra, de jornal, hoje em dia não pode! Você só pode um número determinado de bandeiras, você... instrumento é limitado.** Entendeu? Por aí vai, cara.

Segundo Fernando, hoje em dia os torcedores cantariam menos que antigamente, o que ele atribui em parte à existência de um número maior de músicas entoadas pelas torcidas organizadas, dificultando a memorização das letras por parte do público – inclusive por parte daqueles que frequentam o estádio assiduamente. Além disso, ele afirma que hoje os torcedores teriam dificuldade para pular durante as partidas, em virtude do espaço ocupado pelas cadeiras – enquanto em estádios como São Januário ou a Ilha do Urubu, a ausência de cadeiras permitiria aos torcedores ficarem de pé, pulando e se comportando de modo mais “animado”.

Além dessa questão “arquitetônica”, o entrevistado se refere ainda às novas regras e proibições impostas aos torcedores, destacando a impossibilidade de utilização de rolos de papel higiênico como grandes serpentinas, como se fazia no passado, além da limitação do número de bandeiras e instrumentos musicais a serem utilizados pelas torcidas organizadas. Para ilustrar o exagero das novas regras e punições a que estaria submetido o público no Novo Maracanã, tornando seu comportamento mais contido, ele menciona o exemplo de um torcedor que foi

conduzido ao JECRIM,⁶⁶ após chutar e quebrar uma cadeira, num momento de raiva ou emoção intensa – reação que ele considera, portanto, legítima ou justificável, por se configurar não como um ato voluntário de vandalismo, mas sim como algo motivado pelo envolvimento emocional do torcedor com o jogo, e por seu engajamento afetivo com o clube.

O impacto das novas regras de conduta sobre o comportamento dos torcedores também foi mencionado por Jorge:

O Flamengo era mais, **a torcida inflamava mais** isso. Quando um adversário vinha pro Rio e o jogo fosse no Maracanã, o Fla... era muito, tinha muito aquele clima do... no dia do jogo, pô, o Rio de Janeiro todo. Aonde tu passava, tinha bandeira do Flamengo, no entorno aqui do Maracanã, era Flamengo, as estações... era mais. Hoje aumentou o número de torcedor, mas **um torcedor mais tranquilo com isso. Num vai comprar fogos, num solta fumaça. Não pode entrar com nada disso no estádio. A gente entrava com fogos, aqui, chegava aqui na calçada, morteiro, comprava pacote de doze por um, bomba, era fumaça. Hoje não tem mais. Mas isso aí é só o clima mesmo de, aquele clima diferente, momento diferente...**

Segundo o entrevistado, a torcida do Flamengo “inflamava” mais no passado, comportando-se de modo mais “vibrante” no trajeto para o Maracanã e em seus arredores, pois era permitida a utilização de fogos de artifício, explosivos e sinalizadores, inclusive no interior do estádio – com a proibição desses artefatos, o público se comportaria agora de modo mais “tranquilo”. Em outro momento, ele destaca a ausência da bateria – uma das punições mais comuns e recorrentes às torcidas organizadas – como um fator que impactaria de modo negativo sobre o comportamento do público:

Entrevistador- Você acha que o comportamento dos torcedores mudou?
Entrevistado - **Mudou. O que não ia ao estádio mudou mais, e o nosso comportamento também muda um pouco. A gente fica mais racional, em alguns momentos, se comporta diferente em alguns momentos. A torcida não tem a bateria, já é um motivo pro cara não ficar extravasando tanto como antes, a bateria com aquela coisa da torcida organizada de antigamente inflamava mais, hoje tá menos. No Maracanã, ainda continua aquele grito forte, mas menos do que era antes, com certeza. Diminuiu isso, essa, essa... essa vontade, né? De torcer... do torcedor, de cantar, de gritar, de apoiar... diminuiu.** E, com, conforme

⁶⁶ Juizado Especial Criminal, responsável por julgar delitos de menor potencial ofensivo, cuja pena máxima não ultrapasse dois anos de reclusão. Situações que configurem crimes mais graves, com pena superior a dois anos, são processadas pela Justiça Comum. Com a aprovação do Estatuto do Torcedor, em 2010, o JECRIM foi convertido em Juizado do Torcedor, passando a julgar também delitos configurados pela infração do referido Estatuto.

eu tô falando, **na decepção, quando cria expectativa e não atinge, isso fica mais evidente. [...] A torcida fica mais morna ainda, diminui ainda mais o apoio.** A maior parte, não todos. **Eu não sou esse torcedor, mas dentro da torcida do Novo Maracanã, ficou evidente isso... que tem muito torcedor do Novo Maracanã que é assim. Ele não está assim, ele é assim. Esse novo torcedor, ele apoia mais nas vitórias, nos momentos bons.** Alguns comentaristas da mídia tão começando a pegar pesado com isso, dizendo que **essa torcida não é a torcida que sempre foi...** a torcida que ele quer dizer é desse momento, **o atual torcedor.** Não o torcedor no geral... **pô, o flamenguista é muito fanático, cria uma expectativa surreal, acima do... né? Não vê a realidade. Sonha muito, vai além! Mas tem o torcedor novo do Flamengo que aquele cara mais do momento bom, quer ver o Flamengo bem, ganhar...** “Ah, porque investiu, tem jogador x, y, z, tem que ganhar!”. Não existe isso!

Na visão de Jorge, a mudança de comportamento do público no Novo Maracanã poderia ser identificada principalmente no modo de torcer daqueles que não tinham o hábito de frequentar o estádio antes da reforma; contudo, essa mudança também pode ser notada na conduta dos torcedores que já eram assíduos antes da reforma, e que se comportam hoje de modo mais “racional” (contido) em alguns momentos. De acordo com ele, teria diminuído a vontade do torcedor de cantar, gritar e apoiar o time, aspecto que se torna mais evidente nos momentos de decepção ou frustração, quando a torcida fica ainda mais “morna”.

Para o entrevistado, esse seria um traço típico do torcedor do Novo Maracanã, o novo ou atual torcedor, que só acompanha e apoia o time nos bons momentos, à semelhança do que nos disse Fernando a respeito dos torcedores “nutella” ou “modinha”. Assim como Fernando, Jorge condena esse tipo de comportamento, que consistiria no avesso do modo de torcer do “verdadeiro” rubro-negro, que é fanático e se mantém fiel ao clube, apoiando-o de modo incondicional, mesmo nos maus momentos:

[...] A gente tem que observar mais quem é **o torcedor do Flamengo de verdade**, [...] a experiência do **verdadeiro rubro-negro, que é o rubro-negro que não importa se tá na vitória ou na derrota, a gente tem que apoiar o time!** O torcedor de verdade de todos os clubes! O torcedor que é **incondicional!** Esse negócio de apoiar só na vitória é medíocre, é a coisa feia do esporte. O cara que só quer ganhar? Isso é feio. Isso aí é uma coisa que você num, num pode apoiar isso. Eu não apoio o torcedor do Flamengo que só quer ver o Flamengo vencedor, não apoio! Eu não apoio! Eu falo “não, eu tenho a minha opinião, você tem a sua. Você quer essa opinião pra você? Só vale a vitória? Leva pra você então! Mas pra mim, você **não vai me contaminar com isso!**”. **Eu sou torcedor que tem esse resultado negativo também, pode ocorrer!**

Segundo Jorge, outra característica desse novo tipo de torcedor seria o hábito de tirar fotos, filmar e utilizar o celular durante as partidas:

Hoje a torcida quer ficar no celular, tirando foto, filmando... [...] Mas hoje a torcida tem isso, de filmar, de tirar foto. Porra, jamais eu levei máquina pro estádio!

Entrevistador- Como que você avalia esse, o que que você pensa dessa...?
 Entrevistado - **É outra geração, tem que se adequar, né?** Não são... é uma **necessidade de exposição**, né? É uma geração diferente da minha, eu tenho 37 anos. Um jovem de 17, 20 anos de diferença pra mim... é **uma geração tecnológica demais**. O apelo da rede social é **um apelo de imagem**, ele tem que jogar assim. **Mas não critico não, não é crítica não, só é diferente da minha geração, que não se liga**. No estádio, tem isso, quem critica, pode ver, é de 30 anos pra cima. “Não tira foto!”, num sei o que, 30 anos pra cima. Garotada de 17, 18 anos quer, lógico que quer! **Tu acha que ele vai todo jogo? Num vai todo jogo! Nos poucos jogos que ele vai, ele quer filmar, tirar foto [risos]**. É uma geração que sente essa necessidade de exposição, né? Eu não vejo o mesmo clima do... **Eu vou pra ficar marcado com a lembrança de quem tá ali comigo. Não num papel, entendeu? Sabe como é que é isso? [...] O que vale é aqui oh, aqui dentro. Pra mim, o que tem importância é o que tá aqui dentro!** [o entrevistado aponta para sua cabeça].

Na visão do entrevistado, o hábito de tirar fotos e filmar durante o jogo seria um aspecto geracional, estando associado ao caráter mais “tecnológico” e à necessidade de exposição, que seriam típicos da juventude contemporânea, bem como ao “apelo de imagem” atrelado às redes sociais online. Embora não se oponha a esse tipo de comportamento, o entrevistado considera que esses torcedores mais jovens costumam fazer vídeos e fotos durante os jogos pelo fato de não frequentarem o Maracanã com regularidade, situando-os assim, de modo depreciativo, numa posição não muito elevada na escala de engajamento emocional pelo clube. Em contraste com essa necessidade de fazer registros em fotos e vídeos quando comparecem ao estádio, Jorge declara preferir deixar esses momentos marcados em suas próprias memórias.

A prática mencionada por Jorge também foi apontada por Anderson como uma característica do público do Novo Maracanã:

O que eu acho engraçado é que, assim, as pessoas falam assim “ah, o perfil do torcedor do estádio mudou!”. Não, cara, **o perfil da humanidade mudou! O perfil do torcedor é só reflexo disso**. Por exemplo, no ônibus... [...] quando você pegava ônibus no final dos anos 90 e início dos anos 2000, porra, a pessoa que tava se distraindo, ela tava fazendo o que? Ela tava lendo ou um jornal ou um livro, isso era meio básico. Ou tava com o jornal aberto, porque a gente ainda tinha essa coisa mais do jornal, que a internet meio que matou, ou tava com um livro. Quem quisesse, assim, né? Hoje em dia, o que que você vê? Celular. E a pessoa num, geralmente num tá lendo,

ela tá o que? Em rede social. Facebook, instagram, whatsapp, é só você olhar. [...] **É lógico que as pessoas mudaram, então, tem gente que vai pro estádio pra aparecer!** É igual aquela coisa do cara que viaja e às vezes não tá nem curtindo a viagem, porque ele tem que tá o tempo todo mostrando pras pessoas o que ele tá fazendo, né? Botando *stories* no instagram, botando num sei o que, fazendo videozinho... Então, o perfil mudou... **Eu não acho que tenha diferença do torcedor da Ilha pro torcedor do Maracanã, eu acho que o que tem é quantidade. Então, quando você aumenta a amostragem, quando você vai pro Maracanã, então, de repente, você vai pegar uma galera mais da antiga. Na Ilha, não.** Então, é só essa a diferença. **Mas o mesmo cara da Fla-selfie que tá na Ilha, ele tá no Maracanã. As pessoas ainda acham que não, que a Fla-selfie só vai pra Ilha. Não, vai pro Maracanã também! Entendeu?**

Entrevistador- Como você avalia o comportamento desses torcedores da Fla-selfie?

Entrevistado - **Cara, eu sou contra. Acho que podia tá em casa, entendeu? Acho que podia tá em casa.** Celular, cara, no estádio... eu entro, tiro foto. Filmo, de repente, quando a torcida tá entrando, cantando o hino, num sei o que. Pego aquilo ali, boto em modo avião e boto no meu bolso. No intervalo, às vezes, eu mexo. Depois, só vou pegar no final. É aquela parada, né? Isso sou eu, né? **Eu não vou ficar também fazendo cartilha do, “como o torcedor tem que se comportar”.** Eu acho escroto, acho às vezes que, pô... o cara, o cara pagou o ingresso, o cara se deslocou. Tem isso também, às vezes o ingresso é 50 pratas. Mas você não tá gastando 50 pratas, tá gastando 100, 150 pra ir. **E às vezes, tipo assim, tá tendo uma lance lá e o cara, assim, às vezes, assim, o cara tá, sei lá, conversando com alguém no whatsapp, eu já vi isso! Mas cada um com seu cada um. Eu acho estranho.**

Na visão de Anderson, a mudança de comportamento do público seria apenas o reflexo de uma transformação muito mais ampla no comportamento da própria “humanidade”, tamanha a extensão do hábito de se comunicar e interagir em redes sociais virtuais, através do celular, e de utilizá-lo para tirar fotos, especialmente *selfies*. Em decorrência disso, o entrevistado considera que hoje há pessoas que vão ao estádio apenas para “aparecer”, postando fotos e vídeos em suas redes de interação online. Embora muitos acreditem que esse comportamento seria mais comum entre os frequentadores da Ilha do Urubu, Anderson afirma que a “Fla-selfie” também estaria presente no Maracanã, utilizando este termo para designar de modo pejorativo esse tipo de torcedor. De acordo com ele, o diferencial do Maracanã em comparação à arena da Ilha seria a presença de uma quantidade maior de torcedores que fariam parte de “uma galera mais da antiga”, os quais torceriam, portanto, do modo “antigo” ou “tradicional”.

Embora negue a intenção de determinar de que modo os torcedores devem se comportar, o entrevistado se declara taxativamente contrário a esse tipo de conduta, considerando que os integrantes da Fla-selfie deveriam assistir aos jogos em casa, na medida em que pagam caro para ir ao estádio, mas passam o jogo

tirando fotos e interagindo através do celular, sem nem mesmo prestar atenção à partida.

Essa mudança do modo de torcer, sintetizada pelo comportamento da *Fla-selfie*, também é destacada por Vinicius. Para ele, a transformação do comportamento do público no Novo Maracanã seria causada pelo torcedor que passou a frequentar o estádio apenas depois da reforma de arenização:

Então... acabou que o pessoal... **quem, quem já frequentava os dois lados, num mudou, por isso, entendeu? Mas o camarada que começou a ir no Maracanã agora, só no Novo Maracanã, ele torce diferente. Entendeu? Ele se comporta diferente. O camarada consegue ir pra ficar sentadinho no canto dele ali, sem torcer. Num, antigamente, tu não conseguia. Tu não ia sentar na arquibancada, tava todo mundo em pé, não tinha ninguém que ficava sentado, impossível!** Hoje não. Hoje, se tu for na “E”, tu vai escutar **nego te cobrando pra ver o jogo sentado**, entendeu? Um exemplo, na... na norte ali, mesmo sendo na norte, do lado da entrada “E” ali, tu vai escutar “Pô, senta aí! Num sei o que, senta aí!”. [...] Se tu sentava, tu não via o jogo, entendeu? Porque **era o contrário, ninguém cobrava sentar... tinha um lugarzinho ali pra sentar, mas ninguém sentava.** Hoje não, hoje, com esse negócio de “Ahh, FIFA...”, tem que tá todo mundo sentado... **Num tem que tá todo mundo sentado. O estádio tem que ter lugar pra todo mundo sentado, mas... não tem que torcer sentado, gente! Não tem...**

Vinicius afirma claramente que o comportamento do torcedor que já frequentava o Maracanã antes da reforma não teria se modificado, mas aquele que passou a frequentá-lo somente depois “torce diferente” e se “se comporta diferente”, pois prefere e consegue ficar “sentadinho no canto dele, sem torcer” – não apenas porque agora é possível, mas também porque seu nível menor de envolvimento com o jogo o permite se portar desta maneira. Segundo o entrevistado, esse tipo de comportamento pode ser observado inclusive no setor norte superior – onde se localizam as torcidas organizadas e é oficialmente permitido permanecer de pé durante as partidas, sendo por isso considerado o setor mais “vibrante” do Novo Maracanã pela maioria dos entrevistados –, mais precisamente na imediações da entrada “E”, onde se situam torcidas mais “tranquilas”, como a Urubuzada e a Nação 12, que atraem um público composto por “turistas”, que preferem permanecer sentados e ficam o tempo todo “mexendo no celular”, tirando fotos, filmando e interagindo nas redes sociais, sem nem mesmo prestar atenção ao jogo:

Entrevistador- O que que você acha do comportamento desses torcedores?

Entrevistado - Pô, cara, num, esse... é complicado, cara. Num a... num sei, **eu acho que não é o lugar**, né, cara? É o, é o que eu to falando... **O camarada num, num sabe o espírito... Num é, num é que não sabe, não encara como eu. Não vou dizer que, que eu sou o certo, né? Mas eu acho que é isso, eu tô no Maracanã, é pra cantar, pra apoiar meu time, num é pra tá tirando foto!** O Maracanã hoje... porra, vai reabrir o Maracanã... eu vou voltar no celular sem nenhuma foto, cara... tu pode ter certeza disso! **Eu não tiro foto!** Muito difícil, cara. Num vou tirar foto, a mulé que vai tirar foto lá dela e tal, mas eu não tiro foto... me perguntar foto do Maracanã, eu tenho pouca, pô... entendeu? **No máximo, no intervalo ali, agora, no meio do jogo, eu tirando foto?! Não, a energia não é essa... pra mim, eu tô no Maracanã, é pra ver o jogo, é pra torcer!** Entendeu? Então, pô, vou, levo o celular, porque tenho que levar... pra não ficar incomunicável, se acontecer alguma coisa, se perder e tal, a mulé se perder de tu e tal... Mas... **eu não acho certo esse comportamento de, de... torcedor da selfie, né? Que o pessoal critica e tal. Eu também critico, cara!** A gente, porra... vou pra lá pra... aí tem a hora, **eu acho que tem a hora, né, cara? Tem a hora do intervalo, de tirar uma foto, descer lá e tal, beleza! Agora, pô, durante o jogo, pô?! Nego tá no whatsapp, nego tá, pô, mandando um áudio, num sei o que, nego tá nem aí pro jogo, pô, a mulé filmando a torcida do Vasco do outro lado! Pô, me tira do sério, cara, isso... me tira do sério, assim, porra, impressionante... absurdo a parada!**

O entrevistado critica com veemência esse tipo de conduta, especialmente porque se manifesta na hora e no lugar considerados por ele inapropriados – o correto seria que se dirigissem aos setores laterais, onde é obrigatório assistir aos jogos sentado em lugar marcado, e tirar fotos apenas “quando a bola não está rolando”, ou seja, antes do início da partida, depois que ela termina, ou durante o intervalo. Na visão de Vinicius, o “torcedor da *selfie*” não conhece ou não compartilha do “espírito” do “verdadeiro” torcedor, pois vai ao estádio movido por razões outras que não cantar e apoiar o time – ou seja, o “novo torcedor” se caracterizaria justamente por não se comportar como um “torcedor de verdade”, daí o fato de alguns entrevistados evitarem até mesmo utilizar este termo para designá-los.

Essa recusa aparece de modo muito claro no depoimento de Leandro. Assim como Vinicius, esse entrevistado afirma que costuma assistir aos jogos em pé, “na reta da escada”, posicionando-se, contudo, num lugar mais próximo à Manguaça. Embora prefira torcer de pé, ele se mostra inicialmente compreensivo com os torcedores que preferem permanecer sentados, exigindo ainda que os outros façam o mesmo, pois estariam no seu direito como “consumidores”. Em sua visão, a instalação de cadeiras e a obrigação de assistir aos jogos sentado em lugar marcado teriam contribuído para atrair ao Maracanã um público mais “familiar”, mudança que ele interpreta como positiva. Contudo, em outro momento de seu

depoimento, Leandro declara sua preferência pelo Antigo Maracanã – e pelo antigo modo de torcer –, criticando de modo mais severo a conduta daqueles que ficam sentados, mexendo no celular:

Então, acho que eles fizeram isso, até por esse tal de padrão FIFA, né? Mas eu não gosto não! **Eu prefiro o modo antigo... tu fica apoiando teu time lá, o tempo todo. Sentado aqui, tu fica, sentado... a torcida canta, começou a inflamar, aí é que tu levanta. Em pé não, tu tá ali naquele movimento, tu tá gritando, né? Toda hora tem grito de torcida!**
 [...] **O pessoal em pé é mais participativo, né?** O geraldino, ele, pô... em pé ali, gritando, tal, tal, e sentado não, tu... eu num sei, eu num, **eu num gosto de ver jogo, particularmente, sentado, só vejo jogo em pé. A pessoa que vê sentado é que fica gritando “Abaixa! Levanta! Senta, senta! Eu paguei pra ver o jogo!”.** Pô, e pra mim, eu acho que isso aí não é torcedor, cara! torcedor, cara, esquece tudo que tá lá fora, vai, 90 minutos, apoia o time... se perder, faz lá seu protesto, se tiver que fazer... mas tem que esquecer tudo que tá ali, 90 minutos, tem que apoiar o time... o torcedor que vai pro Maracanã pra ficar sentadinho em cadeira, mexendo no celular e... no whatsapp, e facebook, mandando mensagem, eu não considero torcedor! **É torcedor nutella, como dizem aí.** Eu não, só pego meu telefone lá, tiro uma foto ou outra quando eu chego e acabou, não mexo mais no telefone. **Depois, é 90 minutos lá, que eu fico lá... gritando lá, igual maluco.**

De acordo com Leandro, o torcedor que acompanha o jogo de pé é mais “participativo”, cantando e gritando o tempo todo para apoiar o time, com vistas a interferir no desempenho dos jogadores e no resultado do jogo – daí sua preferência pelo “modo antigo” de torcer. Abandonando a posição mais moderada apresentada no início da entrevista, ele afirma no trecho acima que o sujeito que vai ao estádio preocupado em assistir ao jogo sentado e com conforto, e fica o tempo todo “mexendo no celular” e tirando fotos não deve ser considerado torcedor, pois sua obrigação seria ignorar ou superar qualquer tipo de adversidade para apoiar o time durante toda a partida. Para qualificar este novo tipo de torcedor, Leandro lança mão novamente do termo “nutella”.

Outro entrevistado a manifestar incômodo com o padrão de comportamento do público no Novo Maracanã foi Adriano. Ele afirma que, num primeiro momento, gostou de algumas novidades trazidas pela reforma de arenização, como a nova iluminação do estádio – que se altera conforme o time detentor do “mando de campo” – e a maior proximidade do campo, mudando de opinião ao perceber que o comportamento da torcida não era mais o mesmo:

Eu achei, assim, essa coisa da iluminação, a proximidade do campo... no início, isso me chamou a atenção. Mas depois eu vi, eu percebi que, assim, **mudou a torcida, meio que, o perfil da torcida, assim, não é mais aquela torcida que... pô, cantava o tempo inteiro, muita gente preocupada em tirar *selfie*, uma coisa que... isso me incomoda um pouco.** Não que eu não tire, mas assim, **o jogo rolando, o Flamengo perdendo, e o cara tirando *selfie*, sorrindo, aparecendo no telão, entendeu? Assim, umas coisas que, pra quem é torcedor mais antigo, assim... não que eu seja antigo, mas, que pegou a fase, pegou a fase pré-tecnologia...**

Segundo Adriano, a torcida não é mais aquela que “cantava o tempo inteiro”, pois as pessoas estariam agora mais preocupadas em tirar *selfies*, prática que lhe causaria certo incômodo, por ser ele um torcedor mais “antigo”, socializado no modo de torcer da era “pré-tecnologia”. Alinhado a outros entrevistados, Adriano critica principalmente o fato de esses torcedores tirarem fotos no decorrer das partidas, sorrindo inclusive quando o time está perdendo, o que consistiria numa demonstração de indiferença ou descaso pelos acontecimentos no campo de jogo, inclusive no plano subjetivo ou emocional. Na visão do entrevistado, porém, esse novo padrão de comportamento não teria sido determinado necessariamente pela reforma do Maracanã, estando mais associado à expansão do uso de smartphones, mais ou menos coincidente com a reestruturação do estádio:

[...] Não sei nem se é a questão do Novo Maracanã. Talvez, o Novo Maracanã veio muito com... calhou de, **o boom do smartphone veio junto com o Novo Maracanã**, tem essa coisa também. Mas eu vejo que as pessoas hoje, elas, é... num sei se, elas **não chegam ao estádio com aquela expectativa e tal de, entendeu? de querer ficar focado ali.** Tem jogos que isso acontece. Por exemplo, esse jogo contra o Barranquilla, no Maracanã, a torcida tava, porra, muito focada, assim, no jogo. Tipo, **jogando junto** mesmo. Já na Copa do Brasil, na final, eu já não senti isso, já senti **uma torcida ansiosa, nervosa**, entendeu? Querendo que saísse logo o gol. Então, num sei se é pela questão da importância da partida, ou se é o público mesmo que mudou. Eu **acredito que seja o público, sim. Eu acho que o público que vai hoje ao Maracanã, nesses jogos grandes, é um público que quer ver um espetáculo, assim, então, se o time tá mal, vaia, entendeu? se o time tá bem, bate palma. Num tem aquela química que tinha com, quando o Flamengo... a torcida pegava o time no colo e carregava? Num tem mais isso.**

Tendo em vista os novos objetivos que o levam ao estádio, o público do Novo Maracanã não conseguiria se manter “focado” ou concentrado no que ocorre no campo de jogo, mostrando-se incapaz, por conseguinte, de “jogar junto” com o time e “carregá-lo no colo”, nos momentos de dificuldade. Não se observaria, portanto, a mesma química – ou ainda, “empatia” e “sinergia”, nos termos de Érica e Carlos,

respectivamente – entre time e torcida. Trata-se de um público que se comporta de modo mais “ansioso”, porque vai ao estádio na expectativa de presenciar um “espetáculo”, esperando que o time jogue bem e construa logo um bom resultado, sem se importar em cumprir com sua “obrigação” de torcer e apoiar os jogadores para que alcancem esse objetivo. O entrevistado volta a falar sobre a ansiedade do novo público em outra passagem:

Ah, se você pegar o Maracanã antes, ele **era o estádio mais democrático que tinha**. Porque, assim, você **tinha espaço pra todas as classes sociais...** de renda. Geral, cadeira, arquibancada, cadeira especial, que eram preços diferentes. Como eles fizeram agora, **não tem mais como separar um setor popular**. Então, os ingressos ficaram todos muito caros. [...]. Então, assim, ficou um estádio caro. E **um estádio caro e com menos setores, né?** Então, **o público que vai hoje é um público que tem dinheiro. Ou o cara que se associa, vira sócio-torcedor, e escolhe um jogo pra ir, porque num dá pra acompanhar sempre**. Então, você percebe isso. Por exemplo, é... **em jogos de grande demanda, você vê que tem muita gente de fora do Rio**. Na final da Copa do Brasil de 2013, eu percebi, cara. [...] Então você tem um público que às vezes chega nesses momentos, **não sabe torcer... porque fica muito eufórico**. E, tipo, acho que final, o jogador tá nervoso, tá todo mundo nervoso, mas **a torcida tem que estar ali pra... tipo, apoiar, não pra deixar mais nervoso**. E eu percebi isso, que nesses jogos grandes, a torcida, ela fica mais ansiosa, justamente por causa disso. **Porque são pessoas que estão indo e que nunca foram**. [...] Então, é isso. Eu acho que o público mudou muito por causa disso. Porque não é aquele público que, pelo que eu percebo, **não é aquele público que acompanha o time ao longo do ano** e chega na final e “pô, é o momento, é a final”. Não, “pô, é final, quero ir”, entendeu? “mas nem sei quem é que vai jogar”. Ah, quem vai jogar contra quem? “Ah, é um time da Argentina”. Tem pessoas assim lá, sabe?

Segundo Adriano, o Maracanã era o estádio mais democrático que existia, pois dividia-se em diferentes setores, cujos ingressos se encaixavam em diferentes faixas de preços, comportando torcedores de todas as classes sociais. Com a reforma, ele teria se tornado um estádio “caro” – devido aos custos necessários para seu funcionamento –, levando, por conseguinte, a uma correspondente elevação do preço dos ingressos. Esse fator, somado à limitação espacial do setor mais “popular”, na nova configuração da arquibancada, faz com que o Novo Maracanã seja frequentado por “um público que tem dinheiro”. O entrevistado refuta, no entanto, a tese de que teria havido um processo de elitização, por considerar o termo “muito forte” para descrever a transformação processada no público do Maracanã.

De acordo com ele, o que acontece é que, com o encarecimento dos ingressos, tornou-se mais difícil para o torcedor – mesmo o mais engajado – ir ao

estádio com frequência, sendo necessária a adesão ao programa de sócios-torcedores – em si mesma, também onerosa – para conseguir descontos. Nesse sentido, teria aumentado a quantidade de pessoas que vão ao estádio apenas esporadicamente, as quais estariam dispostas a pagar um valor elevado pelos ingressos, por tratar-se de um gasto extraordinário. No entanto, esse público “que não acompanha o time ao longo do ano” e só vai ao estádio de modo bissexto “não sabe torcer”, comportando-se de modo “ansioso”, “nervoso” ou “eufórico”, principalmente em partidas importantes. Esses torcedores não saberiam, portanto, como se comportar e como gerir suas emoções, de modo a apoiar o time e impedir que seu “nervosismo” seja transmitido aos jogadores – o que podemos entender como uma forma indesejável de “sinergia”, “química” ou “empatia”.

Em outro momento da entrevista, Adriano afirma que a “experiência de estádio” teria se tornado “chata” ou desinteressante no Novo Maracanã:

Eu, eu considero estádio, hoje, chato. Porque não tem mais nada do que tinha. Você tinha, **além das preliminares, você tinha a festa das torcidas, né? Entrada de bandeiras, tinha bandeirão... tinha o sinalizador, papel higiênico, papel picado...** tinha, assim, eram umas coisas que, era um ritual, que você participava ali, e você esperava por aquilo também, né? **Não era só pra ver um jogo...** e hoje você não tem. Então, hoje eu considero, assim... **Eu vou porque meio que é um vício, né?** Mas é uma experiência que, se eu fosse criança hoje, talvez eu não me impactasse como eu me impactei na primeira vez que eu fui, entendeu? Porque num tem nada lá dentro, num tem um atrativo, assim, pra uma criança olhar e falar “pô, me impressionei!”, sabe? É uma coisa... **Hoje o Maracanã tá frio, assim, num... até mesmo pela forma como eles fizeram a arquibancada, né? Antigamente, a arquibancada, você, você não via o fundo dela.** Não sei se você... se você estivesse lá embaixo e olhasse, você não via o fundo dela. **Você tinha aquela noção de gigantismo, né?** Hoje você não tem mais isso, você consegue ver lá, o cara lá em cima, dando tchau pra você, né? Então, assim, **virou uma coisa, assim, comum, fria, num sei...** E assim, **eu vou porque é o Flamengo, tá jogando lá,** mas assim, não... **Se o Flamengo falasse “pô, vamos pegar o Maracanã!”, eu... seria indiferente, assim. Se fosse aquele Maracanã, “não, tem que pegar o Maracanã! Tem tudo a ver com o Flamengo, tem tudo a ver com a torcida e tal”, mas hoje...**

A experiência de estádio teria se tornado “chata” em virtude da ausência de determinados elementos que contribuíam para atrair o torcedor ao Maracanã, no passado, para além do jogo em si, tais como as bandeiras, sinalizadores e o papel picado, que eram utilizados na realização da “festa das torcidas” na arquibancada, antes mesmo do início do jogo – elementos cujo uso se encontra agora proibido ou limitado pelas novas regras de conduta. Segundo Adriano, a reforma do Maracanã

teria tornado o estádio uma coisa “fria” e “comum”, especialmente pela eliminação da “noção de gigantismo” que caracterizava a antiga estrutura. Diante disso, o entrevistado afirma que não teria interesse numa possível administração do Novo Maracanã por parte do Flamengo, por considerar que o estádio reformado não combinaria mais com a imagem “popular” do clube. Ele diz ainda que só continua frequentando o Maracanã assiduamente, nos dias de hoje, por ser o lugar onde o Flamengo manda a maioria de seus jogos, e porque a ida ao estádio consistiria numa espécie de “vício” para ele.

Adriano foi um dos poucos entrevistados a apontarem as mudanças físicas realizadas no Maracanã como um fator importante para a mudança de comportamento do público e da “experiência de estádio” na nova arena, para além dos efeitos da instalação de cadeiras. Esse aspecto aparece com ainda mais força no depoimento de Fabiano, que declara sentir apenas “raiva” em relação ao Novo Maracanã, e que teria ficado tão “puto” com as consequências da reforma, que não teria lembranças muito claras da primeira vez em que foi ao estádio remodelado. Desse encontro, ele só recorda o descontentamento que sentiu com o comportamento do público:

Pô, cara, tu vai... vai pro estádio, porra, chega lá, todo mundo te, é... a preocupação é foto! Num tem aquele calor... porra, o negócio do Maracanã era, era aquela gritaria, é... assim, não que os torcedores de classe C ou D são mais torcedores que os de classe A ou B, não, mas aquela parada mesmo de, de, que a gente fala, de favela, aquele sanga latino mesmo! Pô, é diferente, cara!
 [...] Parece que são turistas, que acham tudo bonito, e “vamos tirar foto!”, e “vou...”, sabe? “Tirar uma *selfie* pra mostrar lá que eu tô”. O jogo em si passa, passa a ser uma coisa do segundo plano, sabe?

A exemplo do que vimos em outras entrevistas, Fabiano afirma que os torcedores no Novo Maracanã se comportariam como “turistas”, estando mais preocupados em tirar fotos e *selfies* para postar em suas redes sociais, do que propriamente em assistir ao jogo e apoiar o time, não se observando mais o “calor” e a “gritaria” que caracterizavam o comportamento do público antes da reforma. Segundo ele, isso se daria em parte pela mudança do perfil sócio-econômico dos torcedores, que agora seriam predominantemente de classe média, com a ressalva de que os mais pobres não devem ser considerados necessariamente “mais

torcedores” que os mais ricos – pois o nível de engajamento emocional com o clube não é determinado pelas origens de classe do torcedor.

De todo modo, o entrevistado acredita que a elevação do preço dos ingressos teria contribuído para que o Maracanã – e também a Ilha do Urubu – passasse a ser frequentado por torcedores “modinha”, que só vão ao estádio nos bons momentos do clube:

Então, o torcedor modinha, cara... ele vai pela fase do clube, entendeu? tanto tá aí que... vou te separar as coisas. O torcedor que eu costumei a ver são aqueles caras que vão pro Maracanã, que não penteiam o cabelo, aqueles caras sem dente... aqueles caras, eles gritam o tempo todo, cara! Aqueles caras sem camisa, aqueles caras fedendo [risos]. Eu não vejo mais isso, é todo mundo arrumadinho, com telefone, cara! Poxa, eu fico vendo, assim, eu fico, eu... eu fico indignado, o cara... tá todo mundo ali cantando, o cara tá filmando o cara, a torcida cantar! Não seria legal se ele largasse o telefone e ajudasse a cantar pra incentivar o time?! Então, assim, na Ilha eu tô vendo isso, né? É, a torcida não tá cantando! [...] Mas aí, o que acontece é que quando o cara vem de outro estado pra cá, o organizado, canta e acaba até ofuscando a torcida local! Por quê? Porque, é... eu vi... uma amiga minha tem frequentado ali, me falou que o pessoal da organizada, de uma das organizadas do Flamengo, reclamando... gritando “vamos cantar!”, e as pessoas lá filmando, olhando...

Segundo o entrevistado, o torcedor “modinha”, que vai ao estádio “arrumadinho” e portando seu celular, ao invés de passar o jogo tirando fotos e filmando os outros torcedores que estão cantando, deveria se juntar a eles para cantar e apoiar o time também. Em sua avaliação, esse perfil de público e seu padrão de comportamento seriam radicalmente diferentes daquele encontrado entre os torcedores mais pobres, que frequentavam o Maracanã antes da reforma – os excluídos do processo de arenização –, os quais eram “desdentados e iam ao estádio sem camisa, fedendo e sem pentear o cabelo”, mas passavam o jogo todo gritando para incentivar os jogadores – uma caricatura eivada de preconceitos, mas que aparece aqui de modo positivo, em função do nível de engajamento emocional atribuído a esse perfil de torcedor. Em outra passagem, Fabiano esclarece que o torcedor “modinha” não estaria presente somente na Ilha do Urubu, podendo ser encontrado também no Novo Maracanã:

O Maracanã é outra coisa também. Eu vou porque eu tenho toda uma história ali, aquela ida pro Maracanã e tal. Mas quando você chega ali, acontece a mesma situação da Ilha do Urubu! Ou até pior, porque, por ser o Maracanã, então, é... eu acredito que até, não só flamenguista, quem

gosta do espetáculo, né? Do jogo, até vai também. E o preço também, cara! Como eu te falei, cara, esses, esses caras, **esses caras sem dente, esses caras não vão pro Maracanã, pagar 100 reais num ingresso!** E... lance até cultural que eu acho, porque... num é nem preconceito não, que eu não tenho essas coisa não, mas **eu vejo que o povão, ele tem mais calor pra incentivar o time! Entendeu?** Uma vez eu vi um comentarista da Rádio Globo falando isso, se você botar o ingresso a 100, 200 reais, 300 pra um jogo do Flamengo, vai lotar, porque o flamenguista vai ir! Vai lotar, botando a 1 real ou a 100, vai lotar! **Mas o cara que paga 100 reais, 200 reais, é o cara que, quando for gol, ele vai bater palma, ele não vai pular!** Na minha época... **claro, o mundo mudou. Mas assim, mas eu acho que no futebol, não deveria mudar!** Eu lembro na minha época, quando fazia, quando tinha gol, o que fosse. Quando o time embalava dentro dum jogo... cara, **você abraça pessoa que você nunca tinha visto na sua vida! Você abraçava uma mulé que tivesse do teu lado, bonita ou feia, podia tá com o marido do lado, o cara nem ligava! Era aquela coisa do, sabe? Hoje não dá! Hoje... às vezes é difícil até você conversar com alguém do teu lado sobre o jogo!** Eu falo isso pro meu filho, ele fica assim “puxa, cara...”, porque ele escuta meus amigos também falar, né? ele fala assim “pô, tem coisas que eu queria ter vivido na sua época!”.

De acordo com Fabiano, a torcida do Flamengo é capaz de lotar o Maracanã, independentemente do preço cobrado pelos ingressos. Contudo, o perfil do público e seu padrão de comportamento tende a ser diferente se os ingressos forem mais caros ou mais baratos, principalmente pela exclusão dos mais pobres, no primeiro caso, o “povão”, que tem mais “calor” para incentivar o time, comportando-se de modo mais efusivo, abrindo-se espaço para a presença de um público majoritariamente de classe média, que se comporta de modo mais contido, limitando-se a bater palmas na comemoração de um gol, ao invés de pular. Em outra passagem, o entrevistado volta a destacar essa diferença dos padrões de conduta dos torcedores, de acordo com seu perfil de classe:

Eu vejo assim, não de modo geral, mas... você vê o europeu, ele tem uma forma diferente de agir, né? O latino tem a dele. É... pode ser, num é preconceito, mas é uma coisa que eu vejo, assim, é... **a classe média, a classe B e a classe A tem mais aquele sangue europeu, entendeu? As classes inferiores, mais o latino. O latino é mais calor, o europeu não... aí, é uma comparação que eu faço, a classe mais favorecida, tipo assim, uma comparação minha, a classe mais favorecida, eu comparo que é o europeu, eu chamo assim, pra mim, a outra, não, é latina. Então, o latino é mais calor, o europeu já é mais frio. Então, o Maracanã bonitinho traz o europeu, o Maracanã feio traz o brasileiro, o argentino, o chileno, né? Eu vejo assim. Aí, por isso que eu não consigo gostar!**

No trecho acima, Fabiano desenvolve uma analogia, pela qual afirma que os torcedores de classe média e alta se comportariam de modo mais “frio” ou contido, como os europeus, enquanto os torcedores das classes mais baixas teriam mais

“calor”, comportando-se de modo mais efusivo, como os latinos. O Novo Maracanã, mais “bonitinho”, atrairia o torcedor mais contido das classes médias altas, enquanto o Maracanã “feio”, anterior à reforma, atrairia os torcedores das classes mais baixas – daí a preferência do entrevistado pelo Antigo Maracanã. Em outra passagem, ele expressa de modo mais enfático, embora em tom jocoso, sua aversão ao Novo Maracanã:

Eu sou contra esse Maracanã novo! Se eu fosse governador, eu falava assim “oh, tira a cadeira, esquece a FIFA! Ninguém mais vai entrar de cabelo penteado! Ninguém mais vai entrar aqui de tênis, só de chinelo. Se tiver com a perna ruça, vai pagar meia entrada!”. Porra!

Entrevistador- Mas por que essa aversão tão grande às cadeiras:

Entrevistado - Um lugar muito, muito arrumadinho te inibe... [...] Eu acho que um lugar bem arrumadinho, com cadeirinha e tudo bonitinho, é um lugar pra coisa... é um teatro, é um cinema... Um lugar onde as pessoas vão pra extravasar... claro, tudo dentro do seu limite, mas... pra soltar aquela coisa que vem guardada, sabe? Um lugar muito assim, num dá! Essa pessoa que tá indo ali não tá indo com essa intenção. Não tô falando de briga, não! Tô falando de, sabe? Você tá cheio de problema, cheio de estresse, porra! O seu time, uma vitória do seu time traz, porra, uma lavagem de alma legal! **Aí você vai num lugar todo legalzinho, parece que, parece que... uma cadeira, uma cadeira bonitinha continua te prendendo dentro daquele mundo. [...] Você tá ali fechado, você quer se libertar, você vai pra um outro lugar também fechado?! Você continua dentro do mesmo mundo... [confuso] é o meu modo de pensar. Sem contar que são pessoas diferentes que vão...**

Para além das razões apresentadas por outros entrevistados, a aversão de Fabiano pelas cadeiras instaladas no Maracanã se justifica pelo fato de elas contribuírem para tornar o estádio mais “bonitinho” e “arrumadinho”, aspectos que inibiriam os torcedores, fazendo com que eles se comportem de modo mais comedido ou retraído. Um espaço com tais características, equiparado pelo entrevistado a um cinema ou teatro, seria incompatível com a necessidade de extravasamento dos torcedores.

A cadeira “bonitinha” produziria então uma sensação de aprisionamento diametralmente oposta à sensação de liberdade perseguida pelos torcedores quando se dirigem a um estádio de futebol. Em outras palavras, a conversão dos estádios em arenas impediria sua constituição em espaços extracotidianos, cujas regras particulares de funcionamento – antes, mais permissivas – franqueariam aos torcedores uma válvula de escape, e uma possibilidade de fuga momentânea dos problemas da “vida real”, conforme a tese eliasiana sobre a busca da excitação nos esportes modernos (Elias & Dunning, 1992). Transformados em espaços de controle

e disciplina, os estádios, convertidos em arenas, não fariam agora mais que reproduzir a mesma sensação de aprisionamento vivenciada pelo torcedor em seu cotidiano.

Fabiano, portanto, foi um dos poucos entrevistados a mencionar de modo mais explícito a influência das mudanças físicas sobre o comportamento do público, para além da redução do espaço disponível aos torcedores para torcer de modo mais expansivo, identificando também de maneira mais categórica não só a ocorrência de um processo de elitização, mas também sua influência sobre o padrão de conduta do novo público, o qual seria mais contido ou comedido em virtude da maior presença de indivíduos de classe média e alta na torcida.

O entrevistado Carlos, por outro lado, nos oferece um importante contraponto às interpretações apresentadas por Fabiano. Embora entenda também que o encarecimento dos ingressos teria levado a uma mudança do perfil sócio-econômico do público – especialmente pela exclusão dos mais pobres, os frequentadores da antiga geral – ele descarta a ocorrência de um processo de elitização, assim como a equação entre emoção e classe acionada por Fabiano para explicar a mudança de comportamento dos torcedores, tornando menos emocionante a “experiência de estádio” no Novo Maracanã:

Entrevistador- Você acha que essa mudança do perfil de classe do público teria ajudado a deixar o clima do estádio, o Maracanã menos emocionante?
 Entrevistado - Cara, talvez tenha. Talvez tenha... porque aí, entra a questão, por exemplo... vamos, vamos... **eu não gosto de estereotipar**, mas isso aí, mas eu posso estereotipar, você que não vai poder na sua pesquisa... [risos]. **Vamos supor que o cara da classe média ele tem mais motivos pra estar alegre do que o pobre fodido da geral. Então, o pobre fodido da geral ficava mais alegre com a vitória do time dele, fazia, fazia a razão de viver do time dele. Eu acho que essa impressão não é precisa. Eu acho que é um lugar comum do caralho, eu acho que o juiz de direito pode ser fanático pelo Flamengo, e é, ganha bem. Nas arquibancadas a gente via isso, que era a diferença. Nas arquibancadas, você via o desembargador do lado do cara que ele vai prender amanhã, do bandido, o traficante, né? Tinha isso, a arquibancada misturava.** Eu acho que o perfil do brasileiro de classe média mudou...
 [...] Eu acho que o problema é que a classe média mudou. Então, assim, os caras do meu perfil mudaram. Eu vi gente, assim, **eu vi gente que conviveu comigo, que mudou... que acha o estádio hoje, é, é... vai ao estádio, por exemplo, e compra um monte de coisa. Eu não compro!** Não é porque, não é porque eu não quero comprar. É porque eu não acho que, não é o meu perfil. [...] Então, cara, eu acho que, assim, é... não acho que o dinheiro tenha sido só o fator de mudança. A não ser que a gente entenda no geral, ou seja, é... a classe média mudou, o país mudou...
 [...] Então, eu não acho que, não acho que o, não é só isso, entendeu? Só isso não explica o perfil de público. [...] **Eu acho que é porque ele se sente consumidor... ele realmente se sente consumidor**, ou seja, ele realmente

se sente “ah, tô pagando 100 reais, mas pra ter o Everton Ribeiro, tem que pagar 100 reais mesmo...”. **Então, acho que isso prejudicou um pouco o jeito de torcer. É um dos fatores, não acho que seja o fator preponderante.**

O entrevistado refuta, portanto, o estereótipo segundo o qual os torcedores mais pobres seriam mais apaixonados por seus clubes que os torcedores mais ricos, afirmando que um “juiz de direito”, que “ganha bem”, pode ser tão fanático quanto o “pobre fodido da geral”, enaltecendo ainda a mistura de classes que podia ser observada nas arquibancadas do Antigo Maracanã. Para desconstruir esse “lugar comum”, ele se refere a si mesmo como exemplo de um torcedor de classe média apaixonado pelo Flamengo. Em sua avaliação, o que teria ocorrido, antes de tudo, seria uma mudança de comportamento da própria classe média, que teria se tornado mais “consumista” em virtude do aumento do poder de compra da população em tempos recentes. Essa transformação teria prejudicado um pouco o “jeito de torcer”, mas não seria um fator preponderante na determinação do comportamento do público no Novo Maracanã.

Além disso, Carlos minimiza também os efeitos da reconfiguração espacial do Maracanã sobre o comportamento do público. Para ele, o fator mais importante para explicar o novo padrão de conduta seria uma transformação mais ampla da própria relação do torcedor com seu “clube do coração”:

Se você me perguntar se o estádio dificulta torcer como torcedor mesmo, como um... interferir no jogo, eu acho que não. Acho que não, porque eu acho que o mando de campo, você pode fazer de qualquer arena, qualquer estádio, o seu mando de campo. Eu acho que a relação dos torcedores mudou. Acho que os torcedores hoje eles vivem muito mais o clube do que viviam antigamente, porque tem muito mais informação. Ou seja, tem muito torcedor que ia pro estádio e não entendia de futebol.

[...] Tem gente que não, ia a jogo e não acompanhava. Hoje acompanha, sabe tudo. Porque você recebe por whatsapp notícias de todos os jogadores, de todos os times. **E aí, isso criou uma exigência, ou seja, o cara começa a exigir certas coisas que, antigamente, não se tinha,** o cara sabe do resultado do treino, quem treinou bem, quem treinou mal. [...] Você não sabia se o cara tava treinando bem ou tava treinando mal; as tevês por assinatura não ficavam 24 horas falando do seu time. **Então, acho que o que mudou, pra mim, é a relação do torcedor com, com o clube.**

Segundo o entrevistado, a conversão do Maracanã de estádio em arena, por si mesma, não impede que o público venha a torcer ou se comportar “como torcedor mesmo”, interferindo no desempenho dos jogadores e no resultado das partidas,

fazendo assim valer uma das principais vantagens proporcionadas pelo mando de campo. Porém, o excesso de informações recebidas pelos torcedores através dos meios de comunicação os teria tornado mais exigentes, de modo que agora eles vão ao estádio com a expectativa de presenciar um “espetáculo”, deixando de cumprir com sua obrigação de torcedor, que seria incentivar o time para ajudá-lo a conquistar um bom resultado. Soma-se a isso o fato de os atuais torcedores fazerem parte da “geração *selfie*”, no termos do entrevistado:

Hoje, eu acho que mudou muito, é... que é onde entra a tal da geração *selfie*. Hoje as pessoas querem ir ver o espetáculo, e não fazer parte do espetáculo. Eu queria, eu não queria, eu não queria, eu não queria ir pra registrar, né? Antigamente. **Hoje, eu me recuso a registrar.** Que às vezes o Flamengo faz, faz lá aquela, pô, bonitão e tal, torcida cantando... me recuso. [...] Então, assim, cara, eu não vou registrar, **vou tentar curtir aquele momento.** E assim, **hoje o celular é uma realidade, não adianta fugir, pra tudo, pra tudo, pra tudo. E o futebol foi contaminado no mundo inteiro, entendeu? O mundo inteiro reclama, “ah, vocês querem ficar no celular” e tal.**

[...] **Ele vai mais pra observar o jogo em si do que curtir a torcida. Ou, quando vai, é pra observar a torcida,** ele não quer... eu, eu, **ele não quer fazer parte da torcida,** ele não quer ser a palminha, **ele quer ser o cara que filma.** E falar “nossa, olha como a minha torcida é foda!”. **Mas ele não quer bater palminha pra torcida ser foda.** Tem muito disso, muito disso.

No entendimento de Carlos, o atual torcedor, pertencente à “geração *selfie*”, se dirige ao Novo Maracanã com o objetivo de assistir a um “espetáculo”, não mais se interessando em participar ou fazer parte dele. Ou seja, o novo público vai ao estádio a fim de assistir passivamente aos jogos e de observar e registrar, em fotos e vídeos, a beleza da festa produzida pela torcida, ao invés de se comportarem eles mesmos também como torcedores e se juntarem aos demais para tornar ainda mais bonita a festa realizada nas arquibancadas. Segundo o entrevistado, esse no modo de torcer seria ainda o resultado de uma “contaminação” do futebol pelos efeitos gerados pelo advento do smartphone no comportamento das pessoas em todas as áreas da vida.

Por fim, Carlos aponta as novas regras de conduta no Maracanã, as múltiplas proibições impostas aos torcedores e as constantes punições às torcidas organizadas como alguns dos fatores mais relevantes para tornar a “experiência de estádio” menos emocionante no Novo Maracanã:

Mas esse é um outro fator também, que eu acho que tem a ver com a pesquisa, porque **as torcidas organizadas estão fora,** enfim... as do

Flamengo, as principais, as do Vasco também, tem reclamação sobre isso. **Lá em São Paulo não pode nada, bandeira e o caralho.** Então, assim, **isso perde um pouco a festa.** [...] Hoje, sem as organizadas, perde. Então, acho que quem faz festa? Torcida organizada, sempre foi assim. No Maracanã, quem fazia festa era a torcida organizada. Você frequentou, você sabe. [...] Os caras era quem balançava a bandeira, quem levava jornal, quem levava balão, quem falava com os dirigentes pra bancar bola, fazia bandeiras, bandeirões.

[...] **Acho que as torcidas organizadas são fundamentais pra, pra, pra festa.** Se você, por exemplo, faz igual o Flamengo faz, cobra mais barato pras torcidas organizadas, elas vão fazer a festa. E aí, quando, **elas contaminam os outros.**

[...] **O que aconteceu com as torcidas organizadas foi um esvaziamento completo,** porque elas também, né? Faziam muita merda. **Não faziam questão nenhuma de ajudar ao combate a violência.** Elas deveriam ser as primeiras interessadas, mas elas, são elas que botam os presidentes que mais batem, mais bom de briga, pra liderar. Isso é um outro papo, mas eu acho que talvez caiba.

[...] **Então, assim, eu acho que a questão central não é a arena. É torci... as torcidas organizadas, que vieram se deteriorando ao longo do tempo, a ponto de falarem assim “acaba!”.** Porque é o que estão fazendo hoje. **Que eu acho errado, que não deveria acabar, mas eles não colaboraram.** Eles não, faltou inteligência deles... ou vontade, sei lá. Mas, sem dúvida, diretamente: hoje é muito... **nem se compara, era muito melhor antigamente, torcer, muito melhor! Muito melhor de torcer, a torcida era muito melhor!**

Nos diversos trechos expostos acima, o entrevistado destaca a importância das torcidas organizadas para a realização da “festa da torcida” no estádio, apontando as constantes punições impostas a elas – inclusive o banimento ou suspensão de alguns grupos – como um fator preponderante para a mudança de comportamento do público no Novo Maracanã. Segundo ele, as torcidas organizadas seriam responsáveis não só por levar ao estádio as bandeiras e demais instrumentos e apetrechos utilizados para a realização da festa, mas também por “contaminarem” – termo que aparece aqui com uma conotação positiva – os demais torcedores, influenciando-os a se comportarem de modo mais efusivo, cantando e pulando para incentivar os jogadores. Sua atuação era fundamental, portanto, para fazer com que a torcida, em seu conjunto, ou ainda, o próprio ato de torcer, fossem muito melhores no passado, na opinião do entrevistado.

Embora lamente os efeitos das punições impostas às torcidas organizadas sobre o comportamento do público e a “atmosfera” do estádio no Novo Maracanã, Carlos não as exime totalmente de responsabilidade pelas punições recebidas, especialmente por seu envolvimento em episódios de violência, ou ainda por não se empenharem efetivamente no combate à violência no futebol.

Em todo caso, ao apontar as punições às organizadas como causa primordial para a transformação do modo de torcer do público, ele volta a destacar que a conversão do Maracanã de estádio em arena – referindo-se aqui apenas a sua remodelação física, sua reconfiguração espacial – não seria um fator preponderante para determinar ou justificar essa mudança, abordando esse assunto mais uma vez em outra passagem:

[...] Mas a emoção hoje das arenas, assim, nem se compara. É, hoje, não tem, não tem, você num... você pega qualquer vídeo, qualquer foto... não tem, não tem comparação, não tem... a beleza do, do, dos celulares, igual o Inter lá fez, outro dia, os celulares lá, piscando, não é igual aos sinalizadores, às bandeiras, né? O papel picado... Mas isso pode, pode existir na arena! Essa é a questão. Não é a arena, não foi a arena, a arena chegou, aquele pedaço de concreto, e falou “você estão proibidos de entrar aqui!”. Pode existir, né? Então, eles mataram a festa, mas não mataram as festas por causa da arena. Eu acho que não mataram. Eu acho que eles mataram a festa também por causa da arena. Mas eu acho que eles não mataram. Eu acho que, a arena foi pra que? Pra eles ganharem um monte de dinheiro. Um monte de gente ganhar dinheiro, dar um certo ar de modernização, que deu mesmo. E aí eles matam a festa porque eles não gostam, eles não frequentam a festa, né? Os dirigentes, os políticos não frequentam aquilo, eles não vão ali, né? Então, você vê hoje, é mosaico, no máximo... você não vê mais papel picado, jornal picado, é... pó de arroz, no fluminense. A festa morreu porque eles mataram a torcida organizada, que também se ajudou a se matar. O torcedor perdeu esse pertencimento.

Nessa última passagem, Carlos declara de modo mais explícito que a emoção proporcionada pela “experiência de estádio” e a beleza da festa realizada pelas torcidas eram muito maiores no passado, no período anterior à era das arenas. No entanto, ele destaca novamente que o novo padrão de comportamento do público e a “atmosfera” menos emocionante das arenas não seriam determinados pelas propriedades físicas ou materiais desse novo espaço – trata-se, afinal de um ente inerte, inanimado, como destaca jocosamente o entrevistado – sendo antes condicionados pelas novas regras e proibições que procuram definir e controlar os modos de uso e ocupação desse novo espaço pelos torcedores.

Ao longo deste capítulo, analisei as representações dos entrevistados a respeito do perfil e do comportamento do público no Novo Maracanã. Como vimos, alguns entrevistados acreditam que houve um processo de elitização e que o novo perfil sócio-econômico dos torcedores – majoritariamente de classe média – teria tornado o comportamento do público menos “vibrante”, e a “atmosfera” ou “experiência de estádio” do Novo Maracanã, menos emocionante, retomando assim

a articulação entre emoção e classe já apontada em outros capítulos, e que teria servido de base para o próprio projeto de domesticação implementado como parte da reforma de arenização do Maracanã.

Contudo, a maioria dos entrevistados entende que a mudança de perfil e comportamento analisada aqui seria resultante, sobretudo, da maior dificuldade encontrada agora pelos torcedores para frequentar o Novo Maracanã assiduamente, o que faria com que o público da nova arena fosse composto majoritariamente por “turistas”, ou seja, torcedores que vão ao estádio apenas esporadicamente e, por isso, não saberiam nem mesmo como torcer, desconhecendo as regras de conduta e sentimento que devem reger as ações do “verdadeiro” torcedor. Nesse sentido, o torcedor do Novo Maracanã não sabe como se comportar ao longo do jogo, o que sentir e como expressar suas emoções – mais ainda, não sabe como manejar seus sentimentos em prol do time, controlando sua ansiedade ou nervosismo para não “contaminar” os jogadores, o que revela não só a existência de “regras emocionais”, mas também a necessidade de um determinado tipo de “trabalho emocional” (Hochschild, 1979) a ser realizado pelos torcedores, mesmo num contexto marcado pela valorização do excesso e do descontrole, como no caso do futebol.

Deslegitimados como torcedores por meus entrevistados, os indivíduos que compõem o público do Novo Maracanã, e que passaram a frequentar o estádio apenas depois da reforma de arenização, se dirigiram a ele interessados apenas em ver ou assistir aos jogos sentados, em conforto, comportando-se de modo contido, passivo, e mesmo indiferente ao que acontece no campo de jogo, pois ficariam o tempo todo filmando, tirando fotos e “mexendo no celular”, ao invés de cantar e gritar para apoiar o time. Esse “não-torcedor” – chamado também de “nutella”, “modinha” ou “assistente” – atua, portanto, de modo diametralmente oposta ao que se espera do torcedor “de verdade”, que acompanha os jogos de pé e se comporta de modo mais efusivo, ativo e participativo, procurando cantar e gritar o tempo todo para apoiar o time e interferir efetivamente no resultado do jogo. Trata-se, portanto, de uma diferenciação muito semelhante àquela traçada entre o comportamento do público no setor norte superior e nos demais setores do estádio, como vimos no capítulo anterior. Em minhas considerações finais, mostrarei como a prática de torcer em pé ocupa uma posição central na hierarquização das diferentes formas de

torcer associadas por meus entrevistados ao Novo e ao Antigo Maracanã, bem como aos diferentes setores da nova arena.

Por fim, vale destacar que apenas alguns entrevistados apontaram as mudanças físicas ou estruturais do Maracanã como um fator determinante para tornar o comportamento do público menos “vibrante” e a “experiência de estádio” menos emocionante após a reforma. Mais importante que as propriedades físicas e a configuração espacial do Novo Maracanã são as novas regras de conduta e proibições impostas aos torcedores, com destaque para as punições aplicadas às torcidas organizadas, limitando ou eliminando o uso de determinados equipamentos – como bandeiras, instrumentos musicais e sinalizadores – tradicionalmente utilizados para a realização da “festa da torcida” nas arquibancadas, cerceando ainda certas formas de conduta que seriam típicas do modo de agir dos “verdadeiros torcedores” – o que não se dá, no entanto, sem que haja algum tipo de resistência ou contestação por parte daqueles que são alvo do projeto de domesticação, como veremos na última seção desta tese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa tese, abordei a relação dos torcedores do Clube de Regatas do Flamengo com o Novo Maracanã, isto é, sua relação com o novo espaço produzido a partir da profunda reforma realizada no Estádio Jornalista Mário Filho para adaptá-lo aos padrões exigidos pela FIFA e pelo COI. Meu objetivo era saber o que os próprios torcedores pensavam e sentiam a respeito das mudanças trazidas pela reforma, como as avaliavam e de que modo reagem efetivamente a elas.

O desenvolvimento de uma abordagem a respeito das visões produzidas pelos próprios torcedores se mostrava relevante, primeiramente, em virtude de sua importância como uma das principais categorias de atores a compor o universo social e cultural do futebol. Era também necessária em decorrência do número relativamente reduzido de trabalhos dedicados a compreender como os próprios torcedores vinham experimentando as consequências do processo de arenização dos estádios brasileiros.

Até então, o que se tinha era uma grande quantidade de trabalhos produzidos sobre as prováveis consequências da realização da Copa e dos Jogos Olímpicos para a sociedade brasileira, como um todo – e para a cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente, por ser a sede das Olimpíadas –, além de um número também elevado de abordagens a respeito das consequências da realização desses megaeventos para o futebol brasileiro.

No campo das Ciências Sociais, o que predominava era um tom pessimista, quase apocalíptico em alguns momentos, a respeito dos efeitos que a realização dos megaeventos esportivos teria tanto para a sociedade brasileira e carioca, quanto para o futebol e os estádios do país. No que concerne a esse segundo tema, a visão predominante era de que os estádios brasileiros, adaptando-se a uma tendência já consolidada na Europa, seriam transformados em modernas arenas all-seater multiuso, sendo assim convertidos em espaços elitizados de controle e consumo. Nesse sentido, deixariam de ser os espaços populares, democráticos e carnavalizados de outrora, que abrigavam torcedores de todas as classes sociais e promoviam um contexto excepcional de convívio entre elas, possibilitando ainda a

manifestação de comportamentos exaltados e irreverentes, oferecendo-se assim como uma válvula de escape em compensação à dureza da vida cotidiana.

Com a transformação dos estádios em arenas, o que teríamos seria a emergência de um novo perfil de público, mais “familiar” e composto majoritariamente por indivíduos de classe alta e média, e de um novo modo de torcer, que seria menos vibrante, em decorrência do comportamento mais contido que seria típico das camadas sociais mais elevadas. Além disso, a nova arquitetura das arenas e as novas regras de conduta implementadas – especialmente a obrigação de assistir aos jogos sentados em assentos numerados – contribuiriam para o processo de domesticação dos torcedores, tornando a chamada “experiência de estádio” menos “emocionante”.

Esses prognósticos assumiam um tom ainda mais crítico e pessimista quando tratavam das consequências do processo de arenização, desencadeado pelos megaeventos esportivos, sobre o estádio do Maracanã. As representações sobre o Maracanã condensavam todas aquelas visões otimistas que se tinham a respeito dos demais “estádios de massa” brasileiros, ou seja, sua idealização como espaços populares, democráticos e carnavalizados, destinados ao extravasamento das emoções dos torcedores. Com a reforma para a Copa e a Olimpíada, o Maracanã teria sido descaracterizado tanto em sua forma, ou seja, sua estrutura material, física ou arquitetônica, quanto em sua função, perdendo assim sua identidade, a ponto de muitos considerarem que ele teria mesmo “deixado de ser o Maracanã”, convertendo-se literalmente num novo estádio.

É importante destacar que essas visões pessimistas também se faziam presentes nos prognósticos produzidos por parte da imprensa, podendo também ser observada entre os próprios torcedores, ganhando força em meio à onda de protestos que eclodiu durante a realização da Copa das Confederações, em 2013 – fenômeno que ficou conhecido como as “Jornadas de Junho”.

Foi justamente nesse período que elaborei esse projeto de pesquisa para o doutorado. Num primeiro momento, portanto, minha pesquisa foi fortemente influenciada por esse contexto de efervescência política, que fez sentir seus efeitos não só no delineamento do objeto a ser abordado, mas também nos objetivos estabelecidos para a tese. Em suma, minha intenção inicial era basicamente analisar um caso específico que me permitisse examinar as premissas e prognósticos

distópicos que vinham sendo elaborados a respeito do futuro do Maracanã e dos demais estádios brasileiros. Em minhas primeiras observações de campo, no entanto, pude perceber que o cenário que se desenhava era muito mais complexo.

Nas primeiras vezes em que fui ao Novo Maracanã na condição de pesquisador, em meados de 2015, o que mais me chamou a atenção era o modo como as novas regras de conduta eram amplamente desrespeitadas pelos torcedores, especialmente no setor norte superior, ainda que de modo geral fosse possível notar mudanças relevantes no perfil e no comportamento do público. Assim, ao invés de torcedores que permaneciam sentados em suas cadeiras numeradas ao longo das partidas, limitando-se a bater palmas na comemoração dos gols e a chamar o juiz de “bobo” como forma de protesto – caricatura relativamente comum do que seria esse novo tipo de torcedor –, o que atraiu minha atenção foi a grande quantidade de torcedores que permaneciam de pé ao longo dos jogos, cantando, gritando e xingando para apoiar o time e protestar contra o árbitro, alguns inclusive com os pés sobre as cadeiras, posicionando-se ainda nas escadas, nas áreas reservadas a cadeirantes, nos túneis e rampas de acesso à arquibancada, etc..

É verdade que também havia uma grande quantidade de pessoas – talvez mesmo a maioria – assistindo ao jogo sentadas na maior parte do tempo e comportando-se de modo contido, mas a maneira de torcer que eu havia me habituado a testemunhar nas oportunidades em que fui ao Maracanã no período anterior à reforma ainda podia ser observada. Enquanto torcedor, considerei que ainda havia “vibração” e “emoção” naquela “experiência de estádio”, ainda que numa intensidade presumidamente menor do que a que se tinha antes da reforma.

Era notório, portanto, que o Maracanã havia mudado, não apenas em sua estrutura física, mas também no tocante ao perfil e comportamento do público, mas talvez não na mesma extensão ou intensidade presumida pelos críticos da reforma de arenização ao qual o estádio havia sido submetido. Ainda que o Novo Maracanã tivesse sido concebido como um espaço elitizado de controle, para mim estava claro que isso não era tudo o que se tinha a dizer a seu respeito. Embora o processo de modernização do estádio tivesse sido acompanhado intrinsecamente por um projeto de domesticação do público, era necessário observar de que modo esse projeto vinha sendo efetivamente posto em ação, mantendo-se atento às brechas deixadas

nessa transposição da teoria à prática, as quais permitiriam a manifestação de variadas formas de contestação e resistência por parte dos torcedores.

Diante da quebra de expectativas resultante de minhas primeiras incursões a campo, percebi então que seria fundamental tentar compreender como os próprios torcedores vinham vivenciando esse processo, o que pensavam e sentiam a respeito do Novo Maracanã, como avaliavam as mudanças realizadas no estádio e de que maneira vinham reagindo a elas, aspectos a serem acessados mediante a realização de entrevistas qualitativas com os torcedores do Flamengo. No caso da minha pesquisa, essa escolha metodológica se fazia ainda mais relevante pelo fato de eu não ter sido um frequentador assíduo do Antigo Maracanã, faltando-me, portanto, subsídios para tecer comparações e avaliações mais seguras a respeito das transformações promovidas pela reforma. Seria melhor tentar compreender, por conseguinte, o que tinham a dizer os torcedores que já eram frequentadores assíduos do Maracanã antes da reforma e que continuaram a frequentar o estádio de modo regular após sua remodelação. Acredito, aliás, que o direcionamento do foco da pesquisa para as representações e discursos dos próprios torcedores acabou se constituindo como uma das contribuições trazidas por minha tese para o conjunto de trabalhos que vêm sendo produzidos sobre a “era das arenas” no futebol brasileiro.

No primeiro capítulo de análise, procurei traçar um perfil dos entrevistados a partir do nível de seu engajamento emocional com o Flamengo. Analisei então seus discursos sobre o sentimento que teriam pelo clube, solicitando que descrevessem a natureza e a importância dessa relação afetiva em suas vidas. Embora a maioria tenha mencionado sentimentos de amor e paixão, grande parte dos entrevistados encontrou dificuldades quando provocados a definir seu afeto pelo clube de modo mais preciso, o que se deve em parte ao fato de as emoções serem concebidas na modernidade ocidental como estados subjetivos e “profundos”, que representariam uma espécie de “verdade interior” dos indivíduos, não podendo ser fiel ou plenamente expressas em gestos ou palavras, estando sempre sob o risco de serem falseadas nessa tentativa de exteriorização. A recorrente caracterização do sentimento pelo clube como algo “inexplicável” também pode ser entendida como uma forma de qualificá-lo discursivamente como um afeto especial e imensurável,

que não poderia ser devidamente enquadrado pelas categorias culturais disponíveis para nomeá-lo.

Diante das dificuldades encontradas, alguns entrevistados descreveram sua relação com o clube por meio de analogias com outros tipos de relações afetivas, equiparando o clube a um membro da família, por exemplo. Além disso, elencaram diversas práticas que consistiriam em índices de seu engajamento emocional pelo clube, dentre as quais se destacam a ida com frequência ao estádio para apoiar o time, o fato de serem sócios-torcedores, o hábito de comprar produtos oficiais do clube, e ainda exemplos de “loucura” e “sacrifício” realizados em seu nome – principalmente viagens para acompanhá-lo inclusive em outros países –, aludindo também ao impacto que o desempenho do clube teria sobre seu comportamento e suas emoções.

Observou-se ainda, a partir de alguns depoimentos, uma espécie de escala ou gradiente baseado nos diferentes tipos ou níveis de engajamento emocional que o torcedor pode estabelecer com o clube. Não se trata, porém de uma escala objetiva ou bem definida. O que temos é a construção de um ideal de "torcedor apaixonado" do qual os torcedores procuram se aproximar o máximo possível em seus atos e discursos. Além disso, embora alguns entrevistados tenham "reconhecido" o fato de serem “fanáticos”, a maioria refutou a utilização desse termo para caracterizar sua relação com o Flamengo, entendendo-o como um tipo de desmedida condenável, associado à violência e à irresponsabilidade no campo das finanças pessoais.

No segundo capítulo de análise, abordei as principais razões apontadas por meus entrevistados para sua adesão ao programa de sócios-torcedores do Flamengo. Dentre as principais motivações mencionadas, destacam-se, de um lado, os benefícios e vantagens oferecidos pelo programa – com destaque para a prioridade na compra de ingressos pela internet e a possibilidade de acessar o estádio utilizando um cartão-ingresso, eliminando assim a necessidade do sacrifício de enfrentar longas filas, por longas horas –, e de outro, o objetivo de ajudar o clube, especialmente sob o ponto de vista financeiro.

Num primeiro momento, o fato de pagarem uma quantia em dinheiro para obter vantagens e benefícios junto ao Flamengo poderia sugerir que os entrevistados estariam se comportando como “meros consumidores”, observando-se

ainda uma aparente redução da importância do sacrifício na constituição da relação afetiva com o clube. No entanto, ao destacarem a ajuda ao clube como principal motivação para sua adesão ao programa Nação Rubro-Negra, os entrevistados recuperam discursivamente a dimensão do sacrifício e recolocam a troca estabelecida com o clube no terreno da dádiva. Enquanto sócios-torcedores, eles procuram ajudar o clube de modo mais efetivo, interferindo pessoalmente em suas finanças e em sua administração. O que temos então é um processo de racionalização dos meios pelos quais os torcedores procuram ajudar o clube, mas suas motivações continuam pertencendo primordialmente à ordem dos afetos.

No terceiro capítulo de análise, abordei a importância da “experiência de estádio” para meus entrevistados, explorando as razões de sua preferência por acompanhar os jogos do Flamengo *in loco* – principalmente no Maracanã – e não pela televisão, em suas casas, onde desfrutariam de condições presumidamente melhores de conforto e segurança. Para justificarem sua predileção pelo estádio, os entrevistados destacaram não só a melhor qualidade da visão do campo, mas sobretudo a experiência mais emocionante proporcionada por essa alternativa – em virtude do “calor do jogo”, da “vibração da torcida”, etc. –, afirmando ainda que, no estádio, teriam como participar de modo mais concreto, apoiando e incentivando o time de maneira ativa, interferindo efetivamente no desempenho dos jogadores e no resultado das partidas. A ida ao estádio com regularidade para apoiar o time consistiria, ademais, numa das mais importantes obrigações morais dos torcedores, e os efeitos de suas ações sobre a equipe corresponderiam a uma das vantagens proporcionadas pelo chamado “fator casa”, ou simplesmente, pelo mando de campo.

Em seguida, analisei os critérios que levariam meus entrevistados à escolha de um setor ou lugar específico para assistir aos jogos no Novo Maracanã. Como vimos, a grande maioria manifestou preferência pelo setor norte superior, onde encontrariam reunidos praticamente todos os fatores que os fazem preferir assistir aos jogos *in loco*, e não em suas casas, pela televisão. Nesse sentido, além da melhor visão do campo, os entrevistados mencionaram a presença das torcidas organizadas, a possibilidade de torcer em pé e o comportamento mais “vibrante” do público como fatores fundamentais para preferirem acompanhar os jogos nessa seção do estádio. No setor norte superior se encontrariam os torcedores “de verdade”, que vão ao estádio com regularidade, se comportam de modo mais

efusivo, e apoiam o time durante todo o jogo – cumprindo, assim, com sua obrigação de torcedor.

Os outros setores seriam frequentados majoritariamente por “turistas”, ou seja, pessoas que não teriam o hábito de ir ao estádio com regularidade e se limitam a assistir aos jogos sentados, ao invés de torcerem de pé, comportando-se de modo contido e passivo, sem se preocuparem em cantar para apoiar o time – deixam assim de cumprir com a já referida obrigação que os torcedores teriam de “jogar junto” com o time e incentivar os jogadores para que alcancem um bom resultado.

A descrição que os entrevistados fazem do comportamento dos torcedores nos setores laterais é muito semelhante às suas representações a respeito do perfil e comportamento do público, de modo geral, no Novo Maracanã, tema abordado no quarto capítulo de análise. Na visão dos entrevistados, esse paralelismo ocorreria pelo fato de os setores laterais serem frequentados majoritariamente pelo novo tipo de torcedor que emerge a partir do processo de arenização do Maracanã, apresentando, por conseguinte, um novo modo de torcer. Em contrapartida, o setor norte seria ocupado pelos torcedores que já tinham o hábito de frequentar o Maracanã antes da reforma, apresentando portanto o modo “antigo” ou “tradicional” de torcer.

O atual torcedor – designado por muitos entrevistados como “nutella” ou “modinha” – só vai ao estádio nos bons momentos do time, não apresentando portanto a mesma fidelidade incondicional que caracterizaria os torcedores no passado. Além de se dirigirem ao estádio interessados apenas em assistir aos jogos, sentados e em boas condições de conforto, ao invés de torcerem de pé para apoiar o time, teriam ainda o hábito de ficar o tempo todo tirando fotos, filmando e “mexendo no celular” durante as partidas, mostrando-se totalmente indiferentes aos acontecimentos que se desenvolvem no campo de jogo – o que seria aliás um indício da fraqueza de seu vínculo emocional com o clube. Nesse sentido, eles não só deixam de torcer, como também de assistir aos jogos, pois seu verdadeiro intento seria tirar fotos e gravar vídeos para postar em suas redes sociais online.

Avaliando as causas e fatores que teriam contribuído para a mudança de comportamento do público no Maracanã, ou ainda, para a emergência de um novo modo de torcer a partir da inauguração do Novo Maracanã, praticamente todos os entrevistados destacaram a mudança de perfil dos torcedores como um fator

relevante para tanto, considerando que essa transformação teria resultado, em grande medida, do encarecimento dos ingressos que se seguiu à reforma. Para alguns, a presença de um público composto majoritariamente por indivíduos de classe média teria de fato contribuído para que os torcedores passassem a se comportar de modo mais contido e ordeiro, ratificando assim uma das principais hipóteses levantadas sobre os efeitos do processo de arenização – a qual estaria assentada, como vimos, em uma articulação entre emoção e classe que se produz como desdobramento da oposição fundamental entre razão e emoção característica do “conceito de pessoa” da modernidade ocidental.

Contudo, nem todos os entrevistados identificaram a ocorrência de um processo de elitização, nem atribuíram necessariamente a mudança do padrão de comportamento do público à maior presença de indivíduos de classe média e alta entre os torcedores, os quais seriam presumidamente mais contidos e controlados. Para eles, o encarecimento dos ingressos seria relevante sobretudo por ter dificultado a frequência assídua dos torcedores ao Novo Maracanã, ampliando assim a presença de um público composto majoritariamente por pessoas que só vão ao estádio esporadicamente e, por conseguinte, não saberiam nem mesmo como torcer, ou seja, não conheceriam as regras de comportamento e emoção – os padrões de expressão dos sentimentos – que seriam próprios da “cultura de estádio”, sendo devidamente incorporados ou internalizados pelos “torcedores de arquibancada”.

Pelo que pudemos depreender das entrevistas analisadas nos dois últimos capítulos, uma das principais diferenças do comportamento do público no Antigo e no Novo Maracanã, bem como na comparação do setor norte (superior) com os demais setores da nova arena consistiria, portanto, no fato de que no setor norte, atualmente, à semelhança do que se observava no Antigo Maracanã, os torcedores preferem “torcer de pé”, enquanto no Novo Maracanã, sobretudo em seus setores laterais, o público prefere “assistir aos jogos sentado”.

Essa oposição entre “torcer de pé” e “assistir sentado” se apresenta, portanto, como um elemento fundamental na caracterização e hierarquização de diferentes tipos de torcedores, bem como na distinção entre o Antigo e o Novo Maracanã, e ainda na diferenciação entre os setores da nova arena. Mais precisamente, “torcer de pé” aparece como uma prática valorada positivamente, definindo o

comportamento mais efusivo e o maior nível de engajamento emocional do “verdadeiro” torcedor, presente no Antigo Maracanã e no atual setor norte superior, enquanto “assistir sentado” aparece com um sentido negativo, simbolizando o comportamento mais contido, passivo, racional e até mesmo indiferente do público no Novo Maracanã, especialmente nos setores laterais, conotando ainda um menor nível de engajamento emocional desses torcedores com o clube.

Se lembrarmos que a ida ao estádio com regularidade para apoiar o time consiste numa obrigação moral do torcedor, e adicionarmos a isso a importância conferida pelos entrevistados à prática de torcer em pé, podemos concluir que ao “verdadeiro” torcedor não basta frequentar o estádio assiduamente se for apenas para assistir aos jogos, de modo contido e passivo; é preciso também apoiar o time, incentivá-lo, e para tanto, é necessário torcer de um jeito específico, comportar-se de determinada maneira, a fim de participar ativamente e contribuir efetivamente para o melhor desempenho dos jogadores e para a conquista de vitórias e títulos.

Torcer em pé (cantando, gritando, etc.) seria, portanto, uma forma de expressão corporal e emocional valorizada pelos entrevistados por consistir numa forma de afetação dos torcedores num duplo sentido, ou seja, tanto no sentido ativo de “afetar”, quanto no sentido passivo de “ser afetado”. Isso porque, por um lado, torcer de pé representa uma forma de afetar (interferir, influenciar) as emoções dos jogadores em campo, fazendo com que eles atuem com mais “raça” e disposição, e otimizando assim sua performance; trata-se também de uma maneira de afetar as emoções dos demais torcedores, para que se comportem de modo mais efusivo e se ponham a apoiar o time. Por outro lado, torcer de pé seria uma consequência da afetação dos torcedores por aquilo que ocorre no campo de jogo, consistindo numa reação “natural”, “automática” ou mesmo “instintiva” – ou seja, irresistível – à “agitação” produzida por determinados lances da partida, como afirmam alguns entrevistados. Nesse sentido, torcer em pé aparece ainda como mais um índice de engajamento emocional, pois o maior envolvimento com o jogo simbolizado por esta prática pode ser entendido como sinal de um maior envolvimento com o clube.

A prática de torcer em pé também aparece nas entrevistas associada a um sentimento de liberdade que se opõe à sensação de aprisionamento produzida pelas cadeiras instaladas no Novo Maracanã e, especialmente, pelas novas regras de conduta e proibições impostas ao público nesse novo contexto. Afinal, ao colocar-se

de pé o torcedor gozaria de mais liberdade de ação e movimento, podendo gesticular com mais desenvoltura enquanto canta para apoiar o time, ou ainda quando reage a lances importantes ao longo da partida.

Apenas alguns entrevistados apontaram as modificações físicas do Maracanã como um fator relevante para justificar a mudança do padrão de comportamento do público, a não ser pela referência relativamente comum ao pouco espaço disponibilizado aos torcedores por conta da instalação das cadeiras, que para alguns deveriam até mesmo ser removidas do setor norte. Para a grande maioria, no entanto, mais importante do que essas mudanças físicas, ou melhor, do que as propriedades materiais do Novo Maracanã, seriam as regras e proibições que procuram limitar o modo como eles usam e ocupam o espaço produzido pela reforma. Além disso, a “experiência de estádio” do Novo Maracanã teria se tornado menos emocionante em virtude da proibição ou limitação do uso de uma série de artefatos, bem como pelas constantes punições impostas às torcidas organizadas, entendidas como as grandes responsáveis pela realização da festa nas arquibancadas e como representantes do modo “antigo” de torcer, incentivando e exortando os demais torcedores a manterem-se de pé e cantando o tempo todo para apoiar o time.

Embora as novas regras de conduta sejam apontadas como um dos principais fatores para o comportamento menos “vibrante” do público e para a “atmosfera” menos emocionante do Novo Maracanã, é importante destacar o fato de que algumas dessas regras são amplamente desrespeitadas pelos torcedores, especialmente nos jogos de grande apelo, quando são maiores a quantidade de público e sua “agitação”, dificultando a ação repressiva dos agentes de segurança. Além disso, é notória a “flexibilização” das regras ou o “relaxamento” de sua aplicação a partir de 2016, quando se encerra o ciclo dos megaeventos esportivos que serviram como pretexto para a reforma arquitetônica e disciplinar do Maracanã.

Nesse sentido, é bastante comum, por exemplo, observarmos torcedores com os pés sobre as cadeiras, ou ainda, de pé sobre as escadas, nas áreas reservadas a cadeirantes, e na saída das rampas ou túneis de acesso à arquibancada, principalmente no setor norte superior – embora esses comportamentos também possam ser observados nos outros setores em algumas ocasiões. Além disso, também é comum a presença de torcedores de pé nos setores laterais, onde essa

prática seria oficialmente proibida, observando-se ainda o amplo desrespeito à regra do “lugar marcado”, ou seja, à obrigação de ocupar o assento designado no ingresso.

Acredito que os comportamentos descritos acima, para além de meros exemplos de desrespeito ou desacato à normas de conduta do Novo Maracanã, podem mesmo ser entendidos como formas de contestação e resistência dos torcedores ao projeto de domesticação implementado como parte intrínseca do processo de arenização do estádio, tema que poder ser melhor desenvolvido futuramente como um desdobramento da presente pesquisa, bem como a análise mais detida a respeito dos modos de uso e ocupação através dos quais os torcedores produzem o espaço da nova arena.

De todo modo, vale destacar mais uma vez a ideia de que, ao invés da completa conversão do Maracanã num espaço elitizado de controle, e da imposição de um novo modelo de comportamento, o que observamos a partir de nossa experiência de campo e dos relatos dos entrevistados são a convivência e o conflito entre diferentes formas de torcer, fenômeno que se torna explícito na figura do “fiscal de torcida”, mencionada por alguns entrevistados, o qual se põe a exortar os demais torcedores a ficarem de pé e cantando durante toda a partida para apoiar o time, ou ainda nos exemplos de torcedores que preferem assistir aos jogos sentados e exigem que os demais permaneçam acomodados em suas cadeiras, para não atrapalharem sua visão do campo – atitudes que levam à ocorrência de algumas brigas e discussões relativamente comuns nas arquibancadas.

Ressalto ainda que os diferentes modos de torcer identificados por meus entrevistados devem ser entendidos como “tipos ideais”, que, por definição, não podem ser realizados em sua plenitude pelos torcedores em suas ações concretas, servindo apenas como códigos ou modelos de comportamento. Nesse sentido, seria interessante explorar futuramente alguns matizes e contradições que podem ser observados nos depoimentos de meus entrevistados, enfatizando a ideia de que um mesmo torcedor pode apresentar comportamentos associados a diferentes modos de torcer em contextos variados, inclusive ao longo de uma mesma partida.

Por fim, julgo necessário comentar uma das principais lacunas deixadas por esta tese. No início de minha pesquisa, um dos temas mais importantes a serem abordados era a hipótese de que o Maracanã teria perdido sua identidade após a

reconfiguração espacial promovida pela reforma de arenização, visando sua adaptação às condições exigidas para sediar a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016. No entanto, quando comecei a fazer entrevistas com torcedores, deparei-me com o fato de que esse tipo de lamento ou nostalgia não se fazia presente com a mesma força ou frequência nos depoimentos colhidos. Na verdade, o que pude observar entre meus entrevistados foi um nível bastante elevado de aprovação das mudanças estruturais realizadas no Maracanã. Em sua maioria, eles elogiaram as melhores condições de conforto, segurança e organização promovidas pela reforma, ressaltando ainda a beleza da nova arena, a limpeza dos banheiros, a iluminação da cobertura de acordo com o detentor do mando de campo, a rapidez na entrada e saída do estádio, etc. Para ser mais preciso, apenas quatro entrevistados apresentaram uma postura mais crítica ou nostálgica em relação à reestruturação do Maracanã, lamentando inclusive a perda de sua identidade visual e arquitetônica, e a redução do poder de evocação de lembranças resultante da descaracterização do espaço no qual elas haviam sido produzidas – tema a ser abordado futuramente com o auxílio de uma bibliografia sobre memória e patrimônio.

Em contraste com o grande nível de aprovação das mudanças físicas e estruturais, o que atraiu minha atenção foi a grande quantidade de relatos críticos e nostálgicos a respeito da mudança de comportamento do público a partir da reforma, assunto amplamente abordado nos últimos capítulos de minha tese. Sendo assim, o que se observa na maioria dos depoimentos colhidos é aquilo que Nadkarni e Shevchenko (2015) denominam "nostalgia pelo habitus", isto é, um tipo de nostalgia que se dirige não a objetos materiais, mas sim a determinados "modos de fazer", socialmente construídos e internalizados pelos indivíduos – no caso de nossa pesquisa, a nostalgia se dirige ao modo de torcer antigo ou tradicional, que teria se constituído no Antigo Maracanã, encontrando-se agora inclusive em vias de extinção, na visão de alguns entrevistados.

A despeito das lacunas deixadas, acredito que minha pesquisa tenha contribuído ou possa contribuir não apenas para as áreas específicas da Antropologia das Emoções (e do corpo) e a Sociologia do Futebol (e dos esportes), que foram fundamentais para o delineamento do objeto e para as análises empreendidas. Creio que os assuntos abordados ao longo da tese possam contribuir também para discussões ligadas à área dos Estudos Urbanos – especialmente por

termos tratado de um processo que teve como uma de suas causas a realização de megaeventos esportivos no Brasil, produzindo múltiplos efeitos nas cidades do país –, ou ainda da Sociologia do Espaço, de cujos conhecimentos pretendo me beneficiar futuramente para uma melhor compreensão da relação dos torcedores com o Novo Maracanã. Por fim, considero que os resultados obtidos também podem despertar o interesse de um público ainda mais amplo na área das Ciências Sociais e Humanas, por versarem sobre um processo de domesticação ou civilização que seria intrínseco à própria modernidade.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. Introduction. In: _____; _____. (Org.). *Language and the politics of emotion*. New York: Cambridge University Press, 1990. p. 1-23.

BALE, John. *Landscapes of modern sport*. London: Leicester University Press, 1994.

_____. *Sports geography*. Nova Iorque: Routledge, 2003.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Amor e masculinidade nos estádios de futebol. *Esporte e Sociedade*, ano 7, n.19, 2012.

BATESON, Gregory. *Naven*. Stanford: Stanford University Press, 1958.

BENEDICT, Ruth. Configurações de cultura. In: PIERSON, Donald. (Org.). *Estudos de organização social*. São Paulo: Martins Editora, 1970.

BOCCHI, Gabriel. O torcedor-consumidor: apontamentos sobre mudanças no modo de consumir futebol. In: Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer, 2., 2016, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: EEEFTO/ UFMG, 2016. p.117-130.

CAMPBELL, Colin. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

COELHO, Maria Claudia. Experiencing television fandom: notes on the tension between singularization and massification in Brazil. *Westminster Papers in Communication and Culture*, v.2, n.2, p. 97-112, 2005.

_____; DURÃO, Susana. Introdução ou como fazer coisas com emoções. *Interseções: revista de estudos interdisciplinares*, v.19, n.1, p.44-60, jun. 2017.

_____; _____. Introdução – O campo da antropologia das emoções. In: _____; _____. (Org.). *Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011. p. 7-26.

CONDÉ, Geraldo. As emoções diárias: ensaio sobre a etnopsicologia do jornalismo. *Interseções: revista de estudos interdisciplinares*, v.19 n.1, jun. 2017.

CURI, Martin. *Espaços da emoção: arquitetura futebolística, torcida e segurança pública*. Niterói: UFF, 2012.

DAMATTA, Roberto. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

_____. *Megaeventos esportivos no Brasil*. Porto Alegre: Armazém do Ipê, 2014.

DOUGLAS, Mary. *La aceptabilidad del riesgo según las ciencias sociales*. Barcelona: Paidós, 1996.

DURKHEIM, Émile. *As regras elementares do método sociológico*. São Paulo: Nacional, 1984.

_____. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____; DUNNING, Eric. *Em busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FERNANDEZ, Renato. *O jogo da distinção: C.A. Paulistano e Fluminense F.C. – um estudo das identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1902-1933)*. 2010. 507f. Tese (Doutorado em História Política e Bens Culturais e Projetos) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2016.

FREYRE, Gilberto. Prefácio à primeira edição. In: RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GAFFNEY, Christopher. *Temples of the earthbound gods*. Austin: University of Texas Press, 2008.

GEERTZ, Clifford. *The interpretation of cultures*. New York: Basic Books, 1973.

GIDDENS, Anthony. *Central problems in social theory: action, structure and contradiction in social analyses*. Berkeley: University of California Press, 1979.

_____. *A transformação da intimidade: sexualidade amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GODBOUT, Jacques; CAILLÉ, Alain. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. Emotion work, feeling rules, and social structure. *The American Journal of Sociology*, v.85, n.3, p.551-575, nov. 1979.

HOLLANDA, Bernardo. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. 2003. 218f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

HOLZMEISTER, Antônio. *A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros*. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

KING, Anthony. *The Premier League and the new consumption of football*. 1995. 363f. Tese (Doutorado) – Institute of Social Research, Salford University, Manchester, 1995.

KOURY, Mauro. A antropologia das emoções no Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v.4, n.12, p.239-252, 2005.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Memória e família. *Estudos Históricos*, v.2, n.3, p.29-42, 1989.

LUTZ, Catherine. *Unnatural emotions: everyday sentiments on a micronesian atoll and their challenge to Western theory*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

_____; WHITE, Geoffrey. The anthropology of emotions. *Annual Review of Anthropology*, n.15, p.405-436, 1986.

_____. Engendered emotions: gender, power, and the rethoric of emotional control. In: ABU-LUGHOD, Lila; _____. (Org.). *Language and the politics of emotion*. New York: Cambridge University Press, 1990.

MALAIA, João. Torcer, torcedores, torcida (bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo Borges et al. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: _____. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, 1974. p. 37-184.

_____. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: FIGUEIRA, Servulo. (Org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 56-63.

MEAD, Margaret. *Sex and temperament in three primitive societies*. New York: Dell Publishing, 1968.

MOURA, Gisela. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

MURAD, Maurício. *Dos pés à cabeça*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

_____. *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

_____. *A violência no futebol*. São Paulo: Saraiva, 2012.

NADKARNI, Maya; SHEVCHENKO, Olga. The politics of nostalgia in the aftermath of socialism's collapse. In: ANGÉ, Olivia; BERLINER, David. (Ed.). *Anthropology and nostalgia*. Nova Iorque: Berghahn, 2015.

ORTNER, Sherry. Subjetividade e crítica cultural. *Horizontes Antropológicos*, ano 13, n.28, p.375-405, 2007.

PEREIRA, Leonardo. *Footbalmania: uma história do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PRONI, Marcelo. *Esporte-espetáculo e futebol-empresa*. 1998. 262f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

REZENDE, Claudia; COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIOS, Fábio Daniel. *Futebol, masculinidade e emoção: memórias apaixonadas de torcedores*. 2014. 142f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

ROCHA, Verônica. Ninguém se arrisca à toa: os sentidos da vida para praticantes do esporte base jump. In: COELHO, Maria Claudia; REZENDE, Cláudia. (Org.). *Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011. p. 63-80.

RODRIGUES, Fernando. O programa de sócio-torcedor do Sport Club Internacional. *Revista Aurora*, n.9, 2010.

ROJO, Luiz Fernando. A produção do gênero no hipismo à luz dos discursos sobre as emoções. In: COELHO, Maria Claudia; REZENDE, Cláudia. (Org.). *Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011. p. 45-61.

ROSALDO, Michele. Toward an anthropology of self and feeling. In: SHWEDER, Richard; _____; LEVINE, Robert. (Org.). *Culture theory: essays on mind, self, and emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 137-157.

SAHLINS, Marshall. *Historical metaphors and mythical realities: structure in the history of the Sandwich Islands Kingdom*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1981.

SERGIO, Renato. *Maracanã, 50 anos de glória*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

SIMMEL, Georg. Faithfulness and gratitude. In: WOLFF, Kurt. (Org.). *The sociology of Georg Simmel*. New York: Free Press, 1964. p. 379-395.

_____. O problema da sociologia. In: MORAES FILHO, Evaristo. (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.

_____. A Metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo: Annablume, 2003.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional*. 2000. 322f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010. In: HOLLANDA, Bernardo Borges et al. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2012.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: EdUEL, 2012.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: _____. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. *História das lágrimas: séculos XVIII-XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

WALVIN, James. *The people's game: the history of football revisited*. Londres: Mainstream, 1994.